



GILBERTO FREYRE
UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL

VAMIREH CHACON

brasíliana

volume 387



Vamireh Chacon nasceu no Recife em 1934.

Bacharel pela tradicional Faculdade de Direito do Recife, onde se doutorou com a tese *Introdução ao Problema da Sociologia do Direito*. Bacharel e licenciado pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco. Estudos de pós-graduação em Sociologia da Cultura com os últimos representantes da Sociologia Clássica Alemã (Alfred von Martin, Leopold von Wiese e Hans Freyer) nas universidades de Munique e Colônia, e de Sociologia do Desenvolvimento na Universidade de Chicago.

Livre-docente e ex-professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, atualmente professor titular do Departamento de Ciência Política da Universidade de Brasília. Professor visitante e conferencista em universidades dos Estados Unidos, França, Portugal e Alemanha.

Autor dos seguintes livros: *Galileus Modernos (Elogio da Heterodoxia)*, *História das Idéias Socialista no Brasil*, *Abreu e Lima (General de Bolívar)*, *História dos Partidos Brasileiros*, *Economia e Sociedade no Brasil*, *O Humanismo Brasileiro*, *Max Weber (A Crise da Ciência e a Crise da Política)*, *Da Escola do Recife ao Código Civil*, *A Luz do Norte e O Poço do Passado*, entre outros.

Tradutor de Ralf Dahrendorf, Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Jürgen Habermas, Ernst Bloch, Helmut Schelsky e Hanns-Albert Steger do alemão, de Raymond Aron do francês e de Steve Lukes e John Rawls do inglês ao português.

500
Anos



400^o Aniversário
da Independência do Brasil e século XXI

Produzido na Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco
e impresso na Avellar Gráfica em abril de 1993,
ano em que se registram os 440 anos da morte de Duarte Coelho Perelra,
primeiro donatário da Capitania de Pernambuco; 370 anos do nascimento na
Bahia do poeta Gregório de Matos; 300 anos de instalação dos serviços de
Correios no Recife; bicentenário de nascimento do Marquês de Olinda
(Pedro de Araújo Lima), do nascimento de Francisco Muntz Tavares,
autor da *História da Revolução de Pernambuco em 1817*,
e do falecimento de Inácio José de Alvarenga Peixoto;
180 anos do nascimento de José Thomaz Nabuco de Araújo;
170 anos da outorga da Primeira Constituição do Brasil,
da elevação da Vila de Santo Antônio do Recife,
à categoria de Cidade, da abertura da Assembléa Constituinte
de 1823 e do nascimento em Caxias (Maranhão) de
Antônio Gonçalves Dias; 160 anos de criação da Comarca do Recife;
150 anos de falecimento do Padre Diogo Antônio Feijó
e do nascimento de Pedro Américo;
130 anos do nascimento de Delmiro Gouvêa;
70 anos da Rádio Clube de Pernambuco;
cinquentenário da morte de Ulisses Pernambucano.

ISBN 85-7019-245-2

Nunca deixarei de acompanhar com o melhor dos meus triunfos intelectuais daqueles adolescentes e jovens brasileiros que se anteciparam em se aproximar de mim. Entre eles, Vambere Chacon foi um dos mais presentes.

Gilberto Freyre

**COMPANHIA EDITORA NACIONAL
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
EDITORA MASSANGANA**

Ministério da Educação
e do Desporto





GILBERTO FREYRE
(1900-1987)

GILBERTO FREYRE
UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL

B R A S I L I A N A
Volume 387

Direção de
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

SÉRIE DOCUMENTOS, 40
Fundação Joaquim Nabuco

Não encontrando este livro nas livrarias, favor dirigir-se à EDITORA MASSANGANA – Rua Dois Irmãos, nº 15 – Apipucos – Recife – PE – Brasil – CEP 52071-440 – Fones: (081) 441.5900, ramais 241 e 242 e (081) 441.5458 – Telefax (081) 441.5600

Foi feito o depósito legal

Chacon, Vamireh

Gilberto Freyre; uma biografia intelectual / Vamireh Chacon. – Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana; São Paulo: Ed. Nacional, 1993

312 p. il. (Documentos; FUNDAJ, n. 40; Brasiliana; Nacional; n. 387)

Inclui bibliografia

ISBN 85-7019-245-2

I. FREYRE, GILBERTO, 1900-1987 I. Título II. Fundação Joaquim Nabuco III. Série

CIDU 081::061.3

VAMIREH CHACON

GILBERTO FREYRE

UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL

Recife/ São Paulo
Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massanga
Companhia Editora Nacional
1993

ISBN 85-7019-245-2

© 1993 | Vamireh Chacon

Reservados todos os direitos desta edição

Reprodução proibida mesmo parcialmente, sem autorização da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco e da Editora Nacional

Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana
Rua Dois Irmãos nº 15 – Apipucos – Recife – PE – Brasil
CEP 52071-440

Companhia Editora Nacional – Rua dos Gusmões, 639 – 01212 São Paulo - SP

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Direção Executiva da Editora Massangana

Leonardo Dantas Silva – Diretor-Geral
Sílvia Roberto Bentzen Pessoa – Diretor de Editoração
Evaldo Donato – Diretor de Comercialização

Arte-final da Capa: *Vanilda Pordeus*

Revisão: *José Romero, Conceição Luna e Rosa Martins*

Capa: Gilberto Freyre (1900-1987), visto pela objetiva de Marcelino (Recife).

**Aos amigos e companheiros de Gilberto Freyre
na Nova Escola do Recife**

SUMÁRIO

EXPLICAÇÃO, SE É QUE É PRECISO	09
O JOVEM GILBERTO FREYRE	15
O Recife Oceânico	17
Ancestrais e Pais	27
Os Preceptores do Menino de Sobrado e o Colégio Americano	37
Batista em Baylor	49
A Vocação de Escritor	65
Cosmopolita em Columbia	85
A Repulsa ao Racismo	117
Ansio Teixeira e Monteiro Lobato: Companheiros de Descoberta	129
A Volta pela Europa	151
Difícil Retorno e Readaptação ao Brasil	169
O Regionalismo	181
Magistério, Jornalismo, Aventura do Exílio	199
A Gênese de <i>Casa-Grande & Senzala</i> em Dacar, Lisboa, Stanford, Nova Orleans e Charleston	211
O CLÁSSICO TROPICAL	229
Significados de <i>Casa-Grande & Senzala</i>	231
A Recepção Crítica Francesa	245
Primeira Semana Afro-Brasileira e Nova Travessia Política	255
A Nova Escola do Recife	275
Entardecer em Apipucos	281

**Explicação,
se é que é preciso**

Esta é uma biografia intelectual de Gilberto Freyre, não biografia íntima ou política. Psicologia e ideologia aqui só entram em função da posição de Gilberto Freyre na História das Idéias do Brasil. Daí o crescendo até seus anos de formação em universidades dos Estados Unidos, decrescendo em pianíssimo rumo a outra vibração maior no final, quase como numa sonata em palavras. Ajudadas por recordações pessoais minhas desde muito cedo, quando, “ainda menino”, lembra-o o próprio Gilberto em testemunho comemorativo dos meus cinquenta anos, eu freqüentava “a casa dos Freyres de Apipucos, como se fosse uma escola” e ele, Freyre, “um instrutor de aprendizes que concordasse em orientar, por puro prazer intelectual”. A mim e a uns poucos outros.

Amizade herdada, minha mãe Dulce Chacon, jornalista e professora, chegou a ouvir pioneiras aulas de Gilberto Freyre em Sociologia na Escola Normal de Pernambuco, fins da década de 1920, não tendo sido sua aluna porque saía na época em que ele ingressava. Contemporânea de Clarice Lispector, de procedência israelita ucraniana, há pouco no Recife e antes dela prosseguir ao Rio de Janeiro, ela, sim, discípula de Gilberto, colega de minha mãe, mas em turmas diferentes.

Pelo solar de Apipucos desfilava intelectualmente o mundo de então: Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Luís Jardim, Clarival do Prado Valadares, Manuel Diégues Júnior, Jorge de Lima, para só mencionar os que partiam do Recife, os que ficaram são tantos que seria demasiado enumerá-los. E os estrangeiros: Aldous Huxley, John Dos Passos, Robert Lowell, Vitorino Nemésio, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, Lucien Febvre e Fernand Braudel, dentre muitos. Com eles falei, menos ou mais longamente, naquelas tertúlias de fim de tarde, o vale do Capibaribe ainda verde diante de nós, antes das invasões imobiliárias, olhado pelas janelas

e grande porta da sala de frente, em meio a mobílias antigas de jacarandá e quadros de pintores modernistas. Também presentes na biblioteca, local predileto de trabalho de Gilberto. Vicente do Rego Monteiro e Cícero Dias vez por outra apareciam de Paris, fiéis ao Brasil e às suas lentes de Apipucos. Também Anísio Teixeira lá nunca deixava de ir, ao passar pelo Recife.

Era uma Montanha Mágica aquela, não faltando o toque do próprio Thomas Mann, que, com Gilberto Freyre se correspondera por intermédio de Carlos Lustig de Prean, secretário tcheco do escritor alemão, propondo-se a vir para o Brasil, o que lhe foi negado pelo Estado Novo parafascista, apesar das tentativas de intercessão gilbertiana. Também ele era acusado de “judeu” e “comunista”. Na realidade casado com judia, simpatizante das esquerdas o seu irmão Heinrich, Thomas humanista liberal conservador, cuja saga, *Os Buddenbrook*, decadência hanseática de Lübeck, só podia atrair mais que a atenção, a admiração de Gilberto no Recife em tantos pontos análogo, tanto quanto Thomas Hardy na Inglaterra rural, de longe ecoando dramas idênticos aos dos sobrados e casas-grandes nordestinos. Hardy e Mann repassados por Gilberto entre as grandes influências recebidas por José Lins do Rego, ouvi ambos recordarem isto, mais de uma vez, não só li. Por aí se vê que ambiente era aquele, o de Apipucos.

Numerosas as recordações, impossível rememorar todas. Certas delas muito pessoais, o grande homem visto de perto. Quem vier depois, escreverá biografias menores ou maiores, ninguém daquele círculo desvendando todo seu encanto. Parecido só o de Carl Schmitt entre as colinas do Westerwald perto do Reno; o de Stefan George mais literário da Bingen renana à Minúcio suíça. Destes conheci de perto o schmittiano. Todos algo iniciáticos, círculos concêntricos em torno dos mestres, os aprendizes passando por sucessivos graus de confiança informais, rigorosos do ponto de vista pessoal.

Daf esta biografia, mesmo intelectual, declarar, às vezes sem precisar de citações, um pouco do muito que ouvi pessoalmente de Gilberto Freyre ao longo de quatro décadas. Procurando equilíbrio entre o culto quase de adoração dos amigos – Gilberto sabia exercer fascínio de feiticeiro, como observou Gilberto de Mello Kujawski – e o denegrimiento por adversários pessoais, até ideológi-

cos, controvérsias nunca de todo evitáveis. Difícil equilibrismo neste fio de navalha, imagem do medieval Guilherme Occam tão do agrado gilbertiano: “É inútil fazer com mais o que se pode fazer com menos”, pois “os entes não devem ser multiplicados sem necessidade...” E vamos parar, se não já estaremos falando demais, exatamente o que devemos evitar... Basta dizer que há muito de catarse auto-analítica nestas minhas análises de Gilberto Freyre, do seu senhorialismo, do seu intelectualismo, do seu cosmopolitismo, do seu telurismo. *De nobis fabula narratur* também implica *De me fabula narratur*... Mais dó que para qualquer outro estudo, o biográfico requer introjeção, tentar sentir e tentar pensar como o outro, para ele deixar de ser mero objeto e aparecer recriado, vivo, palpitante, mesmo intelectualmente como neste caso. Por isso o último capítulo termina meio polêmico, após tantos documentos e tantas análises:

Após a morte, a maioria dos autores costuma entrar numa espécie de limbo, esquecimento das suas obras, às vezes e muito depois lembradas. Gilberto Freyre, que conheceu a fama em vida, não teve limbo: obra e personalidade sempre evocadas, mesmo em meio de ataques e defesas. Não se desperta tanta paixão por acaso.

Este livro, mesmo em sua unidade orgânica, não deixa de ser a continuação e a conclusão de outro da minha autoria, *A Luz do Norte* (1990) sobre a Segunda Escola do Recife, a gilbertiana, prosseguindo em novos caminhos muito mais Sílvio Romero que Tobias Barreto. Destes, à Primeira, tratei em *Da Escola do Recife ao Código Civil* (1969), início de mais um itinerário de História das Idéias no Brasil.

A lista de agradecimentos, tão longo da elaboração desta biografia, tem de ser longa, começando por Apipucos, na Fundação Gilberto Freyre, a Madalena, sempre na casa-grande da memória gilbertiana; na Fundação Joaquim Nabuco a Fernando Alfredo, discípulo do pai e aluno meu na Faculdade de Direito do Recife onde sucedi, na mesma cátedra, o sucessor do seu avô, o Velho Freyre. Na Fundação foi mais uma vez exemplar na datilografia e revisão Dona Júlia Kumi Kaneyasu.

Agradecimento especial também cabe à colaboração do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), decisiva para minha extensa viagem aos Estados Unidos,

a fim de ali investigar documentos gilbertianos e de Anísio Teixeira. Na Universidade do Texas em Austin a Greg Urban. Na Universidade de Baylor em Waco a Kent Keeth, diretor da Texas Collection de lá, e às suas auxiliares Ellen K. Brown e Kathleen Hinton; a Roger Brooks e Rita Humphrey, diretor e secretária da Biblioteca Armstrong Browning. Na Universidade de Columbia, Nova York, a Rhea E. Pliakas do Arquivo Universitário, Sara Voss do Arquivo Geral e Hollee Haswell da Coleção Columbiana. No Teachers College de Columbia a David M. Ment da Coleção Especial da Biblioteca Memorial Milbank e a Roland Del. Rinsland decano arquivista assistente. Na Universidade de Stanford em Palo Alto, Califórnia, a Tim Noakes e Patrick White do Departamento de Coleções Especiais.

Em Portugal agradecimentos são devidos aos professores Francisco da Gama Caeiro e Antônio Braz Teixeira, que me auxiliaram a rastrear os primeiros passos de Gilberto Freyre em Lisboa, e ao Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e embaixador português em Brasília, Leonardo Mathias, que me viabilizaram mais esta viagem.

Brasília-Recife-Nova York-Austin-Waco-San Francisco-Palo Alto-Recife-Lisboa-Brasília. Do verão norte-americano de 1991 ao verão europeu de 1992.

O JOVEM GILBERTO FREYRE

O Recife Oceânico

Recife e Pernambuco significam o mesmo em idiomas diferentes: Pernambuco quer dizer, em tupi, mar furado, referindo-se ao recife ou arrecife litorâneo, à longa barreira de corais ou arenitos paralela à costa, do Cabo de São Roque no Rio Grande do Norte ao Sul da Bahia. Aliás, *O Recife sim, Recife não*,¹ sempre foi dito desde os primeiros cronistas: **no** Recife, **do** Recife; também não se diz **em** Paraná, porém **no** Paraná. Quando um recifense da gema ouve falar “de” Recife e “em” Recife, sabe logo que não se trata de conterrâneo...

E o Recife é uma coisa, Olinda outra muito diferente, apesar de tão perto. A larga cidade baixa olindense pode ser um dormitório de gente trabalhando no Recife, mas a concentrada cidade alta mantém, lá em cima, seus costumes, seu mundo, peculiares, inconfundíveis. O olindense olha para dentro de si, o recifense olha para fora, ambos há muito tempo. O Recife começou como porto de Olinda no primeiro século de colonização, o XVI, tornando-se autônomo pelas mãos holandesas no seguinte, chegando até a travar uma guerra contra a vizinha, a Guerra dos Mascates, quando os senhores de engenho residentes em Olinda negaram-se a reconhecer a autonomia reivindicada pelos mercadores do Recife.

Estes já comerciavam com o mundo desde, pelo menos, 1596, conforme os arquivos portugueses. Naquele ano, nada menos de treze urcas trafegaram entre o Recife e o Norte da Europa, principalmente cidades hanseáticas, enquanto duas naus vinham e iam para Portugal. Ao término da importante virada de século, 1596-1602, o total foi quase de equilíbrio: cinquenta barcos ao Mar do Norte e Báltico, diante de quarenta e dois rumo a Portugal.² Judeus sefardins de origem ibérica, residindo especialmente em Hamburgo, eram dos maiores animadores deste comércio.³

Foram estes que mais instigaram os flamengos à conquista de

Pernambuco, unindo o útil do lucro açucareiro ao agradável da vingança contra a expulsão dos judeus de Portugal e Espanha. Um certo Frei Antônio Rosado, muito sagaz, atinou com a manobra, denunciando que “de Olinda a Olanda não há mais que a mudança de um i em a, e esta Vila de Olinda se há-de mudar em Olanda e há-de ser abrasada por holandeses antes de muitos dias”.⁴

A riqueza era tentadora.

Um dos primeiros cronistas, Gabriel Soares de Souza, descrevia-a, já em 1587, e também advertia: “Desta terra safram muitos homens ricos para estes reinos que foram à vila muito pobres, com os quais entram cada ano desta capitania quarenta e cinqüenta navios carregados de açúcar e pau-brasil, o qual é o mais fino que se acha em toda costa(...). E parece que será tão rica, e poderosa, donde saem tantos provimentos para estes reinos, que se devia de ter mais conta com a fortificação dela e não consentir que esteja ariscada a um corsário a saquear e a destruir, o que se pode atalhar com pouca despesa e menos trabalho”.⁵

Por não ter sido ouvido Gabriel Soares, cedo se realizou a profecia de Frei Rosado: os flamengos invadiram o Nordeste do Brasil, incendiaram Olinda, autonomizaram e engrandeceram o Recife numa cidade mais próxima aos seus gostos e hábitos, emergindo de um pantanal foz de rios, diante da Olinda lusa encarapitada em colinas. No auge da administração do Governador Conde João Maurício de Nassau-Siegen, um alemão calvinista a serviço da capitalista Companhia das Índias Ocidentais pertencente às protestantes Províncias Unidas dos Países Baixos, naquela fase o Recife recebeu um dos últimos príncipes renascentistas. Que, por isso mesmo, fez construir em Pernambuco jardim botânico, observatório astronômico e conservatório de música.⁶ Neste “mestres e alunos costumavam executar obras dos compositores flamengos”.⁷

O enclave apresentava-se hostil, pelo contraste, diante da dominação luso-espanhola com seus sistemas semifeudais na exploração e exportação agrícolas do Atlântico Sul. Veio enfim a contra-ofensiva, após 24 anos de presença holandesa transformadora, para sempre, da mentalidade recifense, deixando “no espírito dos nossos antepassados, ideais que mais tarde deveriam fazer explosão”, mostra-o Artur Orlando,⁸ um dos membros da Escola do Recife a formar-se em torno do também libertário, a seu modo intelectual, Movimento de Tobias Barreto e Sívio Romero.

Nas palavras de Joaquim Nabuco, em discurso no Parlamento do Império do Brasil, “o que a Holanda trouxe para este país novo, para este Norte do Império, foram certos princípios generosos que compararei às luzes cambiantes de um farol alumando os mares da América no século XVII: a liberdade do comércio e a liberdade de consciência”.⁹ Isso nada tem a ver com a suposta reabilitação do traidor Calabar, descabida lusofobia¹⁰ retomada como provocação em música de protesto contra a ditadura militar de 1964 por Chico Buarque de Holanda. Na realidade, Domingos Fernandes Calabar nada entendia de política e só agiu por dinheiro. Não existe nenhum documento ideológico de Calabar.

Se a restauração conseguiu acabar com o jardim botânico e o observatório astronômico de Nassau, apenas abalou a liberdade de consciência logo de volta explodindo e permitiu que a música prosseguisse. Em 1780 o Recife tinha Casa de Ópera, recebendo cantores portugueses, franceses e italianos.

Cultura musical tão forte, tão profunda, mesmo a nível erudito, que fez vicejar a vocação do mestre-capela Lufs Álvares Pinto, um pardo de Pernambuco, que compõe hino à Nossa Senhora Mãe do Povo em 1789, atente-se bem ao título e à data, a da Revolução Francesa... Era o “maligno vapor pernambucano” no sentido revolucionário de 1710 e 1817 do Cônego Dias Martins,¹¹ “vapor” espalhando-se ainda pelo jacobinismo de 1824 e socialismo da Rebelião Praieira de 1848, enquanto os reformistas do Centro-Sul se ajustavam em moderados acordos liberais conservadores...

Após meados do século XVIII, os estudantes brasileiros, candidatos a radicalismos, preferiram a francesa Universidade de Montpellier à portuguesa Coimbra, numa já sopravam os ventos iluministas, contidos na outra. Um dos revolucionários estudantes em Montpellier, Manuel Arruda da Câmara, ou Arruda Câmara, veio a influenciar os radicais padres mações insurretos em 1817.¹² Depois da Independência, a Escola Politécnica de Paris e a alemã Universidade de Göttingen também passaram a receber estudantes pernambucanos de Engenharia e Matemática.¹³ E se as Universidades dos Estados Unidos não os atraíram de imediato, emissários de revoluções e refugiados revolucionários acorriam à capital nor-

te-americana para solicitar colaboração, Cruz Cabugá e Abreu e Lima em 1817, Natividade Saldanha em 1824.

O cada vez mais intenso comércio marítimo do Recife estimulava o intercâmbio também intelectual. Na virada do século XVIII ao XIX, o porto do Recife disputava o segundo lugar com o da Bahia, logo após o do Rio de Janeiro. Em 1809, Pernambuco e Salvador até o deixam em terceiro lugar. De 1814 a 1821 e em 1823, o Recife está de novo à frente do Rio, um pouco acima de Salvador.

Para Pernambuco, ao lado de Salvador da Bahia, vinha comércio da Europa, África, Índia, até da China através de Bengala e Macau. Os portos de destinação: principalmente Lisboa, Madeira e Filadélfia. As mercadorias exportadas: principalmente açúcar e algodão, seguidos por couros e madeiras.¹⁴

Logo após a Independência, 1823, tinham arribado ao Recife, com cargas, trezentas e quarenta e três embarcações de Portugal, França, Hamburgo, Amsterdã, Trieste, Gênova, Vigo, Buenos Aires, Estados Unidos, Grã-Bretanha e Costa d'África.¹⁵

Entrando pelo século XX, o porto do Recife, ampliado, passou a receber regularmente navios britânicos, estadunidenses, franceses, alemães, italianos, holandeses e portugueses, com especial destaque para as companhias "Royal Mail", "United States & Brazil Mail", "Pacific Steaming Navigation", "Chargeurs Réunis", "Messageries Maritimes", "Hamburg Suedamerikanische" e "Lloyd Real Holandês". Apoiados por numerosos bancos estrangeiros, "London and Brazilian Bank" o primeiro, fins da década de 1860. Abrindo caminho para a implantação dos cabos submarinos da "Western" e "Italcable". Em 1851 fundava-se o Banco de Pernambuco com capitais locais.

Na área cultural, surgia o Seminário de Olinda em 1798 sob sopros mais iluministas que canônicos, por iniciativa do Bispo Azeredo Coutinho que irá, logo em seguida, fechar a Inquisição em Portugal; em 1825 aparece o *Diário de Pernambuco*, daí em diante o mais antigo jornal brasileiro em ininterrupta circulação; em 1827 é criada a Faculdade de Direito de Olinda, depois no Recife, ao mesmo tempo que a do Largo de São Francisco em São Paulo; em 1852 funda-se a Biblioteca Pública de Pernambuco também no Recife.

Gerações e gerações vão se sucedendo, das elites locais, em estudos no estrangeiro, de Manuel Arruda da Câmara (Montpellier) ao Padre Roma com esse cognome por sua ordenação na própria Santa Sé; Abreu e Lima, seu filho, fazendo outro tipo de universidade, a da vida, e vida revolucionária nos exércitos libertadores de Simón Bolívar na Grã-Colômbia, onde chega a ser o único general brasileiro.

O tráfego aumentou ainda mais com o aéreo, iniciado regularmente pela Pan American estadunidense, Latiçoère predecessora da Air France, Lati outro tanto da Alitalia, Syndikat, Condor subsidiária da Lufthansa alemã.

Clubes estrangeiros acolhiam e contribuíam para integrar conterrâneos imigrantes ou em trânsito: o Clube Italiano e o Clube Alemão fechados na Segunda Guerra Mundial, reaberto o Alemão; mais numerosos os ingleses British | Country | and Town Club e Caxangá Golf and Country Club; maiores o Clube Português e o sintomaticamente chamado de Clube Internacional(16). Foram principalmente os ingleses que introduziram tantos esportes de origem britânica: o futebol, o vôlei, o basquete, o tênis, até se tentou o *cricket* no bairro da Torre, como se vê no *Diário de Pernambuco* de 26 e 27 de novembro de 1887, ainda em término da monarquia.

Colégios também estrangeiros se multiplicaram no Recife desde a segunda metade do século XIX; para meninas: dorotéias italianas, beneditinas alemãs, agostinianas austríacas, Damas da Instrução Cristã belgas, francesas do Coração Eucarístico; para meninos: jesuítas portugueses, maristas franceses, salesianos italianos, Verbo Divino holandeses.¹⁷

Ao Seminário de Olinda, fundado em 1798, os ventos soprados pelo iluminismo logo foram enquadrados jusfilosoficamente pela Faculdade de Direito de Olinda, gêmea da paulistana do Largo de São Francisco, 1827. Transferida à nova capital de Pernambuco, ali surgiu, em 1870, a Escola do Recife germanista de Tobias Barreto e Sílvio Romero, de início evolucionista, por fim neokantiana quando a própria Alemanha também começava a mudar. No conciso registro de Raymundo Faoro: “Enquanto o ensino de Direito se extraviou, perdido na tradição coimbrã, no Direito como lei, como praxe, como rotina, formando técnicos e não intelectuais, o Recife

jamais esqueceu, dentro do fenômeno jurídico, a sua vertente filosófica".¹⁸

Origens telúricas e influências estrangeiras se cruzando quase por toda a parte, também igrejas protestantes de pastores britânicos e estadunidenses organizadas a partir da década de 1880, antes o Cemitério dos Ingleses, depois o Colégio Americano.

O vento alfseo era que trazia as caravelas, vindo do Atlântico à América do Sul, fecundando a nova cultura nas poéticas palavras de João Cabral de Mello Neto:

O alfseo ao chegar ao Nordeste
baixa em coqueirais, canaviais;
cursando as folhas laminadas,
se afia em peixeiras, punhais.

É que "Pernambuco tem a tradição esguia e enxuta da cana-de-açúcar, essa planta prototípica que serviu de modelo à flauta de osso de (João Cabral) de Mello Neto. A Bahia tem a tradição gorda e redonda do fumo e do cacau, cuja metaforização anárquica sopra em Jorge Amado e se expressa com violência em Glauber Rocha. O cartesianismo de Pernambuco é redundante, dotado de verticalidade solar, na sua clareza seca. O barroquismo da Bahia é abundante, dotado de horizontalidade luminosa, no seu ofuscamento úmido"; "o trópico, histórica e sociologicamente, deu em Gilberto Freyre. O trópico, sensação quotidiana e antropológica, deu em Caetano Veloso".¹⁹

A tradição cortesã de antiga capital do Brasil, a primeira, em Salvador da Bahia de Todos os Santos e quase Todos os Pecados como Gilberto Freyre gostava de dizer, cortesia muito minada pela pauperização retratada por Jorge Amado, contrasta com o permanente irredentismo recifense de capital do Nordeste tão jacobino que acuado como separatista em 1817 e 1824, irredentismo também intelectual da Primeira Escola do Recife, a de Tobias Barreto e Sílvia Romero e discípulos, e da Segunda de Gilberto Freyre, Ulysses Pernambucano e continuadores.

Na síntese do Recife tão bem traçada por Alceu Amoroso Lima: "terra e mar, aristocracia e democracia, finura de espírito e bravura de caráter, graça florentina e violência sertaneja, riqueza e

miséria”.²⁰ No dizer de Gilberto Freyre, “cidade que, na sua história intelectual, é quase tão dos sergipanos e dos cearenses, dos paraibanos e dos rio-grandenses-do-norte, dos maranhenses e dos paraenses, dos piauienses e dos alagoanos quanto dos pernambucanos; e tão do Brasil inteiro, e não apenas de um estado ou de uma região, como o Rio de Janeiro e a Bahia, duas outras velhas metrópoles brasileiras, cuja hospitalidade intelectual é uma tradição nunca interrompida”.²¹

Nela veio a nascer Gilberto de Mello Freyre em 15 de março de 1900, pleno começo do século XX, cujo itinerário iria acompanhar tão de perto, Brasil adentro e mundo afora, na tradição ao mesmo tempo telúrica e cosmopolita de tantos recifenses que o precederam e sucederam.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 “Isso de Recife, em vez de o Recife, é expressão bárbara para os ouvidos do recifense autêntico”, mostra-o muito bem Gilberto Freyre em *O Recife, sim! Recife, não!* São Paulo: Arquimedes Edições, 1967, p. 11.

2 Vide a pesquisa de José Antônio Gonsalves de Mello, neto, na Biblioteca Nacional de Lisboa, Seção Pombalina, Reservados, interpretada no seu livro *Gente da Nação (Cristãos-Novos e Judeus em Pernambuco. 1542-1654)*, Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1989, pp. 44, 45 e 50.

3 KELLENBENZ, Hermann investigou o assunto em “Sephardim an der unterem Elbe”, *Vierteljahrschrift fuer Sozial-und Wirtschaftsgeschichte*, Wiesbaden, 1958, vol. anexo 40.

4 Apud CALADO, Frei Manuel. *O Valeroso Lucideno ou o Triumpho da Liberdade*, Lisboa: Officina de Domingos Carneiro, 1648, p. 9.

5 *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, primeira edição por Francisco Adolfo de Varnhagen, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851, pp. 32-35.

6 A melhor análise do Brasil Holandês continua a de MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos (Influência da Ocupação Holandesa na Vida e na Cultura do Norte do Brasil)*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1942 (Coleção Documentos Bra-

sileiros, v. 54) com terceira edição aumentada em 1987 e publicada pela Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco no Recife.

7 Vide DINIZ, Padre Jaime, "A Música em Pernambuco no Século XVII", *Cultura*, Brasília: Ministério da Educação e Cultura, ano 8, n. 30, julho-outubro, 1979, p. 79 e segs.

8 *Apud* "Prefácio" de Gilberto Freyre a *Tempo dos Flamengos* 3. ed., *ob. cit.*, p. 14.

9 *Apud idem*, p. 14.

10 Vide MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro Veio (O Imaginário da Restauração Pernambucana)*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, pp. 400-407.

11 Foram rebeliões muito sangrentas: 727 mortos e feridos em 1710, com prejuízo de 253:600 \$ 00 réis; 1.673 baixas e quase quatro vezes mais de perdas materiais em 1817 (*vide* MARTINS, Padre Joaquim Dias. *Os Mártires Pernambucanos vítimas da liberdade nas duas Revoluções ensaiadas em 1710 e 1817*, Pernambuco: Typ. de F. C. de Lemos e Silva, 1853, p. 258).

12 "Manuel Arruda da Câmara: Estudo Biográfico" por José Antônio Gonsalves de Mello no vol. XXIII da Coleção Recife da Fundação de Cultura Cidade do Recife, *Manuel Arruda da Câmara (Obras Reunidas)*, 1982.

13 Foram os casos, mais conhecidos, dos irmãos Francisco do Rego Barros, depois Barão e Conde da Boa Vista, Governador de Pernambuco, e Sebastião do Rego Barros, Ministro da Guerra do Império (*vide* COSTA, F. A. Pereira da. *Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres*. Recife: Typographia Universal, 1882, pp. 387-390 e 774-776).

14 Vide MELLO, Caetano Francisco Lumachi de, "Escrivão proprietário da Meza Grande da Alfandega de Pernambuco", *Balanços da Alfandega de Pernambuco*, Londres: Diego Whiting, 1809, anexos ao officio do Governador da Capitania de Pernambuco, depois Marquês de Vila Real da Praia Grande, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda e Presidente do Real Erário, Fernando José de Portugal, Conde e depois Marquês de Aguiar (Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Divisão de Documentação Escrita, Seção do Poder Executivo, IJJ 9239).

15 *Rezumo da importação da provincia de Pernambuco ex-*

trahido do balanço geral de 1823, Pernambuco, Na Typ. de C. da C. sem data, anexo ao ofício do Governador Interino da Província de Pernambuco, Francisco de Lima e Silva, ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda e Presidente do Tesouro Público Nacional, Mariano José da Fonseca, depois Marquês de Maricá (Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Divisão de Documentação Escrita, Seção do Poder Executivo, IJJ 9247).

16 Vide MATOS, Potiguar, *Clube Internacional do Recife (Um Século de História)*, Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

17 Vide BELLO, Ruy, *Subsídios para a História da Educação em Pernambuco*, Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1978.

18 FAORO, Raymundo, "Prefácio". In: NEVES, Marcelo, *Teoria da Inconstitucionalidade das Leis*. São Paulo: Editora Saraiva, 1988, p. VII.

19 Vide CHAMIE, Mário, "O Trópico Entrópico da Tropicália", *A Linguagem Virtual*, Edições Quiron-Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 1976, *passim*.

20 *Visão do Nordeste*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, p. 13.

21 Gilberto Freyre lembrou-o em conferência na sessão inaugural da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro em Aracaju, 1940, *Sociologia, Psicologia e Psiquiatria*, Recife, sem ref. à editora, 1941, p. 6.

Ancestrais e Pais

Gilberto Freyre, Gilberto de Mello Freyre, também era Cavalcanti, Albuquerque e Wanderley de velhas estirpes pernambucanas, por consaguinidades ou colateralidades ancestrais.

Dos seus antepassados próximos, o mais colorido, Félix Cavalcanti de Albuquerque Mello, tio-bisavô por casamento, chamado de “Papai-outro”, personagem de estórias domésticas oriundas de histórias verdadeiras transfundidas pela imaginação familiar. Muitas delas anotadas por ele mesmo em *Livro de Assentos*, “vasto caderno guardado com carinho” de geração em geração, até Gilberto publicá-lo e republicá-lo com todas as honras como *O Velho Félix e suas “Memórias de um Cavalcanti”*.¹

Personagem de casa-grande de engenho a sobrado urbano, sua avó vendera em 1830 o Engenho Jundiá da família, indo viver num menor e, daí, rumo a diversos sobrados recifenses à medida que aumentavam as dificuldades financeiras. Engenho Jundiá que, nas mãos dos Santos Dias, viria a ter “brilho extraordinário”, ao hospedar “com muito gasto de comida e de bebida, caçadas de onça, banhos de cachoeira, estrangeiros ilustres da marca de Lord Carnarvon – o descobridor do túmulo de Tutankamen – e do Almirante português Ferreira do Amaral”,² em visitas espetaculares aos últimos faustos da açucarcracia pernambucana. O pintor Cícero Dias – importante protagonista do movimento regionalista nordestino, depois longamente residente em Paris, deixando perplexos os desconhecedores das suas origens intelectuais e sociais mesmo assim se metendo a escrever sobre ele – é Cícero dos Santos Dias do Engenho Jundiá.

Estas prosápias sempre ensejaram profundas repulsas aos jacobinos inclusive pernambucanos.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca – com esse nome em homenagem ao pai, modesto tanoeiro, artesão de barris – investia

furiosamente contra “a *pueril vaidade* dos Albuquerque, Cavalcantis, Lins, Barros, Wanderleys, Barretos, Cunhahús (*sic* ou Cunhas?), e esses outros que sempre estão a incomodar o Mosteiro de São Bento com certidões de nobreza, brasão de armas, foros etc”.³

Frei Caneca, e vários dos seus companheiros egressos do Seminário de Olinda criado nos últimos anos do século XVIII e ao sopro do seu iluminismo chegando ao Brasil, Frei Caneca e companheiros iam passar da teoria à prática, da pregação anti-oligárquica às insurreições armadas nordestinas de 1817 e 1824, repelidas à força e às custas de muito sangue pelas classes conservadoras, às quais combatiam com tanta violência.

Outro foliculário clerical, Padre Lopes Gama, também negava a orgulhosa prosápia dos Cavalcantis e consortes, os quais, “não satisfeitos com quererem passar por aquilo que não são, isto é, por fidalgos de uma das maiores e ~~mais~~ nobres casas de Florença, ainda se agarram com unhas e dentes aos Albuquerque”.

“Mas ninguém ignora que Jerônimo de Albuquerque tendo vivido desonestamente com a cabocla filha do cacique de Olinda Arco Verde, tão desonestamente que a Rainha de Portugal mandou que ele, para que o escândalo cessasse, se casasse com a filha de Cristóvão de Melo (de cujo apelido tiraram alguns a nobreza)”, prossegue o ataque de Lopes Gama no seu pasquim recifense *O Sete de Setembro* (1846), “de modo que para usarem as armas dos Albuquerque – armas a que os Albuquerque Mellos tinham direito, por ter sido Jerônimo de Albuquerque fidalgo e se haver casado, por ordem da Rainha, com a filha de Cristóvão de Mello, também fidalgo – os Cavalcantis estavam na obrigação, dentro da heráldica, de apresentar ‘no escudo o sinal de bastardia’”.⁴

Não bastavam, ao sarcástico sacerdote, as demonstrações da *Nobiliarquia Pernambucana* de Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca, de 1774, nem as anteriores anotações do Livro de Tombo do Mosteiro de São Bento de Olinda. Lopes Gama queria mais e ~~mais~~ provas, isto é, não aceitava nenhuma. Mesmo assim continuavam mandando os Albuquerque e os Cavalcantis do fundo das suas casas-grandes rurais e do alto dos seus sobrados urbanos, para maior fúria dos radicais inclusive clericais. Daí se ter dito, durante muito tempo, que, em Pernambuco, quem não era Cavalcanti, era cavalgado... Muito tempo depois, mantinha-se o Velho Félix “po-

bre mas nobre, sem a posse da terra mas com a auréola da tradição".⁵ Tanto ele quanto várias outras grandes famílias decadentes, porém tradicionais.

O Velho Félix chegava a ser tradicionalista, "matuto fidalgo desconfiado do povo, da cidade, da democracia, da Abolição, da República"; na síntese a seu respeito pelo descendente Gilberto Freyre,⁶ o Velho Félix anotou no diário íntimo, assim que soube da proclamação republicana: "Quando não podem reformar para melhor, reformam para pior". "Num país constitucional, a ascensão de um herdeiro ao trono quase não importa; quem distribui justiça são os juízes; quem legisla são os representantes da nação; porque quem governa são os ministros; o soberano, porém, equilibra os vários Poderes nas suas relações uns com os outros e assegura a continuidade e a perpetuidade desse equilíbrio político". "A ascensão de um herdeiro ao trono é garantia contra a reprodução de freqüentes eleições para presidentes da república; eleições que não passam de comédias, e são às vezes calamidades". "Concluiremos dizendo que nos apavoram as perspectivas da república no Brasil. Deus queira que as nossas previsões não se verifiquem".

Quem assim escrevia, não tinha ido além das preferências pelos folhetins de Alexandre Dumas, pai, que, a seu ver, só encontrara em Eugênio Sue rival à altura; nas Ciências Sociais chegando apenas à *História Universal* de César Cantù e ao *Dicionário Popular* de Pinheiro Chagas, de Cantù achando não ser "simples historiador" e de Pinheiro usando sua obra para consulta permanente.⁷ O Velho Félix era sábio, mas de bom senso...

Nas ~~casas~~ grandes e sobrados da família, tido e havido por saber "de cor livros inteiros, poesias que ouvira recitar uma só vez",⁸ o Velho Félix foi dos vários senhores de engenho pernambucanos a manter diário íntimo ou a escrever memórias - dentre eles o Barão de Goicana e Júlio Bello da monarquia à república - o que dá uma idéia do seu lado intelectual, mesmo em meio às suas limitações.

Outros parentes e contraparentes de Gilberto Freyre eram mais do que interessantes personagens, de casa-grande e de sobrado.

No Engenho São Severino dos Ramos, da família materna, "eu me recordava de João de Sousa Mello - Joca - como o vira no

Engenho: todo senhoril no seu fato branco a contrastar com: o belo moreno de sua figura”. Joca suicidou-se, não suportou o declínio.

O tio-avô, Manuel da Focha Wanderley, “Wanderley decadente”, tão decadente que teve de acabar aceitando o emprego de carcereiro em Palmares, na própria cidade testemunha da sua glória passada, onde perde tudo, menos a pose: desempenha a função “como se fosse ministro de Estado...” “Seu porte é altivo. Seus modos são fidalgos. Sua voz é fanhosa, arrastada, lenta, preguiçosa... A voz dos Wanderleys... Seu andar é o de um militar à paisana. Como bom Wanderley é amigado com uma preta. Não constituiu família. Monta muito bem a cavalo. Também gosta de passarinho e de galo de briga. Toma seus tragos mas não é beberrão: a sina – a dispsonia – de não poucos Wanderleys. ‘Não há Wanderley que não beba’, diz o folclore”.⁹

Já o trisavô de Gilberto, o Bacharel José Álvares da Silva Freyre, tinha sido assassinado em 1835, ainda jovem, “à porteira do Engenho Palmeira, onde residia sua família”, sempre a sina, mas da cana-de-açúcar, pairando sobre aquela sociedade.¹⁰

Os Wanderleys eram assim, orgulhosos descendentes do capitão comandante (*rittmeester*) da cavalaria do Conde João Maurício de Nassau, governador holandês do Nordeste do Brasil, Gaspar van der Ley, talvez de origem austríaca ou alemã, ainda há uma família nobre hoje chefiada pelo Príncipe Kasper von der Ley, ou von der Lyen. Note-se a tradição do nome Gaspar (Kasper). O primeiro deles, no Brasil, casa-se com Dona Maria de Mello, filha do senhor do Engenho Trapiche no Cabo de Santo Agostinho, um “dos primeiros dentre os invasores a ligar-se a uma moça do país conquistado”.¹¹

Os Wanderleys abasileirados concentraram-se em Rio Formoso e Água Preta, açucareira Mata Sul pernambucana. Sebastião Wanderley, o mais faustoso, no Engenho Rosário, cercado-se, “em torno da sua casa-grande, de cavalos finos, de tratadores de cavalos e até de rufiões, seus protegidos; e em casa, no interior de sua esplêndida mansão, de amigos, de parentes, de compadres, de parceiros de jogos de cartas, atraídos pela fartura de sua mesa, pela excelência dos doces feitos por suas negras e pela qualidade dos vinhos e licores com que eram feitas, em Rosário, as ‘saúdes contadas’. Essas ‘saúdes contadas’, menino, ainda as ouvi (o relato é o

do pai de Gilberto, o Velho Alfredo), quebrando-se, às vezes, os copos de cristal em que tinham sido erguidas as mais importantes: era da etiqueta".¹² Gilberto Freyre teve sorte até nisso, os depoimentos, por escrito, de pai, tio-bisavô (o Velho Félix) e amigos, Júlio Bello o mais interessante, deixando vívidos testemunhos daquele mundo em agonia.

Até que se chega ao avô paterno de Gilberto, Alfredo Alves da Silva Freyre, o pai era Alfredo Alves da Silva Freyre II, filho, sem usar o nome Wanderley da mãe, irmã da linda Adélia, "Uma Wanderley do Século XIX" numa das fotos ilustrando o livro *Casa-Grande & Senzala*.

Alfredo *senior* "tocava seu violino com verdadeira arte...! na sua casa da Rua do Alecrim (no Recife) ou na casa-grande do seu Engenho Trombetas (situado a apenas um quilômetro da cidade de Palmares, sempre na Mata Sul de Pernambuco)... nas suas tardes ou noites de maior solidão, com um candeeiro belga iluminando a sala..." "O velho Alfredo não foi barão porque não quis. O Barão de Santo André, seu amigo, quis muito que ele aceitasse o título. Alfredo recusou... Esquisitice de Alfredo, meu avô" (aqui é Gilberto Freyre quem fala). Alfredo *senior* "era, além de monarquista, escravocrata"(13).

Mesmo assim, Alfredo *senior* tinha fibra. Alfredo *jr.* descreve o itinerário do pai, após o assassinato do avô: "Foi aprendiz de farmacêutico. Aprendiz de contabilista. Estudou Direito por si mesmo, utilizando-se dos livros do pai juiz e advogado, até tornar-se solicitador. Foi negociante em Barreiros e, depois, em Rio Formoso. E chegou, nesse setor, ao máximo: a comissário de açúcar no Recife, com muitas amizades entre outros comissários e entre armazenários - a aristocracia recifense daqueles dias - e, ao mesmo tempo, senhor de três engenhos, Trombeta, Ilhetas, Mascatinho. Morreria, também, proprietário de alguns prédios no Recife: inclusive ótimo sobrado em Porto Jacobina. Com a sua morte, foi preciso repartir tudo isso com os filhos em época de engenhos desvalorizados pela recente abolição" (da escravatura). Na casa-grande de Trombeta "assistiu à *débâcle* que foi, para ele, e para muitos outros, a abolição repentina da fórmula Joaquim Nabuco".¹⁴

O Velho Félix amaldiçoava José Mariano, aliás da oligarquia Carneiro da Cunha, por seu abolicionismo populista, "o eixo em

torno do qual gira a massa popular do Recife, gente inclinada às desordens e à anarquia ... que se esmera em querer agradar o seu ídolo arredando todas as dificuldades do caminho desse semideus da política liberal”(!).¹⁵

Em meio a tantos percalços de fim de época, a avó materna de Gilberto Freyre, Dona Francisca Barradas da Cunha Teixeira de Mello – cujo retrato aparece na primeira tradução, em português, da tese de mestrado do neto na Universidade de Columbia, *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, em vestido longo de tafetá, dobras largas, mão direita suavemente posta num livro premonitório – “na família, ela era a única pessoa que admitia, então, que os tempos antigos tinham sido bons...”¹⁶

Sábial, essa tranqüila nobre senhora: após a Abolição da Escravatura aquele mundo foi deslizando, lenta e inexoravelmente, para o término, com estrépito na Revolução da Aliança Liberal de 1930, violenta derrubada da República Velha em Pernambuco, com a queda do Governador Estácio Coimbra, que reatara a dominação tradicional do grupo do Conselheiro Rosa e Silva ao qual pertencia. Mundo como o da Inglaterra rural de Hardy ou Sul dos Estados Unidos de Faulkner, transfundindo sonho e tragédia. Nordeste da açucarocracia nobilitada, muito diferente dos semi-áridos sertões de Euclides da Cunha com suas fazendas, então pobres, outro tanto os minifúndios do intermediário Agreste no arco Limoeiro-Caruaru-Garanhuns, que não dispunha de recursos para fausto de casas-grandes, nem para títulos nobiliárquicos comprados a peso de ouro por quem podia comprar, os barões do açúcar do fértil Nordeste úmido do vale do Ceará-Mirim no Rio Grande do Norte aos do Paraíba do Norte, Goiana, Capibaribe, Ipojuca, Sirinhaém e Una, às Alagoas pertencentes a Pernambuco até o desmembramento punitivo pela Revolução de 1817. Açucarocracia passando por Laranjeiras em Sergipe, chegando ao Recôncavo baiano onde o Solar do Conde de Passé é esplêndida amostra no Engenho Freguesia. Fora daí, e da burguesia urbana por definição, não houve aristocracia nordestina. O Barão de Petrolina, às margens do São Francisco, era um Pontual do litoral, bem como outros que foram penetrando Agreste e Sertão adentro.

A mãe de Gilberto de Mello Freyre, Dona Francisquinha, Francisca Teixeira de Mello Freyre, mesmo nome de batismo da

avó de Gilberto, era outra prudente senhora, havia no seu olhar uma profunda tristeza. Ela recebia, com chás, Dom Miguel de Lima Valverde, o austero, até *hierático* arcebispo de Olinda e Recife,¹⁷ apesar de Alfredo Freyre, pai de Gilberto, ser maçom, liberalmente maçom, ao manter-se sempre respeitoso diante do catolicismo, a cujo seio voltou no fim da vida, confessando-se em latim.¹⁸

O segundo idioma daquela elite era o francês, Dona Francisquinha tinha estudado em colégio de freiras francesas no Recife.¹⁹ Já Alfredo Freyre vinha desde cedo do gosto pelos clássicos portugueses, donde passou aos franceses, até concentrar-se nos ingleses, sem esquecer os latinos, favoritos entre seus prediletos.²⁰

Filosoficamente chegou a ser uma espécie de liberal conservador, dos primeiros introdutores de Keynes no Brasil, em tese de concurso à cátedra de Economia Política da tradicional Faculdade de Direito do Recife, quando recorre extensamente a *A Treatise on Money* de John Maynard Keynes. Liberalismo, o da sua época, geralmente ligado ao anticlericalismo, ainda mais ao antijesuitismo. Daí sua grande ajuda – como professor e advogado – ao Colégio Americano que missionários batistas haviam há pouco, princípios do século XX, fundado no Recife. Alfredo Freyre tinha entusiasmo, por seu filho Gilberto considerado “um tanto ingênuo, pelos métodos anglo-americanos de educação que importava na idéia de representarem esses métodos, em grande parte, a superioridade da concepção protestante de ensino sobre a católica. O que não significa que se tenha tornado nessa, ou em qualquer época, adepto do protestantismo. De modo algum”.²¹

Alfredo Freyre, já então considerado o Velho Freyre pela idade, teve forças para resistir fisicamente, não só moralmente, aos esbirros da polícia política do Estado Novo no Pernambuco do tempo de Agamenon Magalhães, governador-interventor, e Etelvino Lins secretário de Segurança Pública, “luta de que saiu ferido”, ao defender seu filho Gilberto das agressões e com ele ver-se encarcerado e espancado, naquele tempo não se dizia torturado. Ao sair, ainda teve palavras de sarcasmo contra seus aprisionadores.²²

De Alfredo Alves da Silva Freyre, mesmo nome do avô, e de Francisca Teixeira de Mello, mesmo nome da avó, nasceu Gilberto de Mello Freyre no Recife em 15 de março de 1900. Morre em 18 de julho de 1987 também no Recife, dia do aniversário da sua es-

posa Madalena, quase ao término do século que ele começara e do qual participou tão intensamente no Brasil e no mundo. Teve por irmãos Graça, Gasparina, carinhosa datilógrafa de vários dos seus manuscritos, e Ulysses, também fiel e dedicado, homônimo do primo Ulysses Pernambucano de Mello da mesma dedicação e fidelidade.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 *O Velho Félix e suas "Memórias de um Cavalcanti"*; aqui ref. na 2ª ed. revista e aumentada, prefaciada e anotada pelo seu bisneto Diogo de Mello Meneses e comentado por Gilberto Freyre; Rio de Janeiro: José Olympio, 1959; p. XXVII da "Introdução" de Gilberto à primeira edição e p. 128 das *Memórias*.

2 *Memórias*, p. 6, "Introdução", p. XXXVIII, *ob. cit.*

3 *Obras Políticas e Litterarias de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca colleccionadas pelo Commendador Antonio Joaquim de Mello*, Recife: Typographia Mercantil, 1875, pp. 389 e 379-384.

4 *Apud* "Introdução" de Gilberto Freyre a *O Velho Félix e suas "Memórias de um Cavalcanti"*, *ob. cit.*, pp. XXXVI e XXXVII.

5 "Prefácio" de Lourival Fontes a *idem*, p. XXI.

6 "Introdução" de Gilberto Freyre a *ibidem*, p. XXXI.

7 *O Velho Félix e suas "Memórias de um Cavalcanti"*, *ob. cit.*, pp. 85, 86, 88, 46 e 104.

8 "Introdução" de G. Freyre a *idem*, p. XXVII.

9 FREYRE, Gilberto. *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de Diário de Adolescência e Primeira Mocidade. 1915-1930)*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975, pp. 127, 126, 136, 158 e 159.

10 FREYRE, Alfredo. *Dos 8 aos 80 e tantos*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970, p. 90.

11 MOONEN, Francisco José. *Gaspar van der Ley no Brasil*. Recife: Imprensa Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, 1968, pp. 34 e 35.

12 *Dos 8 aos 80 e tantos*, *ob. cit.*, pp. 92 e 93.

13 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 127 e 158.

14 *Dos 8 aos 80 e tantos*, ob. cit., pp. 91 e 159.

15 *O Velho Félix e suas "Memórias de um Cavalcanti"*, ob. cit., p. 73.

16 Vide tradução de Waldemar Valente, revista pelo autor, *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*. Recife: Ministério da Educação e Cultura (Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais), 1964, p. 69 e reprodução fotográfica entre as pp. 76 e 77.

17 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 174 e 178.

18 *Oral Memoirs of Gilberto de Mello Freyre*, Baylor University Institute of Oral History, entrevista em 16 de maio de 1985 a Thomas L. Charlton, diretor do Instituto, p. 10.

19 Idem, p. 6.

20 *Dos 8 aos 80 e tantos*, ob. cit., "Introdução do Anotador", Gilberto Freyre, pp. 33 e 53; e capítulos I e II de Alfredo Freyre, pp. 95, 97 e 102.

21 "Introdução do Anotador", idem, pp. 23, 24, 21, 13 e 15.

22 Ibidem, p. 31, e depoimento "Os Deuses têm Sede" de Altamira Dourado Varejão. In: *Homenagem a Alfredo Freyre (Coletânea de Artigos e Documentos por um Grupo de Discípulos e Amigos)*. Recife: Imprensa Oficial, 1964, p. 44.

Os Preceptores do Menino de Sobrado e o Colégio Americano

Menino de engenho é uma coisa, José Lins do Rego descreveu muito bem os seus sentimentos e as suas circunstâncias em mais de um dos romances do ciclo da cana-de-açúcar, e menino de sobrado outra muito diferente, às vezes menino de ambas as coisas, sobrado e engenho, os pais com casas na cidade e no campo. Gilberto Freyre passará, aos nove anos, temporada no Engenho São Severino do Ramo ou dos Ramos, como também é chamado, santo de muita devoção dos trabalhadores rurais da zona do açúcar, daí tantos se chamarem Severino, de cognome “Biu”, e tantas Severinas inclusive a *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Mello Neto. Mas Gilberto Freyre continuará mesmo um menino urbano, recifense, em parte olindense desde que para Olinda tentou fugir aos seis anos...¹ Fascinava-o a vizinha cidade no alto das colinas.

A avó materna, homônima da mãe, Dona Francisca Teixeira de Mello – merecedora do título de “Dona”, feminino de Dom no português antigo, por sua tranqüila elegância visível em foto num dos livros do neto – transmitira-lhe primeiro o interesse pela sociedade patriarcal, que, no seu realismo de senhora de engenho, no final das contas tinha sido até agradável para sua classe social.² O falecimento da avó querida é a primeira experiência de Gilberto Freyre com a morte, aos nove anos.

Até quase os oito, o menino Gilberto recusava-se a aprender a ler e a contar, sua inicial rebelião contra os convencionalismos. Preferia devanear, sonhar, meditar nas suas precoces introspecções. O pai procurou alcançá-lo pelo desenho, já naquele tempo um método de socialização intuído pelo humanista e professor Alfredo Freyre. Contratou nada menos que Teles Júnior, consagrado paisagista, para despertar intelectualmente o filho.

O próprio Gilberto descreve a cena: “O aprendiz tinha sete ou oito anos. O mestre, sessenta ou cinqüenta e tantos. Marcava-

lhe o rosto uma dessas vastas barbas louras de avô flamengo, que nunca foram raras em rostos pernambucanos. Já glorioso, o mestre não tratava o discípulo pelo nome, mas impessoalmente, por 'seu menino'. 'Seu menino', isso, 'seu menino', aquilo. Um dia ele disse ao discípulo: 'seu menino', você tem a mania de não copiar os modelos, de querer inventar... Seu irmão copia direito, você altera'. O mestre falava zangado. Defendia, zangado, o classicismo acadêmico. O aprendiz era aos sete anos um deformador".³ Gilberto ia fazer muitas caricaturas de amigos quando estudante nos Estados Unidos e, ao fim da vida, aquarelas regionalistas assinadas Gil.

Já meio desesperançado, é o pai quem relembra, convocou amigo inglês, um certo E. O. Williams, para preceptor do filho, caso aparentemente perdido de "retardado mental", imaginava a família. Mr. Williams, "anglicano e inglês muito inglês", "conquistou a confiança e a simpatia do difícil Gilberto, interessando-se pelos seus desenhos". "Compreendendo o que havia nesses desenhos, Mr. Williams conseguiu que Gilberto começasse a aprender a ler e a escrever e a contar – creio que **mais** na língua inglesa do que na portuguesa". "Excelente amigo, esse Mr. Williams", só podia concluir o pai enfim despreocupado.⁴ Para Gilberto, "o querido inglês Mr. Williams: o melhor de quantos mestres já tive".⁵

Mesmo em Oxford, aos vinte e dois anos de idade, após conhecer e receber fortes influências de professores como A. J. Armstrong da Universidade de Baylor e Franz Boas de Columbia, decisivos para sua formação, na Inglaterra é do velho preceptor de quem mais se lembra: "Aqui, encontrei o prolongamento daquele estímulo e daquela compreensão que, menino, só encontrei num inglês, Mr. Williams. Ou nele mais do que em ninguém".⁶ Este o início da anglofilia de Gilberto Freyre, pelo coração, muito antes da inteligência.

A professora particular de francês, Madame Meunier, ensinando-o desde os quinze anos de idade⁷ – hábito de muitas famílias tradicionais e com recursos financeiros, em casa a formação intelectual dos filhos – Madame Meunier não atingiu no jovem Gilberto a influência de Mr. Williams.

Há pouco se instalara no Recife um Colégio Americano, fundado por missionários batistas do Sul dos Estados Unidos. Nele Gilberto Freyre viria a fazer o curso primário e o secundário, desde

o Jardim de Infância em 1908 até solene conclusão em 1917, quando será orador da turma e seguirá para bacharelado em Baylor e mestrado em Columbia.

Seu nome inicial foi Colégio Americano Gilreath, fundado no Recife em 1906 pela missão da Southern Baptist Association dos Estados Unidos.⁸ Gilberto Freyre muito depois definiu-o: “Não era um colégio no sentido norte-americano, porém um equivalente, nos seus mais avançados cursos, de um ginásio”. “Mas aquele tipo de educação impressionava muito os brasileiros, porque usava novos métodos, desconhecidos nas convencionais escolas e academias do Brasil naquele tempo. E também porque era pioneiro na introdução do *baseball* e *basketball*”. “O nome ‘americano’ tornava-se um nome mágico, nome dos Estados Unidos, cujo aparecimento no mundo de começo do século [XX] era algo sensacional”.⁹

Persistia, em largos segmentos das elites brasileiras, apesar da diátribe monárquica nacionalista *A Ilusão Americana* de Eduardo Prado em 1893, o mito liberal dos Estados Unidos difundido mais por Rui Barbosa que ninguém, acoplado à admiração pelo seu industrialismo, mito e esperança que levarão também Anísio Teixeira e Monteiro Lobato àquele país em fins da década de 1920, pouco após Gilberto Freyre lá residir e estudar.

Professor, advogado, durante certo tempo juiz no Recife, maçom e liberal conservador, o pai de Gilberto, Alfredo Freyre, sensibilizara-se com a idéia de um Colégio Americano protestante no Recife. Um dos historiadores dos batistas no Brasil, o Pastor Antônio N. de Mesquita destaca a importância da sua colaboração: “deu nova forma ao trabalho, já ensinando várias matérias tais como Latim, Português e outras, já influenciando com a sua personalidade na vida da instituição e entre os elementos católicos”,¹⁰ muitos deles hostis à pluralização religiosa. Pluralismo levando à secularização, sinônimo de modernização.¹¹

Gilberto Freyre veio a mostrar a extensão da influência inglesa também no Brasil, acelerada pela abertura dos portos em 1808, e retirada da Família Real portuguesa, protegida por esquadra britânica, de Lisboa à Bahia, acossada pelos napoleônicos invasores franceses. “Vieram inúmeros ingleses comerciantes, engenheiros, técnicos, aventureiros, missionários, médicos, tradutores, cônsules, artistas de teatro, mágicos, leiloeiros, mecânicos, dentistas, mari-

nheiros, gerentes de bancos e de empresas e fábricas de gás e de açúcar, superintendentes de estradas de ferro, maquinistas, foguistas. Os mariais-borrallheiras da História, considerada em seus aspectos menos grandiosos; estudada nas pessoas dos que, junto aos borrallhos das fábricas, das fundições, das oficinas, dos armazéns, das locomotivas, dos vapores, das máquinas, também concorressem para que culturas diferentes se aproximassem ou se interpenetrassem.”¹²

Algumas profissões, como a de oficial superior da Marinha de Guerra brasileira, inevitavelmente recorrendo também em massa à experiência dos Cochrane, Norton, Taylor, Grenfell, Parker e inúmeros outros.¹³

Isso ao lado da anglofilia tanto em política externa, só anunciada nos tempos da monarquia pelo incidente da prisão dos marinheiros britânicos na Questão Christie, quanto na política interna parlamentarista pelo modelo de Londres, parlamentarismo anglófilo substituído pelo presidencialismo americanófilo, Joaquim Nabuco o maior elo entre as duas fases.

Daf a multiplicação de nomes ingleses de batismo entre brasileiros de todas as classes sociais, muitos deles pronunciados à nossa maneira: Addison, Cromwell, Milton, Newton, Wellington, William, Walter, Gladstone, Spencer, Carlyle, Jack, Harvey, Herbert, Watson, Halley, Nelson, Lucy, Elizabeth, Victoria, Mary ou mesmo Maryzinha, até Shakespeare,¹⁴ antes da onda dos anglo-americanos Washington, Jefferson, Hamilton, Lincoln, Wilson, Roosevelt, Kennedy e Jackson...

Influência de início concentrada no Rio de Janeiro, Salvador da Bahia e Recife, “onde chegara a ser nada menos que imperial”, maiores portos brasileiros na primeira metade do século XIX. Marcas descritas longamente por livros de viajantes ingleses do porte de Maria Graham, Luccock, Mawe, Walsh, Bates, Wallace, Burton, Gardner e Waterton.¹⁵ Oliveira Lima será o primeiro a usá-los em grande escala em *Pernambuco e seu Desenvolvimento Histórico*, livros ao alcance de Gilberto Freyre no seu mestrado em Columbia, vindo com frequência a Washington D.C. consultar sua biblioteca, donde o extenso recurso a eles na tese *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*, também em *Casa-Grande & Senzala*, seu desdobramento.

O primeiro missionarismo protestante em Pernambuco será feito pelo pastor metodista norte-americano Daniel P. Kidder, a serviço da American Bible Society, chegando ao Brasil em 1837 e voltando aos Estados Unidos em 1840, oriundo do estado de Nova York, 1815, falecendo, 1891, em Evanston, Illinois, onde sua igreja fundara a Universidade Northwestern em 1851, instalando-a quatro anos após. Escreveu um dos melhores livros de viagem da época, *Sketches of Residence and Travel in Brazil*, 1845.

A conversão de maior repercussão apostólica será a de Jerônimo Gueiros,¹⁶ de antiga família do Agreste Sul de Pernambuco, tornado pastor presbiteriano de larga e ilustre descendência, também um humanista clássico, membro de academias e colaborador literário na imprensa. Seu purismo gramatical é um traço distintivo dos primeiros intelectuais brasileiros convertidos ao protestantismo, de Júlio Ribeiro, autor também de uma *Gramática Portuguesa* em 1881, a Eduardo Carlos Pereira, *Gramática Expositiva*, em 1907, e *Gramática Histórica*, em 1915, muito usadas nas escolas, até a *Filologia e Gramática*, 1949, de Jerônimo Gueiros. Uma afirmação de identidade nacional brasileira lusamente castiça, podendo assim coexistir com a adoção de credo religioso anglo-americano.

O Recife terá bairros inteiros habitados principalmente por ingleses – os aprazíveis Casa Forte, Chacon, Poço da Panela, Monteiro, Caldereiro e Apipucos. No caminho de Casa Forte, Estrada do Encanamento, Gilberto Freyre passará parte da infância e adolescência, e em Apipucos a maturidade e senectude. Ainda o Recife será cidade com igreja e cemitério anglicanos entre os primeiros do Brasil, por força do Tratado de Navegação e Comércio entre Portugal e Grã-Bretanha, 1810. Cidade também de tradicionais clubes britânicos – o Caxangá Golf and Country Club e o British Country Club – muito freqüentados pela família Freyre. Não é de espantar, portanto, Gilberto Freyre ter projetado escrever quatro livros sobre as influências britânicas no Brasil, dos quais chegou a realizar dois, *Ingleses* (1942) e *Ingleses no Brasil* (1948), não concluindo *Outros Ingleses no Brasil* e *Ainda Ingleses no Brasil*.

Gosto retransmitido ao seu círculo, a Estêvão Pinto, autor da *História de uma Estrada de Ferro do Nordeste* sobre “The Great Western of Brazil Railway Company Limited”, volume 61 da Co-

leção Documentos Brasileiros da Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1949, e a José Antônio Gonsalves de Mello, *Inglêses em Pernambuco*, edição do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, 1972. Gonsalves de Mello ademais historiador do Brasil Holandês em *Tempo dos Flamengos*.

Nada disso diminua o patriotismo brasileiro destes e de outros anglófilos e americanófilos – de Zacarias de Góes e Vasconcelos, primeiro-ministro liberal do Império, e Tavares Bastos, defensor do liberalismo econômico, não só político, a Joaquim Nabuco e Rui Barbosa – tanto assim que o pai de Gilberto, o Velho Alfredo Freyre, relata, em livro de memórias, não ter vacilado em repelir um pastor inglês, diretor do Colégio Americano Gilreath, depois chamado de Colégio Americano Batista, no Recife, quando este ousou dizer na sua presença que “o Brasil acabará colônia dos Estados Unidos”.¹⁷

Naquelas circunstâncias, preservada a consciência de identidade nacional desde cedo na família, eram compreensíveis as conversões ao protestantismo. A de Gilberto Freyre é muito reivindicada pelos batistas, que lamentam seu posterior abandono e retorno ao catolicismo romano, ou adesão a uma espécie de anglo-catolicismo em grande parte por influência de John Henry Newman, o convertido Cardeal Newman.

Segundo seus interlocutores protestantes, Gilberto “foi batizado na Primeira Igreja Batista do Recife em setembro de 1917, pelo missionário H. H. Muirhead, que foi também seu professor de História” e diretor do Colégio Americano. E mais: “Gilberto pregou missões e representou sua igreja em convenções”.¹⁸

Gilberto Freyre nunca negou sua conversão, chega a descrever uma prédica dele a um grande público de gente humilde, Cristiano Cordeiro misturado ao povo, um dos futuros fundadores do Partido Comunista no Brasil em 1922, mas em 1917, às vésperas da Revolução Russa, ainda se inclinava ao cristianismo, protestante neste caso. Presente a mãe de Gilberto, convicta católica, que lhe disse “que se comovera com aqueles homens apertando a mão de um menino em sinal de arrependimento e de desejo de seguirem Cristo. Mas que Cristo estava era na Igreja Católica. E que eles e eu precisávamos de um bom padre que nos orientasse e nos fizesse compreender o que é, na verdade, a Igreja verdadeira que é a Igreja

Católica”. Donde Gilberto conclui ser a sua mãe “uma suave ortodoxa, suave e firme”.¹⁹

Relatórios internos da missão batista do Sul dos Estados Unidos no Nordeste do Brasil apresentam a mãe como “católica fanática”, o pai “agora um sincero crente, embora não batizado ainda”, mas os fundamentalistas impuseram sua saída da posição de professor de “Leitura Expressiva da Bíblia”, por considerarem-no “um incrédulo”, no mínimo liberal público e notório. O que não impediu sua permanência no ensino de Português, Francês, Latim, Economia Política, Direito Comercial, com sua ampla formação humanística, lecionando no Colégio Americano Gilreath, depois Americano Batista, de 1907 até 1934.²⁰

Um dos seus mais ilustres alunos, Lourival Vilanova, depois professor de Teoria Geral do Estado e Filosofia do Direito na tradicional Faculdade de Direito do Recife, testemunha que, mesmo depois de aposentado, o Velho Alfredo continuava participando da administração do Colégio Americano, “apesar de diretores serem sempre nomeados por uma Junta ou Congregação nos Estados Unidos”. Na prática, Alfredo Freyre “era, sabíamos todos, conselheiro obrigatório nas decisões de importância”, “estimado e temido pela sua erudição humanística, acatado pelo terminante ‘não’ que sabia dar quando a decisão lhe cabia, ou dela compartilhava”.

Todos sabiam não ser protestante o Velho Alfredo, tornando ainda maior a admiração por ele: “uma das coisas que surpreendiam a nós outros interinos, em contato com a atmosfera psicológica e espiritual ali vivida, era o fato de Alfredo Freyre dispor de tanto acatamento e poder, sem, contudo, vincular-se à religião protestante. Desligado se manteve até o fim”. “Durante as orações, era talvez o único, em todo o corpo docente, que se excluía a si mesmo da comunhão religiosa. Permanecia de pé, como os outros, mas não em atitude de recolhimento”.

Donde, insista-se na pergunta, advinha tanto prestígio dele num colégio confessional protestante?

Lourival Vilanova dá resposta cabal, a única que pode encerrar o assunto: “justamente essa veracidade de seu comportamento interior e exterior, acrescida de seu temperamento voluntarioso e seu espírito bem informado, a razão do bom acolhimento entre

aqueles americanos do Norte, sempre dispostos a manter a tolerância como norma de vida".²¹

Ecumenismo e democracia.

Daf o filho Gilberto poder dizer, no seu artigo "Meu Pai" no *Diário de Pernambuco* de 20 de agosto de 1961, logo após o falecimento do genitor, que ele "morreu católico como nascera. Rezando o Padre Nosso em latim. E não é exato que tenha sido, em qualquer tempo, protestante". Distanciava-se, às vezes, da Igreja, por ser ainda mais severo em questões às quais considerava necessário aplicar os princípios antigos mesmo em novos tempos.²² Dos filhos, só Gasparina se manteve no protestantismo batista, casada com marido também exemplar, "um admirável homem de bem", Gilberto assim o define naquele artigo. Tanto Latim o Velho Alfredo ensinou que, cedo, o quase menino Gilberto estava ajudando o pai dando aulas da matéria para "estudantes todos mais velhos do que eu" e sem nenhuma vocação, o que o obrigava a estudar ainda mais, é o que o próprio Gilberto confessa nos seus *Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade*.²³

O maçonismo do Velho Freyre ocorria numa época de abrandamento da maçonaria em conservadorismo no Brasil.

Mas o que Gilberto Freyre queria mesmo, em meio aos seus arroubos místicos de início batistas a partir da sua admiração por *The Pilgrim's Progress* de John Bunyan e pelo amor aos pobres também místico de Tolstoy, era a grande aventura do espírito. Daf iniciar-se intelectualmente pela admiração a Spencer, Comte e Taine, muito lidos no Brasil até a Primeira Guerra Mundial, ao alcance da sua jovem mão. Em 1916 Gilberto vai à capital da Paraíba, ainda não chamada de João Pessoa, o que só acontecerá após a Revolução de 1930, para ali pronunciar a conferência "Spencer e o Problema da Educação no Brasil". Irritando o austero Velho Alfredo, ao saber que o convite partira de Carlos Dias Fernandes, jornalista incendiário e irreverente poeta boêmio,²⁴ a tanto iam os seus rigores.

O juvenil spencerismo gilbertiano era quase contemporâneo, 1916, do spencerismo de Euclides da Cunha e Sílvia Romero há pouco falecidos, seus ecos ainda muito vivos, chegando ao adolescente deslumbrado pela descoberta também intelectual do mundo.

Gilberto sabia da reputação de Spencer, por eies difusa na época, “como um dos maiores pensadores modernos”.

O que ficará de Herbert Spencer em Gilberto Freyre?

Algo surpreendente, muito antes dele ir estudar Antropologia Cultural na Universidade de Columbia, Gilberto começa a captar, através de Spencer, o Spencer da *Autobiografia* note-se bem, não dos maçudos tratados sociológicos, a importância do traje, da alimentação e do que chama “arte de vida”. “Era um sociólogo bem inglês: com alguma coisa dos romancistas ingleses na atenção que sabia dever o sociólogo ou o antropólogo social dispensar a pormenores significativos do cotidiano”. Como se diria em espanhol, uma espécie de costumbrismo britânico.

Outra influência duradoura, também surpreendente: o ecologismo spenceriano, latente na sua advertência em favor do meio natural, tão importante quanto o depois denominado de cultural, vai frutificar em formas diversas em Gilberto Freyre, explicitamente a partir de *Nordeste*, em 1937, declarado, no prefácio à sua primeira edição, “uma tentativa de estudo ecológico do Nordeste”.

Nada, portanto, de evolucionismo, nem industrialismo, e sim, naqueles sentidos, “uma das maiores influências que me orientaram ou estimularam a formação intelectual, influência particularmente viva no meu período de adolescentismo literário”.²⁵

Mesmo após o principal da sua obra, Gilberto Freyre volta a Spencer no livro metodológico que pretendeu escrever em 1945, *Sociologia (Introdução ao Estudo dos seus Princípios)*, no qual predominam outras marcas, como não poderia deixar de ser. Mas lá vêm referências em geral favoráveis a Herbert Spencer: um dos iniciantes da Sociologia, ao lado de Comte; Spencer também com Walter Bagehot, tão querido de Joaquim Nabuco em *Minha Formação*, e Sumner Maine, “menos brilhantes, talvez e decerto menos afirmativos que os alemães e italianos e que os próprios franceses em suas obras de Filosofia ou de sistematização das ciências; porém, quase sempre, mais equilibrados. Flutuantes, indecisos, esquivos às conclusões enfáticas, por gosto e tradição de equilíbrio intelectual”. Qualidades capazes de redimi-los, pelo menos em parte, dos seus exageros, biólogos os de Herbert Spencer.²⁶

Já Comte e Taine, ao adolescente Gilberto apresentados pela professora particular de francês, Madame Meunier, juntamente com

Pascal e Montaigne, não lhe causam o mesmo efeito admirativo, mas deles cedo toma conhecimento.²⁷ Sua influência, se houver, dilui-se inconscientemente em meio a outras muito mais importantes.

O discurso do ainda adolescente Gilberto Freyre, 26 de novembro de 1917, na formatura de segundo grau da sua turma do Colégio Americano, termina fazendo uma opção por Manuel Bonfim e William James, dois psicólogos, o brasileiro iniciando o primeiro laboratório experimental do ramo no Brasil e o norte-americano elevando a Psicologia ao nível de Filosofia e Filosofia pragmática. De Bonfim, Gilberto cita textualmente a repulsa à “verbiagem oca, inútil e vã retórica ora técnica ora pomposa”; com James adere “à filosofia que não é a contemplação sonolenta dos velhos arquétipos da verdade, mas um pensamento dinâmico, observador da vida, temperado pelas necessidades da ação”.²⁸

Paraninfo da turma era Oliveira Lima, a Primeira Guerra Mundial parecia nunca acabar, o patrono faz profissão de fé pacifista, exigindo justiça para os dois lados beligerantes, propondo que se sacrifique tudo, menos a honra. E louva os Estados Unidos, sua condição de seu admirador lhe parece a única explicação para um colégio americano protestante homenageá-lo, a ele, católico que se define “histórico”, hoje se poderia dizer “católico cultural” ou de cultura católica, pois “sigo o catolicismo porque foi a religião dos meus pais, porque corresponde ao meu ideal religioso e porque o vejo brilhar na história do meu país”. E conclui com um elogio aos jesuítas pela sua fundamental importância na formação da cultura e história brasileiras...²⁹

Alguns dos protestantes presentes surpreenderam-se com o fecho do discurso,³⁰ não de espantar em alguém da independência de Oliveira Lima, capaz de discordar do Barão do Rio Branco, seu superior hierárquico no Ministério das Relações Exteriores, e de condenar a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial, por maior que fossem a sua amizade e admiração pelos Estados Unidos.

Pouco após o discurso de orador de turma no Colégio Americano do Recife, Gilberto Freyre segue a caminho de Nova York, donde prosseguirá rumo ao Kentucky, onde não fica, e ao Texas onde fará o *College of Liberal Arts* na Universidade de Baylor, depois o mestrado em Columbia.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 FONSECA, Edson Nery da. "Cronologia da Vida e da Obra com Índice Onomástico, Temático e Bibliográfico", *Ciência & Trópico*, Recife: v. 19, n. 2, p. 235-236, jul./dez., 1987.

2 *Vide* tradução de Waldemar Valente, revista pelo autor, *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*. Recife: Ministério da Educação e Cultura (Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais), 1964, p. 69 e reprodução fotográfica entre as pp. 76 e 77.

3 Introdução a *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941. (Coleção Documentos Brasileiros n. 49), tb. em *Vida, Forma e Cor*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962, p. 196.

4 FREYRE, Alfredo. *Dos 8 aos 80 e Tantos*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970, pp. 111 e 112.

5 *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade. 1915-1930)*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975, p.37.

6 *Idem*, p. 101.

7 FONSECA, Edson Nery da. ob. cit., p. 236.

8 MESQUITA, Antônio N. de. *História dos Batistas do Brasil de 1907 até 1935*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940, p. 29.

9 *Oral Memoirs of Gilberto de Mello Freyre*, Baylor: University Institute of Oral History, entrevista em 16 de maio de 1985, a Thomas L. Charlton, diretor do Instituto, pp. 12, 27 e 28.

10 *História dos Batistas do Brasil de 1907 até 1935*, ob. cit., p. 30.

11 GRAHAM, Richard. *Britain and the Onset of Modernization of Brazil (1850-1914)*, Cambridge at the University Press, 1968, p. 297.

12 *Inglêses no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1948. (Coleção Documentos Brasileiros v. 58), p. 39.

13 *Idem*, p. 61.

14 *Ibidem*, p. 68.

15 *Ibidem*, pp. 46 e 37.

16 *Vide* GUEIROS, Jerônimo. *Projeções de Minha Vida (1901-1951)*, Recife, s. ed., 1951, pp. 63 e 62. Descendente dele é

David Gueiros Vieira, o historiador de *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*, Editora Universidade de Brasília, 1980, trad. da tese de doutoramento (Ph.D) na American University de Washington D.C., 1975, *Protestantism, Masonery and the Religious Question*.

17 *Dos 8 aos 80 e Tantos*, ob. cit., pp. 112, 114 e 113.

18 MARTINS, Mário R. *Gilberto Freyre, o Ex-Protestante (Uma Contribuição Biográfica)*. São Paulo: Publicação da Aliança Bíblica Universitária do Brasil, Imprensa Metodista, 1973, pp. 42 e 41.

19 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 21 e 22.

20 MARTINS, M. R., ob. cit., pp. 38, 24, 28 e 26.

21 “Alfredo Freyre”, in: *Homenagem a Alfredo Freyre (Coletânea de Artigos e Documentos por um Grupo de Discípulos e Amigos)*. Recife: Imprensa Oficial, 1964, pp. 54-56.

22 *Oral Memoirs of Gilberto de Mello Freyre*, ob. cit., p. 10.

23 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 5 e 6.

24 Idem, pp. 9 e 11.

25 FREYRE, Gilberto. “Advertência do Autor”, *Retalhos de Jornais Velhos*; 2. ed. revista e muito aumentada de *Artigos de Jornal*, Recife: Casa Mozart, 1934, p. XXV.

26 *Sociologia (Introdução ao Estudo dos seus Princípios)*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1º tomo, pp. 56 e 23; 2º tomo, p. 328; e 1º tomo, p. 231.

27 “Advertência do Autor”, ob. cit., p. XXV.

28 “Vida Escolar. Colégio Americano Batista”, *Diário de Pernambuco*, Recife, 30 de novembro de 1917, discurso reproduzido sob o título “Adeus ao Colégio” em *Região e Tradição*, ob. cit., pp. 50 e 51.

29 Oliveira Lima insiste em declarar-se “católico histórico” até o fim, como se vê nas suas póstumas *Memórias (Essas minhas Reminiscências...)*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937. (Coleção Documentos Brasileiros v. 2), p. 18. Fernando da Cruz Gouvêa mostra-o também falando, em 1917, aos estudantes do Colégio Salesiano, a pedido deles, acompanhados por um padre (*Oliveira Lima: Uma Biografia*); Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano; Recife, 1976, 3º vol., p. 1424.

30 GUEIROS, J., ob. cit., p. 26.

Batista em Baylor

Os protestantes de Pernambuco viriam a declarar-se decepcionados com o que lhes pareceu apostasia de Gilberto Freyre. Chegaram a reunir documentos dos arquivos das igrejas dos Estados Unidos descrevendo sua conversão por batismo aos dezessete anos administrado pelo pastor missionário H. H. Muirhead na Primeira Igreja Batista do Recife, denominação à qual teria vindo a abandonar.

O mesmo Muirhead explicava a conversão de Gilberto do materialismo, não propriamente do catolicismo (crise de adolescência?), quando “o Espírito Santo fez seu trabalho e hoje, embora com apenas dezoito anos de idade, este pescador de homens é o mais espiritual entre nós e indiscutivelmente o melhor pregador no campo pernambucano”.¹

Gilberto Freyre defendeu-se várias vezes, dizendo ter então vivido uma fase de cristianismo tolstoyano preocupado e dedicado aos pobres, em apostolados tanto religiosos quanto sociais pela periferia pobre do Recife. Em depoimento no programa de História Oral da própria Universidade de Baylor no Texas, para onde fora ainda como protestante e com bolsa de estudos da igreja, acrescentou ter chegado a ser, naquela época, até um radical, desiludido com o que lhe parecia fracasso da civilização tradicional brasileira.²

Na realidade, os missionários dos Estados Unidos estavam empenhados mesmo em infiltrar-se nas elites tradicionais do Brasil, não só entre as massas. Almejavam a passagem do pai, Alfredo Freyre, do liberalismo religioso para o protestantismo (“ele agora é um sincero crente, embora não batizado ainda”)³ e a adesão da família Freyre inteira: de Gasparina, a irmã servindo de estenógrafa em português e inglês, a Ulysses, “nosso mais eficiente e popular professor” – imbuído do espírito de Baylor onde se graduara há

pouco, a ponto de recusar pagamentos dobrados de outras instituições – e finalmente Gilberto, filhos do velho Freyre. É o que se lê na carta do próprio Muirhead ao Reitor de Baylor, Samuel P. Brooks, o grande administrador que veio a construir a maior parte das suas novas bases, datada de 25 de fevereiro de 1919. Antes, em 21 de outubro de 1918, outro missionário, L. L. Johnson, recomendava-o a Brooks, explicando-lhe que alguém tão precoce como Gilberto merecia Baylor, em vez de ficar ensinando português num obscuro *college* do interior do Kentucky, outrora uma das regiões menos desenvolvidas, por mais que ali fosse prestigiado com a chefia do Departamento de Línguas Neolatinas.⁴

Antes expliquemos a crise religiosa intelectual de Gilberto Freyre, além de simples crise existencial de adolescente.

Gilberto relatou o impacto que lhe causara, e a seu pai que o fizera ler, o livro de William James, *Variedades de Experiências Religiosas* (*Varieties of Religious Experiences*): “Minha reação foi similar à do meu pai. Penso que ele (William James) estava aberto a novas perspectivas de uma visão mística do mundo num tempo quando era uma grande tendência, ou moda, não ser místico”.⁵ Grande paradoxo este, o do fundador do pragmatismo filosófico nos Estados Unidos, sistematizador da multissecular tradição empiricista anglo-americana, ao criticar o “materialismo médico”, como ele definia o biologismo da época, que pretendia que o cérebro destilava o pensamento como o fígado a bñlis...

E mais: William James reconhece não ser “antropológico” aquele livro, apesar de baseado em “documentos pessoais” dos grandes místicos, dedicado “a estudar as condições religiosas existenciais”, pioneira incursão filosófica na existencialidade que William James fazia questão de declarar mais psicologicamente mística, que teologicamente religiosa. Muito na linha da Psicologia Experimental dele, porém indo adiante. Interpretação influenciando o tradicionalista luso Antônio Sardinha.⁶

Importantes inovações trouxe não só William James, também seu pai e irmão, Henry James Sr. e Henry James Jr., este mais conhecido como o Henry James, europeizado autor de novelas sobre a íntima contradição cultural das classes altas dos Estados Unidos. Tão presente nas da América Latina. Filhos de outro Henry James, oriundo do clima intelectual do Massachusetts de meados do século

XIX, da Escola de Concord de Emerson e Hawthorne e Longfellow, pensador e romancista e poeta grandes humanistas liberais.⁷ William James expressava em *Varieties of Religious Experiences* seus últimos ecos.

Quando William James ali apresenta Santo Agostinho como típico do inicial misticismo católico, e o batista John Bunyan outro tanto em relação ao protestantismo, abria a porta para **mais** uma identificação religiosa intelectual-existencial de Gilberto Freyre com os missionários estadunidenses (ele escreve em suas recordações de adolescência: “Não é justo que não se conheça Bunyan no Brasil e que *Pilgrim’s Progress* não esteja traduzido à língua portuguesa. Ele é na literatura protestante ‘batista’ o que na católica é a *Imitação de Cristo*”).⁸ No Recife o fulcro daquele impacto modernizador na educação eram o Colégio Agnes Erskine, para estudantes do sexo feminino, e o Colégio Americano Gilreath, depois chamado de Americano Batista, para meninos.

Gilberto dera o seu testemunho: “Não era colégio no sentido norte-americano, porém um equivalente, nos seus mais avançados cursos, de um ginásio”. “O nome ‘americano’ tornava-se um nome mágico, nome dos Estados Unidos, cujo aparecimento no mundo de começo do século [XX] era algo sensacional”.⁹

Os missionários protestantes anglo-americanos tinham grandes projetos também intelectuais para o Brasil, aquelas escolas deles faziam parte importante. Nas palavras da carta de Muirhead, depois com seu nome num dos principais edifícios do Americano Batista, insistindo em favor de Gilberto junto ao Reitor Brooks de Baylor, 25 de fevereiro de 1919, “estamos agora fazendo trabalho com calouros. Em breve seremos um colégio júnior e assim por diante... Essa instituição, à maneira de todas grandes escolas, precisa crescer...” “Uma grande universidade algum dia adornará o maravilhoso *campus*, onde hoje se ergue nosso ginásio”.¹⁰

Também Dom Sebastião Leme – arcebispo de Olinda e Recife, depois cardeal do Rio de Janeiro – já se interessava, na Carta Pastoral de 1916, pela fundação da Universidade Católica de Pernambuco. Que veio a ser feita, em 1951, após a fundação da Faculdade de Filosofia Manoel da Nóbrega (1943) pelos jesuítas trazidos ao Recife em 1917 por Dom Leme.¹¹ A Universidade Federal de Pernambuco, de início Universidade do Recife, data de

1946. Sua semente foi a Faculdade de Direito de 1827, tanto ali quanto para a Universidade de São Paulo.

As universidades, que vieram a se instalar no Grande Recife, terminaram sendo públicas, uma católica jesuíta e outras privadas de fins lucrativos. Os batistas, nem os protestantes em geral, não conseguiram formar toda uma nova elite orgânica hegemônica no Brasil, com parcial exceção em São Paulo, onde floresceram a Universidade Mackenzie e uma universidade metodista, logo secularizadas. Mesmo fenômeno ocorrido com as escolas católicas, com capital tradicional bastante para perderem muito, sem se perderem de todo.

No seu inicial intento, os protestantes procuravam recrutar os mais brilhantes estudantes das socialmente melhores famílias, é o que vê no depoimento de História Oral de Gilberto à própria Baylor. Do Recife foram para lá, entre outros, um filho do então prestigioso Senador Ribeiro de Brito e um neto do Barão de Amargi, típicos representantes da açucarocracia pernambucana, um irmão de Gilberto Freyre e quatro jovens Guedes Pereira, um dos quais, Valfredo, veio a ser sogro de Gilberto.¹² Depois foi que a oligarquia passou a enviar suas novas gerações para estudar Agronomia na Universidade do Estado da Louisiana nos canaviais de Baton Rouge, *plantations* tão parecidas com as do Nordeste do Brasil. A primeira leva de brilhantes convertidos e bem-nascidos jovens pernambucanos aos Estados Unidos, parecia muito mais rumo ao magistério da então desejada universidade batista do Recife, tanto assim que Ulysses Freyre, por exemplo, logo começou a lecionar as chamadas Ciências Naturais no Colégio Americano, assim que voltou de Baylor bacharelado em Física e Química. Supunha-se naturalmente o mesmo com Gilberto em breve nas Ciências Sociais.

O irmão, Ulysses Freyre, graduado B.A. em Física e Química em Baylor,¹³ também tido em alta conta pelos missionários batistas, “é um dos nossos professores mais populares e eficientes. Para trabalhar conosco recusou uma porção de posições que lhe pagariam o dobro que o pagamos. Vocês, boa gente, conseguiram imbuí-lo com o autêntico espírito de Baylor”,¹⁴ mas acrescentando ser Gilberto “melhor estudante que seu irmão”, era o que diziam entre si os missionários.¹⁵

Ulysses Freyre estudará basicamente Matemática, Física e Química, um pouco de Literatura, Retórica, Psicologia, Alemão, História Moderna Européia e História Latino-Americana na Universidade de Baylor do verão de 1913 ao inverno de 1918.¹⁶ Seu retorno ao Brasil, sai de Baylor pouco antes de Gilberto chegar, ocorre em meio a peripécias de fins da Primeira Guerra Mundial: “Depois de horas de viagem (não quero dar a data nem nomes para que estas linhas passem a censura) fomos atacados por um submarino alemão. A perseguição durou duas horas. Eles atiraram trinta e duas vezes contra nós. Guinadas e zigzagues (do vapor brasileiro *Uberaba*) foram parte da nossa salvação. A maior parte entretanto foi um *destroyer* americano que respondeu a nossos chamados de socorro. Estávamos desarmados. Não podíamos nos defender e se as condições tivessem sido outras teríamos morrido como galinhas. Felizmente tudo está passado. Ninguém foi ferido...”¹⁷

Ulysses, o primeiro a sugerir Baylor a Gilberto, em carta de Waco datada de 22 de maio de 1916: “Ultimamente, caro Gilberto, tenho pensado seriamente sobre a tua vinda aqui, e a respeito disto já escrevi algumas linhas a meu pai”.

Porque, “quando eu medito sobre as condições do nosso país, quer morais, quer sociais, quer políticas e religiosas, sinto-me triste e ao mesmo tempo revoltado. As nossas condições são tristíssimas”. O Brasil não pertencia às “nações modernas”. A Primeira Guerra Mundial, ao ver idealista de Ulysses Freyre à maneira de muitos, terminaria resultando em “levantamento de idéias religiosas; governos liberais e remodelação de sistemas políticos, e a destruição completa do militarismo” (*sic*), típica repercussão do belo e nobre projeto do então Presidente Woodrow Wilson. Quanto a Pernambuco e o Brasil, o Colégio Americano do Recife, preparando uma nova elite intelectual, “será no próximo futuro uma das poderosas alavancas para o melhoramento e remodelação da nossa sociedade”.¹⁸ Era o inicial plano batista de uma grande universidade protestante no Nordeste.

Só que isto não seria fácil.

Os missionários norte-americanos “precisam ser educados e cavalheiros e ter cultura para se misturar com a nossa classe superior”, em vez de brigarem publicamente pela direção do Colégio, com repercussões na própria imprensa do Texas.¹⁹ Os moderniza-

dores desentendiam-se entre si, prejudicando profundamente seu projeto. Decepcionando os candidatos a mudarem a camoneana “apagada e vil tristeza”, tão aproveitada pelo pessimismo de Oliveira Viana ao qual Gilberto Freyre tanto insistiria em desmentir, por outros caminhos, a partir de *Casa-Grande & Senzala*, que “somos um povo mórbido, sem peso, enfezado e sorumbáticos”.²⁰

Note-se que nem Ulysses nem Gilberto Freyre estudaram e viveram longos anos nos Estados Unidos – os dois, um após o outro, quase dez, de 1913 a 1922 – só com bolsas da Igreja Batista. Isso não é verdade. As bolsas podem ter ajudado, porém ambos recebiam ponderável ajuda do pai, o Velho Alfredo, professor na Faculdade de Direito do Recife, gêmea da do Largo de São Francisco em São Paulo, num tempo em que a profissão significava alto salário e elevado *status*, havendo então muito poucas no País. A prova está na carta de Ulysses, já de volta a Pernambuco, ao irmão nos Estados Unidos, 12 de setembro de 1921: “Não te impressões tampouco com o sacrifício que estamos fazendo por ti – não é sacrifício nenhum”. “Esse dinheiro não nos faz falta absolutamente...” E na entrevista biográfica de História Oral Gilberto Freyre refere-se à liberalidade do pai.²¹

Gilberto e Ulysses Freyre não estavam na situação de um certo José Silvado Bueno, mineiro de Lavras, recrutado por protestantes missionários no Brasil, ele pelo Instituto Evangélico criado em sua cidade natal pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Por ela convertido e trazido para uma pequena cidade do interior de Iowa, pagando com trabalho os estudos de Veterinária no Iowa State College, estudos concluídos em Cedar Rapids, Michigan. Do que dava conta em artigo “Experiências dum Estudante Pobre nos Estados Unidos”, publicada na revista da Universidade de Columbia, Nova York, *El Estudiante Latino-Americano*, abril de 1920, revista então dirigida pelo aluno de mestrado em Columbia Gilberto Freyre.

A Universidade de Baylor começava a despontar no cenário norte-americano. Assumira o reitorado Samuel Palmer Brooks, um líder inovador que permaneceu vinte e nove anos no cargo, de 1902 a 1931 (Nicholas Murray Butler, reitor de Columbia quando Gilberto por lá passava na década de 1920, também um revolucionário em educação, demorou ainda mais tempo, de 1901 a 1945,

nada menos que quarenta e quatro anos). Baylor tinha sido fundada em 1845 e instalada na cidade texana de Independence no ano seguinte pelo austero pastor batista e juiz de Direito Robert E. B. Baylor, um dos *Founding Fathers* da República do Texas, logo estado da federação dos Estados Unidos.²² A Universidade de Baylor absorveu a de Waco em 1886, num só *campus* a partir do ano seguinte, ampliada consideravelmente pelo Reitor Brooks, a quem Gilberto considerava digno de ter sido presidente da república, pela sua capacidade de grandes realizações.²³

Gilberto freqüentará Baylor do outono de 1918 ao de 1920, deixando-a sem comparecer às festas de formatura do bacharelado em Artes (B.A.). O diploma lhe será enviado pelo Correio, primeira demonstração da sua heterodoxia acadêmica. Estudará Inglês (língua e literatura); Inglês Antigo (Saxão), Retórica, Ética, Sociologia Rural e da Família, História Moderna e Contemporânea, História da América do Sul, Psicologia e um pouco de Ciências Naturais,²⁴ na abrangência típica deste curso de humanidades, o *college* estadunidense acima do ginásio, porta de entrada universitária.

Gilberto Freyre estava sendo também enviado para tornar-se missionário pelos pastores batistas norte-americanos, que o tinham ajudado a ir: “com tais homens em nossos púlpitos estamos destinados a crescer numa grande denominação”, insiste Muirhead na carta de 25 de fevereiro a Brooks, após a de Johnson também ao reitor testemunhando que “ele (Gilberto) é um dos mais talentosos jovens e com um caráter dos mais finos que jamais conheci” (21 de outubro de 1918).²⁵

Gilberto recusará convite de um obscuro *college* do interior do Kentucky, outrora remoto e pobre, onde deveria estudar e ao mesmo tempo dirigir o Departamento de Línguas Românicas, incômoda precocidade. Com a ajuda dos pastores Johnson e Muirhead consegue ir para Baylor e só estudar.

O grande choque, causador da sua virada de vocação, advirá após uma entusiasmante visita aos líderes do Seminário Batista do Sudoeste, iniciado por Baylor, transferido para Fort Worth-Dallas, encarregado de grande parte das missões na América Latina.

Em carta de 28 de dezembro de 1918, publicada sob o título “Carta de um Seminarista” no jornal batista brasileiro *A Mensa-*

gem de 15 de março de 1919, Gilberto descreve, com uma ironia que escapou à observação dos ingênuos pastores tanto estrangeiros quanto brasileiros, os maneirismos do Pastor Billy Sunday, às vezes teatral demais: “trepa a uma cadeira ou sobre o púlpito, avança, recua, levanta a perna direita, ergue os braços com violência”, para expressar poderoso fundamentalismo bíblico, “sem a mácula do *higher-criticism*”.

Gilberto já vinha mal impressionado de tais espetáculos desde quando teve de passar brevemente pelo interior do Kentucky, procurando vir para Baylor: “Fiquei horrorizado um dia desses com uma reunião de crentes numa igreja rural. Gritos, desmaios, uma exibição tremenda de histeria religiosa. É esta gente que envia missionários ao Brasil para elevar a cultura religiosa dos ‘católicos supersticiosos’? Começo a pensar diferente: que esta gente é que precisa de missionários católicos vindo do Brasil. O que vi na tal reunião não é ardor puramente religioso. O que eu vi aqui domingo passado é também histeria. Mas onde começa a histeria e termina a religiosidade? Impossível de dizer-se”.²⁶ Continuavam repercutindo em Gilberto Freyre ecos das *Varieties of Religious Experiences* psicológicas existenciais de William James...

Gilberto Freyre tinha sido ali levado nada menos que por William Carey Taylor, diretor do Seminário Teológico Batista de Pernambuco e autor do *Dicionário de Assuntos Bíblicos*, a ser editado pela Tipografia do Colégio Americano Batista em 1929...

Choque final e devastador da sua fé batista ocorreu na volta, ao passar “por uma cidade ou vila chamada Waxahaxie (creio que é assim que se escreve esse nome arrevesado: ameríndio, suponho, como aliás Waco)”. “Um cheiro intenso de carne queimada”, ao “ser informado com relativa simplicidade: ‘É um negro que os *boys* acabam de queimar’. Seria exato? Seria mesmo odor de negro queimado? Não sei – mas isto sim me arrepiou e muito. Nunca pensei que tal horror fosse possível nos Estados Unidos de agora. Mas é. Aqui se lincha, se mata, se queima negro. Não é fato isolado. Acontece várias vezes”.²⁷

Gilberto não estava exagerando, o KKK estava à solta, em plena ação na década de 1920.

O que era o temido KKK?

Era o Ku Klux Klan, sociedade secreta racista terrorista cria-

da em 1866 no Tennessee por ex-oficiais do Exército da Confederação do Sul dos Estados Unidos derrotada na Guerra Civil. O primeiro KKK foi proibido por lei federal em 1870,²⁸ mas eis que em 1915 apareceu em Atlanta, Geórgia, na noite do Dia de Ação de Graças, uma gigantesca cruz branca em chamas no alto de uma das colinas circundando a cidade. Era o sinal do ressurgimento do “Império Invisível”, os embuçados Cavalheiros do Ku Klux Klan. Seu reiniciador, uma estranha figura, William Joseph Simmons, misto de pastor metodista, maçom e auto-intitulado coronel. Seu programa: anti-semitismo, anticatolicismo, oposição a todos os imigrantes e racismo branco especialmente negrófobo, um primitivo nacionalismo associado a um tosco fundamentalismo protestante. O Sudoeste – Arkansas, Louisiana, Texas e Oklahoma – logo se viu incluído no seu plano de agressivo e militante apostolado.²⁹

Na primavera e verão de 1921 o terrorismo lá também estava desencadeado contra as minorias em nome da “unidade teutônica”, a *Teutonic Unity* do livro de um dos seus ideólogos, Earnest Sevier Cox.³⁰

A noite de 2 de outubro de 1921 assistiu a um grande desfile dos embuçados do KKK em suas longas batas brancas, encimadas por capuzes também brancos em forma de funil, tochas na mão, revólveres na cintura, vindos de Waco, onde estava o núcleo 33 do Klan, para a pequena cidade de Lorena, arredores de Waxahachie igualmente aterrorizados. Muitos pastores aderiram, Donald B. Allen da Igreja Batista de Elgin um dos mais exaltados, indo ao ponto de publicar virulento semanário pró-KKK. Mas sucessivas derrotas eleitorais do Klan o enfraqueceram tanto, que o atual Ku Klux Klan não passa de enfraquecidos fragmentos de desnorteadas organizações racistas, sem nada de parecido com seu antigo poder.³¹

Também manda a verdade que se reconheça que partiu principalmente das igrejas batistas do Sul dos Estados Unidos o movimento moderno de emancipação do negro, o Pastor Martin Luther King à frente, bacharel em Sociologia pelo Morehouse College nada menos que na Atlanta berço da abortada ressurreição do Ku Klux Klan, mestre em Teologia pelo Seminário Teológico de Crozer em Chester, Pensilvânia, já ao Norte, onde obteve na Universidade de Boston o seu PhD de 1948 a 1955, brilhante preparação

acadêmica do mártir cujo aniversário de assassinato se tornou um dos poucos feriados nacionais dos Estados Unidos.

Já um outro PhD negro mais antigo, William H. Council, sucessor das lutas anti-racistas dos pioneiros líderes também negros Frederick Douglass e Booker T. Washington, reconhecia e demonstrava que, se a Igreja Metodista organizara em Filadélfia, 1787, a mais antiga congregação negra, os batistas tinham sido a igreja de maior crescimento entre os ex-escravos, ao saltar de cerca de 250.000 membros no fim da Guerra Civil a uns 1.600.000 em fins do século XIX, sete vezes mais em trinta anos.³²

Outro ponto de diferença entre Gilberto Freyre e os anglo-saxônicos protestantes, apesar de o receberem tão bem e tanto influenciá-lo, foi a descoberta da sua ibero-americanidade. Acontecida em outra escapada da batista Waco, rumo a San Antonio, perto da fronteira do México, o maior centro cultural mexicano-americano, assim chamado desde o século XVIII em honra do Santo António de Lisboa aqui dito de Pádua na sua catedral de San Fernando, o mais antigo templo católico dos Estados Unidos, que recebeu o Papa João Paulo II quando de sua visita oficial àquele país em 1987.

Vale a pena repetir, mesmo longamente, as palavras gilbertianas que dão uma dimensão do seu entusiasmo: “San Antonio está cheia de espanholismos, mexicanismos, indo-espanholismos que dão a um ibero-americano, mesmo de fala portuguesa, a impressão de estar entre parentes próximos. A presença mexicana é aqui uma presença não apenas do México mas da inteira América indo-hispânica com seus tipos híbridos de mulher, às vezes de uma inconfundível beleza, suas cores de trajos, seu espanhol cantado em que a influência indígena se faz sentir, sua culinária de sabores ardentes e cheiros fortes que fazem a cozinha anglo-americana parecer apenas clínica, medicinal, higiênica”.

Apesar das ruínas do Forte Álamo em San Antonio, santuário da resistência armada anti-mexicana, “o anglo-saxão de hoje encontra, nos Estados Unidos, certo prazer em cultivar e desenvolver sobrevivência dos antigos donos de terras por ele absorvidas em sua vigorosa e às vezes turbulenta e donjuanesca fase de adolescência nacional”.³³

San Antonio, El Paso e Laredo no Texas, San Diego na Cali-

lória, são teatros dos grandes embates entre a cultura anglo-saxônica – que absorveu facilmente os imigrantes alemães, escandinavos e irlandeses, um tanto os próprios italianos – e a cultura indo-ibérica subindo do México, Américas Central e do Sul, também de Porto Rico, rumo ao Norte. E ibero-americanidade inclui catolicidades de fé, tradições e hábitos religiosos dionisíacos, tão diferentes do weberiano calvinismo capitalista apolíneo. Divergências não só estéticas, também sociais como Gilberto Freyre disse em entrevista de História Oral à própria Universidade de Baylor, quando voltou a insistir na superioridade da cultura luso-católica, capaz de assimilar mais plenamente o negro, sempre negro na cultura protestante anglo-saxônica³⁴ absorvendo-o pela metade, a metade cultural, não a metade étnica, se é que o absorve culturalmente: “desde os meus primeiros contatos com os Estados Unidos, que venho perdendo respeito por seu cristianismo evangélico. O que me parece é que ele próprio necessita de cristianizar-se, de evangelizar-se, de purificar-se de seus pecados, para então ter direito a dar lições ao ‘romanismo’ e ao ‘papismo’ ”.³⁵

Nada disso impediu Gilberto Freyre de prosseguir intermitente correspondência com o professor de Baylor que mais o marcou, A. J. Armstrong, o de literatura inglesa, erudito especialista em Robert Browning, por assim dizer o descobridor da vocação literária de Gilberto, a quem sempre repetiu sua gratidão.

Para sua grande alegria, Gilberto recebeu carta de convite do centro de estudos da Biblioteca Armstrong Browning da Universidade de Baylor para ali voltar finalmente aos oitenta e cinco anos, ele que tinha a idade do século. Aceitou respondendo que “A. J. Armstrong foi a figura de mestre de Baylor que mais me impressionou. Um superior *scholar* e uma alta figura humana. Completada pela esposa admirável. Muito frequentei a casa deles”.³⁶

O *Diário de Pernambuco* publicou em 12 de maio de 1985 longa notícia, “Gilberto Freyre retornará a Baylor depois de 65 anos”. Larga ausência de quem nunca a esquecerá no íntimo do coração, por mais que outras influências se fossem somando. Daí sua comovida carta de agradecimento ao Professor Charles M. Tolbert pela comenda *Distinguished Achievement Award* e suas congratulações ao Reitor Herbert H. Reynolds, o Decano William J. Toland e a John S. Below, *provost*, pela “nova grandeza da qual não só os

texanos, em especial, quanto os americanos dos Estados Unidos em geral, podem se orgulhar profundamente". Orgulho também dele Gilberto Freyre, que conhecera Baylor ainda em dias provincianos, a caminho de tantas conquistas intelectuais.³⁷

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 "Seventy-Third Annual Report of the Foreign Mission Board – North Brazil Mission", *Annual of the Southern Baptist Convention (1918)*, Marshall & Bruce Co., Nashville (Tennessee), 1918, p. 217. Tb. referido por Mário Martins em *Gilberto Freyre, o ex-Protestante (Uma Contribuição Biográfica)*. São Paulo: Aliança Bíblica Universitária do Brasil, Imprensa Metodista, 1973, p. 38.

2 *Oral Memoirs of Gilberto de Mello Freyre*, Baylor: University Institute for Oral History, entrevista em 16 de maio de 1985 a Thomas L. Charlton, diretor do Instituto, pp. 12, 27 e 28. Muirhead era professor de História de Gilberto no Colégio Americano, pai de Sudie Adams, que permaneceria um elo de Baylor com a cultura brasileira, e grande amigo do pai de Gilberto (idem, pp. 10 e 11). *Oral Memoirs* aqui ref. na transcrição original em inglês e conferida pela fita de gravação tb. em Baylor, Waco.

3 *Vide* ainda Relatório de Muirhead (ob. cit., p. 38). O pai de Gilberto, o velho Alfredo Freyre, morreu catolicamente, apesar de também ser muito crítico das acomodações católicas tradicionais. Confessou-se em latim a um frade, dele recebendo a extrema unção ou final sacramento dos enfermos (sg. tb. *Oral Memoirs*, p. 10).

4 Correspondência em The Texas Collection, Universidade de Baylor, Waco, Texas.

5 *Oral Memoirs*, ob. cit., pp. 26 e 27.

6 *Varieties of Religious Experiences (A Study in Human Nature)*, conferências em Edimburgo, 1901-1902, New York: The Modern Library, 1929, pp. 168 e 184. Sardinha diz que a aceitação do misticismo por um empiricista pragmático como William James ajudou-o a aceitar como verdadeiras as aparições da Virgem de Fátima, muito antes (outono de 1917), que a própria Igreja Católica reconhecesse oficialmente os acontecimentos. "Fátima", *Ao Ritmo*

da Ampulheta (*Crítica e Doutrina*), Editorial QP, 2. ed., 1978 (1ª em 1925, pp. 214 e 216).

7 Vide F. O. Matthiessen, *The James Family*, Nova York: Alfred A. Knopf, 1947, pp. 4 e 428-433 e tb. a síntese de C. Hartley Grattan, *The Three Jameses (A Family of Minds)*. Londres-Nova York-Toronto, Longmans, Green and Co., 1932, pp. 358-367.

8 *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade. 1915-1930)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 20.

9 *Oral Memoirs*, ob. cit., p. 8.

10 Vide nota 4 deste capítulo.

11 Vide AZEVEDO, Ferdinand S.J., "Universidade Católica de Pernambuco: Subsídios para sua História", *Symposium*, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, ano 18, n. 2, p. 5-25, 1976.

12 *Oral Memoirs*, ob. cit., p. 9; vide tb. Mário Martins, ob. cit., p. 59, e carta de Gilberto Freyre a Charles M. Tolbert, 30 de maio de 1985, em *The Texas Collection*.

13 *Oral Memoirs*, ob. cit., p. 4, e *The Baylor Bulletin (A Directory of Ex-Students of the College of Arts and Sciences of Baylor University)*, v. XXIII, n. 4, p. 118, agosto, 1920.

14 Carta de H. H. Muirhead, 25 de fevereiro de 1919, em *The Texas Collection*, Universidade de Baylor, Waco, Texas.

15 Carta de L. L. Johnson, 21 de outubro de 1918, em *The Texas Collection*, Universidade de Baylor.

16 *Baylor University Record Book*, matrícula nº 1347.

17 Carta de Ulysses Freyre a Gilberto, datada de 14 de agosto de 1918, no arquivo da Fundação Gilberto Freyre, Recife, Pernambuco.

18 *Idem*.

19 Carta de Ulysses Freyre a Gilberto, 12 de junho de 1920, arquivo da Fundação Gilberto Freyre.

20 Carta de Ulysses Freyre a Gilberto, 18 de abril de 1920, arquivo da Fundação Gilberto Freyre.

21 *Oral Memoirs*, ob. cit., p. 33.

22 *The Handbook of Texas*. Austin: The Texas State Historical Association, 1952, vol. I, pp. 124-126.

23 *Oral Memoirs*, ob. cit., p. 32.

24 *Baylor University Record Book*, matrícula nº 434.

25 Em *The Texas Collection*, Universidade de Baylor.

26 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 25.

27 *Idem*, p. 33. Curiosamente Gilberto Freyre af se refere a uma viagem dos estudantes do *college*, ele inclusive, à Faculdade de Medicina de Baylor então em Dallas, depois no Texas Medical Center de Houston, nada dizendo da sua visita ao Seminário do Sudoeste em Fort Worth.

28 *Encyclopedia of Southern Culture*. org. por Charles Reagan Wilson e William Ferris. Nova York: Anchor Books-Doubleday, 1991, n. 4, p. 407.

29 ALEXANDER, Charles C. *The Ku Klux Klan in the Southwest*. Louisville: University of Kentucky Press, 1965, pp. 1-19.

30 Viana Moog, na sua viagem aos Estados Unidos em 1946-1950, de que resultou seu livro *Bandeirantes e Pioneiros (Paralelo entre Duas Culturas)*, 1954 – aqui ref. no v. VIII das suas *Obras*, Rio de Janeiro: Editora Delta, 1966, v. I, pp. 23-25 – ainda sentiu repercussões de *Teutonic Unity*. Na mesma linha, Earnest Sevier Cox escreveu *White America*, tipicamente sem ref. à edit., mas publicado de novo sintomaticamente na ex-capital da Confederação Sulista, Richmond, 1923.

31 ALEXANDER, Charles C. *Crusade for Conformity: The Ku Klux Klan in Texas (1920-1930)*, Houston: Texas Gulf Coast Historical Association, agosto, v. VI, n. 1, pp. 3, 10, 13, 31 e 79, 1962.

32 *Lamp of Wisdom, or Race History Illuminated (A Compendium of Race History comprising Facts gleaned from Every Field for Millions of Readers)*; Nashville: J. T. Haley & Co., Publishers, 1898, pp. 101, 99 e 65.

33 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 38.

34 *Idem*, p. 32.

35 *Oral Memoirs*, ob. cit., p. 13.

36 Carta a Sudie Adams, 22 de março de 1985, no arquivo da Biblioteca Armstrong Browning da Universidade de Baylor, Waco, Texas.

37 Carta a Charles M. Tolbert, 30 de maio de 1985, tb. na Biblioteca Armstrong Browning. O *Citizen Newspapers* de Waco

noticiou a homenagem a Gilberto Freyre, "internationally renowned sociologist and writer", no seu número de 16 de maio de 1965, sob o título "Baylor University Commencement to Include Awards".

A Vocação de Escritor

Gilberto Freyre tornou-se realmente escritor em Baylor, na Universidade de Baylor nos Estados Unidos. Claro que sua vocação despontara desde antes, mas ela se confirma e desabrocha pelas mãos de A. J. Armstrong, ali seu primeiro grande professor.

Seria Waco, berço de Baylor, algo como Boston com outra Harvard nas imediações?

Longe disso.

Waco – cujo nome vem de um aldeamento de índios hueco, daí a pronúncia de Waco em inglês – é uma média cidade da pradaria texana entre os rios Brazos e Bravo, antigos nomes hispânicos que dizem muito. A República do Texas declarou em 1835 sua independência do México, conquistada em lutas sangrentas. Dez anos depois se incorpora aos Estados Unidos. A ferrovia chega a Waco em 1881. Sem quebrar, apenas estremeçando o Cinturão Bíblico fundamentalista, *Bible Belt*, espécie de cinto de castidade moral e intelectual tentando preservar a pureza dos costumes e o literalismo evangélico da religião e da região.

O austero juiz e pastor batista Robert E. B. Baylor, que percorria o Texas a cavalo levando exemplares da Constituição e da Bíblia, é o principal fundador da universidade com seu nome, 1845, instalada no ano seguinte em Independence no Texas. Ela se funde com a Universidade de Waco nesta cidade em 1886.

Seu inicial grande impulsionador será Samuel Palmer Brooks, reitor ao longo de vinte e nove anos, de 1902 a 1931. Nicholas Murray Butler demoraria ainda mais no reitorado da Universidade de Columbia, Nova York, de 1901 a 1945, nada menos de quarenta e quatro anos. Em ambas universidades privadas eles foram dois dos maiores revolucionadores da educação e pesquisa superiores daquele país. Gilberto Freyre teve a sorte de viver Baylor e Columbia no tempo deles.

Tendo chegado em Waco no outono de 1918, no ano seguinte podia concluir: “terrivelmente provinciana”, mas em Baylor “não lhe faltam uns toques cosmopolitas”. É que Gilberto começava a perceber a força intelectual de Armstrong, professor de literatura inglesa, um dos maiores especialistas em Robert Browning. Mas ficara-lhe o impacto de Nova York, daquelas primeiras semanas do jovem brasileiro pela primeira vez no estrangeiro e logo onde, já naquele tempo numa das metrópoles do mundo, não só dos Estados Unidos: “É de Nova York que eu preciso: Nova York e depois a Europa. Por conseguinte, da Universidade de Columbia e não da de Yale, para onde o Brooks aconselha que eu vá daqui(...) gostaria de passar também um ano em Stanford. É pena que o Branner já não seja seu reitor”.¹ Mas o acervo de John Casper Branner, pesquisador sobre o Brasil, terminaria muito depois atraindo Gilberto Freyre a seu primeiro magistério no estrangeiro.

Ulysses, o irmão fiel, confirmava do Recife a Gilberto em carta de 18 de abril de 1920: “Escrevi também há uns dois dias passados ao bom Armstrong e Mrs. Armstrong. Apesar disto dê-lhes muitas lembranças e abraços”. “Recomenda-me especialmente(...) ao Brooks”, o próprio reitor. E “Repito aqui o que acho que já te pedi, isto é, tira muitas fotografias e manda-me. Sempre será um consolo”. “Especialmente agora que ainda sinto fortes saudades da boa *college life*...”² Também Gilberto Freyre guardaria intensas e profundas recordações da vida de *campus* dos Estados Unidos e a ela voltava a referir-se na conversa íntima. Daí ter retornado tantas vezes para conferências em universidades norte-americanas, não só europeias.

Ulysses Freyre ia ao ponto de querer que Gilberto não desgrudasse de Armstrong, tão fortes sabia serem sua erudição e o seu caráter: “Consta-me que os Armstrong vão à Europa este verão. Indago quanto custará esta viagem. Informa-te com segurança e se não for muito poderia te ajudar”.³

Não que Armstrong fosse um tipo de fácil convivência, “ao contrário, é vulcânico”. Gostava de frases “brutais”, mas “talvez seja o único que me compreende nesta Baylor...”

Prossegue o perfil: “Curiosa figura, a de A. Joseph Armstrong. Tem de alguma coisa de jesuíta em suas relações com a literatura de língua inglesa (para a qual trabalha como se trabalhasse

para 'a glória de Deus')"...⁴ Não de estranhar que sua biografia viesse a intitular-se *No Céu pela Porta dos Fundos* (literalmente: *Through Heaven's Back Door*)... Nem que a Biblioteca Armstrong Browning, reunindo em Baylor os originais do grande poeta inglês adquiridos mundo afora pelo seu crítico norte-americano, tenha sido instalada num autêntico templo leigo, entre outras relíquias com uma sala de meditação, muitos cristais coloridos místicos, dignos da religiosidade cristã de Browning, muito diferente dos frenesis de Blake. Grandes retratos de Armstrong e esposa rodeiam o do poeta.⁵ O Texas tem dessas surpresas. Pode de repente irromper com tais sofisticções, impressentidas por autores de *best-sellers* como Edna Ferber, *O Gigante* (levado ao cinema sob o título *Assim Caminha a Humanidade*) e James Michener, *Texas...* O Texas é muito mais que *cow-boys* e petróleo.

Armstrong tinha origem aristocrática pelo lado paterno. Seu avô era um eminente jurista do Velho Sul, com tradicionais cavalos de corrida no Kentucky. Empobrecido pela derrota na Guerra Civil, foi tentar a aventura na corrida do ouro na Califórnia, investindo-o em especulações de terras no Texas. Mais os relacionamentos, que a fortuna, chegaram às mãos do neto A. Joseph Armstrong, ou simplesmente A. J. Armstrong conforme preferia assinar.

Nascido no Kentucky, berço ancestral da família, em Louisville, começou seus estudos na metodista Universidade Wesleyana em Illinois, depois nas de Chicago e Pensilvânia onde fez mestrado e doutoramento. Iniciou o magistério de 1909 a 1912 ainda no Kentucky, no Georgetown College recusado por Gilberto Freyre que preferiu estudar em Baylor, terminando por ali se encontrar com Armstrong.⁶

A. J. Armstrong tinha vasta formação humanística, não lhe faltando profundo conhecimento musical. Ele chegou a escrever sobre a ópera na Inglaterra de antes de Handel⁷ e publicou⁸ e comentou a correspondência de Robert Browning,⁹ seu poeta favorito, no qual se tornaria especialista de fama mundial. Daí Gilberto dizer que a "verdadeira pátria" de Armstrong "não me parece que seja U.S.A. mas a Literatura: a Literatura em Língua Inglesa, no centro, e as outras literaturas européias em redor, formando uma espécie de novo império romano de que Roma fosse Londres e o maior dos césares, não Shakespeare, porém o poeta-filósofo Robert

Browning".¹⁰ Armstrong por isso mesmo um mestre também em Literatura Comparada, ministrando no verão de 1919 curso sobre Dante, ao qual Gilberto Freyre assistiu,¹¹ na rota italiana tão igualmente típica de poetas ingleses de Dante Gabriel Rossetti a Keats, Shelley e Byron, vindo até Yeats, séculos a fio.

Ao longo de vários cursos Armstrong iniciava os alunos, Gilberto entre eles, em Milton, Dryden, Thomas Browne, De Quincey, Steele, Addison, Samuel Johnson (Gilberto referia-se constantemente à sua biografia por Boswell, não à de Goethe por Eckermann, o que dá uma idéia da constância da sua preparação e preferência), Hazlitt, Defoe (ensafsta), Walter Savage, Landor, Thomas Huxley, Thackeray (ensafsta), Pater, Arnold e, mais sistematicamente, Swift, Lamb, Carlyle, Ruskin e Macaulay, sem esquecer, é claro, o batista John Bunyan, "passando pelo imenso Shakespeare".

Daf o Professor Armstrong não achar a menor graça quando o estudante Gilberto lhe revelou a piada de Eça de Queirós contra Browning, "um deus de guarda-chuva", glorificado em vida pelos ingleses vitorianos. Era a quase indiferença de Armstrong pelo português, exceto Camões até certo ponto, apesar da admiração da Senhora Browning pela cultura lusitana, a ponto de intitular *Sonnets from the Portuguese* seus próprios poemas. A. J. Armstrong queria mesmo é que Gilberto Freyre passasse a escrever em inglês, naturalizasse-se nos Estados Unidos e fosse para a Universidade de Oxford como bolsista Rhodes,¹² a maior honraria para um aluno no mundo da língua inglesa, receber uma das bolsas de estudo criadas pelo grande desbravador colonial da África britânica, Cecil Rhodes, criador da Rodésia, depois subdividida em Zâmbia e Zimbabue independentes.

Foi Armstrong a mão firme que principiou a guiar Gilberto Freyre pelos caminhos da literatura inglesa, por extensão os da Literatura em si, começando assim a disciplinar o talento gilbertiano sem cerceá-lo, aceitando sua criatividade, embora lhe ensinando método também literário.

Os dois não perderiam contato.

De bordo do transatlântico canadense "Metagama" a caminho da Europa, 9 de setembro de 1920, Armstrong lembra-se de escrever carta a Gilberto, diz-lhe ter se lembrado dele "mil vezes", a

thousand times, dá-lhe notícias da Sr^a Armstrong e do que vinha lendo da visita dos Reis dos Belgas então no Brasil. Em 11 de maio de 1922 adverte prudência ao pupilo, concluindo sua tese na Universidade de Columbia, ao preveni-lo dos perigos de expor-se às represálias brasileiras pelas iconoclastias a caminho de transformarem-se de dissertação de mestrado em *Casa-Grande & Senzala*, e conclui com um convite para Gilberto espairar em Paris na companhia do casal Armstrong, nenhum outro jovem mais querido pela família que ele: *I do not believe I know a single lad whom I had rather have with me than you.*¹³

Lembrança sempre viva, Armstrong não se surpreende com os silêncios gilbertianos, compreende as “muitas mudanças vitais” pelas quais Gilberto estava passando de volta ao Brasil e no trânsito da adolescência à juventude. Prevê que, após “os próximos três ou quatro anos de estudos e malentendidos, tudo iria bem”. Dá-lhe notícias de Baylor (a biblioteca tinha sido incendiada e reconstruída, começava a construção do memorial Browning depois também Armstrong) e conclui pedindo-lhe que o ajudasse encontrar tradutores de Robert Browning ao português e espanhol, no seu sonho de levar o poeta a todas as línguas.¹⁴ Naquele mundo editorial limitado, o Brasil da década de 1920, Gilberto responde propondo-lhe dirigir-se à Academia Brasileira de Letras, à Academia de Ciências de Lisboa, à Academia Pernambucana de Letras (à qual tanto se regozijara de entrar, sócio correspondente aos dezoito anos),¹⁵ a França Pereira, acadêmico pernambucano responsável por aquela precoce honraria, a Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, professor do Ginásio Pernambucano depois Colégio Estadual, a Afrânio Peixoto, aos professores de inglês do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro e Ginásio de Campinas, São Paulo, e às Universidades de Coimbra e Lisboa.¹⁶

Mesmo em meio às repercussões da Semana Regionalista nordestina de 1924, contrapeso à paulista modernista de 1922, Gilberto Freyre lembra-se de registrar, com especial simpatia, a publicação da correspondência Browning-Bladgen pelo “infatigável” Armstrong, “um sacerdote” do internacional “culto dos Browning”.¹⁷

Após outro longo silêncio gilbertiano – fase da Semana Regionalista de 1924, pioneiro magistério de Sociologia na Escola

Normal de Pernambuco e engajamento político na última fase da “República Velha” como assessor pessoal do Governador Estácio Coimbra, amigo de família – é ao bom Armstrong que Gilberto Freyre escreve duas cartas do exílio lisboeta, a caminho do oportuno convite da Universidade de Stanford para ali lecionar, passando antes pela de Columbia, sua outra *Alma Mater*, ao lado de Baylor, em 3 e 18 de março de 1931. E, ao chegar em Stanford, de novo dá suas notícias a Armstrong. Afinal ele lhe escrevera, na carta de 24 de dezembro de 1924, que tudo que ele, A. J. Armstrong, podia testemunhar sobre a inteligência e carisma superiores de Gilberto Freyre “é provavelmente mais do que posso dizer sobre qualquer outro único rapaz a quem ensinei”.¹⁸ Grande Armstrong, mestre até o fim, sempre acompanhando e incentivando as carreiras dos discípulos amados.

Do meio de outro silêncio, Gilberto lembrava-se, como sempre, também do velho e querido mestre. De bordo do paquete italiano “Urania”, no mar entre Rio de Janeiro e o Recife, 15 de julho de 1934, pergunta-lhe se recebera *Casa-Grande & Senzala* com seu complemento, certamente em inglês para quem não lia o português, e indaga pelas “peregrinações” browningueanas do amigo distante, e pelas ampliações da sua Coleção Browning. Preocupado com o silêncio, desta vez de Armstrong, Gilberto insiste em carta de 28 de novembro do mesmo ano, indagando pela recepção do livro e dando notícias da boa acolhida pelos críticos João Ribeiro, Roquette Pinto e Agripino Grieco. Também comunica ter recebido convites para lecionar na Universidade da Califórnia e conferenciar na Carnegie Foundation de Nova York, Instituto de Educação Internacional.¹⁹ Não os aceitará, preferirá seu caminho brasileiro, mas, em breve, o golpe militar – mais um da nossa triste história política, implantando o Estavo Novo de Getúlio Vargas e perseguindo-o tanto em Pernambuco a ponto de ter de ir para o estrangeiro, porém a países sul-americanos vizinhos – deve tê-lo deixado muito arrependido.

Termina aceitando convite da Universidade de Indiana. De Bloomington, 4 de setembro de 1944, avisa ter recebido carta de Armstrong, regozija-se com suas notícias da construção do Memorial de Browning, anuncia o encaminhamento da tradução em inglês de *Casa-Grande & Senzala* pelo editor nova-iorquino Alfred

A. Knopf. Às vésperas do retorno a Pernambuco, 4 de dezembro de 1944, é ainda a Armstrong de quem se despede, após tê-lo revisito no Wabash College. Aproveita para dar notícia das suas aulas-conferências em Indiana sobre História Social sob o título *Brazil: An Interpretation*, esta a origem do livro, só depois em português *Interpretação do Brasil*.

Em 29 de abril, ainda daquele ano, Armstrong tinha escrito indagando inclusive a propósito do encarceramento de Gilberto pelo Estado Novo em Pernambuco, lamentando o silêncio gilbertiano mesmo em tais circunstâncias dramáticas. De Pernambuco não vinham mais tantos alunos e os de outrora quase não davam **mais** notícias. O velho anglo-americano não podia aceitar o relaxamento epistolar brasileiro latino-americano... Com suave ironia, em 17 de fevereiro de 1947, Armstrong regozija-se com Gilberto Freyre constituinte de **mais** uma Constituição brasileira, após outra das várias redemocratizações nossas, e diz ter até ouvido falar que Gilberto ia ser presidente da República: “ainda bem que não era demasiado tarde...” Em carta de 26 do mesmo mês, apressa-se em explicar, uma semana após, que se Gilberto não fosse logo presidente, seria depois... Enquanto isso, a Universidade de Baylor estava recebendo visita oficial do presidente, mas dos Estados Unidos, e com isso se sentiam “um pouquinho emocionados”, *a little bit thrilling...*²⁰

Em meio a todos os percalços da vida, Gilberto Freyre nunca esqueceu o velho e bom mestre A. J. Armstrong. Na entrevista de História Oral de 16 de maio de 1985 – Gilberto já ancião, tinha a idade do século – às vésperas de morrer respondia à pergunta do entrevistador, Thomas L. Charlton, sobre se reconhecia ter Armstrong o influenciado mais que a muitos outros alunos, que sim, que “era um homem de grande personalidade, de uma erudição dinâmica, um especialista(...) criativo”, com “uma especial compreensão dos adolescentes”, que o recomendara “não se tornar um estreito especialista(...) seu mais importante conselho a mim”.²¹ Ademais, tinha sido Armstrong quem também lhe revelara a Nova Poesia, *New Poetry*, e o Novo Criticismo, *New Criticism*, depois tão em voga dentro e fora dos Estados Unidos, ao apresentar-lhe os livros e a pessoa da imagista Amy Lowell e o épico popular Vachel Lindsay, além de W. B. Yeats e Rabindranath Tagore, um Prêmio No-

bel já laureado em 1913, o outro em breve em 1925, todos em visita a Baylor no seu jubileu de 1920.²²

Os críticos que então mais o influenciaram foram J. E. Spingarn, Joel Elias Spingarn, e Van Wick Brooks, mencionados com frequência em *Tempo Morto e Outros Tempos*, críticos com grande repercussão naquela década.

Spingarn teve sua voga nas fontes do *New Criticism*, que daí em diante o esqueceu ou subestimou, lá pelos fins da década de 1910 e começos de 1920, quando repercutia seu livro básico *Creative Criticism (Essays on the Unity of Genius and Taste)*, 1917, unidade de erudição, gosto e talento tão do agrado de Gilberto Freyre.

Spingarn, numa conferência sob o título “The New Criticism” na Universidade de Columbia já em 1910, mostrava a constância dos “conflitos de criticismo” entre cientificismos e impressionismos, por exemplo, tanto contra Taine quanto contra a Sainte-Beuve, dois casos paradigmáticos, acrescentando: “Não, não se trata de batalha nova; é o perpétuo conflito do criticismo”.

Solução: unir erudição a bom-gosto, “ambos são vitais”, pois “o criticismo dogmático não chega mais perto da obra de arte testando-a por regras e padrões”. Donde a necessidade do especialismo criativo, “*creative connoisseurship*”, ele conclui em carta a um artista em 1913, antes publicada no *New York Evening Post*. *Creative Criticism* é sintomaticamente dedicado a Croce.²³

Gilberto Freyre refere-se, também na época, década de 1920, à crítica literária de Brooks, Van Wyck Brooks,²⁴ capaz de compor um tríptico com figuras analisadas tão díspares quanto Mark Twain, Henry James e Ralph Waldo Emerson – o aventureiro interiorano, o aristocrata cosmopolita e o teólogo agnóstico – em *O Ordália de Mark Twain, A Peregrinação de Henry James e A Vida de Emerson*. Tríptico acrescido de mais outras contradições, as dos polêmicos conceitos de Brooks sobre “fronteira”, “mundo” e “cosmovisão”, insólitos para os Estados Unidos pacatos intelectualmente, até um tanto provincianos.²⁵

O mais fecundo na formação literária gilbertiana em Baylor viria a ser a descoberta do movimento imagista na *New Poetry*, a Nova Poesia.

Ezra Pound, sempre protético, reivindicava a paternidade do

termo e da definição de imagismo, por ele em 1912 no livro *Rispostes*, repetidos em *Poetry*, 1913, associado aos então jovens poetas H. D. (Hilda Doolittle), Richard Aldington e F. S. Flint, antecipados por Ford Madox Ford. Pound distinguia o impacto da música na poesia, característico dos simbolistas, e o impacto da escultura e pintura, típico dos imagistas. Até que o grupo de Amy Lowell se apropriou da palavra e Pound mudou-se para o vorticism.

O imagismo encontrava terreno fértil no espírito de Gilberto Freyre, inclinado ao desenho e à pintura, nos quais se iniciou antes mesmo das primeiras letras pelas mãos do grande paisagista pernambucano Telles Júnior, com seus temas ligados principalmente a mares e rios tocados por ventanias nas árvores e coqueiros. Entre os influenciados por Gilberto destacam-se pintores, não só ensaístas e ficcionistas: Vicente do Rego Monteiro, predecessor em Paris e no Recife do modernismo paulista de 1922; Lula Cardoso Ayres, discípulo de Portinari; Cícero Dias, outro dos recifenses de Paris, lá para sempre; e Francisco Brennand de todo fiel a Pernambuco.²⁶ Traços e luzes dos trópicos mesmo na Europa. *Casa-Grande & Senzala* está cheia de imagens visuais e sensuais.

Foi Amy Lowell quem primeiro lhe espertou para o toque imagista e em Baylor.

Nascida numa das mais ilustres dinastias do Massachussetts, Amy podia dar-se a extravagância tais como fumar charutos, quando era um escândalo mulheres fumarem cigarros em público (Gilberto Freyre, ao vistá-la posteriormente em Boston, foi logo por ela iniciado no hábito do charuto, ao qual conservaria por toda a vida)... Falecida pouco depois, ela nunca visitaria o Brasil, mas um colateral seu, o também poeta Robert Lowell, aqui esteve em meços da década de 1960. Eu próprio o conheci na casa de Gilberto Freyre e na companhia dos jovens críticos se iniciando na Literatura, Luiz Costa Lima e João Alexandre Barbosa. No Rio de Janeiro a esposa dele, Robert Lowell, Elizabeth Hardwick, sempre com Vicente Barreto e Nélide Piñon da revista *Cadernos Brasileiros* dirigida por Afrânio Coutinho. Lowells do grande patriciado da Nova Inglaterra.²⁷

Amy Lowell viera a Waco para as festas do jubileu da Universidade de Baylor, organizadas pelo prestígio de A. J. Arms-

trong, que também trouxe W. B. Yeats e Rabindranath Tagore, um já Prêmio Nobel, o outro a caminho; além dos poetas bem norte-americanos populares Edwin Markham e Vachel Lindsay, principalmente Lindsay. Inclusive seu futuro biógrafo Edgar Lee Masters.

A poesia de Amy Lowell seguia aquela linha imagista, quase onomatopáica, como se vê no seu poema de Primeira Guerra Mundial, "O Bombardeio", ainda mais na letra que propõe para o quarteto de cordas "Grotesque" de Stravinsky, indo ao ponto de entremear tudo com o latim do *De Profundis*, oração católica pelos mortos: "*Dies illa, dies irae, / calamitatis et miseriaes, / dies magna et amara valde...*"²⁸ Ezra Pound colocará até ideogramas chineses nos *Cantos*, mais que extremos imagistas, já o vorticismo...

Amy Lowell deslumbra-se com um artigo do jovem Gilberto Freyre, pouco antes aparecido num jornal de Waco;²⁹ Gilberto ouve-a e aplaude-a em Baylor, Armstrong faz as apresentações. Já em Nova York, na Universidade de Columbia, ele lhe escreve em 1º de dezembro de 1921 e em 16 de maio propõe-se a ir a Boston: "Pouco me interessa conhecer Harvard". "Mas o que há de poético nesse meu desejo se funda na esperança de vê-la (mais do que Boston)".³⁰ E lembre-se que um irmão de Amy Lowell era, então, nada menos que reitor de Harvard... Imagismo menos de Amy Lowell que dos companheiros de Escola, também influenciando Manuel Bandeira por intermédio de Gilberto Freyre.³¹

Na correspondência ativa e passiva gilbertiana na Fundação Gilberto Freyre, em plena casa-grande de Apipucos, há, entre muitas outras de tantos, uma carta de Amy Lowell datada de 24 de junho, 1920, logo após sua visita-conferência a Waco-Baylor, na qual descreve seu regozijo pelo texto, paper, escrito por Gilberto e a ela enviado; reconhece a pertinência das observações sobre a "melodia" e "qualidades pictóricas" da poesia dela: "pouca gente tem ouvidos delicados bastante para ouvir tão bem quanto você o fez". Noutra, 18 de outubro do mesmo ano, aprova a idéia gilbertiana de continuar os estudos em Columbia, onde ela em breve veio a pronunciar conferência. Uma amizade em surdina, ritmo de sonata. A sensibilidade gilbertiana por metáforas tornadas visíveis pelo seu estilo literário, e pelo seu gosto desde cedo e até à velhice pelo desenho e a pintura, tudo isso recebeu outro impulso na ami-

zade-admiração por Amy Lowell e seu independente imagismo.

O outro poeta também um tanto imagista, embora popular, anti-elitista, é Vachel Lindsay, visualizador da arte pela mímica e até por desenhos, o próprio Gilberto surpreendeu-o desenhando, quando com ele teve uma entrevista em Nova York, e desenhando mulheres nuas, de cabelos soltos, “assunto para um psicanalista”.

Lindsay abalava multidões com sua declamação cantada, “com uns toques de dramático, sacro, religioso, evangélico”. Seu poema revolucionário abolicionista, “O General Booth entra no Céu”, levava ao delírio principalmente os negros, como se viu no Paul Quinn College a eles reservado em Waco, a mais antiga instituição do gênero no Texas, fundado já em 1872. Tudo tão diferente das declamações então ainda em moda no Brasil de princípios do século XX: “bacharéis de fraque recitando versos ao som da Dalila tocada ao piano por mãos de sinhás ilustres. Espetáculo aos meus olhos meio ridículo – o artificial da entonação do declamador é qualquer coisa de grotesco. Ridículo, portanto, aos meus olhos – os bacharéis quase sempre nas pontas dos pés – e ridículo para meus ouvidos”. Um dos centros de tais shows passadistas: a casa de um professor da tradicional Faculdade de Direito do Recife – tão antiga quanto a de São Paulo, ambas de 1827, onde também não faltavam –, o Professor Virgínio Carneiro Leão, de outra estirpe clássica entre as famílias pernambucanas, tio de Gilberto Freyre.³²

Vachel Lindsay nascera em Springfield, capital do estado de Illinois, cidade onde Abraham Lincoln iniciou carreira de advogado, perto de New Salem, cenário da sua infância.

A inicial pretensão de Lindsay era ganhar a vida como ilustrador. Fracassou.³³ Jornais e revistas dos Estados Unidos começavam a reproduzir versos livres europeus, Ezra Pound e Amy Lowell iriam radicalizá-los no imagismo, mas Vachel Lindsay não estava interessado em teorias. Sua paixão: os heróis nacionais populares norte-americanos. Tinha de deslumbrar-se com Walt Whitman,³⁴ poeta das massas oprimidas, o parente mais próximo de Castro Alves em língua inglesa. Gilberto Freyre deve tê-lo descoberto pelas mãos de Lindsay, rumo ao seu ensaio-conferência *O Camarada Whitman* embalado pelos ecos da redemocratização brasileira de 1945, após a queda da ditadura do Estado Novo de Ge-

túlio Vargas, contra a qual Gilberto também tanto se bateu, uma das cíclicas aberturas políticas brasileiras.

“O General Booth entra no Céu” abalou os Estados Unidos. Até o sisudo e veterano William Dean Howell, um dos editores da prestigiosa *Harper’s Magazine*, saiu do seu canto ilustre de mandarim da Nova Inglaterra para saudá-lo com entusiasmo.

E Vachel Lindsay, pequeno, magro, cabelos castanhos, olhos azuis amarelados, declamava como um pierrô, melancólico ardente, com gestos longos e largos, crispados. Era um sucesso total no palco, vendia livros uma edição após outra. Envaideceu-se. Enloqueceu. Suicidou-se em Springfield, onde nascera. Morreu hospedado num hotel de nome Abraham Lincoln, seu maior ídolo libertário.³⁵ Gilberto Freyre registra, em “Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade” (*Tempo Morto e Outros Tempos*), que nunca o viu sorrir, apesar de toda sua vibração.³⁶

A onomatopéia popular, sem sofisticções imagistas, é o contraponto da dramaticidade de Lindsay, sensível só no original inglês:

Beware, beware, walk with care,
Boomlay, boomlay, boomlay, boom.³⁷

É bem verdade que outros já tinham usado a onomatopéia – Shakespeare com “Hark, hark, the lark ate heaven’s gate sings” – mas é Vachel Lindsay quem a leva ao paroxismo e a um frenesi também político de poesia engajada, embora socialmente, não partidariamente.

No Brasil da década de 1920 será o poeta regionalista nordestino Ascenso Ferreira quem fará algo idêntico, porém com nostalgia, sem mensagem radical. Tornaram-se clássicos no gênero os versos de “Sertão”:

Sertão! – Jatobá!
Sertão! – Cabrobó!

– Cabrobó!
– Ouricuri!
– Exu!
– Exu!

Lá vem o vaqueiro, pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais...

Blém.. blém... blém... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.³⁸

Para quem não conhece os nomes daquelas cidades sertanejas pernambucanas, “Cabrobó”, “Ouricuri” e “Exu” chegam a parecer palavras dialetais. E em “Trem de Alagoas” Ascenso imita onomatopaicamente o resfolegar, cada vez mais rápido, das velhas locomotivas rumo a uma cidade do canavial:

— Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
com vontade de chegar...

Mas, ao fim, em vez do grito revolucionário social de Vachel Lindsay, um grito telúrico romântico:

Mangueiras, coqueiros,
cajueiros em flor,
cajueiros com frutos
já bons de chupar...

— Adeus, morena de cabelo cacheado!”³⁹

Não se trata de mero folclorismo pitoresco nordestino. Ascenso Ferreira deslumbrou Sérgio Milliet e Mário de Andrade com *Catimbó*, aparecido em 1927, mas com poemas publicados em Pernambuco desde o ano mesmo da *Semana de Arte Moderna* de 1922 de São Paulo. Milliet, com todo seu cosmopolitismo, ao andar com Ascenso Ferreira pelas ladeiras coloniais e barrocas de Olinda, declarou-o “rei dos mestres”, “que aprendeu sem se ensinar”, “a própria voz do Nordeste”. “Assim na Idade Média não se ia indagar da autoria dos ornatos da catedral, que eram de cada um mas também eram de todos”. E vai ao essencial neste ponto de Sociologia da Literatura: “Na renovação poética do Brasil, já o observou

Manuel Bandeira, o grupo do Recife escapou à influência imediata e imperialista dos modelos europeus. Da revolução que se iniciou em São Paulo só lhe interessou a liberdade conquistada”.⁴⁰ Gilberto Freyre poderia discordar aqui apenas de “grupo”, para ele Movimento do Nordeste, expressão do regionalismo nordestino do Manifesto de 1924, que ele sempre quis diferente do modernismo paulista de 1922. Manifesto com seus antecedentes, dos quais também Ascenso Ferreira faz parte.

O próprio Mário de Andrade rendeu-se a Ascenso, reconhecendo, em 1927, que “no Brasil fazia tempo que a poética modernista andava sem novidade. Depois da primeira arrancada, cheia de tartuveis e enganos, umas tantas personalidades se fixaram em caracteres bem firmes e os outros foram se eliminando por si mesmos”. “Depois que as personalidades dos iniciadores se fixaram, só mesmo Ascenso Ferreira com este *Catimbó* trouxe pro modernismo uma originalidade real, um ritmo verdadeiramente novo. Esse é o mérito principal dele e a meu ver um mérito inestimável”. “Ora, Ascenso Ferreira, em *Catimbó*, eleva ao máximo possível a tendência rapsódica da poesia brasileira. O ‘Maracatu’ chega a ser inteiramente cantado”. “Outro compromisso perigoso que Ascenso Ferreira desenvolveu ao paroxismo é o compromisso entre verso metrificado e verso livre”. “Na notação popular, fortemente ritmada, Ascenso Ferreira é inexcusável”.⁴¹ Mais que isso, o irmão em nordestinidade, Câmara Cascudo, acrescenta: nisto foi o primeiro em toda literatura brasileira.⁴²

Há influências, pelo menos indiretas, de Vachel Lindsay em Ascenso Ferreira?

A resposta é sim, ouvi-a do próprio Gilberto Freyre, que me disse, mais de uma vez, não sabendo Ascenso ler inglês, ele, Gilberto, muito lhe incentivou na direção daquelas linhas. Das muitas influências didáticas gilbertianas, à maneira do que fez com Thomas Hardy para José Lins do Rego: abertura do nordestino canavieiro para um inglês com idênticas, embora não necessariamente as mesmas preocupações de decadência social e crises psicológicas. Mais um tema a ser desenvolvido em capítulo sobre o regionalismo.

Outro grande impacto literário em Baylor, pelas mãos de A. J. Armstrong, foi W. B. Yeats para Gilberto Freyre, que dele guar-

dou a imagem “de uma bela figura de homem em quem a idade em vez de destruir a firmeza dos traços do rosto fino, delicado, porém viril, vem acentuando uma como permanente juventude. Sua voz também é jovem. Não se artificializa em sonoridades retóricas mas tem a sua música inconfundível expressão. Mãos também jovens, as suas. Jovens e expressivas. Só o *pince-nez* me parece absurdo em Yeats”.⁴³

“Conversamos(...). Quer saber se há sobrevivências celtas no Brasil(...). Interessa-se pelo que supõe haver de poético no folclore religioso da América Latina. Recorda a presença celta entre os iberos. Ocorre que Yeats é ele próprio uma rara combinação de celta e de anglo”.⁴⁴ Irlandês e inglês. Um místico, Gilberto recordará mais de sessenta anos após.⁴⁵

Yeats irá ao extremo mitofânico de tentar, intermitentemente durante oito anos, de 1917 a 1925, o que chamava de “escrita automática”, definível por espíritas kardecianos como uma espécie de psicografia: redigia sentenças desconexas, numa caligrafia quase ilegível, enfim retrabalhadas literariamente e publicadas sob o título de prosa-verso *Visior*. Fase também de grande aproximação com Ezra Pound, por ele visitado e convivido em Rapallo às margens do Mediterrâneo italiano.⁴⁶ Curioso assinalar a preocupação de Gilberto Freyre com o sobrenatural difuso, fora das ortodoxias eclesiais: ele não apenas escreveu *As Ombrações do Recife Velho*, nelas acreditava, mas não as temia nem invocava, eram a seu ver sombras amigas ou dignas de compaixão. Disto somos testemunhas, todos que convivíamos com ele.

Por tantos motivos, Gilberto Freyre sempre se lembrou de William Butler Yeats, um revelador de “sagas e até de superstições da gente do povo”; “de infância; de memória; de tradição; de tempo indiferenciado em seus aspectos de passado e futuro”.⁴⁷

Gilberto Freyre sempre se considerou mais um escritor que um cientista, a seu ver superioridade da arte sobre a ciência, daí tanta empatia sua por Amy Lowell, Vachel Lindsay e W. B. Yeats, principalmente pelo mestre A. J. Armstrong em Baylor (Edwin Markham e Rabindranath Tagore impressionaram-no muito menos entre os que conheceu pessoalmente em Waco).

Um crítico, sociólogo de formação social-democrática marxiana, embora não marxista-leninista, político militante e professor

da Universidade de São Paulo, Fernando Henrique Cardoso, pôde por isso muito bem concluir: "Gilberto Freyre estruturou e revelou alguns mitos básicos do Brasil. Perdurará, por isto mesmo, mais do que outras obras, mais científicas, mas menos relevantes. E sobre a discussão sobre se Freyre é mais um escritor do que um cientista: sua força está em que, sendo um verdadeiro criador, os resultados que alcança estão além do instrumental metodológico de que dispõe".⁴⁸ A fluidez estética de Gilberto Freyre, tão acusada por seus detratores, é que lhe dá força sobre a estática rigidez dos cientificistas e dos ideologismos dogmáticos. Fluidez a que não faltam densidade e rigor metodológicos.

O sociólogo, antropólogo e historiador social Gilberto Freyre será formado na Universidade de Columbia – pelas mãos principalmente de Franz Boas e William R. Shepherd e por Oliveira Lima, elo em Washington com Pernambuco e o Brasil – mas o escritor tem sua vocação confirmada e encaminhada antes na Universidade de Baylor, pelo velho e bom, não só erudito, A. Joseph Armstrong.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade. 1915-1930)* Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 30.

2 Carta na Fundação Gilberto Freyre em Apipucos, Pernambuco, Recife.

3 *Idem.*

4 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 31 e 36.

5 *The Armstrong Browning Library*, publicação sem data, editada em Waco, Texas, pela Universidade de Baylor.

6 DOUGLAS, Lois Smith. *Through Heaven's Back Door (A Biography of A. Joseph Armstrong)*. Waco: The Baylor University Press, 1951, pp. 11, 68-70 e 77.

7 *Operatic Performances in England before Handel*. Waco: The Baylor University Press, 1918.

8 ARMSTRONG, Joseph, org. *Letters of Robert Browning to Miss Isa Blagden*. Waco: The Baylor University Press, 1923.

9 ARMSTRONG, Joseph, org. *Intimate Glîmpses fr̄om Browning's Letter File*. Waco: The Baylor University Press, 1934.

10 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 36.

11 Idem, p. 37. Vide tb. *Baylor University Record Book*, matrícula 434.

12 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 27, 19, 31 e 37. Tb. no depoimento no programa de História Oral da Universidade de Baylor em entrevista de 16 de maio de 1985, a Thomas L. Charlton, *Oral Memoirs of Gilberto de Mello Freyre*, ob. cit., pp. 21 e 22.

13 Cartas em The Armstrong Browning Library, Universidade de Baylor, Waco, Texas.

14 Idem.

15 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit. p. 34.

16 Carta em The Armstrong Browning Library.

17 "Os Browning", *Retalhos de Jornais Velhos*. (2. ed. de *Artigos de Jornal*, 1934), Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964, pp. 37-39.

18 Idem.

19 Ibidem.

20 Ibidem.

21 *Oral Memoirs*, ob. cit., p. 10.

22 Idem, p. 19 e *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 38-41.

23 *Creative Criticism (Essays on the Unity of Genius and Taste)*. Nova York: Henry Holt and Co., 1917, pp. 10, 16, 17, 10, 9 e 8. As referências a Jules Lemaître, um crítico tido por impressionista, completa o quadro (pp. 5 e 21). A respeito de Spingarn, Gilberto Freyre conclui: "um crítico-filósofo que faz pensar, como bom discípulo de Croce" (*Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 79).

24 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 78, 81 e 99.

25 Vide Alfred Kazin, *On Native Grounds (An Interpretation of Modern American Prose Literature)*. Nova York: Harcourt, Brace and Co., 1942, pp. 281-290.

O chamado *New Criticism* é um movimento muito complexo. Quem mais o difundiu no Brasil, ao lado de outras tendências literárias, foi Afrânio Coutinho, também trazendo-as de longa perma-

nência nos Estados Unidos. Vide da sua autoria *Correntes Cruzadas (Questões de Literatura)* (1953), *Por uma Crítica Estética* (1954) e *Da Crítica e Nova Crítica* (1957), numa decidida campanha contra o diletantismo beletrista intitulado falsamente de crítica impressionista, até humanista.

26 Vide os ensaios gilbertianos “A propósito de Pintores e das suas Relações com a Luz regional”, “Um Pintor Brasileiro fixado em Paris”, “Lula Cardoso Ayres: Uma Interpretação Integrativa de Homens e Coisas Brasileiras” e “A propósito de Francisco Brennand e do seu Modo de Ser do Trópico” em *Vida, Forma e Cor*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962, pp. 214-244.

27 Vide HEYMANN, C. David. *American Aristocracy (The Lives and Times of James Russell, Amy and Roberto Lowell)*. Nova York: Dodd Mead & Co, 1962.

28 Vide *Some Imagist Poets (An Anthology)*. Boston-Nova York: Houghton Mifflin Co., 1915, pp. 89-92 e, na mesma editora e local, com o subtítulo *An Annual Anthology*, 1916, pp. 87-91. Sem autor declarado, há na edição de 1915 um prefácio apresentando uma espécie de programa imagista explicando suas opções preferenciais, mas não excludentes, pelo verso livre e a definição visualista pictórica do imagismo (pp. V-VIII).

29 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 41.

30 Edson Nery da Fonseca foi quem descobriu e traduziu estas cartas de Gilberto Freyre a Amy Lowell na Biblioteca Houghton da Universidade de Harvard (vide de Gilberto Freyre *Cartas do próprio Punho sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro*; seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello, prefácio de Josué Montello; Conselho Federal de Cultura – Ministério da Educação e Cultura, sem ref. a local, 1978, p. 79). Há um artigo de Gilberto sobre Yeats, com referências a Amy Lowell, e um sobre Vachel Lindsay em *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., pp. 79, 13 e 14.

31 Gilberto Freyre menciona carta de Manuel Bandeira a ele, Gilberto, em 1926, agradecendo-lhe a descoberta dos imagistas: “Tua antologia já está comigo. Vou ficar com ela alguns dias para travar relações com os irmãozinhos de língua inglesa”. E, quase dez anos após esta carta, divulgava, em artigo no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, os mandamentos imagistas, que só podem

tê-lo também influenciado: “empregar linguagem quotidiana, mas usar sempre o termo exato; criar novos ritmos como expressão de novos estados de espírito; absoluta liberdade na escolha do assunto; sintetizar o conceito numa imagem, sem se perder em generalidades vagas” (características já anunciada naquela antologia de 1915, referida na nota 28) (vide “Amy Lowell: uma Revolucionária de Boston”, In: *Vida, Forma e Cor*, ob. cit., pp. 10 e 11).

32 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 51-53 e 78.

33 Mark Harris em prefácio aos *Selected Poems of Vachel Lindsay*. 2. ed. Nova York-Londres: Macmillan/Collier-Macmillan, 1964, pp. XIV e XV.

34 MASTERS, Edgar Lee. *Vachel Lindsay (A Poet in America)*. Nova York-Londres: Charles Scribner's Sons, 1935, p. 288. Sobre o outro grande poeta, Lindsay escreveu o sintomático artigo “Walt Whitman”, publicado em *The New Republic*, Nova York, 5 de dezembro de 1923, expressando sua especial admiração.

35 Masters, ob. cit., pp. 360 e 361.

36 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 52.

37 “The Congo. A Study of the Negro race”, dedicado à memória de Ray Eldred, missionário protestante morto na África, Rio Congo, nos *Selected Poems*, ob. cit., p. 182.

38 *Catimbó in Poemas (1922-1953)*, sem ref. à editora, Recife, 1953, p. 21.

Sobre as relações também de Lindsay com o Folclore, vide CLEVELAND, William Henry. *American History and Folklore in Vachel Lindsay Poetry*. Austin, Texas: 1939. Tese (Mestrado) – Universidade do Texas, 1939.

39 *Cana Caiana in Poemas (1922-1953)*, ob. cit., p. 137.

Até o título das obras quase completas de Ascenso Ferreira, Henhenhém, 1951, é onomatopaico e faz-se acompanhar de álbum de discos dos poemas declamados-cantados pelo autor.

40 “Prefácio” à 2ª ed. de *Catimbó*, ob. cit., pp. 7-9.

41 “Catimbó” in idem, pp. 13-18.

42 Prefácio à 2ª ed. de *Cana Caiana* in ibidem, p. 65.

43 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 40.

44 Idem, pp. 40 e 41.

45 *Oral Memoirs*, ob. cit., p. 19.

46 “A Packet for Ezra Pound (Rapallo. Introduction to A Vi-

tion. To Ezra Pound)", *A Vision*, C Macmillan-Collier, 1966 (1ª ed. em 1937), pp. 3-30.

47 "Prefácio do Autor" a *Vida, Forma e Cor*, ob. cit., p. XVII.

48 "Gilberto Freyre, um Verdadeiro Criador", *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1987.

Cosmopolita em Columbia

Quando Gilberto Freyre pensava, consigo mesmo em Baylor-Waco, que devia ir para Columbia-Nova York,¹ não podia imaginar, pela sua pouca idade e experiência, estar rumando para um dos focos de uma verdadeira revolução, além de importante e tradicional centro cultural, a revolução universitária ainda se desenvolvendo nos Estados Unidos.² Germinando os frutos a multiplicarem-se pelas gerações seguintes.

Até fins do século XIX as universidades norte-americanas, vindo dos séculos anteriores (de Harvard, a mais antiga, de 1639, a Columbia, 1754, passando por Yale e Princeton), não passavam de *colleges* deixados pelos colonizadores ingleses no Novo Mundo. *Colleges* mesmo assim muito diferentes dos “colégios” latino-americanos, sedes de ensino secundário ou segundo grau, e sim centros superiores, mas de humanidades no sentido ainda renascentista clássico de línguas, Literatura e Filosofia. Até de Teologia à maneira das matrizes européias.³

A partir de meados do século XIX os Estados Unidos passaram a viver, porém, uma revolução educacional, começada de baixo para cima, como deve ser, desde as primeiras letras e democraticamente pelo apostolado intelectual-político de Horace Mann. Grande incentivador do ensino público obrigatório, laico e gratuito, no Massachusetts, onde criou o primeiro Conselho Estadual de Educação reunindo governo e representantes da sociedade civil, ao fim da vida senador federal e reitor de universidade.⁴

Já em 1852 Henry P. Tappan, reitor da Universidade de Michigan, conclamava o País a uma revolução universitária. Prematuro apelo, Tappan foi demitido e substituído por alguém mais dócil.

Necessárias duas décadas e meia, um quarto de século, para ressurgir cada vez mais forte a reivindicação. Em 1876 era fundada em Baltimore a Universidade Johns Hopkins, logo após a vitória

alemã na guerra contra a França, cujos ecos de renovação também chegariam ao Brasil pelas mãos da Escola do Recife de início por Tobias Barreto e Sílvio Romero. Estudantes norte-americanos começaram a afluir em grande quantidade às universidades alemãs, peregrinação intelectual atingindo o auge na década de 1880. Afluxo diminuindo às vésperas da Primeira Guerra Mundial, mas levando ainda Talcott Parsons à Universidade de Heidelberg na República de Weimar.

Johns Hopkins ia tornar-se o inicial centro da renovação, sob a direção do seu primeiro reitor, Daniel Colt Gilman, no começo tateando os novos rumos, procurando não entrar em conflito com a tradição religiosa, enfim achando seu caminho, inclusive o da conciliação do antigo espiritualismo puritano com o novo transcendentalismo filosófico de Kant e Hegel, em surpreendente fase de esplendor nas universidades norte-americanas, de que é Royce a maior expressão. Daí em diante retomando a tradição empírica mais inglesa, alimentada pela descoberta do ímpeto experimental do sistema universitário alemão de então, que buscava integrar pesquisa e teoria no quadro do humanismo de Wilhelm Humboldt, criador da Universidade de Berlim neste espírito.

A Universidade Johns Hopkins também foi a primeira a departamentalizar seu ensino e pesquisa em 1880, seguida por Harvard, Chicago e Columbia. Em seguida, Yale e Princeton, depois as demais, em meio aos percalços de algumas à maneira da Universidade Clark. Na virada do século XIX ao XX, poder-se-ia alinhar, como as melhores dos Estados Unidos, Harvard, Chicago, Columbia e Johns Hopkins. Por essa época estavam firmados os primeiros programas de pós-graduação, que viriam a tornar-se célebres como mestrados e doutoramentos, a partir do que Johns Hopkins fizera entre 1880 e 1890 pelo modelo alemão. Programas tão multiplicados e prestigiados que William James chegou a temê-los e a chamá-los de "pólvos", *Ph.D. Octopus...*⁵

As principais universidades dos Estados Unidos, também poucos antes, cerca de meio século, tinham começado a estender seu interesse científico ao Brasil, para ali enviando expedições científicas. A primeira partiu de Harvard, chefiada por Louis Agassiz de 1865 a 1866.

Jean-Louis-Rodolphe Agassiz era suíço. Estudou Medicina

em Zurique, Heidelberg e Munique, onde veio a conhecer Martius, que principiou a chamar sua atenção para o Brasil. Em Paris foi aluno de Cuvier.

Começou carreira de professor na Universidade de Neuchâtel, mas já em 1846 seguia para os Estados Unidos, passando a ensinar História Natural no Instituto Lowell de Boston. A partir de 1848 em Harvard, onde fundou o museu do gênero em 1859.

Em abril de 1865 partiu para o Brasil à frente de expedição financiada pelo grande empresário norte-americano Nathaniel Thayer. Dela fazia parte William James, então naturalista, só depois filósofo.

Saindo de Nova York, viu pela primeira vez o litoral da América do Sul em Olinda, ao largo, "linda pequena cidade(...) com seu convento na colina", e o Recife, por ele chamado de Pernambuco por antonomasia do porto, "cujas casas brancas vêm bem às margens da praia". Desembarcou a expedição no Rio de Janeiro, de lá continuando para uma incursão por Petrópolis e Juiz de Fora, de volta ao Rio e rumo, pelo mar, a Salvador, Recife, Ceará, Maranhão, Belém do Pará e Amazonas acima pelas desembocaduras do Xingu, Tapajós e Tocantins, por Manaus e Tefé até Tabatinga na fronteira com a Colômbia. Fez prolongado contato com os índios maués, tupinambaranas e mundurucus, do que deixou relatos de sabor etnográfico, bem como sobre outros tipos étnicos do Brasil.

De retorno ao Rio de Janeiro, sempre pelo litoral, deteve-se no Ceará indo às serras de Baturité, Pacatuba e Aratanha. Já no Rio aprofundou os conhecimentos da Serra dos Órgãos em Teresópolis.

Na antiga capital da Corte, fez visitas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Colégio Pedro II, sendo de imaginar que também ali William James esteve presente. Conjunto de experiências brasileiras, também culturais, que podem ter depois também influenciado algo da sua filosofia. O próprio Imperador Pedro II esteve em 1876 na Universidade de Harvard, ali ouvindo poemas de Longfellow e discutindo Filosofia com Emerson.

Curiosamente Agassiz, que viajou com a esposa, nunca menciona Harvard explicitamente e sim "a universidade de Cambridge", "*the university at Cambridge*", Massachusetts, para não con-

fundi-la com a inglesa. “As imensas coleções brasileiras”, então recolhidas, foram pela expedição doadas ao Museu de História Natural de Harvard.

O companheiro de expedição mais mencionado, ao longo do seu livro *A Journey in Brazil*, é Frederick C. Hartt.⁶

Hartt, também conhecido por Charles Frederick Hartt, era professor de Geologia e História Natural mas da Universidade de Cornell, tinha-se associado ao grupo de Harvard nesta empreitada. Em 1870 organizou uma expedição propriamente de Cornell ao Nordeste e Amazônia, dele conhecidos desde as incursões com Agassiz. Seu interesse pelo Brasil chegou ao ponto de obter de Cornell licença de cinco anos para tornar-se primeiro geólogo-chefe do Brasil. Foi ele quem principiou os estudos sistemáticos no ramo. Com tanta dedicação, expondo-se a tantos riscos, que morreu de febre amarela em 1878. Foi sucedido por outro mestre de Cornell, Orville A. Derby, também falecido no Brasil em 1915.

A fama da Universidade de Cornell correu tanto o Brasil que afluíram muitos estudantes, a ponto de publicarem um jornal em português de 1873 a 1875, intitulado *Aurora Brasileira*. A grande brasileira do Coronel Frank Hull, uma das maiores dos Estados Unidos, foi doada a Cornell em 1950.⁷

A terceira grande universidade norte-americana a enviar expedições científicas ao Brasil foi Stanford. Note-se que tanto Stanford quanto Cornell eram recém-criadas, não tinham os séculos de Harvard, e já começavam em parte direcionadas à América Latina, em especial ao Brasil.

A Expedição Stanford é de 1911, chefiada por John Casper Branner, daí em diante outro grande amigo norte-americano dos brasileiros.

Também cientista natural em Geologia, Botânica e Zoologia, como era possível na época, após abandonar estudos de Teologia Protestante, Branner veio a primeira vez ao Brasil com Hartt e Derby numa das Expedições Cornell, dedicando-se a pesquisas geológicas no Nordeste e arquipélago de Fernando de Noronha. Foi o primeiro a analisar detidamente os arrecifes nordestinos, que tinham atraído a atenção de Charles Darwin quando de sua passagem por Pernambuco em 1832 a bordo do *H. M. S. Beagle*.

Humanista de formação clássica, não só um técnico e cien-

tista, Branner escreveu uma gramática da língua portuguesa brasileira, inspirada na de João Ribeiro e após consultas ao filólogo Said Ali e ao historiador Capistrano de Abreu. Também traduziu ao inglês a *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal* de Alexandre Herculano e queria escrever uma História do Brasil.

Tendo obtido o Ph.D na Universidade de Indiana, Branner acompanhou seu reitor, David Starr Jordan, primeiro reitor de Stanford em 1891, como fundador e primeiro chefe do Departamento de Geologia. Doou à Universidade de Stanford sua imensa brasileira de livros raros e para lá atraiu Percy Alvin Martin como primeiro professor de História da América Latina.⁸

Mas a primeira universidade dos Estados Unidos a preparar longamente um projeto de Instituto de Estudos Latino-Americanos foi a do Texas, em Austin, seguida por outras.

O primeiro sinal do interesse acadêmico da Universidade do Texas pela América Latina ocorreu em 1897, com a tese de mestrado de Walther McCaleb, *The Spanish Missions of Texas*. Em 1900 o Professor George Garrison iniciou seminários sobre o México, em sua homenagem veio a chamar-se Garrison Hall o prédio do Departamento de História. Trabalho prosseguido e generalizado a toda a História Latino-Americana por Herbert E. Bolton a partir de 1902. Interesse estendido, pouco a pouco, aos departamentos de Ciência Política (ou de Governo como ali se diz), Geologia, Antropologia e Economia, além de cursos de Direito Internacional Público e Privado e Direito Constitucional Comparado. Uma cadeira propriamente de Estudos Latino-Americanos estabeleceu-se em 1910, sob a direção de William Manning.

Começara também a montagem e organização de grande biblioteca especializada em América Latina, iniciada pela aquisição de 25.000 títulos e 20.000 manuscritos do historiador mexicano Genaro García em 1921, sob a direção de Carlos Castañeda, o primeiro bibliotecário latino-americano, aumentada em 1932 por doações da Sociedade Hispânica da América e, daí em diante, por muitas outras, ao lado de aquisições numerosas.

Desde a década de 1920 a Universidade do Texas passou a conceder bolsas de estudo e pesquisa a latino-americanos no Texas e a norte-americanos na América Latina. A idéia inicial de um

Centro Panamericano, destinado a patrocinar conferências e a manter uma Casa Panamericana para estudantes e professores, locais e estrangeiros, latino-americanistas, evoluiu, entre as duas guerras mundiais em meio ao crescente interesse econômico e político dos Estados Unidos pela América Latina, rumo a um Instituto mais completo. O Instituto de Estudos Latino-Americanos foi instalado em 1940, após dois anos de amadurecimento.

O Secretário de Estado Cordell Hull do Presidente Franklin Delano Roosevelt, empenhado na chamada política de Boa Vizinhança para garantir a retaguarda e o fornecimento de mais matérias-primas para os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, enviara um discurso de saudação, por coincidência lido pelo então Deputado Lyndon B. Johnson, depois presidente da República e com seu memorial e arquivo no *campus* de Austin da Universidade do Texas.

Dentro dessa preparação global, realizaram-se em 1940 as primeiras conferências sobre cultura e Geografia do Brasil e transmissões de músicas brasileiras pelo rádio. O primeiro intelectual brasileiro, a vir convidado pelo Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade do Texas, será a poetisa Cecília Meireles ainda em 1940.⁹

Ela muito ajudou a instalação do programa de língua portuguesa e literatura luso-brasileira, viajando em companhia do seu marido Heitor Grillo, diretor da Escola Nacional de Agronomia do Rio de Janeiro. Cecília Meireles lecionou “Civilização Brasileira” e “Investigação sobre a Literatura Brasileira Moderna”. Também fez conferência sobre “A Cultura do Brasil”. Em Austin escreveu dois poemas irônicos a respeito da vida acadêmica universitária da época, um deles publicado em *Vaga Música* (1942):

Canção, pimenta, abacate,
flores, crepúsculo – tudo
é inútil, ó poema, acaba-te!
Esse mundo é surdo-mudo...¹⁰

Outras universidades dos Estados Unidos se seguiram nos estudos latino-americanistas e brasilianistas. A *Luso-Brazilian Review* da Universidade de Wisconsin data de 1964, a *Hispanic Ame-*

ican Historical Review vem de antes, 1918, duas significativas fases do crescimento do interesse dos norte-americanos pela América do Sul, após uma guerra mundial e no início de outra fase de presença maior dos Estados Unidos no Brasil.

Até aí o lado norte-americano, mas também houve brasileiros levando o conhecimento do Brasil diretamente às universidades dos Estados Unidos. Joaquim Nabuco, o primeiro dos grandes.

Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Nabuco pronunciou, nos últimos anos de vida, terminada em Washington, janeiro de 1910, as conferências “A Aproximação das Duas Américas”, na Universidade de Chicago; “Contribuição da América para a Civilização”, na Universidade de Wisconsin; “Camões, o Poeta Lírico”, no Vassar College; “Lugar de Camões na Literatura”, na Universidade de Yale; “Lusíadas, Épico do Amor”, na Universidade de Cornell. “Deixou quase pronta uma quarta conferência que prometera fazer em Harvard”, testemunha sua filha e biógrafa Carolina Nabuco. Joaquim Nabuco recebeu especial homenagem da Universidade de Columbia, que o fez doutor *honoris causa*.¹¹

Outro pernambucano, Oliveira Lima, veio a ser o seguinte brasileiro a divulgar intensamente o Brasil em universidades dos Estados Unidos, de cuja política externa era extremamente crítico, sobretudo contra a crescente dependência do Brasil. O que não o impediu de admirar a cultura e a civilização norte-americanas, a ponto de passar em Washington D.C. seus derradeiros anos de vida, ali ser sepultado no Cemitério Mount Olivet sob lápide de pedra vinda de Pernambuco com a solicitada inscrição “Aqui jaz um amigo dos livros”, e de doar sua grande biblioteca à Universidade Católica da América, fundada há pouco, em 1889, biblioteca que teve em Manoel Cardozo seu primeiro organizador.

Após a aposentadoria, Oliveira Lima veio em 1912 aos Estados Unidos para pronunciar seis conferências na Universidade de Stanford, a convite do Reitor John Casper Branner, publicadas no Brasil sob o título de livro *América Inglesa e América Latina*, traduzidas ao espanhol por Ángel César Rivas. Aproveitou para estender o périplo, fazendo outras na Universidade da Califórnia (Berkeley), Kansas (Lawrence), Chicago, Wisconsin (Madison), Michigan (Ann Arbor), Cornell, Johns Hopkins, Columbia, Yale, Harvard e Vassar College¹² Também conferenciou em Williams-

town, Universidade do Massachusetts e na Escola Superior de Economia e Governo em Brooklyn, *Brooklyn Graduate School of Economics and Government*.¹³

Oliveira Lima tinha especial amizade por Branner, privava da sua intimidade, era por ele considerado “um brasileiro de primeira ordem, homem profundamente versado na História Pátria; figura atraente, inspirando ao mesmo tempo a maior confiança no Brasil e no exterior, leal à sua nação e de comprovado patriotismo”.¹⁴ Tais declarações, provindo de alguém da estatura moral e intelectual de Branner, vale como uma das melhores refutações às acusações políticas de germanófilo contra Oliveira Lima na Primeira Guerra Mundial, e que lhe valeram o afastamento da carreira diplomática, quando ele queria apenas a neutralidade brasileira. No que não estava só, mas em companhia de Capistrano de Abreu, entre outros, quando da vitória do partido aliadófilo de Rui Barbosa.

De Branner, Oliveira Lima deixou também importante retrato: “um excelente homem, cheio de bonomia, além de um sábio”; “um grande geólogo e amigo do Brasil, cuja língua falava fluentemente”; “de um otimismo merecedor de canonização”,¹⁵ aqui termina reaparecendo a habitual ironia de Oliveira Lima...

Ele chegou a reger a cadeira de Direito Internacional da Universidade Católica da América,¹⁶ sua casa em Washington D.C. tornar-se-ia centro de encontro de brasileiros entre os quais muito freqüentemente Gilberto Freyre, que dele recebeu grande estímulo a ir estudar na Universidade de Columbia. Interrogado, respondeu: “Acho muito acertada a seleção que fez de História e Sociologia para especialização dos seus estudos em Columbia” (carta de 25 de dezembro de 1920), logo seguida por outra no mesmo sentido, relatando ter recebido notícias do Professor William R. Shepherd, “que tem, como era de esperar, muito boa impressão sua e diz-me que o ajudará em Columbia em tudo que lhe for possível”. Em mais uma, 20 do mesmo mês e ano, confessa-se surpreso com o número de estudantes latino-americanos então nos Estados Unidos: cerca de quatro mil.¹⁷

Do fiel Ulysses, irmão que ali o precedera em universidade, também recebera carta de aprovação a Columbia, em 25 de junho de 1920: “Acho muito boa a idéia. Conta-me o plano em detalhe”.¹⁸ Ulysses Freyre às vezes se assinava *Greek*, o Grego, alcuinha posta por Gilberto, uma ~~das~~ várias em inglês. A Manuel Bandeira, Gilberto Freyre chamava de *Flag* na intimidade, também em algumas cartas.

Gilberto Freyre estava entusiasmado com Columbia, Nova York e seu bairro boêmio intelectual Greenwich Village: “Basta olhar-se na Universidade de Columbia para um John Basset Moore, para um Giddings, para um Boas, para um Seligman, para um Dewey, cercado cada um não só de americanos dos Estados Unidos como de europeus, de asiáticos, de africanos, para sentir-se que aqui se concentra de fato alguma coisa de metropolitano e de cosmopolita, como se Columbia fosse uma superuniversidade”. Megalópole nova-iorquina à qual não falta seu bairro boêmio universitário, “tavernas iluminadas à fumarenta luz de vela em Greenwich Village”.¹⁹

Em carta de 17 de janeiro de 1921 a Oliveira Lima, natural confidente porque sempre pernambucano e recifense em meio às andanças países adentro e afora, Gilberto Freyre descreve seu impacto por aquele universo fascinante, Nova York já capital do Mundo após a Primeira Guerra Mundial: “New York está cheia de museus, bibliotecas, jardins, monumentos, casas velhas, de eras desfeitas, cantos cheios de cor e interesse, onde a gente imagina estar em terras distantes – como o bairro árabe, com seus bazares e suas cores estridentes, o chinês, com suas lanternas e os seus amarelos, o judaico e outros. Sempre há novas peças nos teatros de Square Times aos quais a afluência é enorme”.

E sua inserção no bairro em torno da Universidade de Nova York propriamente dita, daí em diante tão diferente da aristocrática novela de Henry James, Washington Square, tornado Quartier Latin norte-americano em cujos “sobrados – do andar térreo às águas-furtadas, estas sendo naturalmente as preferidas por mais românticas – artistas e escritores de vida alegre e bizarro, e em alguns casos tão fora das convenções burguesas, que praticam *free love... cabarets* onde a rapaziada – rapazes e moças – reúnem-se em camaradagem para dançar, cantar, conversar, fumar cigarretes – no que as meninas excedem, etc”.²⁰

O curso de mestrado que Gilberto foi fazer em Columbia, em prosseguimento ao bacharelado de Baylor, chamava-se então de Ciências Políticas, no sentido de Ciências Sociais, e abrangia de Antropologia (Franz Boas) à Sociologia (Franklin Giddings), Economia (Edwin Seligman), História da América Latina (William R. Shepherd) e Direito Internacional Público (John Basset Moore).²¹ Basset Moore inclusive se correspondia com Nabuco.²² O próprio Gilberto gostava de lembrar que, no seu tempo, os mestrados e doutoramentos, ainda próximos da inspiração alemã, não se tinham extremado em especialismos, eram interdepartamentais.²³

E também Columbia passava a fazer parte das universidades pioneiras nos Estados Unidos em estudos latino-americanos, através inicialmente de William R. Shepherd, filho da casa, bacharel,

mestre e doutor por Columbia em 1893, 1894 e 1896, autor de relatório em 1907 à Sociedade Hispânica Americana intitulado *The Spanish Archives*. Seu prestígio na Espanha lhe valeu inclusive a Comenda da Ordem de Isabel a Católica.

Em 16 de março de 1916 escreverá relatório, às autoridades de Columbia, apontando Columbia, Cornell, Harvard, Johns Hopkins e Pensilvânia como as universidades norte-americanas melhor preparadas para colaboração com a América Latina: Columbia em Ciências Sociais (ditas Políticas na época), Cornell em Engenharia, Harvard pelos estudos clássicos (poderia ter acrescentado o seu grande Museu de História Natural, começado por Louis Agassiz com material trazido principalmente do Brasil), Johns Hopkins por Medicina e Pensilvânia pela Odontologia.

Conclufa recomendando maior ênfase no ensino de Espanhol e Português e na concessão de bolsas a estudantes latino-americanos: ânimo combativo, Shepherd irá – em carta de 17 de abril de 1924 ao Reitor Nicholas Murray Butler – ao ponto de propor menor, ou nenhuma, colaboração financeira de Columbia com os alunos de Teologia...²⁴

A bolsa de estudos de Gilberto Freyre em Columbia, apesar da intercessão protestante – “Tenho duas cartas de recomendação, uma delas do Dr. Brooks, presidente de Baylor, que bondosamente diz deste seu amigo: – *he is one of the most mature scholars for his age I ever met e his mature scholarship is matched by gentle conduct*” – foi obtida com reforço do prestígio intelectual do diplomata de carreira Oliveira Lima, como se vê no término desta carta a ele em 17 de janeiro de 1921: “Poderia o Sr. escrever uma cartinha – duas palavras – ao Prof. Shepherd, e que eu possa mostrar ao Dr. Duggan depois d’amanhã? Sendo isto possível muito grato ficará seu sincero admirador”. Logo respondida favoravelmente.²⁵ O que também demonstra não terem os batistas de Waco se ressentido da possível desistência de Gilberto Freyre a uma eventual carreira de pastor. Muito pelo contrário, juntaram-se a Oliveira Lima para obtenção da bolsa de estudo, complementada como sempre por ajuda financeira do Velho Freyre,²⁶ o Professor Alfredo Freyre da tradicional Faculdade de Direito do Recife, uma das duas únicas no Brasil, a outra em São Paulo, tempos de maior *status* e mais elevados salários.

Por outro lado, convergindo para os estudos latino-americanos, desenvolvia-se em Columbia o primeiro relevante Departamento de Antropologia dos Estados Unidos, em torno de Franz Boas, judeu alemão emigrado aos Estados Unidos já antes da Primeira Guerra Mundial. Eram Alfred Kroeber (mestre em 1877, doutor em 1901), Clark Wissler (também Ph.D. de 1901) e Alexander Goldenweiser (M.A. de 1904 e Ph.D. 1910), todos pós-gradua-

dos em Columbia. Deles, porém, Goldenweiser iniciará magistério em Columbia, Wissler no Museu de História Natural de Nova York e Kroeber em Berkeley, Universidade da Califórnia. Gilberto Freyre muito os citará nas suas obras. Melville J. Herskovits, com mestrado em Columbia no ano seguinte ao de Gilberto (1923), doutoramento em 1927, será eminente antropólogo africanista e latino-americanista.

Mas a figura maior da Antropologia em Columbia é Franz Boas, erudito de personalidade carismática, vibrante, polêmico quebrador de preconceitos. Margaret Mead – sua aluna, contemporânea de Gilberto Freyre, ele concluindo o mestrado em 1922, ela no ano seguinte no Bernard College outrora reservado só a moças em Columbia – Mead recordava o Departamento de Antropologia, “pequeno, amontoado”, “dois escritórios e uma sala de seminário onde todas as aulas eram ~~dadas~~, e os estudantes trabalhavam nos períodos entre as aulas, sob a liderança do fisicamente delgado, porém formidável Franz Boas”.²⁷

Destemido, Boas foi muito mal interpretado em seu comportamento político na Primeira Guerra Mundial, ao defender a neutralidade dos Estados Unidos, sua pátria de adoção. Logo dedurado por um certo Dr. Edgar L. Hewett de Santa Fé, Arizona, que espalhou o boato que Boas tinha sido por isso expulso da Smithsonian Institution.

Na realidade o que houve foi o seguinte: a Associação Americana de Antropologia reagira, em assembléia geral em Cambridge, Massachusetts, negativamente a uma carta aberta de Boas publicada em *The Nation*, Nova York, 16 de outubro de 1919, desautorizando-a e repelindo-a, apesar de dez votos vencidos ao lado de Franz Boas, entre eles Kroeber e P. E. Goddard. Boas defendeu-se pessoalmente na sessão e dirigiu carta explicativa aparecida em *The Nation* a 20 de dezembro do mesmo ano. Sessão presidida por Clark Wissler, que fez questão de mesmo assim votar em favor de Boas.

Os invejosos mobilizavam-se.

Da Universidade de Virgínia veio mais uma denúncia, a de um certo D. I. Bushnell, Jr., testemunhando ter ouvido, de determinados professores ingleses num fim de tarde de agosto de 1906 no Museu Britânico de Londres, sérias confidências sobre a existência de dois proeminentes espões alemães nos Estados Unidos, nada menos que em Harvard (o Professor Münsterberg) e em Columbia (Boas)!!!²⁸ O sábio Reitor Butler simplesmente ignorou o incidente e manteve Franz Boas na Universidade de Columbia sempre prestigiado, até após sua morte, quando a antiga Biblioteca

Memorial Low, hoje Reitoria, passou a ter em lugar de honra o seu expressivo busto esculpido por Sergei Timofevieich Konenkov.

Boas participará de ardentes polêmicas contra o racismo nazista, às vésperas e durante a Segunda Guerra Mundial. De Franz Boas, Gilberto Freyre guardará indelével recordação, ainda maior que a de A. Joseph Armstrong, a Boas retornando com maior insistência ao longo de toda vida. Se Armstrong fez de Gilberto o escritor, confirmando e aprofundando sua vocação, o cientista social Gilberto Freyre sai das mãos de Boas mais do que das de ninguém, exceto Oliveira Lima, *hors concours*, o brasileiro pernambucano recifense encontrado providencialmente na vizinha Washington D.C., provincialmente fiel ao Brasil no espírito de Pernambuco e do Recife, não um provinciano, nem um cosmopolita.

Dele escrevia Gilberto, com afetuosa cerimônia, num artigo para a imprensa recifense em 1921: “Mora o Sr. Oliveira Lima, com sua família, em Columbia Heights. Um encanto sua casa”. Ainda mais a biblioteca, que terminará doada à Universidade Católica da América; nela “o Sr. Oliveira Lima fala de homens, de livros, de lugares, de tempos idos”. “Há nele agudeza, ironia picante...”²⁹ Em parte dirigida excessivamente contra Joaquim Nabuco, a quem considerava demasiado americanófilo...

Oliveira Lima – então historiador decano, com sua obra máxima já consagrada, *Dom João VI no Brasil*, e outras tantas – só podia atrair Gilberto Freyre que o conhecia do Recife de 1917, quando o visitara pela primeira vez no bairro de Parnamirim, caminhos de Casa Forte e Apipucos, a Via Florida de *flamboyants* róseos e acácias vermelhas e amarelas. Num sítio bem pernambucano, cheio de mangueiras e jaqueiras.³⁰ Já na biblioteca, riquíssima de livros raros e viajantes estrangeiros, sobretudo ingleses os mais citados por Oliveira Lima, Gilberto Freyre tinha o cenário recifense que completava o norte-americano em plena Washington D.C. Oliveira Lima aparece naturalmente como o autor mais citado na tese gilbertiana de mestrado em Columbia, *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*.

Quando Gilberto assume a co-editoria, *associated editor*, do periódico dos alunos de Columbia, *El Estudiante Latino-Americano*, logo edita artigo sobre Oliveira Lima, “O Embaixador Intelectual do Brasil”; em fevereiro de 1921, também ali homenageado

com fotografia em forma de medalhão. A fidelidade gilbertiana a Pernambuco inclui publicação do poema tardiamente neoparnasianho "O Rochedo e a Linfa" de Faria Neves Sobrinho, ainda naquele número. Tempos anteriores ao regionalismo nordestino e às influências imagistas no Nordeste, embora não faltasse certo talento a Faria Neves Sobrinho.

Outro artigo de Gilberto Freyre em *El Estudiante Latino-Americano*: "A Literatura Brasileira nos Estados Unidos" (janeiro de 1921), sobre a divulgação da língua e literatura do Brasil nos Estados Unidos, "recebendo um impulso tardio mas definitivo. Prova-o o número de traduções de obras brasileiras publicadas nestes últimos meses". Por exemplo: a novela *Canaã* de Graça Aranha ali com prefácio de Guglielmo Ferrero; a coletânea de contos de Machado de Assis e outros, *Brazilian Tales*, traduzida por Isaac Goldberg, em breve outro grande amigo de Gilberto Freyre; e o drama de José de Alencar, *O Jesuíta*, vertido ao inglês por Edgar Ribeiro de Brito, o tal filho de senador na Universidade de Baylor. Esta última acompanhada e aprovada por Goldberg e A. J. Armstrong, Gilberto Freyre não esquecia Baylor. Também anuncia a tradução do *Caramuru* de Santa Rita Durão pelo seu irmão Ulysses e um tal de Orlando Falcon. E da mesma forma que Gilberto se lembrava de Baylor, Baylor lembra-se de Gilberto: um destacado anúncio da universidade, matéria paga, trazia alguma ajuda financeira para *El Estudiante Latino-Americano*.

Ainda no número de fevereiro de 1921, Gilberto Freyre publica longo artigo sobre "A América Latina: sua Nova Situação Internacional". O termo "América Latina" começava a tornar-se conhecido, era de procedência francesa, vinha de 1862 do *Traité diplomatique de l'Amérique Latine* de Charles Calvo,³¹ ano mesmo da intervenção militar de Napoleão III no México em favor do Imperador Maximiliano, à qual pretendia defender diante da Doutrina Monroe de hegemonia dos Estados Unidos na região. Depois a expressão se desvincularia da inicial intenção francesa, os próprios anglo-americanos passariam a usá-la, embora seu sentido mais estrito devesse ser Ibero-América, senão os franco-canadenses, não só os haitianos, deveriam ser também considerados latino-americanos. E as Guianas?...

Gilberto Freyre tem consciência, aos vinte e um anos de ida-

de, naquele artigo “A América Latina: sua Nova Situação Internacional”, da peculiaridade ibérica, “uma consciência de destinos e ideais comuns, entre as repúblicas ibero-americanas”. Conclui afirmando crer na “vitória de expressões sinceras de idealismo de paz, a saber, as doutrinas do Snr. Rui Barbosa na Conferência de Haia em 1907 e do Snr. Drago (seu equivalente argentino), mais recentemente”. Sonhos de jovem recém-saído da adolescência, oxalá sonhos proféticos.

Em maio de 1921, *El Estudiante Latino-Americano* publica uma reportagem de Gilberto Freyre, “O Príncipe de Mônaco e o Brasil”, reproduzida parcialmente no seu artigo “Um Príncipe que se apaixonou pelo Estudo do Mar”, aparecido no *Diario de Pernambuco* no mesmo ano.³²

Além de Franz Boas, o outro mestre de Columbia sobre quem Gilberto Freyre se alongou, em menor proporção, foi Franklin Giddings, “um Giddings nascido jornalista e sempre jornalista”. Generalismo, Gilberto volta a insistir na tecla, que lhe teria amenizado “formação ~~quase~~ exclusivamente anglo-saxônica”(33). Gilberto Freyre também gostava de utilizar o parâmetro de “consciência de espécie” de Giddings, mais próximo da Biologia, no espírito da época, que da Filosofia no *Gattungswesen* de Ludwig Feuerbach; conceito usado depois por Karl Marx rumo às várias consciências de classe sócio-econômica. Inesperada afinidade, com Feuerbach, de um professor de Columbia nada revolucionário, antes muito acadêmico, “muito solene dentro do seu fraque preto, majestoso como se fosse a própria encarnação da inteligência anglo-saxônia...”³⁴

Uma agradável surpresa pessoal a Gilberto Freyre será a amizade do judeu culto e cosmopolita Isaac Goldberg, feita na internacional Nova York, aprofundada na visita à sua casa em Boston, melhor, em Roxbury, Massachusetts, seus arredores. Goldberg, mesmo Ph.D. por Harvard como assinava seus livros, lá não conseguira tornar-se professor, preconceitos da época.³⁵ Mas continuou escrevendo, “um rebelde” contra o “esteticismo puro... de certo modo aristocrático, de Amy Lowell e de Ezra Pound”.³⁶

Dele Gilberto deixou gravado sutil perfil: “Da pessoa do Dr. Goldberg não direi que seja a pessoa mais atraente desse mundo. É homem moço, por volta dos trinta ou trinta e cinco, forte nariz se-

mita, pequeno bigode de escova de dente. Sua conversa é que encanta. Conhece nossa literatura de verdade. Em política é radical, isto é *bolsheviki* – porém demasiado artista para misturar com a sua arte, propaganda política”. “É artista puro como deve ser o crítico”.³⁷

Isaac Goldberg foi dos primeiros nos Estados Unidos a divulgar a literatura hispano-americana, com seus *Studies in Spanish American Literature*, e, no centenário da independência do Brasil, lançava *Brazilian Literature*, ajudado por orientações de Oliveira Lima, Carlos de Laet, Gilberto Freyre e Hélio Lobo, Cônsul-Geral do Brasil em Nova York de grande circulação em conferências nas universidades dos Estados Unidos, aos quais agradece no prefácio.³⁸

Goldberg percorre as convencionais etapas de “Período de Formação”, “Desenvolvimento Autônomo”, “Transformação Romântica” e um vago período atualizado de naturalismo, parnasianismo, simbolismo, etc. O mais interessante, até sintomático, está na sua escolha das “Personalidades Representativas”: Castro Alves, Machado de Assis, José Veríssimo, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Oliveira Lima, Graça Aranha, Coelho Neto (verso e reverso do início do modernismo), Francisca Júlia (numa referência aos começos da presença literária feminina) e Monteiro Lobato sob a vaga denominação de “Novos Escritores” no plural, mas sem nenhum outro.³⁹ Nada sobre os modernistas, porque a Semana de Arte Moderna estava em vias de realização em São Paulo, mas também nada sobre os pré-modernistas, Manuel Bandeira, por exemplo.

Lembre-se que Monteiro Lobato se surpreendera, ao receber de Oliveira Lima, para publicação, um artigo do jovem Gilberto Freyre (“Que talento!... Que estilo!...”),⁴⁰ e então os elos ficam completos. Não por acaso é o autor brasileiro mais citado, Oliveira Lima, na tese de mestrado de Gilberto Freyre em Columbia, *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*.

Foi Isaac Goldberg quem deu a Gilberto Freyre uma idéia da literatura fídiche, Leon Kobrin, David Pinsky e outros,⁴¹ literatura depois consagrada pelo Prêmio Nobel a Isaac Bashevis Singer, judeu polonês radicado em Nova York. Foi, em seguida, Kobrin o apresentador de íntimas imagens de Trotsky, outro Leon, ao Gil-

berto deslumbrado com tantas iniciações novaiorquinas, megalópole além de metrópole, “Nova Roma” como o ainda meio adolescente brasileiro a chama.⁴²

Trotsky descrito, por amigo pessoal, como “um escritor nato. Que se a política não o houvesse roubado à Literatura, teria sido ‘um escritor de primeira grandeza’. Talvez outro Tolstoy”.⁴³ “O diabo da política!”⁴⁴

Mas a descoberta do marxismo, pelo jovem Gilberto Freyre, não será pelo trotskismo, apesar do prestígio internacional de Leon Trotsky também estar chegando naquele tempo à Universidade de Columbia. Seu professor John Dewey presidirá uma comissão para sua absolvição moral das excessivamente injustas acusações por parte de Stalin.⁴⁵ A descoberta do marxismo em Gilberto Freyre acontecerá pelas leituras da interpretação da Constituição dos Estados Unidos por Charles A. Beard, “notável estudo”, “no qual se faz análise minuciosa da composição da Constituinte segundo a classe e o interesse regional que cada um representou naquela assembléia decisiva”. E por Seligman, crítico da interpretação econômica da História, este último seu professor em Columbia.⁴⁶

Contudo, nem por temperamento nem por formação Gilberto Freyre se fixou no marxismo, mesmo funcionalizado anglo-americanamente por Beard, Seligman ou outros. A iconoclastia gilbertiana cedo preferiu a metralhadora giratória de H. L. Mencken na linha de Nietzsche, Ibsen, George Bernard Shaw e outros,⁴⁷ a língua mais ferina aparecida em toda história da cultura dos Estados Unidos até então. Mencken era devastador, uma espécie de Carlos Lacerda, tão ou mais polêmico no jornalismo quanto ele, mas sem entrar diretamente na política (“O diabo da política!” Pior que alguns outros demônios...).

Henry Louis, H. L. Mencken, era filho de próspero imigrante alemão estabelecido em Baltimore. Deu, certa vez, uma impressora manual ao filho, começando, sem o saber, a sua carreira de jornalista, a ela fiel até a morte, no *Morning Herald* e *Evening Sun* ambos na sua cidade natal, Baltimore. Foi na década de 1920 o maior jornalista de todos os Estados Unidos, Gilberto Freyre só podia tê-lo notado e anotado.

Exatamente em 1920, Gilberto escreve, para a imprensa do Recife quando a do Brasil ignorava Mencken, longo artigo sobre

ele, enquanto a George Bernard Shaw só fazia referências. Motivo: análise do livro de H. L. Mencken *O Credo Americano (The American Creed)*. No qual o autor atingia mais um paroxismo, ao descrever o *Homo Americanus*, e seus preconceitos, alguns arrolados por Gilberto a respeito da América Latina: “a América do Sul é uma república, com vários estados, e capital Buenos Aires”; todos os presidentes de república ali são generais, com golpes de Estado “todos os dias antes do almoço”, o objetivo “é surrupiar os cobses do erário e ir viver em Paris”. E assim por diante. Gilberto Freyre termina se indagando, quais os preconceitos também do *Homo Brasiliensis?*...⁴⁸

A simpatia, pelo menos empatia dos marxistas norte-americanos – porque eles existem, por incrível que pareça – em relação a H. L. Mencken, irradiou-se ao romancista realista social James T. Farrell, que o julgava de grande atualidade, e a Edmund Wilson na fase de *Rumo à Estação Finlândia*, onde em parte chega a equipará-lo ao próprio Karl Marx... Sinclair Lewis confessou ter se inspirado em Mencken para seus romances,⁴⁹ naquela época de intensa crítica social e ardente engajamento político dos intelectuais. Mencken também sabia falar bem, foi dos primeiros a saudar Dreiser e Conrad.

H. L. Mencken chegou a convidar Gilberto Freyre para um jantar, convite extensivo a Austregésilo de Athayde, então correspondente de jornal brasileiro em Nova York, que o descreveu em artigo na época.

“Foi uma amizade que se prolongou durante vários anos”, diz Gilberto em *Vida, Forma e Cor*, título de livro tão imagista. Isaac Goldberg também era amigo de Mencken, sobre quem escreveu livro, fechava-se outro círculo de que Gilberto Freyre fazia parte também nos Estados Unidos.

Longa ~~amizade~~ mantida ao longe, entre Baltimore e o Recife, por cartas nas quais se via, mais uma vez, a combinação de ironia e ternura, verdadeiro íntimo de Mencken: “Interessantíssimo o seu *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*... Li com o maior encanto o seu ensaio... Daria um livro em inglês de excelentes possibilidades de êxito”. Chega a mencionar o nome do editor Alfred A. Knopf, que em seguida realmente publicará *Masters and Slaves*, tradução de *Casa-Grande & Senzala*, ampliação

daquela tese de mestrado em Columbia, entre outros livros gilbertianos.

Donde Mencken conclufa sobre a política também da América Latina: “Considero-a inteiramente desonesta e mercenária e fico espantado do fato dos latino-americanos não se organizarem contra semelhante política”. Lá, nos Estados Unidos, ele mesmo, Mencken, e outros protestavam com a maior veemência. Daí Mencken, “ainda mais que o Professor A. Joseph Armstrong”, dá testemunho Gilberto, “não o perdoar... a *non-chalance* de deixar Nova York e, depois, Oxford, para encolher-se num recanto brasileiro de província, deixando de tornar-se ‘escritor em língua inglesa’ ”.⁵⁰

Turbulenta década, aquela, a de 1920, *roaring twenties* dos novos ricos e dondocas dançando freneticamente o *charleston* nos romances de F. Scott Fitzgerald; época da Lei Seca, a *Prohibition*, o Volstead Enforcement Act, fracassada 18ª Emenda à Constituição, deleite dos *gangsters* daí em diante irrefreáveis, sempre mudando de ramo, nunca da corrupção e da violência como profissão. Época ao auge na presidência Harding, com mandato de 1920 a 1924, morrendo em 1923, sucedido pelo austero calvinista, sem trocadilho, Calvin Coolidge. Warren G. Harding a quem Gilberto viu inaugurando a estátua de Simón Bolívar no Central Park, “uma das **mais** puras mediocridades que já ocuparam a presidência dos Estados Unidos”.⁵¹ Difícil responsabilidade a de Harding: suceder o **idealista** Woodrow Wilson, o maior vencedor da Primeira Guerra Mundial, também seu maior perdedor, ao vê-la desembocar nos revanchismos europeus, sem mediação do isolacionismo norte-americano, tudo levando à Grande Depressão de 1929 já na presidência Hoover. Em seguida, inexoravelmente, ao **nazifascismo**, com o bolchevismo de permeio, rumo à Segunda Guerra Mundial...

Harding – tão fraco que seu próprio pai costumava dizer: “Ainda bem que ele não é uma moça, porque não sabe dizer não...” – levando cedo Gilberto Freyre a um certo ceticismo diante da democracia, inclusive dos Estados Unidos, inclinado, já em 1922, para “uma aristocracia técnica, semelhante à que delineou Jules Lemaître”.⁵² De novo Lemaître, aceito como crítico, mesmo impressionista, por Spingarn tão querido de Gilberto ao tentar equilibrar gosto, talento e erudição.

Norte-americanos mais requintados, até europeicamente ao

modo de Edmund Wilson, eram mais exigentes, conforme se vê em carta sua a F. Scott Fitzgerald em 22 de junho de 1921: “Na América, sinto-me tão superior e tão sofisticado culturalmente em comparação com a maior parte da vida intelectual e artística do País, que corro o risco de tomar minhas realizações atuais como um padrão absoluto...”⁵³ Não tinha desaparecido a nostalgia de Henry James das fontes européias. Mesmo assim, época do auge do *jazz*, do cinema de Charlie Chaplin e da mobilização dos intelectuais em favor de candidatos do Partido Socialista à presidência dos próprios Estados Unidos – Eugene Debs e Norman Thomas – *Roaring twenties*, turbulenta década de 1920, herdeira da *belle époque* de 1910, imediata antecessora da Segunda Guerra Mundial na de 1930.

O esteticismo, atitude tão típica também daquela fase dos Estados Unidos e da Europa Ocidental, atingiu Gilberto Freyre através de George Santayana, pensador que naquele tempo teve leitores quase no mundo inteiro,⁵⁴ depois quase que apenas nos Estados Unidos, a cuja tradição filosófica se incorporou. Santayana, elo, com seu livro *Character and Opinion in the United States*, entre esteticismo e seu inevitável elitismo intelectual, que Gilberto Freyre viu muito bem como uma reação ao jeffersonismo, ao preferir inclinar-se a Alexander Hamilton querendo fazer dos Estados Unidos “mais uma realza efetiva que absoluta democracia política”. Tendência de *real superiors*, não só *royal*, antes levada a extremos por Carlyle na Inglaterra.⁵⁵

Mais do que de qualquer outro lugar, já naquele tempo de Nova York se pode ver o mundo, a Europa em primeiro lugar, berço nunca esquecido, e também o Canadá, para Gilberto Freyre mais o Canadá Francês que o Inglês, duas vezes por ele visitado em Montreal.

Dos altos do Parque Mont Royal, que dá nome à cidade, passando pelo “lindo *campus* da Universidade de Mc Gill com os seus edifícios de arquitetura meio gótica” (Gilberto, de tanto ver *campi* norte-americanos, o de Princeton é “idílico”, “lindo demais”, conclua que “no Brasil, país sem névoas, onde a natureza é perpétuo verão em flor, nada seria mais próprio ao clima e à paisagem que o *campus* em volta de edifícios... Vejo porém que divago...”),⁵⁶ daqueles altos, Montreal no vale, o brasileiro Gilberto Freyre pela

primeira vez acrescenta ampla latinidade à sua visão até então anglo-ibero-americana: “A História do Canadá tem seus pontos de afinidade com a do Brasil – jesuítas, padres, índios, mestiços de europeus e índios. Uma civilização latina e católica em contato com a América”.⁵⁷

A meditação gilbertiana, em sua segunda visita, também breve ao Canadá, início da década de 1920, merece reprodução na íntegra, dada sua importância naquele sentido de descoberta da latinidade, além da iberidade em San Antonio do Texas, tão diferentes dos brancos, anglo-saxônicos e protestantes (*white, anglo-saxons and protestants*, WASPS) de Baylor: “Encontro aqui alguma coisa de conhecido, de familiar, de afim do Brasil, que deve ser a graça latina deixada pelos franceses. Católicos, ainda hoje, sob alguns aspectos, resistentes à assimilação pelos anglo-saxões e pelo protestantismo. É um país que acolhe um neolatino do Brasil com um espírito fraterno que vem daquelas duas fontes comuns de civilização desenvolvida na América: a fonte latina e a fonte católica”.⁵⁸ Também o impacto do Canadá contribuiu para a cosmovisão gilbertiana. Outra das possibilidades abertas pela presença na Columbia cosmopolita, na Nova York internacional.

Ainda nesta linha culturalista católica – também dos imigrantes irlandeses girando em torno da catedral do seu patrono São Patrício, em plena Quinta Avenida nova-iorquina – Gilberto Freyre foi, nos seus tempos de Columbia longe do Cinturão Bíblico, *Bible Belt* do Sul dos Estados Unidos, além da simpatia pelo inglês Cardeal Newman convertido do protestantismo; chegou a admirar intensamente o norte-americano Cardeal Gibbons, Monsenhor James Gibbons, que primeiro conciliara catolicismo e democracia, antes mesmo de Jacques Maritain, em breve outra das admirações gilbertianas, passar a clamar pela democracia cristã em seu exílio na Universidade de Princeton, quando a França ocupada por nazistas e seus colaboradores parafascistas também anti-semitas.

Gibbons, capelão voluntário na Guerra Civil, bispo de Richmond e arcebispo de Baltimore, tornara-se o segundo cardeal dos Estados Unidos, Monsenhor Martin J. Spalding o primeiro. Em seu sermão de posse cardinalícia em Roma, 1887, pouco após o Concílio Vaticano I do qual participara ajudando a proclamar o dogma da infalibilidade pontifícia, Gibbons, não obstante, ali fez elogio

da separação de Igreja e Estado conforme a Constituição dos Estados Unidos. Sua popularidade foi das maiores entre os homens públicos do País. Seu jubileu de prata como cardeal, 1911, representou uma verdadeira apoteose ecumênica, tendo à frente o próprio Presidente Taft. Gibbons também deu considerável impulso à Universidade Católica da América, fundada em 1889 em Washington D.C. à qual muito serviu como primeiro chanceler. Universidade que, inclusive, veio a receber a brasileira de Oliveira Lima.

Em 1921 é Gilberto Freyre quem escreve o necrológio do Cardeal Gibbons para a imprensa brasileira: “Era uma dessas figuras cheias de sedução pessoal, às quais os anglo-americanos chamam ‘magnéticas’”. “Era um grande homem e um grande líder — europeu numas tantas coisas que o desnacionalizavam, um pouco, americano da gema, nas qualidades essenciais”.⁵⁹ Antecipada resposta gilbertiana aos fundamentalistas protestantes que, muito depois, se precipitaram em ataques contra o primeiro católico candidato à presidência dos Estados Unidos, Al Smith, e contra o primeiro presidente católico, John F. Kennedy, em seguida misteriosamente assassinado.

Gilberto Freyre conclui o elogio ao Cardeal James Gibbons mostrando-o como “homem de visão social e idéias avançadas”, o qual Gilberto vira entrando na Catedral de São Patrício ao lado do Cardeal Mercier, um dos promotores da Doutrina Social da Igreja nos tempos da Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII, trazendo-lhe a contribuição do seu *Catecismo de Malines*, nome da diocese operária belga onde servia: “Era impressionante a figura de Gibbons, nas ocasiões de gala. A murça, o manto, o solidéu davam àquele corpo alto, anguloso, magro de americano do século XX, a imponência de uma figura antiga, mediévia, romântica”.⁶⁰ Conciliação do passado com o presente e o futuro, “tempo trfbio” como depois Gilberto o definirá.

Experiências que poucos lugares do mundo inteiro podem dar, tanto quanto Nova York.

O indiano hindu Rabindranath Tagore, tão Prêmio Nobel como Yeats, foi outra visão de outros universos através da língua inglesa marcando Gilberto Freyre. Que o ouviu numa conferência em décimo nono andar de um arranha-céu novaiorquino, a Madison Avenue vista lá de cima, sua agitação em contraste com o orador

dissertando quase em prece, “uma hora de encanto”, diante de “pequeno grupo de estudantes da Universidade de Columbia”. “Teria Tagore razão em dizer que a vida ocidental tem degenerado em vida mecânica?” A dúvida, lançada em seu espírito por Rabin-dranath Tagore, acompanhará Gilberto Freyre a vida inteira e reflete-se em muitas das suas meditações. Sarojni Noidu, poetisa, autora de *A Asa Partida*, em inglês *The Broken Wing*, será outro autor da Índia interessando-o naquela fase.⁶¹

Noidu menos conhecida no Brasil que Tagore, ali traduzido ao português já em 1914, ano seguinte ao seu Prêmio Nobel, posteriormente atraindo a atenção de escritores do vulto de Abgar Renault, Guilherme de Almeida e Cecília Meireles, também seus tradutores.⁶² Tagore, com cursos no *University College* de Londres e tendo W. B. Yeats por prefaciador do seu livro *Gitânjali*,⁶³ foi importante ponte entre Oriente e Ocidente.

Mas a tentação novaiorquina maior, para Gilberto Freyre, será a obra de George Santayana. Vale a pena, porque insubstituível, reproduzir o que um diz do outro, apesar de longa citação: “Santayana é a minha grande descoberta. É ele quem está me reconciliando com o catolicismo. Sinto que a sua interpretação mais do que filosófica, poética, da concepção católica da vida, corresponde a alguma coisa de profundo que escapa aos filósofos simplesmente filosóficos”. “Santayana vai além numa concepção poética de verdade – inclusive de verdade religiosa – que aceita como equivalente de uma verdade rigorosamente teológica ou rigorosamente filosófica uma verdade poética”.

Era o vitalismo a atrair Gilberto Freyre, que depois veio a conhecer e gostar de Ortega y Gasset raciovitalista, enquanto Gilberto permaneceria mais existencial desde os vinte e um anos de idade: “Das filosofias cujos diferentes sabores venho experimentando, as que me atraem são a de Santo Agostinho contra São Tomás, a de Pascal contra a de Descartes, a de Nietzsche contra o próprio Kant. E agora James e Bergson contra Comte e Mill”.⁶⁴

Acontece que o vitalismo de Santayana era intuitivismo e, enquanto tal, ateu por trás dos gostos esteticistas de alguém modernamente entre o hedonismo e o estoicismo, isto é, no fundo um naturalista. Posição que lhe foi increpada por analistas católicos mais atentos a sintomáticas revelações da *Apologia Pro Mente*

Sua, nada tendo a ver com a newmaniana *Apologia Pro Vita Sua*, onde George Santayana enfim desabafa: “Envio meus críticos de volta aos seus respectivos campos com minha bênção, esperando que o mundo possa demonstrar-se decidido e belo para com eles, pintado nos respectivos termos deles”. “Que se tenham, com frequência, equivocados, é sobretudo minha culpa, porque os envolvi numa retórica que, embora perfeitamente espontânea e inevitável nos meus próprios pensamentos, desorienta a princípio quanto ao seu sentido...”⁶⁵

Para Santayana, “o espírito é o comentário da natureza sobre si mesma, conciso e emocional”, a psique um hábito vital da matéria. A fé, o reconhecimento da realidade da natureza, transfigurado pela exaltação das emoções, a experiência projetando-se em imaginação, por sua vez culminando em arte e religião.

Santayana amadurecera estas conclusões a partir de uma viagem universitária à Europa em 1886 e 1887, quando acabou de superar a formação idealista recebida de Royce em Harvard. Mas da Alemanha trouxe, não algum neo-hegelianismo ou neo-kantismo, e sim a redescoberta de Goethe, “o autêntico porta-voz do neopaganismo. Sigo-o”. *I follow him*, é a sua conclusão. Goethe, para quem “cinzenta é toda teoria e verde a árvore dourada da vida...” Ainda o primeiro *Fausto* – “Ah! Como é tão difícil às asas da nossa alma/aliarem-se as asas duras da matéria” – pode tê-lo levado do hedonismo ao estoicismo...

Daf terminar, naquela viagem à Europa, preferindo o ceticismo inglês, tão cômico das limitações do conhecimento⁽⁶⁶⁾.

A espanholidade de George Santayana – nascido em Madrid, com infância em Ávila, nunca tendo deixado de falar castelhano no seu lar em Boston, apesar das suas graduação e pós-graduação em Harvard, única universidade em que foi professor⁶⁷ – só podia também despertar admiração à iberidade de Gilberto Freyre. Ademais Santayana era filósofo com gostos literários – lera quase todo Proust, o qual lhe encantara com sua tentativa de poética racional, romantismo clássico ou classicismo romântico⁶⁸ – coisa rara entre filósofos, geralmente mais estéticos na teoria que na prática...

Estas preocupações intelectuais de Gilberto Freyre apresentavam-se tipicamente acadêmicas, *scholarly*, características de uma vocação universitária. Gilberto de início queria seguir a carreira de

professor, não a de advocacia ou magistratura, no máximo talvez a diplomática, pois foi a Columbia com intenção de encaminhar-se do mestrado ao doutoramento,⁶⁹ daí escrever ainda a Oliveira Lima: “Creio que tirando meu Ph.D. na faculdade de Ciências Políticas, que é muito compreensiva – inclui Sociais e Jurídicas – poderei voltar ao Brasil com um preparo liberal no sentido de amplo. E há esta vantagem: no caso de me ser impossível fazer *a decent living* no Brasil terei o recurso de estar habilitado para um professorado: nos Estados Unidos, em assuntos sul-americanos. Minha vontade entretanto é ir para o Brasil e servir da melhor maneira o meu país – ainda que me tentem as oportunidades para trabalho intelectual nos Estados Unidos, quando as comparo com as dificuldades no Brasil”.⁷⁰

Tanto assim que Gilberto Freyre aceitou, no ano de 1935 tão dificilmente político com a insurreição da Aliança Nacional Libertadora de que ele fazia parte,⁷¹ convite dos estudantes da Faculdade de Direito do Recife e designação pelo Ministro da Educação, para ali dar curso de Sociologia, mesma Faculdade da qual seu pai ainda era professor catedrático de Economia Política, então instituições econômicas na orientação da época para escolas jurídicas. Também em 1935 Gilberto Freyre aceita convite do Centro Acadêmico Onze de Agosto da Faculdade de Direito de São Paulo, gêmea da pernambucana, e lá profere a conferência “Menos Doutrina e mais Análise”, oportuna proposta num momento histórico de tantas exaltações ideológicas explodindo no levante de novembro daquele ano.

A forte hostilidade política de novo à sua pessoa – antes tinha sido quando do triunfo da Aliança Liberal em 1930 contra a República Velha, na qual Gilberto Freyre era assessor pessoal do deposto governador de Pernambuco, Estácio Coimbra – aquela segunda onda hostil obrigou-o agora a uma espécie de auto-exílio na Europa, principalmente na França e Portugal. Onde volta ao aceitar convite de Anísio Teixeira, idealizador e primeiro reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reunindo o que havia de melhor no Brasil, para ensinar Sociologia, ao lado de Artur Ramos, Antropologia, tendo, porém, logo viajar de volta à Europa devido ao golpe de Estado de 1937, sempre com o refúgio universitário, conferências nas Universidades de Londres, Coimbra e Porto.

Nunca cessará o vai-e-vem de Gilberto Freyre de universidade em universidade, não se fixando em nenhuma porque cada uma exigia permanência avessa ao seu ânimo de cigano de beca, *scholar gipsy* como ele dizia em inglês mesmo, algo parecido com o *Wandering student* de George Santayana⁷² apesar de fiel a Harvard, até voltar de vez à Europa nunca esquecida. Assim Gilberto Freyre irá muitas vezes ao estrangeiro, mais freqüentemente às universidades dos Estados Unidos: Indiana (1944), Universidade Católica da América em Washington D.C. e Universidade da Virgínia (1949), Princeton (1961) onde tinha estado quarenta anos antes em congresso de estudantes, e Harvard (1965). Em Columbia ainda mais: 1938 (inclusive na companhia de José Antônio Gonsalves de Mello se iniciando na metodologia histórica), 1954, 1961 e 1967. Em 1954 ali se doutorando *honoris causa*, mesmo ano em que Columbia dava igual honraria ao físico nuclear Niels Bohr, Konrad Adenauer, chanceler/primeiro-ministro da República Federal da Alemanha, Dag Hammarskjöld, secretário-geral da Organização das Nações Unidas e à Rainha-Mãe da Grã-Bretanha.⁷³ Também em Columbia colhendo a experiência dos seminários interdisciplinares, inspiração para os seus de Tropicologia.⁷⁴

Inúmeros doutoramentos *honoris causa* lhe serão concedidos no Brasil. No estrangeiro nas universidades de Coimbra, Paris, Sussex, Münster e Lisboa, também condecorado pela de Baylor e membro de várias academias do mundo. Mas seu magistério maior continuou o do Recife, na casa-grande perto do arruado de Apipucos, numa colina sobre a verde várzea do Capibaribe, iniciando a José Lins do Rego, José Antônio Gonsalves de Mello, Edson Nery da Fonseca, Mauro Mota, Ariano Suassuna, Waldemar Valente, René Ribeiro, João Cabral de Mello Neto, entre os primeiros, e muitos, muitos outros, lista que nunca parece acabar, Francisco de Assis Barbosa e José Honório Rodrigues no Rio de Janeiro, Thales de Azevedo, Clarival do Prado Valladares e seu irmão na Bahia e Brasil afora. Além dos companheiros de geração, pouco mais velhos – Manuel Bandeira e Vicente do Rego Monteiro – ou mais moços, Cícero Dias. No estrangeiro Francis Butler Simkins, autor de *Uma História do Sul – A History of the South*, posterior e afim de *Casa-Grande & Senzala* –, Lucien Febvre e Fernand Braudel seus prefaciadores na Europa, também amigos de Apipucos. Gil-

berto Freyre foi assim ainda mais professor, que se fixando numa só universidade.

A abertura oceânica de Nova York, maior que a do Recife, Columbia um dos seus faróis.

O menino de Pernambuco, o adolescente de Baylor e o jovem de Columbia iam se completando, camada por camada, indissoluvelmente ligadas à terra nordestinamente brasileira. Seus anos de formação e viagens se concluiriam na Europa da Inglaterra, França e Alemanha, recomeçando por Portugal o contato com o Brasil. Do cosmopolitismo novaiorquino de Columbia, Gilberto Freyre levará o anti-racismo, racionalizado com Franz Boas, lição humanista maior.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade. 1915-1930)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 30.

2 VEYSEY, Laurence R., *The Emergence of the American University*, The University of Chicago Press, 1965, p. 1.

3 Idem, pp. 194-196.

4 Vide a antologia de Horace Mann, *A Educação dos Homens Livres*, com introdução por Lawrence A. Cremin, no original inglês *Horace Mann on the Education of Free Men*, editado pelo Teachers College na Columbia University Press, em português pelo Instituto Brasileiro de Difusão Cultural (IBRASA), São Paulo, 1967, pp. 97, 105, 110, 114, 111 e 114.

5 VEYSEY, ob. cit., pp. 158, 129, 150, 159, 162, 193, 192, 127, 320, 165-171 e 313.

6 AGASSIZ, Louis. *A Journey in Brazil* por Louis Agassiz e esposa, Boston: Tickner & Fields; Londres: Trubner & Co.; 1868; pp. VII, 35, 502, 124, 500 e X.

7 Vide REICHMANN, Felix. "Sugar, Gold, and Coffee. Essays on the History of Brazil based on Francis Hull's Books". In: *The Francis Hull Library of Brazilian presented to Cornell University Library by Herbert F. Johnson*, Ithaca: Cornell University Press, 1959. Os estudantes brasileiros editores eram Luiz de Souza

Barros, Francisco de Assis Vieira Bueno e Antônio Queiroz Telles (p. 150).

8 Vide JACKLE, Frank Robert. *John Casper Branner*, tese de Ph.D. à Universidade de Stanford, 1966, pp. 1, 2, 4, 6, 97, 91, 92, 157. Os textos de Branner sobre os arrecifes nordestinos brasileiros são "The Stone Reef at the Mouth of Rio Grande do Norte", *American Geologist*, dezembro, 1899, "The Stone Reefs of Brazil", *Bulletin of Harvard College*, maio, 1904; e até seu discurso de posse como presidente da Sociedade Geológica da América no *Bulletin of the Geological Society of America*, janeiro, 1905. A preocupação de Branner pela pobreza no Brasil é um dos temas dos manuscritos da sua incompleta História do Brasil. Textualmente sobre a indiferença, mesmo a hostilidade das classes superiores brasileiras: "The wealthy and educated classes made the laws and rarely sought the causes of the social, political, and industrial ills of society. The poor man was told what to do for everyone's benefit except his own". "The upper classes look upon all manual labor as beneath them, and the middle classes follow their lead. The lower classes endeavoring to follow the examples of their betters only labor under the pressure of necessity..." Ainda resultados dos males da escravidão, "the evils of slavery" (p. 107). A partir destas notas, John Casper Branner pretendia escrever uma diferente História do Brasil (p. 110).

9 Cf. manuscritos de *History of ILAS* (Instituto of Latin American Studies) 1897--1939, a mim gentilmente mostrados por seu Diretor Associado, o antropólogo Greg Urban, antes mesmo da sua publicação. Vide especialmente sobre Cecília Meireles no *Texas Ilas Newsletter*, v. 24, n. 3, p. 2, primavera de 1991.

10 In *Ilas Newsletter*, ob. cit., p. 3.

11 NABUCO, Carolina, *A Vida de Joaquim Nabuco*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958. p. 440 (Coleção Documentos Brasileiros v. 92), e foto de Nabuco em beca de Columbia entre as pp. 428 e 429. Ronald Hilton - em colaboração com Lee B. Valentine, Francis B. Coughlin e Joaquim M. Duarte - traduziu este livro para o inglês sob o título *The Life of Joaquim Nabuco*, Stanford University Press, 1950. *Minha Formação* do próprio Nabuco detém-se em 1899, antes de ir aos Estados Unidos, dos quais só

trata como anterior e genérica influência intelectual, ao lado da francesa e inglesa.

12 *Memórias (Essas minhas Reminiscências...)*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937, pp. 165 e 164. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 2).

13 Fernando da Cruz Gouvêa reconstitui essa visita em *Oliveira Lima (Uma Biografia)*. Recife: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, 1976, pp. 1575, 1577 e 1623.

14 *Apud* conferência de Max Fleiuss no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, necrológio de Oliveira Lima em 23 de maio de 1928, apêndice às *Memórias* dele, *ob. cit.*, p. 265.

15 *Memórias (Essas minhas Reminiscências...)*, *idem*, pp. 165 e 167.

16 GOUVÊA, *ob. cit.*, 3º vol., pp. 1612 e 1613.

17 Cartas no arquivo da Fundação Gilberto Freyre em Apipucos, Recife, Pernambuco.

18 Carta na Fundação Gilberto Freyre.

19 *Tempo Morto e Outros Tempos*, *ob. cit.*, pp. 45 e 76.

20 *Cartas do Próprio Punho sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro*; seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello; prefácio de Josué Montello; Conselho Federal de Cultura; Ministério da Educação e Cultura; sem ref. a local; 1978; p. 172.

21 *Tempo Morto e Outros Tempos*, *ob. cit.*, p. 43.

22 NABUCO, Carolina, *ob. cit.*, p. 448.

23 *Tempo Morto e Outros Tempos*, *ob. cit.*, p. 52.

24 Na Coleção Columbiana da Universidade de Columbia, Nova York.

25 Gilberto Freyre solicita em 17 de janeiro de 1921, *Cartas do Próprio Punho*, *ob. cit.*, pp. 172 e 173, e Oliveira Lima já lhe responde em 14 de fevereiro seguinte, dando conta do êxito da sua intercessão: "Recebi com prazer sua carta e também recebi carta do Professor Shepherd, que tem, como era de esperar, muito boa impressão sua e diz-me que o ajudará em Columbia em tudo quanto lhe for possível". (Arquivo da Fundação Gilberto Freyre em Apipucos, Recife, Pernambuco).

26 *Oral Memoirs of Gilberto de Mello Freyre*, Baylor University Institute of Oral History, entrevista em 16 de maio de 1985 a Thomas L. Charlton, diretor do Instituto, p. 33.

27 Apud Margaret Mead (*A Life*), de autoria de Jane Howard, Simon and Schuster, Nova York, 1978, Mead escreveu as memórias *Blackberry Winter (My Earlier Years)*, William Morrow, Nova York, 1972, onde naturalmente trata do assunto.

28 Na Coleção Columbiana da Universidade de Columbia.

29 *Retalhos de Jornais Velhos* (2ª ed. revista e muito aumentada de *Artigos de Jornal*, Recife, 1934). Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964, pp. 128-131.

30 Prefácio às *Memórias* de Oliveira Lima, ob. cit., p. V.

31 Vide Guy Martinière, "L'invention de la 'latinité' de l'Amérique", In: *Unité et diversité de l'Amérique Latine*, Maison des Pays Ibériques, Centre d'Études de Géographie Tropicale, Université de Bordeaux III, 19 tomo II, 15-18 de setembro de 1982, p. 25.

32 *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., pp. 52-54.

33 "De Giddings a Recasens", *Ciência & Trópico*, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, v. 15, n. 1, p. 9, janeiro-junho, 1987.

34 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 48.

35 Idem, p. 62.

36 "A propósito de um Escritor fídiche", *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., p. 148.

37 Carta de Gilberto Freyre a Oliveira Lima em 9 de janeiro de 1922, *Cartas do próprio Punho*, ob. cit., p. 196.

38 "Preface", *Brazilian Literature*, Nova York: Alfred A. Knopf, 1922, p. XII.

39 Idem, pp. 28, 53, 72, 102, 129, 142, 165, 188, 210, 222, 234, 248, 261 e 277-285.

40 Apud "Prefácio" de Monteiro Lobato a Diogo de Melo Meneses, *Gilberto Freyre (Notas Biográficas com Ilustrações, inclusive Desenhos e Cartas)*. Rio de Janeiro, 1944, pp. 8, 13, 7, (Coleção Estudos Brasileiros da Casa do Estudante do Brasil, v. 2), pp. 8, 13 e 7.

41 *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., p. 65 e carta a Oliveira Lima em 18 de janeiro de 1921 nas *Cartas do próprio Punho sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, Ministério da Educação e Cultura, 1978; seleção, organização e apresentação de Sylvio Rabello; prefácio de Josué Montello; p. 174.

42 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 63.

43 “A propósito de um Escritor ídiche”, ob. cit., p. 149.

44 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 65.

45 Vide George Dykhuisen, *The Life and Mind of John Dewey*, Southern Illinois University Press, Carbondale and Edwardsville, 1973, pp. 282-284.

46 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 54, 74, 44 e 64.

47 “Autores hors-d’oeuvre”, *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., p. 39.

48 “Da Outra América: *The American Creed*”, in idem, pp. 75, 78. Gilberto refere também o inseparável companheiro de Mencken, o também crítico George Jean Nathan (p. 75).

49 Vide a “Introdução” por Farrell à sua seleção dos *Prejudices* de Mencken, Vintage-Random House, Nova York, 1962, p. XII e o prefácio de Ruy Castro, “A Mente Iconoclasta” à seleção e tradução por ele de ensaios e artigos de *A Mencken Chrestomaty, O livro dos Insultos de H. L. Mencken*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 14.

50 “Da Correspondência de H. L. Mencken com um Amigo Brasileiro”, *Vida, Forma e Cor*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962, pp. 394, 392 e 393.

51 “O Presidente Hading”, *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., p. 143.

52 “A Democracia nos Estados Unidos”, in idem, p. 136.

53 *In The Twenties (From Notebooks and Diaries of the Period)*, Nova York, 1975, na trad. de Paulo Henriques Britto da seleção por Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, *Os Anos Vinte (Extraído dos Cadernos e Diários)*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 97.

54 Vi livros de Santayana na biblioteca de 1930 e 1940 do meu pai no Recife.

55 “A Democracia nos Estados Unidos”, ob. cit., p. 134.

56 “Da Outra América: Recordação de Princeton”, in idem, p. 69.

57 “Da Outra América: vendo Montreal”, in ibidem, pp. 72-75.

58 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 60 e 61.

59 “Da Outra América: o Cardeal Gibbons”, *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., pp. 92-94.

60 Idem, pp. 94 e 93.

61 “Da Outra América: ouvindo um Poeta hindu”, in ibidem, pp. 88-92.

62 Vide de Rabindranath Tagore *Çaturanga* na Coleção dos Prêmios Nobel de Literatura da Editora Delta, Rio de Janeiro, 1962, tradução e apresentação por Cecília Meireles, pp. 79 e 80.

63 “Introdução” de Georges Albert-Roulhac à ob. cit., pp. 15 e 16.

64 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 46 e 47.

65 KINNEY, O. P., M. A., sister M. Cyril Edwin, *A Critique of the Philosophy of George Santayana in the Light of Thomistic Principles*, tese de Ph.D. à Universidade Católica da América, The Catholic University of America Press, Washington D.C., 1942, pp. 114, 116, 110 e 112.

66 KIRKWOOD, M. M., *Santayana: Saint of the Imagination*, University of Toronto Press, 1961, pp. 184, 187, 40, 117, 182, 39 e 41.

67 Idem, p. IX.

68 AMES, Van Meter, *Proust and Santayana (The Aesthetic Way of Life)*; Chicago-Nova York, Willett, Clark and Co., 1937, pp. 69 e 68.

69 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 43.

70 Carta de Nova York sem data a Oliveira Lima e também a ele já de Waco, 15 de dezembro de 1920, in *Cartas do Próprio Punho*, ob. cit., pp. 170 e 222. Ainda em *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., Gilberto diz, assim que chega a Nova York: “Estou decidido a continuar nos cursos de mestrado e doutorado...” (p. 43).

71 Gilberto Freyre fizera parte da Federação das Classes Trabalhadores da Aliança Nacional Libertadora ao lado dos pintores Cícero Dias e Emiliano di Cavalcanti, do jornalista Eugênio Coimbra Júnior e do arquiteto Heitor Maia Filho, cf. ficha de Gilberto como “agitador” na Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco, ficha publicada pelo caderno especial do *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 de março de 1980, comemorativo do 80º aniversário de Gilberto Freyre.

72 KIRKWOOD, *ob. cit.*, p. 155.

73 Está na Columbian, Nova York, a correspondência entre Gilberto Freyre e o Reitor Grayson Kirk da Universidade de Columbia, a propósito do doutoramento *honoris causa*.

74 Também ali a correspondência de Frank Tannenbaum e Charles Wagley convidando Gilberto Freyre para o Seminário Latino-Americano.

A Repulsa ao Racismo

O racismo em geral, inclusive contra a mestiçagem e o clima do Brasil, vinha de longe. O próprio Gobineau, principal ancestral dessa genealogia ideológica com pretensões científicas, Gobineau esteve longamente no Brasil. Buckle declarou precária qualquer tentativa de colonização nos trópicos, chegando a impressionar Sílvio Romero e outros brasileiros de quem se deveria esperar mais criticismo. Vachel de Lapouge, citado pelo amigo judeu de Gilberto Freyre, Isaac Goldberg, considerava o Brasil “um vasto Estado negro de volta ao estado de selvagem”.¹ Até os intelectuais brasileiros se debatiam no dilema e na esperança de resolvê-lo pelo “embranquecimento” através das imigrações européias.² Oliveira Viana, com sua “metafísica do latifúndio”,³ apenas culminava uma tradição sádica dos estrangeiros e masoquista dos brasileiros.

A situação era esta, quando Gilberto Freyre chegou à Universidade de Columbia no começo da década de 1920. Ele vinha para o lugar certo, ali o esperavam Franz Boas e seu pioneiro Departamento de Antropologia.

Boas nascera em meados do século XIX de família judaica assimilada na Vestfália. Estudara nas universidades de Heidelberg, Bonn e Kiel, nesta última se doutorando. Pertencia assim a uma grande tradição, à dos judeus aculturados no mundo de língua alemã, de Albert Einstein a Sigmund Freud, Edmund Husserl e Hans Kelsen; no século anterior, Karl Marx e os Mendelssohn da Música e da Filosofia.

Espírito aventureiro, em 1883 Boas partia de Hamburgo em expedição para o Círculo Polar Ártico, rumo aos esquimós. Claude Lévi-Strauss mostrou como a nova onda colonial européia no século XIX, após a das descobertas no século XVI, encaminhava outra geração de estudiosos na direção da África, Ásia e até aos

Pólos, outrora cronistas, agora etnólogos e etnógrafos.⁴ De volta à Alemanha, Boas tornou-se membro do Imperial Museu de Etnografia e docente da Universidade de Berlim.

A revolução universitária dos Estados Unidos de fins do século XIX não só enviava norte-americanos à Europa em geral e à Alemanha em especial, também atraía europeus e muitos alemães. Franz Boas seria um deles no experimento da Universidade Clark de 1888 e 1892, em seguida na Universidade de Chicago; Columbia a partir de 1896 até a morte ocorrida após a Segunda Guerra Mundial. Uma vida dedicada tanto à pesquisa quanto à polêmica.

A obra teórica de Franz Boas não teve maior relevância, decisiva foi sua ação de professor, preparando mais de uma geração de antropólogos, formada em seguida à primeira de Columbia – Kroeber, Wissler e Goldenweiser – fins do século XIX e primeiros anos do XX. Um marxista do porte do polonês Adam Schaff prestou-lhe a homenagem de reconhecer “toda uma plêiade de investigadores saídos da escola de F. Boas. No contexto de problemas sociais práticos resultantes da existência, nos Estados Unidos da América, de numerosas tribos índias, compreende-se finalmente o interesse que levou os antropólogos e os lingüistas para a vida dos índios, os ensaios que empreenderam com vista à transcrição e assimilação das línguas índias. Foi precisamente nessa base prática que nasceu e se desenvolveu toda uma escola antropológica”(5). Sem colônias para onde enviar seus antropólogos e etnógrafos, os Estados Unidos usaram-nos principalmente no seu oeste, no Alasca e no Havai. Franz Boas esteve pesquisando inclusive em Porto Rico e México; dali teve, portanto, uma certa visão também da Ibero-América.

Boas chegou a dedicar mais de quarenta anos a estudos, pessoais e dos discípulos, aos índios do Noroeste da América. Ruth Benedict agradece-lhe em especial no seu clássico *Patterns of Culture*, amiga mais velha de Margaret Mead. Edward Sapir, dos maiores antropólogos lingüísticos, conclui em Columbia, 1909, seu Ph.D. É de 1911 a célebre *Introduction to the Handbook of American Indian Languages* de Franz Boas, pórtico da grande investigação conjunta da Smithsonian Institution sob sua liderança.

Darcy Ribeiro conseguiu sintetizar “a herança do velho Franz Boas”: “Uma antropologia tão boa como nenhuma na descrição

sistemática, criteriosa, exaustiva, cuidadosíssima de espécimes culturais, mas desinteressada de qualquer generalização teórica".⁶

Grande e imediato o impacto intelectual de Franz Boas em Gilberto Freyre, o maior dos muitos, sempre o reconhecerá vida afora. Desde quando teve aquela visão tão humana, já de amigo, jovem amigo, relatada em carta a Oliveira Lima, 27 de outubro de 1921. "Gosto muito do Dr. Boas. A congestão deixou-o com o lado esquerdo do rosto incapaz de contrações e a boca repuxada para a esquerda. Fala, por isto, com certa dificuldade, porém é suficientemente claro".⁷ O acidente vascular não o impediria da mais intensa atividade, ao longo dos vinte e tantos anos seguintes. Daí Margaret Mead chamá-lo de "fisicamente delgado, porém formidável Franz Boas".⁸ Nas suas polêmicas em favor da neutralidade dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial e, ainda mais coerentemente, contra o racismo nazista na Segunda, atacado por alguns nos meios universitários por aquela atitude e elogiado por muitos nesta.⁹

Dinâmico contrapeso à influência de Boas era, para Gilberto, a de Oliveira Lima. Da pendulação entre os dois pólos foi que surgiu *Casa-Grande & Senzala*, a partir da tese de mestrado sobre temas e fontes propostos por um e por outro. Tempos após, já de volta ao Brasil, Gilberto Freyre expandiu, em *Sociologia (Introdução ao Estudo dos seus Princípios)*, o culturalismo etnológico de Boas e Columbia rumo a um culturalismo neokantista que o completasse mais filosoficamente.¹⁰ Mas continuaram predominando em sua obra os traços iniciais.

Em 15 de dezembro de 1920, Gilberto Freyre escreve de Nova York a Oliveira Lima em Washington D.C., interrogando-o de novo e pedindo orientações: "Parece-me que na História da América do Sul há material para boa tese – material virgem. Poderia o Senhor sugerir algum assunto?".¹¹ Oliveira Lima responde-lhe imediatamente em pleno Dia de Natal de 1920: "Acho muito acertada a seleção que faz de História e Sociologia para a especialização dos seus estudos em Columbia. Na História da América do Sul há de fato muito material interessante para uma tese de doutoramento como por exemplo a sua evolução constitucional depois da Independência, o problema do elemento servil no Brasil, que foi

uma progressão legal e ordeira, o parlamentarismo *versus* presidencialismo, a questão social ou antes racial nas duas Américas (Espanhola e Portuguesa), o desenvolvimento econômico, agentes que o provocaram e que o continuaram, etc. Aqui falaremos sobre isso, mais pausadamente, porque o Senhor não vai escolher já o tema".¹²

Conclui com um conselho por assim dizer de irmão mais velho (as iconoclastias de Oliveira Lima impediam-no de ser paternalista), insinuando posterior Ph.D. a Gilberto Freyre: "O Senhor voltará ao Brasil com um bom preparo, mas penso que estinará voltar para aqui. No jornalismo lá pouco há que fazer" (os jornais pagavam mal, ou simplesmente não pagavam)¹³ e não existiam ainda universidades, só faculdades isoladas. Gilberto encontrará solução, ao lado de colaboração numa imprensa brasileira melhorada com o tempo, em fundar o seu próprio instituto de pesquisas sociais, o futuro Joaquim Nabuco.

Sempre acompanhando o também seu pupilo, Oliveira Lima escreve ao jovem Gilberto, 14 de fevereiro de 1921, ainda a respeito de opiniões do historiador William R. Shepherd, que se somava na orientação da tese gilbertiana de mestrado ao antropólogo Franz Boas: "A sugestão dele (Shepherd) sobre sua tese de doutoramento é ótima e a abolição da escravidão um tema admirável: mas já foi tomado para tese pelo Senhor Mann, que residiu algum tempo em Minas Gerais, é amigo do Professor (Percy Alvin) Martin e doutorou-se em Stanford. Por isso acho que faria melhor em escolher o tema das revoluções, que dá ensejo para muita observação sociológica. O campo mesmo no restrito das 'revoluções brasileiras' é muito interessante e amplo. São revoluções primeiro tendentes à Independência, com caráter dócil e antes social que político (compará-las com as espanholas do século 18, muito bem estudadas por B. Boses) e depois francamente políticas, sem abandonar o traço social."¹⁴

Quatro dias após, 18 de fevereiro, Gilberto diz concordar – "Creio que limitarei o assunto de minha dissertação para 'Revoluções Sul-Americanas do Século XVIII' – um estudo comparativo. Conversarei breve, a respeito, com o nosso excelente amigo Dr. Shepherd"¹⁵ – mas Oliveira Lima sofria de uma grande limitação nisto. Inclínava-se para as teses da inferioridade negra e necessida-

de de embranquecimento do Brasil, como se vê noutra carta deste diálogo intelectual com Gilberto Freyre, 20 de fevereiro de 1921, uma intensa correspondência: “É claro que o imigrante branco é o que nos convém. Mas não será preferível dar-lhe o espetáculo de fusão ao de dar-lhe o de exclusão. A inferioridade de raça será real e será ela causada pelo elemento africano, já bastante diluído nalguns pontos, ou antes pela educação”.¹⁶

Pesarão mais as sugestões históricas de Shepherd e a orientação antropológica de Boas. Evitando o assunto em cartas seguintes a Oliveira Lima, Gilberto Freyre comunica delicadamente, um ano após, em 3 de abril de 1922, com estudada modéstia para não ferir o temperamental amigo, que, “Em todo caso o estudo na sua forma atual – isto é, quando findo – não será, nem eu o esperei, mais do que um *preliminary inquiry* no assunto. Meu plano é aprofundar a sondagem. É possível que algum dia este seu amigo apareça com dois volumes debaixo do braço – uma História Social da Família Brasileira (durante os dois impérios)”.¹⁷ Oliveira Lima não viverá para ver de autoria de Gilberto Freyre a *Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal e o Processo de Desintegração das Sociedades Patriarcal e Semipatriarcal no Brasil sob o Regime do Trabalho Livre*, subtítulos de *Casa-Grande & Senzala é Ordem e Progresso*, com *Sobrados e Mucambos* de perneio.

Na interpretação gilbertiana do Brasil triunfará o anti-racismo de Franz Boas, o próprio Gilberto confessa-o na entrevista de História Oral por ele concedida à Universidade de Baylor em 1985: “quando vim a escrever meu livro *Casa-Grande & Senzala*, Boas estava presente como o homem que me deu um embasamento científico para não acreditar na superioridade, nem na inferioridade racial”.¹⁸

Isso era revolucionário na época, ainda vigiam os preconceitos racistas também no Brasil. Em Pernambuco desabarará contra Gilberto Freyre – discípulos e amigos – violenta repressão inclusive policial, com prisões e torturas principalmente contra Gilberto e seu primo o psiquiatra Ulysses Pernambucano, durante a ditadura parafascista de Getúlio Vargas, o Estado Novo de 1937 a 1945. Vigoravam, em pleno Brasil popularmente mestiço, pretensões elitistas de eugenia racial, indo ao ponto de peregrinarem à Alemanha

nazista, nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, para verem “a proteção que o Estado dava... em última análise à pureza da raça”.¹⁹ José Lucena – um dos discípulos de Ulysses Pernambucano, que também era acusado por seu pioneirismo em trazer idéias e métodos de Freud ao Brasil já em 1926 – Lucena testemunha “a aceitação”, por médicos também brasileiros daquele período, de “infimas medidas tidas ‘eugênicas’ e de ‘higiene racial’, como a esterilização compulsória de doentes mentais, postas em prática pelo sinistro III *Reich*”.²⁰ Muita coisa resta a ser investigada na História do Brasil...

O anti-racismo de Franz Boas deve ter sido um dos fatores impulsionantes da reação, inclusive do meio racista universitário dos Estados Unidos, usando como pretexto o seu neutralismo na Primeira Guerra Mundial, mesma posição de Romain Rolland, apesar de francês, e de Oliveira Lima e Capistrano de Abreu num Brasil francófilo. Na Segunda Guerra Mundial é que estava em jogo o racismo nazista, aí Boas optou decididamente contra a Alemanha donde provinha, o judeu nele falou mais alto. Sendo antifascista a maioria da intelectualidade norte-americana, liberal ou anglófila conservadora, Boas passou a ser aplaudido além do seu círculo de seguidores.

Ja tornar-se moda ficar a favor do anti-racismo e do anticolonialismo, após o sacrifício de Martin Luther King virar até feriado nacional nos Estados Unidos e em seguida ao processo de descolonização européia, mas Franz Boas e sua escola de Antropologia partiram de Columbia na frente, muito antes, desde fins do século passado, senão contra tudo e contra todos, pelo menos enfrentando a maioria dentro das minorias dominantes, contra elas desfraldando “oposição ao racismo e ao colonialismo – dominantes na antropologia européia – a que os boasistas opuseram um culturalismo antievolutivo e exacerbado no seu relativismo, mas generoso e compreensivo no entendimento das sociedades e culturas menos complexas e das raças perseguidas”.

Enfim, ainda no depoimento do antropólogo Darcy Ribeiro, cientista social enganado: “O que fez Gilberto, nesse plano, foi contestar generalizações deterministas muito em moda nos seus dias. Generalizações que, de resto, já haviam sido contestadas por Manoel Bonfim, Roquette Pinto e alguns outros, ainda que jamais

com o vigor e a eloquência que este debate alcançaria em Gilberto Freyre. “O que devemos reter sobre a herança acadêmica de Gilberto Freyre é a fonte boasiva, tanto do seu ateoricismo como de sua propensão etnográfica.”²¹ Revalorização tanto do negro, índio e mestiços, quanto, por que não?, do próprio português denegrado por alguns europeus nórdicos, antiibéricos e antimediterrâneos, bem como, nesse contexto, revalorização do também denegrado clima tropical.

Casa-Grande & Senzala – obra seminal da Segunda Escola do Recife, a partir do Gilberto Freyre também da Semana Regionalista de 1924, tanto quanto houve a Primeira Escola do Recife desde Tobias Barreto, caminhos próprios diversos dos do Rio de Janeiro e São Paulo hegemônicos no Brasil dos séculos XIX e XX – *Casa-Grande & Senzala* descende, fora do Brasil, da Escola Americana de Enografia Histórica, assim chamada por Goldenweiser em artigo para o *American Journal of Sociology* de 1925 (vol. XXXI). Escola basicamente preocupada com a cultura em suas relações étnicas, como se vê em Clark Wissler no *Journal of Social Forces* de 1924 (vol. III). Tema do livro de Wissler, *Man and Culture*, um ano antes.

O reconhecimento maior naturalmente a Boas: “A figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão”. “Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos de ambiente ou de superioridade cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, da herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio”, *Casa-Grande & Senzala*. A ninguém mais Gilberto Freyre prestou semelhante preito de gratidão intelectual, para ele “nunca será demasia salientar-se a importância da obra científica de Franz Boas”.²²

Genealogia gilbertiana daquela escola, que melhor se denominaria de início como Escola de Columbia, remontando a Kroeber, dos primeiros grandes discípulos de Boas, e estendendo-se a Ruth Benedict e os contemporâneos de mestrado de Gilberto Freyre, Melville J. Herskovits e Margaret Mead, cujas *The Social*

History of the Negro, daquele, *Sex and Temperament* desta, eram então novidades. Todos freqüentemente citados em *Casa-Grande & Senzala*.²³ Foi o prestígio intelectual daqueles norte-americanos, natos ou adotivos, prolongando-se a Gilberto Freyre, que lhe permitiu sobreviver diante da repressão racista no Brasil. Ademais dele pertencer à própria elite senhorial brasileira, aceitando apenas críticas internas, mesmo assim a contragosto.

É que Gilberto Freyre ali se posicionava frontalmente contra o racismo de Oliveira Viana, então no auge, e recorria simpaticamente, embora limitadamente, à teoria marxista da luta de classes aplicada primeiro ao Brasil por Astrojildo Pereira, nada menos que um dos fundadores do Partido Comunista. Some-se Sigmund Freud a tudo isso,²⁴ neste caso por influência do primo psiquiatra Ulysses Pernambucano, e ter-se-á explosiva combinação abalando o Brasil intelectual da década de 1920 em diante... Quando irrompeu no meio anacrônico e regressista.

Foi realmente *Casa Grande & Senzala*, mostrou-o de novo Darcy Ribeiro com apaixonada verdade, quem começou a ensinar-nos “a nos reconciliarmos com nossa ancestralidade lusa e negra, de que todos nos vexávamos um pouco”.²⁵ Rastro de Franz Boas detectável marcante no Brasil desde 1914 em *O Problema Nacional Brasileiro* de Alberto Torres,²⁶ que assim podia racionalizar a lembrança dos escravos mortos, a quem dedica *A Organização Nacional*, “que me deram, no convívio íntimo da infância, lições de bondade e de pureza de costumes e exemplos de amor ao trabalho e veneração”. Pois, acrescenta-lhe Gilberto Freyre, “Não era o negro, portanto, o libertino; mas o escravo a serviço do interesse econômico e da ociosidade voluptuosa dos senhores”. Inclusive a miscigenação não é, em Gilberto Freyre, celebrada tão pacificamente quanto lhe acusam: “Entre brancos e mulheres de cor estabeleceram-se relações de vencedores com vencidos – sempre perigosos para a moralidade sexual”. “Nesse período é que sobre o filho de família escravocrata no Brasil agiam influências sociais – a sua condição de senhor cercado de escravos e animais dóceis – induzindo-o à bestialidade e ao sadismo”.²⁷ Quem andou inventando e espalhando a teoria do “brasileiro cordial” não foi, portanto, Gilberto Freyre, e sim o democrata radical Sérgio Buarque de Holanda em suas *Raízes do Brasil* de 1936, do que depois se arrepen-

deu e fez autocrítica, mas sob pressão polêmica de Cassiano Ricardo,²⁸ aliás um nacional-conservador...

A Gilberto coube, isto sim, a missão histórica de rever o “Zé-Povinho” em “Povão”, também antecipando Francisco Clementino San Thiago Dantas, que muito bem mostraria como, no Brasil, “o povo, enquanto povo, é melhor que a elite enquanto elite”; porque ao povo são impostos deveres que ele cumpre, e às elites não. Já Branner tinha notado como as classes superiores faziam as leis, indiferentemente das causas sociais da pobreza, nada ensinando aos *ex-escravos dela saírem*.²⁹ Contra os adeptos do embranquecimento num Brasil europeizado e contra os adeptos da negritude de um Brasil africanizado, Gilberto Freyre queria o Brasil brasileiro em miscigenada morenidade, democracia étnica a ser construída, ainda não concluída, ao contrário do que também o acusam seus detratores.

Dá Gilberto se ter tanto comovido com a homenagem da Escola de Samba Mangueira, ao escolher *Casa-Grande & Senzala* como samba-enredo do Carnaval de 1962, com o estribilho “Louvor/a este povo varonil / que ajudou a construir / a riqueza do nosso Brasil”: “muito obrigado!... Porque a vossa ciência é a da vida. É a que vem da gente do povo”.³⁰ Gilberto Freyre bem que poderia endossar o título e o espírito da grande novela de João Ubaldo Ribeiro: *Viva o Povo Brasileiro*.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 *Apud Brazilian Literature*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1922, p. X.

2 Vide SKIDMORE, Thomas E. *Black into White (Race and Nationality in Brazilian Thought)*. Nova York: Oxford University Press, 1974, passim.

3 A expressão é de José Honório Rodrigues no subtítulo do vol. II, tomo II da sua *História da História do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988. (Brasiliiana Grande Formato, v. 24).

4 Entrevista de Lévi-Strauss, “Se o Colonialismo não tivesse

existido, não haveria Etnologia”, *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, 15 de abril de 1982.

Roberto da Matta também assinala que, na “sociedade imperialista”, “seus antropólogos classificam tudo” (*Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*), 3. ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1983, p. 91.

5 *Linguagem e Conhecimento* (do polonês *Yerzek a Poznanie*, Varsóvia, 1964), Coimbra: Livraria Almedina, 1974, pp. 96 e 97.

6 “Gilberto Freyre: Uma Introdução a *Casa-Grande & Senzala*”, prólogo à edição deste livro em espanhol pela Biblioteca Ayacucho de Caracas, in *Sobre o Óbvio*, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, pp. 126 e 127.

7 *Cartas do próprio Punho sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro*; seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello; prefácio de Josué Montello; Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura; Ministério da Educação e Cultura; sem ref. a local; 1978; p. 191.

8 Apud HOWARD, Jane. *Margaret Mead (A Life)*. Nova York: Simon and Schuster, 1978, p. 53.

9 Ampla documentação jornalística na Coleção Columbiana da Universidade de Columbia, Nova York.

10 Evaristo de Moraes Filho mostrou as limitações desta síntese, na realidade mais próxima da sociologia engajada de Hans Freyer (“Ciência Cultural ou Natural? A propósito de uma Afirmação do Sr. Gilberto Freyre”, *Revista Branca*, Rio de Janeiro, outubro-novembro, 1948, pp. 11, 24, 28 e 30).

11 *Cartas do próprio Punho*, ob. cit., p. 170.

12 Carta no Arquivo da Fundação Gilberto Freyre, Recife, Pernambuco,

13 Idem.

14 Ibidem.

15 *Cartas do próprio Punho*, ob. cit., p. 174.

16 Carta na Fundação Gilberto Freyre.

17 *Cartas do próprio Punho*, ob. cit., p. 198.

18 *Oral Memoirs of Gilberto de Mello Freyre*, Waco: Baylor University Institute of Oral History, 1985, p. 14.

19 É o relato do médico paulista Jayme Regallo Pereira In:

Unter den Linden (Impressões de Viagem na Alemanha), São Paulo: Oficinas Gráficas da Revista dos Tribunais, 1956, pp. 135, 15, 109 e 100-102.

20 "Raízes e Tendências da Psiquiatria no Brasil (Aula de Mestre proferida na Abertura do Simpósio realizado em Homenagem à sua Jubilação)", *Neurobiologia*, Recife, n. 41 (Suplemento), 1978, pp. 22 e 23.

21 *Sobre o Óbvio*, ob. cit., p. 128.

22 *Casa-Grande & Senzala*, Editora Universidade de Brasília, 12ª ed. brasileira e 13ª em português, 1963, pp. 5 e 424.

23 Idem, pp. 549, 544, 156, 333, 223 e *passim*.

24 Idem, pp. 7 e 322. "Inevitável, aqui, a citação de Freud que já estava tardando" (p. 324). Também Havelock Ellis, *Studies in the Psychology of Sex*, 1908, outro pioneiro no assunto, influenciou muito Gilberto Freyre.

25 *Sobre o Óbvio*, ob. cit., p. 112.

26 *O Problema Nacional Brasileiro*, Editora Universidade de Brasília, 1982, pp. 59 e 60.

27 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit., pp. 364, 461 e 113.

28 Vide a polêmica em apêndice à 4ª ed. de *Raízes do Brasil*, Editora Universidade de Brasília, 1963, pp. 189-213.

29 Notas manuscritas para uma ~~irrealizada~~ História do Brasil apud Frank Robert Jackle, *John Casper Branner*, tese de Ph.D. à Universidade de Stanford, 1966, pp. 107 e 110.

30 Artigo no *Jornal do Commercio*, Recife, 13 de maio de 1962.

Anísio Teixeira e Monteiro Lobato: Companheiros de Descoberta

Gilberto Freyre não estava só em mais esta redescoberta brasileira dos Estados Unidos, após o recurso à fuga pelos revolucionários Abreu e Lima e Natividade Saldanha rumo à Filadélfia, e por Rui Barbosa apoiando-se na inspiração dos *Founding Fathers* para institucionalização da república no Brasil. Anísio Teixeira e Monteiro Lobato chegam a Nova York pouco após a partida de Gilberto, Anísio fazendo o mestrado de Educação na Universidade de Columbia do verão de 1927 à primavera de 1929, Lobato adido comercial no Consulado do Brasil de 1927 a 1930.

Terminara a tragicomédia da presidência Harding, Coolidge conclufra o mandato do antecessor e cumprira o seu próprio, o presidente da república passava a ser Herbert Hoover em cujas mãos ia rebentar a crise da Grande Depressão de 1929, da qual os Estados Unidos e o mundo iriam ver brotar o antagonismo entre os remédios democráticos de Franklin Delano Roosevelt e os totalitários nazistas arrastando quase toda a humanidade à Segunda Guerra Mundial.

Também Anísio Teixeira era de origem senhorial do sertão baiano de Caetitê, seu pai um dos chefes políticos locais e proprietário rural. Deles Anísio guardou imagem favorável, como se vê quando diz: “O chefe sertanejo inteligente e honesto é mais civilizador do que mil e um promotores eivados de um fetichismo acadêmico pela lei e pelo seu formalismo. Ele é mais capaz de adaptar, de a fazer amada e compreendida do seu povo...”¹

Anísio Spínola Teixeira passou pela Companhia de Jesus, desistira após uma viagem a Roma, em vésperas da ordenação. Substituiu então o que passou a parecer-lhe religião velha, por uma religião nova, a do pedagogismo,² uma espécie de iluminismo indo às massas, educando-as. Anísio inseria-se em toda uma linha, anterior e posterior, de intelectuais baianos com a mesma preocupação.

O interesse ali remonta a João Barbosa, médico, parlamentar liberal radical com participação na rebelião da Sabinada (1837) e pai de Rui Barbosa, autor do *Relatório sobre a Instrução Pública da Província da Bahia* de 1858, mais outro em 1861. Na mesma época, o também baiano Abílio César Borges, nobilitado como Barão de Macaúbas pelo Imperador Pedro II, notabilizava-se no Rio de Janeiro com um colégio de sua propriedade, caricaturado por Raul Pompéia em *O Ateneu*. Dele há um retrato mais fiel em *Vida e Obra do Barão de Macaúbas*, obra esgotada e rara, publicada no Rio de Janeiro, 1936, pelas Edições “Infância e Juventude” de pequena circulação. De autoria de Isafas Alves, que estagiará na Universidade de Columbia depois de Anísio Teixeira, ali fazendo pesquisas de métodos pedagógicos e de Administração Escolar, em 1930-1931, do que deu conta em *Da Educação nos Estados Unidos (Relatório de uma viagem de Estudos)*, melhor divulgado pela Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1933.

Edivaldo M. Boaventura – duas vezes Secretário de Estado da Educação na Bahia, quando, entre outras coisas, instituiu duas universidades e criou o museu-escola de Castro Alves na Fazenda Cabaceiras, fundo do Recôncavo onde morreu o poeta – Edivaldo M. Boaventura fornece ampla visão da Escola Baiana de Educação no seu discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Escola para a qual chamei a atenção no meu prefácio ao seu livro *A Segunda Casa*, 1984.

Nos Estados Unidos Anísio Teixeira vai entusiasmar-se principalmente com dois grandes vultos, autores de duas grandes obras, teórica e prática: John Dewey e Horace Mann.

Dewey, mais conhecido, ao aplicar à Pedagogia, enriquecendo-o filosoficamente, o pragmatismo de William James, que remonta ao empirismo de Charles Saunders Peirce, o qual predominara anglo-saxonicamente nas universidades norte-americanas sobre o idealismo germanista de Josiah Royce. Nem por isso Dewey deixou de receber influências de Hegel, refletindo-se na concepção deweyana de lógica dinâmica, ao fundir pensamento e objeto num progressivo processo do indeterminado rumo ao determinado. A extensão e o prestígio da obra de John Dewey, nos Estados Unidos da sua época, também fazem lembrar Hegel no mundo de língua alemã.³

Mann, menos conhecido, embora também tão marcante quanto Dewey na educação do seu país, advogado, abolicionista e político, senador na vaga de um presidente dos Estados Unidos, John Quincy Adams. Horace Mann foi principalmente o campeão da escola pública laica, gratuita e obrigatória, fundador do Conselho Estadual de Educação do Massachusetts, 1837, no qual reuniu democraticamente em pé de igualdade governo e pais dos alunos, para juntos decidirem a instrução das crianças. Mann morreu como reitor do Antioch College, um *land-grant college*, movimento que culmina universitariamente o seu de ensino primário ou primeiro grau.

É que a primeira Lei Morrill, Morrill Act, destinou terras estatais devolutas a partir de 1862 como patrimônio fundador das universidades públicas estaduais de Michigan, Pensilvânia e Illinois, seguidas pelas de Minnesota, Wisconsin, Iowa e Ohio, todas no Meio-Oeste então sendo desbravado.

A segunda Lei Morrill, 1890, regulou novas doações, em seguida também privadas. Outras legislações se sucederam a respeito em 1907, 1935 e 1952. Uma associação congrega as universidades estaduais desde 1887. Não há federais nos Estados Unidos.

Em lembrança do pioneiro, a Faculdade de Educação, Teachers College, associada à Universidade de Columbia, tem por edifício principal o Horace Mann Hall. Seus alicerces datam de 1894, quando ali foi inaugurada uma escola com seu nome, em cerimônia presidida pelos reitores de Columbia, Harvard e Johns Hopkins, tempo da revolução universitária norte-americana sob especial influência alemã inclusive na Pedagogia. Entre os iniciais professores do Teachers College, no começo chamado de Industrial Education Association, figuram alguns dos primeiros divulgadores de Froebel, Herbart e do pedagogo suíço alemão Pestalozzi, não ítalo-suíço, apesar do nome. Nicholas Murray Butler, reitor de Columbia em seguida por quarenta e quatro anos, foi o primeiro presidente da Industrial Education Association em 1887.

Eram instituições congregando-se em torno de Columbia, a ela associadas, não lhe pertencendo propriamente, ao modo do Barnard College só para moças, no tempo em que não podiam entrar em universidades. Barnard College fundado pelo reitor de Columbia, Frederick A. P. Barnard.

Butler entrara em contato com o movimento de Horace Mann e, após doutoramento em Columbia, 1884, fora passar um ano nas universidades de Paris e Berlim, nesta se impressionando muito com a importância dada pelo professor de Filosofia, Friedrich Paulsen, à educação. Depois, na reitoria de Columbia de 1901 a 1945, Butler acompanhou parte do tempo de James Earl Russell decano também longamente do Teachers College de 1897 a 1927.⁴

Para este ambiente veio John Dewey em 1906 à Universidade de Columbia propriamente dita, embora estivesse presente no Teachers College. Dewey provinha de Harvard, onde fora influenciado pelo pragmatismo de Peirce e James; passara em seguida pela Universidade de Chicago onde fundou, em 1896, sua Escola Laboratório. Todo um grupo – decisivo para a educação de muitos países, não só para os Estados Unidos – reuniu-se então no Teachers College: Edward L. Thorndike em Psicologia Educacional, John Dewey em Filosofia da Educação e o seu mais ardente e discutido discípulo, William Heard Kilpatrick.⁵

O pragmatismo educacional de Dewey era um pragmatismo social. Ia até à educação de adultos, além da de crianças, para isso entrava em contato com os próprios sindicatos, daí receber a acusação que era socialista. Não vacilou em ir ver de perto o auge da Revolução Mexicana e de participar da movimentação pública em favor dos anarquistas imigrantes italianos Sacco e Vanzetti condenados e executados em 1927, num processo que abalou o mundo. Foi ao ponto de viajar à União Soviética em 1928, para ver de perto sua educação de massas, recebendo na volta a acusação de “comunista”. Mas a prova de sua independência está na aceitação da presidência do júri internacional para julgar em 1937 as acusações de Stalin contra Trotsky. De novo Dewey não vacilou na sua consciência liberal: foi até à capital do México para interrogar pessoalmente Trotsky e logo a imprensa comunista, teleguiada por Moscou que há pouco não bem o recebera, passava a chamá-lo de “fascista”, para escândalos dos que o conheciam. Trotsky viu-se inocentado pela comissão internacional de inquérito e agradeceu de público a Dewey, nele saudando, com “profundo respeito”, “o educador, o filósofo e a personificação do genuíno idealismo americano”.⁶

Muitas voltas o mundo continuaria dando, Stalin acabou virando vilão e Trotsky reabilitado na própria União Soviética, pelo menos como personagem histórico, sob o ponto de vista ideológico sempre controvertido.

A quase idolatria desencadeada por Kilpatrick em torno de Dewey, atingindo os mais distantes recantos do mundo (ao longo de vinte e cinco anos de magistério no Teachers College, Kilpatrick teve mais de trinta e cinco mil alunos provenientes de uns sessenta países), despertou inevitáveis polêmicas. Kilpatrick foi acusado de criar o “deweyismo”, enquanto o próprio Dewey não se declarava deweyano.⁷ Nenhum educador alcançara tanta repercussão local e internacional. Também Gilberto Freyre registra o prestígio de Dewey na Columbia daquela época.⁸

Anísio Teixeira chegou na Nova York do verão de 1927 atraído pela fama de John Dewey, sumo sacerdote da “nova religião”, a religião da democrática educação redentora das massas. Seu templo, o Teachers College da Universidade de Columbia, com sua biblioteca ainda hoje presidida pelo busto de Dewey por Jacob Epstein. Ali Anísio frequentou, até a primavera de 1929, os cursos de Educação, Psicologia, Administração Escolar, Educação Européia, Educação Rural, Didática (*Education of teachers*) e pesquisa. Em 5 de junho de 1929 recebeu o título de mestre em artes (M.A.), com concentração em Educação.⁹ Seu relatório ao governo da Bahia, 1928, *Aspectos Americanos de Educação*, é considerado sua tese pelo Teachers College de Columbia.¹⁰

Nele Anísio analisa uma escola rural e uma escola normal em Maryland, o sistema escolar de Cleveland, um *college* agrícola do estado de Nova York, um *college* de professores de Farmville e o Departamento Estadual de Educação da Virgínia em Richmond. Estudos comparativos começando e terminando com a filosofia de Dewey.

Logo na primeira página ele escreve: “John Dewey é, na América, o filósofo que mais agudamente traçou as teorias fundamentais da educação americana”. Em seguida vem o programa da sua subsequente vida inteira: “Apresentar, pois ..., as idéias com que Dewey fixa o atual sentido de educação, pareceu-me meio talvez favorável, para despertar um interesse concreto pela revisão de nossas próprias concepções”. Anísio conclui a parte metodolôgi-

gica-doutrinária com o capítulo “Educação e Democracia”, daí em diante também sua meta insistente: “se democracia tem algum sentido moral e social, ela deve exigir de todos uma função social e a todos oferecer oportunidade para desenvolver as suas capacidades distintas”. “A educação democrática, segundo Dewey, é uma educação de humanidades, no seu justo sentido, não para uma classe privilegiada, mas para todos os homens”. Humanidades teóricas e práticas, inovação pedagógica de Dewey, nelas não há condenação da cultura, nem predominância do “utilitarismo” ou “parcialidade”, “mas uma educação tão integral e tão humana quanto possível...”¹¹

Anísio Teixeira, décadas após, em 1970, lembra-se de traduzir e apresentar *Liberalismo, Liberdade e Cultura* de John Dewey, na linha da sua tradução de *Vida e Educação*, 1930, cuja longa apresentação – da Pedagogia de Dewey à escola como reconstituição da experiência – já terminava com o capítulo “A Premissa Democrática que domina toda essa Exposição”.¹²

Dele poderá dizer Monteiro Lobato, “com entusiasmo por essa coisa maravilhosa que é a tua inteligência lapidada pelos Dewey e Kilpatrick!”. “Só você tem a inteligência bastante clara e aguda para ver dentro do cipoal de coisas engolidas e não digeridas pelos nossos pedagogos reformadores”. “Eles não conhecem, senão de nomes, aqueles píncaros (Dewey & Co.) por cima dos quais você andou e donde pôde descortinar a verdade moderna”.¹³ Anísio Teixeira ia pagar muito caro por isso.

John Dewey e Horace Mann permanecerão as bússolas da sua vida. Em Mann sempre verá “um desses pioneiros continentais da educação popular – por um conjunto de circunstâncias, o primeiro: Horace Mann. O grande batalhador da educação pública e universal nos Estados Unidos da América, que no continente só encontra paralelo contemporâneo em Sarmiento na Argentina...”¹⁴

Não que Anísio Teixeira revelasse Horace Mann ao Brasil, como o fez com John Dewey, e sim que o tornou mais conhecido, adiante, na teoria e na prática, do afirmado e divulgado por Gabriel Prestes em discurso na inauguração da Escola Normal de São Paulo, preparadora de professores, em 1894, equiparando Mann nada menos que a Washington, Madison e Monroe. Na linha de Cesário Motta, secretário do Interior de São Paulo naquela mesma

época, citando Horace Mann: “A democracia sem a instrução será uma comédia, quando não chegue á tragédia”.¹⁵ Pois, no espírito republicado democrático, tão diverso do oligárquico que logo se apossará da república, o diretor daquela Escola Normal, Caetano de Campos, explicava: “Hoje o príncipe é o povo, e urge que ele alcance o *self-government*... A instrução do povo é, portanto, sua maior necessidade”.¹⁶

Palavras que o vento leva. Na hora da decisão e execução, a oligarquia brasileira – com seu aparato tecnocrático, militar e policial – reprime brutalmente quem se interesse ativamente pela educação popular: cassa e caça Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro fundadores da Universidade de Brasília, Paulo Freire e Lauro de Oliveira Lima por agirem ou pensarem pedagogicamente, tanto quanto perseguiu Josué de Castro, Noel Nuttels e Mário Pinotti por suas campanhas de alimentação e saúde do povo.

De volta ao Brasil, após viagem também à Europa, Anísio publica, em 1934, na linha de John Dewey, *Em Marcha para a Democracia (À Margem dos Estados Unidos)*, uma obra de entusiasmo pelo “espírito da civilização americana”, a seu ver integrado por prosperidade e idealismo, tradição democrática e renovação permanente, esta última síntese a de maior originalidade, o maior milagre, além do seu próprio industrialismo de tanta ciência e tanta tecnologia. Numa nova cultura, “uma cultura material, intelectual, moral e artística, de que todos venham a participar, que se está elaborando nessa parte do planeta”.¹⁷ Anísio Teixeira participava do sonho americano no sentido de liberalismo social, sonho muitas vezes atacado por adversários, mas que prossegue atraindo milhões de imigrantes do mundo inteiro.

Anísio recorre a Kilpatrick para definir a essência daquela democracia: “respeito pelo homem”.¹⁸ Na realidade, uma herança do puritanismo da Nova Inglaterra (Dewey era de Vermont, estado pequeno, rural e até florestal, onde ainda vige em muitos lugares a própria eleição direta do *town meeting*), herança política humanista transmitida às pequenas e médias propriedades das pradarias do Meio-Oeste, donde emerge o abolicionismo de Abraham Lincoln contra o escravismo do Sul Profundo. Pois, “o ‘pioneiro’ já desapareceu, mas o seu espírito inspira a América”, “com a coragem e o humanismo pragmático de sua filosofia”. “Nova atitude

mental” sintetizando fundamentalismo puritano religioso e modernismo científico-tecnológico pelo instrumentalismo filosófico de John Dewey e muitos outros, pensadores ou não, todos cidadãos construtores da Nova América.¹⁹ Anísio escrevia estas linhas, 1934, em pleno desenrolar das esperanças do *New Deal* de Franklin Delano Roosevelt, arrancando os Estados Unidos da Grande Depressão econômica e social e do isolacionismo político internacional, rumo ao enfrentamento contra o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.

De volta ao Brasil, Anísio Teixeira entrega-se de corpo e alma ao apostolado da “nova religião”: traduz de Dewey *The Child and the Curriculum* e *Interest and Effort in Education* selecionados em *Vida e Educação*, o mesmo método para reunir *Liberalism and Social Action* e *Freedom and Culture* em *Liberalismo, Liberdade e Cultura*.

No calor das polêmicas em favor do ensino gratuito, público e obrigatório, porém sob a hegemonia da sociedade civil sobre o Estado, no espírito de John Dewey e Horace Mann, escreve *Educação não é Privilégio e Educação no Brasil*. O País estremece naquele embate de opiniões, duas vezes concluído pela força, por falta de argumentos, no fechamento da Universidade do Distrito Federal do Rio de Janeiro pelo golpe militar de 1937, universidade da qual participava Gilberto Freyre e cujo reitor era o próprio Anísio,²⁰ e a intervenção por outro golpe militar, em 1964, na Universidade de Brasília de que tinha sido de novo reitor e era um dos fundadores Anísio Teixeira.

Ao instalar em 1935, como primeiro reitor, a Universidade do Distrito Federal, Anísio fazia questão de frisar que aquilo em nada diminuía a maior urgência dos ensinos de primeiro e segundo graus, aos quais dera tanta prioridade como diretor-geral de educação na Bahia e Rio de Janeiro, e recorria, como sempre, à sua inspiração nos Estados Unidos liberais: “Ninguém até hoje mais profundamente sentiu a necessidade de educação popular primária do que Jefferson, que declarou, certa vez, em 1823, que se tivesse que escolher entre o ensino primário e a universidade, mais facilmente fecharia esta do que aquele, de tal modo lhe parecia importante para o País a difusão entre a massa, dos conhecimentos essenciais.” É

que os elitistas oligárquicos queriam uma universidade “não para libertar, mas para escravizar”.

Anísio Teixeira aí entrava em frontal choque contra as multisseculares resistências: “Conhecemos, todos, a linguagem desse reacionarismo. Ela é matusalénica”. Provinha do “predomínio estreito da família, prepotência temporal da Igreja, ditadura espiritual do Estado”.²¹

Ao botar o dedo na ferida, chaga aberta há séculos, a do Estado patrimonialista, propriedade de classes arcaizantes e facínoras, inimigas da organização da sociedade civil à qual procura obstruir com ajuda do seu braço armado, Anísio Teixeira só podia atrair a represália inclusive da violência. Ela veio habitualmente desmesurada. Aposentado em forma de cassação – na companhia de educadores vários, vetados outros tantos pelos órgãos militares de segurança do Estado, em nome de uma segurança nacional, na realidade só deles mesmos e dos seus oligárquicos patrocinadores – Anísio teve de rumar ao exílio, a Paris, a UNESCO dali o convidava.

Mas lá não se adaptaria, nem mesmo de volta aos Estados Unidos.²² Sua missão era no Brasil, até na morte misteriosa no fundo de um poço de elevador no Rio de Janeiro, quando enfrentava feroz campanha da ditadura reinante.

Já em 1937, tempos pré-liberais de Alceu Amoroso Lima na época de mais um golpe de Estado, o do Estado Novo varguista, Tristão de Athayde acusava-o de “socialista”.²³ Apesar de Anísio dizer por escrito que “conheço Marx como conheço Freud, de oitiva. Nunca os li. Em Filosofia, sou uma mistura de universalismo cartesiano com pragmatismo americano”,²⁴ e embora chegasse a impacientar, com seu americanismo, Darcy Ribeiro, que queria uma revolução socialista,²⁵ duas vezes foi punido sob a acusação de “comunista”, em 1935 e 1964. Carlos Lacerda, no auge da campanha escola privada *versus* escola pública, increpava Anísio Teixeira de ser anticatólico, porque na posição liberal não podia ser anti-semita...²⁶

Pouco antes de falecer, Anísio recebeu a homenagem da sua *Alma Mater* de Columbia, em 1963, a Medalha de Distintos Serviços da sua Faculdade de Educação, o Teachers College.²⁷

Após sua morte, continuaram as restrições vindo também do outro lado, o dos defensores da propriedade estatal dos meios de

produção sob controle de um partido político único, contra o liberalismo de Anísio Teixeira, assim colhido entre fogos cruzados.²⁸

Darcy Ribeiro, que fixou um esplêndido retrato intelectual de Gilberto Freyre, fez dois de Anísio Teixeira.

Darcy conhecera Anísio, muito norte-americanamente por simbólica coincidência, pelas mãos de Charles Wagley.²⁹ Anísio vinha das suas experiências de escola-parque desde a Bahia e da Universidade do Distrito Federal, rumo a outras tantas experiências em Brasília, daí em diante modelo Brasil afora. A renovação do ensino superior era obstruída na sua própria vertente de inspiração norte-americana por seus militares defensores. À oligarquia brasileira, e ao seu braço armado, interessava o pior, não o melhor dos Estados Unidos. O episódio da defesa de Trotsky por John Dewey confundia ainda mais os perseguidores de Anísio Teixeira, ao sabermos que Dewey tinha sido seu principal mestre e nos Estados Unidos...

Só viria a ser possível a renovação do ensino superior pela Universidade de São Paulo, de modo mais orgânico e sem interrupções institucionais, por inspiração européia e numa cidade com mais organizada sociedade civil. Mesmo citando Thomas Jefferson e os Estados Unidos como exemplos, o então governador de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, fundador da USP em 1934, reconheceu realisticamente que “dispomos agora do instrumento por meio do qual se prepararão nossas elites dirigentes”, “que se destinam ao exercício da inteligência aplicada e que constituirão sobretudo os grupos das profissões liberais e do funcionalismo”.³⁰ A tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco – a mais antiga, de 1827, ao lado da sua gêmea de Olinda-Recife – era mantida independente e mencionada em primeiro lugar,³¹ elo do passado com o futuro. Grande resposta paulista à recente derrota no levante constitucionalista de 1932.

Uma missão de professores franceses, apoiada por Júlio de Mesquita Filho com o prestígio do seu jornal *O Estado de São Paulo*, veio imediatamente para a USP, recrutados pelo médico e psicólogo Georges Dumas. Entre outros, Paul Arbousse-Bastide (Sociologia), Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig (Geografia), Robert Garric (Letras), Fernand Braudel e Henri Hauser (História),

Claude Lévi-Strauss (Etnologia) e Émile Bréhier (Filosofia), ao lado de professores alemães e italianos. Alguns destes franceses, mais outros vindos diretamente, prosseguirão para o Rio de Janeiro convocados por Afrânio Peixoto, sucessor de Anísio Teixeira na reitoria da Universidade do Distrito Federal do Rio de Janeiro, atingida pela repressão ao levante filocomunista da Aliança Nacional Libertadora de 1935.³² Em vão, porque acabará naufragando a experiência carioca, permanecendo a de São Paulo, com uma mais forte e organizada sociedade civil a apoiá-la.

Outro grande personagem da cultura brasileira deslumbrado, mesmo com reservas de criticismo, pelo maior e melhor dos Estados Unidos na década de 1920, em que Gilberto Freyre e Anísio Teixeira lá estiveram longamente, foi Monteiro Lobato.

José Bento Monteiro Lobato era neto do Barão, depois Visconde de Tremembé, José Francisco Monteiro, pelo lado materno. Também nele a marca norte-americana ocorreu logo cedo, ao começar os estudos no Colégio Americano de Taubaté, fundado por um certo L. Kennedy, mal sucedido pela irlandesa Miss Stafford. Instala-se em Monteiro Lobato uma “obsessão” pelos Estados Unidos. Traduz dois livros de Henry Ford – *Minha Vida e Minha Obra e Hoje e Amanhã* – ademais de uma série de artigos sobre ele, em *O Jornal* do Rio de Janeiro, pelo próprio Lobato vertida ao inglês sob o título *How Henry Ford is regarded in Brazil*. Também publica o opúsculo *Mister Slang e o Brasil*.³³

Desde pelo menos 1922 que Lobato suspirava: “Que vontade de mudar de terra – ir viver num país vivo, como o dos americanos! Isto (o Brasil) não passa dum imenso tartarugal. Tudo se arrasta”. Era a primeira vez que um intelectual brasileiro dizia isso, os anteriores ansiavam por Paris. Monteiro Lobato parte para lá permanecer pouco mais de quatro anos.³⁴

Chega a Nova York em 1927, espera-o no cais nada menos que um representante de Henry Ford. Com ele vai a Detroit, almoça com o filho querido de Ford, Edsel, o pai estava ausente na Escócia. Nada melhor para acabar de incendiar-lhe ao auge o entusiasmo. Prossegue a Washington D.C. e de lá escreve carta ao amigo Lino Moreira: “Que estradas! Que conforto! Que maravilha... Vim besta pelo resto da vida e com uma tristeza imensa do Brasil não ser assim”.³⁵ Extremando a ênfase: “Um dia de New York

vale uma vida no Brasil – pelo menos ensina mais que ela”.³⁶

Imagina fundar em Nova York uma editora em inglês, a Tupi Publishing Corporation. A idéia não vai adiante. Induz a um irmão do seu sócio na Companhia Editora Nacional, Octales Macondes Ferreira, a jogar na Bolsa de Nova York. As conseqüências da Grande Depressão de 1929 fazem ambos e muitos perder tudo. Elas atingem o Brasil, avizinha-se a revolução da Aliança Liberal de 1930. Monteiro Lobato sai das especulações com a mineração e pretende minorar a crise do café exportando-o nada menos que para a União Soviética. Os adiantados contatos com Moscou não animam, mesmo assim, o governo brasileiro, para espanto de Lobato, supondo tratem-se de maquinações de um certo “Poder Oculto do Capitalismo Internacional Anônimo”, “do qual até agora só um país se salvou: a Rússia”.³⁷

Esse tipo de ressentimento deu força tanto a muitas resistências nacionais contra os transbordamentos do poderio dos Estados Unidos, quanto tentou justificar, em nome da americanofobia, os piores crimes na União Soviética, depois lá mesmo condenados por Khruchov e Gorbachov nas décadas de 1950 e 1980.

Isso explica a posterior aproximação de Lobato com o Partido Comunista, final produto da sua desilusão, enormemente aumentada pela feroz perseguição sofrida, por ter defendido a exploração do petróleo brasileiro, embora pela iniciativa privada, ainda não por empresa estatal. Era atentatório contra sua segurança o Brasil dispor de petróleo, disseram ao estupecato Lobato os juízes militares do Tribunal de Segurança Nacional do Estado Novo de Getúlio Vargas. Depois, Vargas e militares viriam a ser adeptos entusiastas do monopólio estatal. Mas o máximo, em socialismo, a que chegaria Lobato, foi, em seguida, o georgismo, socialismo agrário e de imposto único de Henry George, mais uma das suas admirações norte-americanas.

O íntimo da personalidade lobatiana está na sua correspondência de quarenta anos com seu amigo Godofredo Rangel.

Em 8 de julho de 1926 envia-lhe carta sobre um romance que estaria pensando escrever, “editável nos Estados Unidos”, porque na linha de H. G. Wells, “uma visão do futuro”. Não levará adiante este projeto e sim um outro da mesma carta: “Eu me acho capaz de escrever para os Estados Unidos por causa do meu pendor

para as crianças. Acho o americano sadicamente infantil". Era em parte o resultado das suas leituras de Mark Twain, logo confirmado.

Outra carta, 23 de fevereiro de 1927, às vésperas de partir, ainda a Rangel, trata Henry Ford como "o Jovem Cristo da Indústria" (*sic...*), a tanto se extremava em admiração... Em 28 de novembro de 1928 diz estar instalado como adido comercial no Consulado do Brasil em Nova York, na Battery Place, "a praça à beira d'água onde esta cidade começou". Assim que chegara, 17 de agosto de 1927, tinha dito em sucessivas interjeições ao amigo e confidente Godofredo Rangel: "Imaginei grande, mas é maior! É imenso, é infinito, é um mundo novo". "Sinto-me encantado com a América! O País com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro! Ninguém andando de costas!". "Tudo como quero, como sempre sonhei". Em 5 de setembro do mesmo ano estende sua paixão às coristas, *girls*, das Ziegfeld Follies no auge do sucesso na Broadway...

E por aí vai Monteiro Lobato de entusiasmo em entusiasmo pelos Estados Unidos, atingindo píncaros nunca alcançados por Gilberto Freyre, nem Anísio Teixeira. Daí suas decepções terminarem sendo maiores.

Leia-se o que Lobato escreve a Rangel em 17 de agosto de 1928: "Nova York é uma cidade que 'só vendo' ". "O *rush* deste país rumo ao futuro é um fenômeno". E dá notícia, atente-se bem para a data, das primeiras emissões experimentais de televisão: "O sonho que localizei em séculos futuros, encontrei realizado aqui". Começava, diante dos olhos de Monteiro Lobato, fins da década em 1928, a revolução dos mídias.³⁸

A admiração de Monteiro Lobato pela futurologia fantástica de H. G. Wells ia de par com sua admiração pelo pragmático ecletismo de Will Durant.

Para Lobato, em carta de 6 de janeiro de 1938, ainda a Godofredo Rangel, a *Filosofia da Vida* por Durant era "a maravilha das maravilhas",³⁹ cujo êxito editorial surpreendeu o próprio Anísio: "Enquanto não me chegam *The Mansions of Philosophy* (também de Durant), estou a ler o Will Durant na sua *Histoire de la civilisation*, já tradução francesa. Como os franceses estão ganhando tento! Já traduzem Nova York. É a viagem de regresso.

Durant vem de extração francesa e família católica".⁴⁰ As versões de Will Durant em português serão sucesso de livraria, *best-sellers*, nas décadas de 1930 e 1940.⁴¹ Pena que o entusiasmo de Monteiro Lobato, estendendo-se ao "tremendíssimo Mencken", induzindo-o a incluir como obrigatória a leitura diária do *Baltimore Sun* ao lado de *The New York Times*,⁴² não o levasse a fazê-lo também traduzir.

Em 1932, Monteiro Lobato publica o livro *América*, ao qual preparava desde 1929, sua obra-síntese sobre os Estados Unidos.

Ali ressuscita seu personagem Mister Slang, atina com a importância da raiz puritana e seus dilemas nas transformações norte-americanas: "igrejas conjugadas com hotéis e mais negócios", donde a "simplicidade dos nababos", "grandes homens e grandes riquezas". "A palavra *saving* está escrita no ar. Quanto o americano põe de parte cada ano. O que gasta com a vida, o que economiza, o que despende com seguros".

Raiz puritana projetando-se na religião civil liberal, captável, num momento máximo, no memorial de Abraham Lincoln em Washington D.C., santuário de culto cívico: "religiosa impressão que o monumento de Lincoln causa".

O que está por trás dos arranha-céus das "cidades verticais" e das "estradas onde se paga multa por escassez de velocidade": "a riqueza da Biblioteca do Congresso" e "a riqueza das universidades americanas", Princeton, Harvard e Columbia...⁴³

Mas há quem reclame contra o entusiasmo de Monteiro Lobato pela "democracia, liberdade econômica e melhor educação..., as velhas receitas racionalistas e liberais".⁴⁴ Não só os católicos integristas, contra Lobato desencadeando ferozes campanhas,⁴⁵ também aqueles cujo progressismo termina consistindo mesmo é em estatização dos meios de produção sob controle de partido político único, a pretexto de que ele representa necessariamente o povo, até que desmorone por dentro, pela ineficiência e corrupção... Ninguém derrubou externamente o Muro de Berlim, nem foram os capitalistas que induziram Khruchov e Gorbachov a fazer espetaculares autocríticas, coagidas, isto sim, pela realidade...

Em resumo, a primeira biografia de Lobato é a de Edgard Cavalheiro — *Monteiro Lobato (Vida e Obra)*, 1955 — e suas melhores análises, até agora, as de Cassiano Nunes: *O "Sonho Ame-*

ricano' de Monteiro Lobato, Mark Twain e Monteiro Lobato (*Um Estudo Comparativo*) e *A Atualidade de Monteiro Lobato*, de consulta obrigatória, críticas escritas com sentimento, não só erudição.

Cassiano Nunes mostra como o Jovem Lobato estendera sua admiração pelas descobertas inglesas do exótico por Kipling às aventuras de Jack London e Mark Twain.⁴⁶ Este último lhe confirma outra vocação de escritor, prevista naquela carta de 8 de julho de 1926 a Godofredo Rangel, seu *alter ego* como o define Cassiano Nunes: "Eu me acho capaz de escrever para os Estados Unidos por causa do meu pendor para as crianças. Acho o americano sadiamente infantil".⁴⁷ Lobato traduz *As Aventuras de Tom Sawyer*, além dos contos do dinamarquês Andersen, do francês Perrault e dos irmãos alemães Grimm.

Cassiano Nunes descreve os pontos em comum de Monteiro Lobato com Mark Twain, dentre muitos: ambos vinham do fundo interior dos seus países, Lobato de Taubaté no vale do Paraíba do Sul, Twain de Hannibal no Missouri; Lobato, filho de pequeno proprietário rural, embora neto de visconde; Twain de pai decadente da aristocracia também rural da Virgínia, mas advogado, ocupante de honrosos cargos públicos, "um cavalheiro fino e bondoso" nas palavras do filho, *a refined and kindly gentleman*; Lobato sempre lembrado do rio da sua infância, o Paraíba, Twain outro tanto do seu Mississipi; em ambos se apresenta marcante a influência dos negros daquelas margens, sempre vistos como almas nobres; ambos são autobiográficos e preferem temas interioranos do campo ou de pequenas cidades; ambos sonharam enriquecer, metendo-se nos mais variados e frustrados negócios, o que não impedia a ativa simpatia de um e de outro pelo movimento operário sindical. Monteiro Lobato chegou ao ponto de adotar "Marcus Twain" entre seus pseudônimos...⁴⁸

O crítico Cassiano Nunes mostra como "a americanofilia de Lobato foi intensa em toda a sua vida, e talvez mesmo só tenha declinado um pouco nos seus últimos anos após o seu insucesso como defensor do ferro e petróleo nacionais, insucesso em grande parte originado pela pressão dos capitalistas dos Estados Unidos". "Ao inverso do que muita gente pensa, em virtude de ele ter apoiado o Partido Comunista durante breve espaço de tempo, Lobato nunca foi um comunista, ou simpatizante do comunismo. Via nele apenas

um arauto da justiça social”.⁴⁹ A biografia de Edgard Cavalheiro, companheiro e contemporâneo, testemunha Monteiro Lobato querendo converter Luís Carlos Prestes ao socialismo, mas do norte-americano Henry George, pois temia que a Europa, “no seu desvario de doida”, buscasse falsas soluções nas “formas asiáticas do comunismo e do despotismo”.⁵⁰ O que veio a acontecer, inclusive com aplausos de grande parte da intelectualidade latino-americana, insistentemente mesmo após o discurso de Nikita S. Khrushchov condenando-o no XX Congresso do próprio Partido Comunista da União Soviética, em 1956, até cair o Muro de Berlim, significativamente no ano do bicentenário da Revolução Francesa, 1989, oportuna comemoração de uma revolução tida por superada porque burguesa...

É que Monteiro Lobato tinha um sonho brasileiro: “o que houve entre Lobato e os Estados Unidos foi patentemente um caso quase lírico de ‘afinidades eletivas’. Mas o seu brasileirismo era indisfarçável, não obstante os remoques, as palavras contundentes que dirigiu à sua terra natal e aos seus patrícios, sobretudo após a falência do seu sonho do petróleo, liquidado pela estatização, tecnocracia e militarismo”.⁵¹ Não lhe perdoaram, nenhum navio petroleiro ou refinaria tem o seu nome. Negaram idêntica homenagem a Abreu e Lima, cogitado para nome do lado brasileiro da estrada ligando Roraima com a Venezuela, que lhe cultua a memória como herói nacional bolivariano, recusa porque Abreu publicou o primeiro livro no Brasil sobre o socialismo, 1855, mesmo ético e religioso na linha de Lamennais.

O próprio Lobato evoca o auge do seu sonho-paixão: “Lutei contra a Mentira onímoda desde o tempo de estudante, e levei a luta a tal ponto que aos sessenta anos me vi entre as grades de uma prisão”. “Grande sonho íntimo de obter a harmonia entre todos os homens e destes, com a terra nossa mãe comum”, compreendeu-o muito bem Lima Barreto.⁵² Também Gilberto Freyre será preso e espancado pelo Estado Novo, naquele tempo não se dizia tortura; Anísio Teixeira terá fim misterioso durante sua aposentadoria-cascação, em meio a telefonemas de ameaças de morte. Unamuno dizia “dói-me a Espanha”, às vésperas da Guerra Civil. Que podem dizer os brasileiros?...

Anísio Teixeira foi o modernizador empírico-pragmático,

realista; Monteiro Lobato, o modernizador romântico, tão otimista que ingênuo. Ambos sacrificados, cada um à sua maneira.

Os destinos de Anísio Spínola Teixeira, José Monteiro Lobato e Gilberto de Mello Freyre vão cruzar-se muitas vezes.

Lobato escrevendo a Oliveira Lima, ao publicar a seu pedido na *Revista do Brasil* artigo de Gilberto ainda estudante em Columbia (“Que talento!”), concluindo, quando da edição de *Casa-Grande & Senzala*: “A essência dos livros de Gilberto é serem saborosos”. “Ensinou ao país a *Gaya Scienza* de Nietzche ou essa deliciosa composição que é a ciência misturada com a arte – com todas as artes, inclusive a culinária, tão vital nos destinos humanos, e a erótica, a mais cultivada de todas”.⁵³ Lobato empolgava-se com a brasilidade gilbertiana, irmã da sua, por mais que tanto admirassem os Estados Unidos.

Anísio compartilha com Gilberto a fundação e o fechamento da inovadora experiência da Universidade do Distrito Federal, as conferências e publicação de livros por Darcy Ribeiro na então recém-inaugurada Universidade de Brasília, e convida-o para dirigir no Recife um dos Centros Brasileiros de Pesquisas Educacionais,⁵⁴ ao lado de Belo Horizonte com Abgar Renault, no Rio de Janeiro Péricles Madureira de Pinho, em São Paulo Fernando de Azevedo e no Distrito Federal-Brasília Darcy Ribeiro, no quadro do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos presidido por ele, Anísio Teixeira. Tudo mais uma vez dissolvido em 1964, mas não extinto seu ideário, noutra dos cíclicos hiatos da vida democrática brasileira.

A última vez em que os destinos de Gilberto Freyre e Anísio Teixeira se cruzaram foi ali, no INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – cujo Centro de Pesquisas Educacionais do Recife Anísio convidou Gilberto a dirigir, ao reconhecê-lo, no discurso de saudação, “o maior representante da independência da inteligência, fugindo sistematicamente de qualquer condicionamento, já não digo escravização, que lhe possa trazer o exercício de cargo ou função pública, por maiores e mais insistentes que sejam os convites”. Recebendo resposta de Gilberto que “a obra do Mestre Anísio Teixeira obriga uma geração inteira a cooperar com o mais vibrante dos seus líderes”, “amigo de mocidade”, autor de convite para Gilberto inaugurar, na recém-criada Universidade do Distrito

Federal do Rio de Janeiro, as primeiras cátedras de Antropologia Social e Cultural “que jamais funcionaram em universidades da América do Sul”, antes de Radcliffe-Brown professar curso na de São Paulo.

Gilberto Freyre aproveita a oportunidade para relembrar o elo anglo-americano que o unia a Anísio Teixeira: “encontro do conhecimento racional com o mundo das oficinas”, “alargamento do saber racional em empírico, através da confirmação do conhecimento do empírico pela experiência”, remontando aos “nominalistas, avós remotos dos regionalistas de hoje”, regionalismo “orgânico” “como o chamou de infcio José Lins do Rego”.⁵⁵

Também pela Universidade de Columbia vieram a iniciar-se os historiadores José Antônio Gonsalves de Mello e José Honório Rodrigues, em parte por sugestões gilbertianas, pouco antes e ao término da Segunda Guerra Mundial, preparando-se em cursos de especialização em História, prosseguidos por pesquisas nos arquivos. José Honório acompanhado pela esposa Leda Boechat Rodrigues, que ali começava estudos sobre a Suprema Corte de Washington D.C. Depois orientadores, todos os três, de inúmeros brasilianistas norte-americanos.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 “O Alto Sertão da Bahia”, *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, ano 52, n. 300, 1926.

2 Vide VIANA FILHO, Luís. *Anísio Teixeira (A Polêmica da Educação)*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990, pp. 28, 39 e 74.

3 É o demonstrado por Robert S. Hartman na sua “Introdução” à tradução de *A Razão na História* de Hegel para o inglês em 1953, aqui ref. na trad. da Editora Moraes, São Paulo, 1990, p. 16.

4 CREMIN, Lawrence, SHANNON, David A., TOWNSEND, Mary Evelyn, *A History of Teachers College (Columbia University)*, Nova York: Columbia University Press, 1954, pp. 3, 4, 6-8, 18-20 e 58.

5 Idem, pp. 45-47.

6 DYKHUISEN, George, *The Life and Mind of John Dewey*,

Southern Illinois University Press, Carbondale-Edwardsville, 1973, pp. 231, 232, 234-239, 282 e 283.

7 Vide as “Recollections of John Dewey” de Roberto Bruce Williams em entrevista a Herbert Schneider, de início publicadas no *Claremont Quarterly* – nº 11, inverno de 1965, pp. 23-35 – depois no livro *John Dewey Recollections*, University Press of America, Washington D.C., 1982, principalmente nas pp. 149 e 147.

Tb. vide as abordagens reunidas por William W. Brickman e Stanley Lehrer em *John Dewey: Master Educator*, Greenwood Press, Westport (Connecticut), 1982, passim. |

Sobre Kilpatrick, em especial, vide ainda Cremin-Shannon-Townsend, ob. cit., pp. 47 e 48.

8 *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade. 1915-1930)*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, pp. 45 e 49.

9 Sobre o *curriculum* de Anísio Teixeira no Teachers College, recebi amável carta minuciosa de Roland DeL. Rinsland, decano assistente da referida instituição, datada de 12 de agosto de 1991. O mesmo *Columbia University Alumni Register (1754-1931)*, Nova York: Columbia University Press, 1932, que registra o mestrado de Gilberto Freyre (p. 297), também traz o registro do de Anísio Teixeira (p. 869).

10 Informação a mim dada, em 25 de julho de 1991 em Nova York, por David M. Ment, diretor das Coleções Especiais da Biblioteca Milbank Memorial do Teachers College. O livro intitula-se *Aspectos Americanos de Educação (Relatório apresentado ao Governo do Estado da Bahia pelo Diretor Geral de Instrução, comissionado em Estudos na América do Norte)*, Tip. de São Francisco, sem ref. a local, 1928.

11 *Aspectos Americanos de Educação*, ob. cit., pp. 9 e 35.

12 *Vida e Educação*, Melhoramentos, sem ref. à data, porém com prefácio de 1930, p. 33.

13 *Conversa entre Amigos (Correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato)*, organizada por Aurélio Vianna e Priscila Fraiz do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Fundação Cultural do Estado da Bahia – FGV/Cpdoc, Rio de Janeiro-Salvador, 1986, p. 68.

14 *Educação não é Privilégio*, 4. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977, p. 53

15 Apud idem, pp. 59 e 65.

16 Apud ibidem, p. 58.

17 *Em Marcha para a Democracia (À Margem dos Estados Unidos)*, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1934, pp. 5 e 13.

18 Idem, p. 16.

19 Ibidem, pp. 20, 22, 141 e segs.

20 Jean-Paul Lefebvre registra como Anísio Teixeira “passât noitirement pour communiste et donc des plus suspects aux yeux du gouvernement Vargas” (“Les professeurs français des missions universitaires au Brésil 1934-1944”, *Cahiers du Brésil Contemporain*, dirigidos por Mario Carelli e outros, Paris, nº 12, dezembro, 1990, p. 95).

21 *A Função das Universidades (Discurso pronunciado pelo Reitor Interino da Universidade do Distrito Federal, Sr. Anísio S. Teixeira, por Ocasião da Inauguração Solene dos Cursos)*, sem ref. a local e edit., datado de 31 de julho de 1935, pp. 12 e 23.

22 *Conversa entre Amigos*, ob. cit., pp. 104 e 105.

23 *Tempos de Capanema*; correspondência passiva de Gustavo Capanema, Ministro de Educação e Cultura do Estado Novo, por Simon Schwartzmann et alii; Rio de Janeiro, Paz e Terra, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1984, pp. 298 e 299.

24 Apud VIANA FILHO, Luís, ob. cit., p. 75.

25 “Mestre Anísio”, *Sobre o Óbvio*, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, p. 209.

26 DULLES, John W. F., *Carlos Lacerda (Brazilian Crusader)*, (*The Years 1914-1960*, Austin: University of Texas Press, 1991, pp. 273-277. v. 1.

27 Historical Reference File, Anísio Teixeira, Special Collections, Milbank Memorial Library, Teachers College, Columbia University.

28 Em parte a opinião de Mirene Mota Santos Teixeira ao declarar “otimismo pedagógico” o “caráter salvífico” da “fé no poder da educação” por parte de Anísio (*O Significado Pedagógico da Obra de Anísio Teixeira*, São Paulo: Edições Loyola, 1985, pp. 47 e 46).

29 “Mestre Anísio”, ob. cit., pp. 209 e 210, e “Com Anf-

sio”, *Testemunho*, São Paulo: Edições Siciliano, 1990, p. 112.

30 *Jornada Democrática (Discursos Políticos)*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937, pp. 39 e 38.

31 CAMPOS, Ernesto de Souza. *História da Universidade de São Paulo*, São Paulo: Saraiva, 1954, p. 101. Mas o Decreto nº 6.283 de 25 de janeiro de 1934, que cria a USP, explica, logo no preâmbulo, que “a formação das classes dirigentes” “ofereça oportunidade a todos e processe a seleção dos mais capazes” (p. 100).

32 Vide “Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1934-1944)”, ob. cit., pp. 90-93 e 99.

33 CAVALHEIRO, Edgard, *Monteiro Lobato (Vida e Obra)*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, v. 1, pp. 24, 28 e 359.

34 Apud idem, p. 361.

35 Apud ibidem, pp. 361 e 364.

36 Carta a Anísio Teixeira em julho de 1929, sem ref. ao dia *Conversa entre Amigos*, ob. cit., p. 33.

37 *Monteiro Lobato (Vida e Obra)*, ob. cit., v. 1, pp. 363, 368, 369, 365 e 373-375.

38 *A Barca de Gleyre (Quarenta Anos de Correspondência Literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel)*, São Paulo: Edit. Nacional, 1944, pp. 467, 468, 473, 485, 474, 475 e 481.

39 Idem, p. 496.

40 *Conversa entre Amigos*, ob. cit., p. 82.

41 Também vi obras de Will Durant na biblioteca das décadas de 1930 e 1940 do meu pai no Recife.

42 *A Barca de Gleyre*, ob. cit., p. 489.

43 *América*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1962, passim.

44 Vide VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. *O Universo Ideológico da Obra Infantil de Monteiro Lobato*, São Paulo: Traço Editora, 1982, p. 37. Melhor juízo sobre Anísio Teixeira foi feito objetivamente por Hermes Lima. Antigo socialista democrático militante, ministro de Estado e até primeiro-ministro nas vésperas da intervenção militar de 1964, velho amigo de Anísio Teixeira, sintetizou muito bem a situação da época ao testemunhar: “O pavor às mudanças exacerbou o conservadorismo. A sede de mudanças exaltou os reformadores”. “Ao ver de Anísio, porém,

nada de mais útil ensinara a modernidade que o processo de mudar pela educação, sem provocar catástrofes”. “Anísio não era, na sistemática da sua política de ensino, nem revolucionário, nem conservador” (*Anísio Teixeira Estadista da Educação*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978, p. 84).

45 BRASIL, Francisco de Salles (Pe.), em *A Literatura Infantil de Lobato ou Comunismo para Crianças*, Salvador: Editorial Progresso, 1957.

46 *O “Sonho Americano” de Monteiro Lobato*, São Paulo: Copidart, sem ref. à data, p. 6.

47 Vide nota 37.

48 “Mark Twain e Monteiro Lobato: Um Estudo Comparativo”, *Revista de Letras; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis*; vol. 1, 1960, pp. 6-13, 15, 17 e 14, 32, 15, 17 e 14.

49 Idem, pp. 5 e 29.

50 Cavalheiro, E., ob. cit., 2^o vol., pp. 651 e 344.

51 *A Atualidade de Monteiro Lobato*, Brasília: Thesaurus Editora, 1984, p. 112.

52 Apud idem, pp. 113 e 114.

53 Apud “Prefácio” a *Gilberto Freyre (Notas Biográficas com Ilustrações, inclusive Desenhos e Caricaturas)*, de autoria de Diogo de Melo Meneses, Edições da Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1944, pp. 7 e 13.

54 “Mestre Anísio”, ob. cit., p. 214.

55 Manuscritos originais na Fundação Gilberto Freyre, Apipucos, Recife, Pernambuco.

A Volta pela Europa

Em 1922 Gilberto Freyre defendia sua tese de mestrado na Universidade de Columbia, *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, e publicava-a em *The Hispanic American Historical Review*, Baltimore, no mesmo ano, vol. 5, nº 4.

Era uma revista já de prestígio, ao reunir os primeiros latino-americanistas dos Estados Unidos, embora recente. Este país ainda não tinha muitas revistas de História, lembrava-o J. Franklin Jameson, um dos fundadores, logo no seu primeiro número, ao contrário da Itália e principalmente França e Alemanha da época. Enquanto nos Estados Unidos só existiam, em pleno começo do século XX, revistas historiográficas locais, no máximo regionais, com exceção da *Catholic Historical Review*, nacional, criada em 1915. Mais uma vez se vê como a revolução universitária norte-americana teve de preparar uma ou duas gerações para dar frutos. Só em 1916 apareceu o *Journal of History e Military Historian and Economist*.¹ A específica *Luso-Brazilian Review* é de 1964.

Havia consciência, entre os iniciadores de *The Hispanic American Review*, da tradição de trezentos anos de amplas relações com a América Portuguesa e Espanhola, especialmente para as universidades do Texas e Califórnia,² as outras, anteriores – Harvard, Cornell e Columbia – mantendo, a respeito, interesses setoriais.

A proposta inicial de nome – *Ibero-American Historical Review*, por um dos fundadores, William S. Robertson – competiu com *Latin American Historical Review* e *The Hispanic American Historical Review*, saindo vencedor este último.³ O próprio presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, ele mesmo um *scholar*, antigo professor de Ciência Política e reitor da Universidade de Princeton, enviou carta de incentivo e congratulações, em 1916, aos pioneiros.⁴

A referência, logo no primeiro número, fevereiro de 1918, homenageando William R. Shepherd, um dos orientadores de Gilberto Freyre em Columbia, entre os mais empenhados em ajudar o nascimento da revista,⁵ explica o acesso de Gilberto publicando sua tese em *The Hispanic American Historical Review*, distinção muito rara a um jovem mestrando, Gilberto Freyre tinha vinte e dois anos de idade.

Ao modo do que fizera com o bacharelamento em Baylor, Gilberto simplesmente arrumou as malas e foi embora, sem esperar por cerimônia de diplomação. Os títulos tiveram de seguir pelo Correio. Preocupado, ele escrevia da França e publicava no Recife, 1922, “Carta de Paris a A. F.” (o jornalista Aníbal Fernandes, depois grande animador do *Diário de Pernambuco*): “Fiel ao meu propósito de viajar como um *scholar gipsy* – um cigano intelectual, à maneira dos estudantes da Idade Média esquecido de que já sou bacharel universitário formado ou mestre togado e com todo o essencial do curso de doutor já realizado – procuro os contatos mais diversos. Faço de conta – valendo-me do meu ar de menino – que estou ainda nos primeiros anos de universidade”.

Ele descreve um plano de viagem, só realizado em parte, “antes de regressar ao Brasil de onde saí menino e para onde volto homem. Aí tentarei reintegrar-me, como se diz em linguagem sociológica. O nosso Oliveira Lima acha essa reintegração impossível. Veremos. Ao que resistirei será à ação do meio brasileiro no sentido de banalizar-me de todo num indivíduo convencional. Isto não serei. Abrirei caminho novo e próprio. Ou então voltarei à Europa para ser um sub-Henry Jamesinho qualquer”.⁶ O mais freqüente confidente no longo retorno ao Brasil continuará Oliveira Lima, tão telúrico, apesar de tão cosmopolita, um dos modelos gilbertianos.

Paris – declarada capital da América nisso mais latina que ibérica, por Carlos Fuentes – Paris será para onde Gilberto logo irá, vindo diretamente da América do Norte. Paris, antes mesmo de Londres e Lisboa (Madrid e Roma então não visitadas), mais a Berlim da grande explosão econômica, política e intelectual da República de Weimar.

Em Paris, o itinerário anunciado a Aníbal Fernandes (A. F.), previsto desde Nova York, onde freqüentava o Clube ou Círculo

Francês de Columbia, revelando-lhe Frédéric Mistral, Maurice Barrès e Charles Maurras, o que dá uma idéia das tendências tradicionalistas daquele ambiente. Gilberto Freyre guardará influências mais do felibrigismo regionalista provençal de Mistral, outro tanto do ardor quase passional de Barrès pela Lorena, que pela ortodoxia conservadora monárquica de Maurras, apesar de sentir-se tocado pelo maurrasiano jornalista polêmico Léon Daudet, uma espécie de Mencken francês, filho do grande contista Alphonse Daudet.

Gilberto é atraído pelos círculos da *Action Française*, levam-no a ouvir Charles Maurras, do que ele deixa interessante testemunho: “Maurras é muito surdo, não sei se dos dois ouvidos ou de um só. Isto parece concorrer para dar-lhe certa intolerância e certa suficiência... Mesmo assim, sua inteligência é admirável. Seu poder de crítica, de raciocínio, de argumentação, alguma coisa de extraordinário. Muito francês. Muito latino, mas pouco hispânico”.⁷

Choca-o, ao mesmo tempo que o diverte, uma reunião de tradicionalistas franceses na casa de um nobre general reformado, Clément de Grandprey, na vizinha cidade de Versalhes, à sombra do castelo-palácio não só da grandeza de Luís XIV, também da decadência moral de Luís XV e das tibiezas de Luís XVI levando-o à guilhotina: “tenho a impressão de ter vivido um dia mágico num mundo que já não existe. Noutro mundo e noutro tempo: na Europa de antes da guerra”,⁸ a Primeira Mundial. Representada pela “viúva francesa de um diplomata sul-americano; um conde francês, antigo ministro na Pérsia e bom *causeur*; um general russo do tempo do Czar, de ásperos bigodes, também conde como o general — e acompanhado da senhora, de beleza eslava”.⁹ “Voltei a Paris quase como se estivesse estado entre fantasmas... já não parece gente deste mundo, mas de outro, já acabado. Ou de outros: todos reduzidos a sombras”.¹⁰

Gilberto vai tentar o lado oposto, a “extrema esquerda” de Georges Sorel, que conseguia a façanha de ser lido tanto por Lenin quanto por Mussolini: “Muito entusiasmo, mas não há, entre eles, a lucidez crítica que se encontra nos maurrasianos, embora também estes sejam o seu tanto sectários”.¹¹ Tenta, então, a Sorbonne da Literatura Comparada de Fortunat Strowski. Decepciona-se: “Parece haver hoje na Sorbonne um espírito de burocracia intelectual e

de correção acadêmica que a uniformiza quase de todo. Um professor se mostra tão semelhante a outro a ponto de todos se parecerem funcionários públicos da mesma repartição”. Era a Sorbonne de Alain, cético filósofo oficioso da III República a desmoronar diante do ímpeto da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial; Sorbonne republicanamente conservadora, por mais que se dissesse “radical” antitradicionalista, e antimonárquica. Sorbonne fechada à renovação de Bergson, que terá de buscar o *Collège de France*; a Sorbonne dos durkheiminianos hostis a Raymond Aron só conseguindo sucedê-los geracionalmente.

Mas reconhece que “uma instituição como a Sorbonne não perde a força da noite para o dia... Isto a despeito de *La farce de la Sorbonne* de René Benjamin, que aí investe contra essa glória francesa com uma fúria de panfletário...”¹²

Gilberto Freyre, “entre os anglo-americanos à Henry James com quem convivo em Paris”,¹³ termina arrumando as malas para a Inglaterra, mais para Oxford que para Londres, ignorando sofisticadamente o sutil hedonista Samuel Johnson que, como sempre recordado pelo seu biógrafo Boswell dos quais Gilberto tanto gostava, dizia que quem estava cansado de Londres, estava cansado da vida...

Mas vai por um caminho alemão, em vez do italiano de Shelley, Keats e Byron. Reúne-se ao pernambucano, “meu companheiro o bom amigo Vicente do Rego Monteiro”, pintor vanguardista indo às fontes parisienses, com seu irmão Joaquim, também pintor, sem mediações dos modernistas de São Paulo, tanto quanto Emílio irmão de Lula Cardoso Ayres ambos igualmente pintores. Joaquim e Emílio cedo mortos na França.

Gilberto e Vicente vão juntos a Munique que, com Berlim, procura rivalizar Paris nas artes e nas ciências. Detêm-se em Estrasburgo, “achamo-la cheia de interesse. A catedral – um encanto”. A revelação maior. “Que interessante o expressionismo alemão! Ao meu ver, mais sincero que os ismos que agitam a França”.¹⁴ Sensação que sentirá repetida em Berlim,¹⁵ vibrava a República de Weimar na sua brilhante, curta e trágica trajetória...

O deslumbramento maior: o teatro expressionista impactando Gilberto em Munique, era Georg Kaiser de quem lhe falava Isaac Goldberg já em Nova York e Boston. Que lhe desperta entusiasmo

raro: “Georg Kaiser não é nenhum *Herr Professor*; não é nenhum pedagogo. Ao contrário: um virtuoso da *gaya scienza*”. “No seu teatro... não há nomes. Não há pessoas. Há visões: a Figura Azul, a Figura Branca, o Operário, o Engenheiro. São indivíduos sublimados em tipos por um como processo de economia dramática”. “A idéia-medula da filosofia de Kaiser, e da sua técnica, é a de que o teatro visa sobretudo a síntese: seu fito é conseguir o máximo de sugestões de beleza no mínimo de tempo e de pormenores expressivos. Elimina o maior número possível de incidentes: quer o maior número de símbolos... hoje o teatro de Kaiser é um dos assuntos de estética mais provocantes”.¹⁶

Simpatia, além de empatia,¹⁷ pelo tradicionalismo regionalista de Barrès e Mistral, popular em Vachel Lindsay; pelo imagismo de Amy Lowell; pela escultura de Rodin; pelo expressionismo de Georg Kaiser, no contexto arrematado pelo próprio Gilberto acerca de si mesmo: “A verdade é que um bocado romântico o autor sempre foi; e continua a sê-lo, depois de atingido o meio caminho da vida”,¹⁸ confissão quando já escrevera *Casa-Grande & Senzala e Sobrados e Mucambos*, suas obras máximas. Romantismo extensivo ao anglo-catolicismo no qual procurará a síntese religiosa, continuando leituras novaiorquinas de Newman.

Nenhum melhor cenário para a consumação dos anos gilbertianos de aprendizado e viagens, que a Oxford da universidade medieval e do Movimento do século XIX em torno do seu professor, até então clérigo anglicano, John Henry Newman, depois convertido e cardeal católico, sem deixar de ser profundamente inglês.

Em Oxford Gilberto Freyre reencontra seu mundo de afinidades eletivas vindo desde a infância com o preceptor inglês Williams, o professor Muirhead do Colégio Americano, Armstrong de Baylor e Shepherd, não só o alemão Boas, também o internacionalista Sir Alfred Zimmern de Columbia: “Venho encontrando em Oxford – repito – meu ambiente como em nenhum lugar já meu conhecido”. “Ambiente perfeitamente inglês e perfeitamente anglicano”. “Em torno de chá e *parties* de vinho do Porto se faz grande parte da cultura oxoniana. Outra parte, nas aulas, na Bodleian, no Ashmolean. Ainda outra, é evidente, nos jogos. Também na velha *Oxford Union*, a que fui já admitido como sócio hóspede. São famosos os seus debates, nos quais através de gerações vem se reve-

lando muito talento parlamentar, muita vocação inglesa de homem público”.¹⁹

Colorido, à sua maneira, ambiente de Oxford, jantares nos *colleges*, “o primeiro de que participei foi em Christ-Church”. “É do ritual a beca para o jantar e não apenas para as aulas. Os mestres também e os *dons* andam de toga. Dão aula de toga”, mas “vão para as aulas vários deles, de toga, rodando de bicicletas: combinação muito inglesa de tradição e modernidade. Alguns são velhos de barbas egrégias que voam também, ao rodar das suas ágeis bicicletas. Bibicletas moças guiadas por velhos ilustre”.²⁰ A bicicleta, pouco freqüente no Brasil de princípios do século XX, tinha sido a alegria lúdica do menino Gilberto, também nisto ensinado pelo Colégio Americano do Recife. E será de bicicleta, na volta ao Brasil, que fará as primeiras pesquisas nos arredores do Recife ainda com velhas casas-grandes e senzalas, pelo centro com antigos sobrados e mucambos.

Para um latino de cultura mediterrânea católica, não só ibérico, a sombra, ou melhor, a luz de Newman, é a força maior pairando sobre Oxford. Desde a neo-anglicana Columbia, na episcopal Catedral de São João o Divino, Evangelista, que Gilberto Freyre pensava, ouvindo o vasto órgão tocando Bach: “compreendo o drama de Newman. Também sofri uma agonia semelhante à dele, sem me ter aquietado com a solução que o levou à ortodoxia católica. Serei sempre um inquieto?” “Andando pelas ruas de Oxford cuido às vezes que vou defrontar-me, ao dobrar uma esquina, com um Newman ainda jovem e ainda anglicano”.

A síntese inglesa, oxoniana ao máximo, de erudição e desportividade, ao mesmo tempo formal e informal, *fairness* e *fair-play* interpenetrando-se, “equilíbrio entre as duas tendências: a especulativa e a ativa”, é “onde as grandes almas melhor se encontram com os corpos sadios e belos”, Newman entre eles.²¹

John Henry, Cardeal Newman, virá a ser um dos precursores do Concílio Vaticano II,²² o primeiro na História da Igreja Católica a terminar sem condenação a uma grande heresia: Newman, precursor pelo seu liberalismo político, mas não teológico, assim em busca de uma ponte entre a tradição inglesa e a papal, relacionamento tranqüilo na Idade Média, rompido no Renascimento. Newman também precursor pela sua idéia de universidade fecun-

dando tantas iniciativas católicas na Irlanda, Estados Unidos e América Latina.

Outras revelações inglesas foram então feitas ao jovem Gilberto. Era o tempo, a década de 1920, do apogeu de Yeats. Eliot começava a despontar. Na prosa de ficção, prestígio de Meredith e Hardy, depois deixados um tanto para trás pelo impacto de James Joyce.

George Meredith falecido em 1909, vinha da era vitoriana, era também poeta. Abandonou a poesia, apesar do seu livro *Poems* ter atraído aplausos de Tennyson e outros. Voltará a ela no fim da vida. Entre as duas fases, percorrerá mais famoso itinerário de novelista. Seu *Ordálio de Richad Feverel* (*The Ordeal of Richard Feverel*) exprime o clímax das suas sínteses de comédia, romance e tragédia, apesar de desigualmente escrito.

Já Thomas Hady, morto em 1928, estava em plena ação nesta década. Também tentará a poesia, mas sua obra novelesca emergiu como o que fez de maior, dentro dela *Judas o Obscuro*, traduzido ao português no Brasil, e *The Dynasts* sobre a saga de uma família inglesa no tempo das guerras napoleônicas.

Hardy, mesmo no auge da glória em vida, permaneceu fiel ao passado de filho de pedreiro e de pequena proprietária rural. Suas ~~cinzas~~ cinzas foram depositadas no panteão britânico, a Abadia de Westminster em Londres, porém, a seu pedido, o coração no átrio da sua igreja paroquial de Wessex. Thomas Hardy era mais um fatalista do destino, que um determinista científicista, o escritor nele falava acima dos preconceitos da época, veio a pertencer mais ao século XX que ao XIX, apesar de terminar considerado o último dos grandes vitorianos. O embate das paixões, principalmente do sexo, no interior rural da Inglaterra, dentro ou contra a família, a sua grande temática.

Meredith e Hardy são presenças constantes entre as descobertas de Gilberto Freyre ainda jovem e após a decisiva marca do Professor A. J. Armstrong em Baylor. De Hardy e Meredith muito dá conta em *Tempo Morto e Outros Tempos*. Mais Hardy, que Meredith, virá a ser, por mãos gilbertianas, uma das maiores influências no José Lins do Rego dos dramas rurais das casas-grandes da várzea do Paraíba do Norte.²³

A marca anglo-americana ficará para sempre funda no ânimo

de Gilberto Freyre, marca sobre a sua brasileira nordestinidade pernambucana e recifense. Ele pensará escrever nada menos de quatro livros sobre os ingleses: *Inglezes*, que aparece em 1942, *Inglezes no Brasil*, 1948, e *Outros Inglezes* que nunca será escrito, a serem reunidos num só volume, *Ainda Inglezes no Brasil*. Tudo acerca do | geral subtítulo do segundo deles: *Aspectos da Influência Britânica sobre a Vida, a Paisagem e a Cultura do Brasil*.

Por mais que Gilberto tenha empatia quanto aos franceses – principalmente na ampliada segunda edição de *Um Engenheiro Francês no Brasil*, a partir do *Diário Íntimo do Engenheiro Vauthier*, chefe da missão de obras públicas, Missão Francesa em Pernambuco, tanto quanto a de Grandjean de Montigny no Rio de Janeiro, esta em princípios do século XIX, aquela nos meados – Gilberto Freyre ali não atingirá o grau de paixão que demonstrou pelos ingleses. O mesmo se diga do seu *Nós e a Europa Germânica*.

O que não exclui a especial admiração pelo impacto que a Munique expressionista e a Nuremberg medieval lhe causaram em plena turbulência da República de Weimar, outono de 1922. Gilberto vê na igreja de São Sebaldo, perto da casa de Dürer, a mais que frase, pois chave do messianismo cristão, “E o Verbo se fez carne”: “Não sei de expressão que mais se multiplique em significados. Ou que mais se preste à caracterização daquelas ligações de forças que, em virtude do amor que aproxima uma das outras, dá à experiência humana o máximo de plenitude”.²⁴ Uma revelação de Nuremberg em sua paisagem gótica. “Na água parada, as casas da beira do rio projetavam sua imagem meio triste. A distância, torres de castelo”. “Num instante me enamorei do lugar”. “E saí a vagar pelas ruas à espera que o relógio da catedral batesse meia-noite”.²⁵

Cumprir lembrar que, além da revelação gilbertiana de Thomas Hardy a José Lins do Rego, será de Gilberto Freyre o primeiro artigo, senão dos primeiros em torno de James Joyce no Brasil, 1925, antes mesmo de Kevis Sullivan abordar suas implicações também religiosas em *Joyce among the Jesuits*, só de 1958, conforme Osmar Pimentel mostrou em apresentação dos *Retalhos de Jornais Velhos*, segunda edição dos *Artigos de Jornal* do jovem Gilberto. O *Ulysses* data de 1922, Joyce vinha de publicar *Dubli-*

nenses e Retrato do Artista enquanto Jovem, ainda não escrevera *Finnegan's Wake*.

No artigo, para a imprensa pernambucana, “Reminiscências católicas em James Joyce” – sintomático título das preocupações íntimas do próprio Gilberto Freyre dividido entre origens no catolicismo, formação batista e tentações anglicano-episcopalianas – ele diz, quase também acerca de si mesmo: “ao esteticismo e psicologismo do homem feito prendem-se ainda raízes do misticismo de menino”. “Do muito que se pensa sem ter coragem de dizer”.²⁶

Também por Rupert Brooke – poeta inglês morto aos vinte e oito anos na Primeira Guerra Mundial, genial combinação de sonetista neo-romântico herdeiro tanto de Browning quanto de Shakespeare, e amante de aventuras no exótico Pacífico Sul – também por Brooke o jovem Gilberto se entusiasmará e muito. Entusiasmo por ingleses animando, sob sua orientação, Estêvão Pinto a escrever *História de uma Estrada de Ferro do Nordeste (Contribuição para o Estudo da Formação e Desenvolvimento da Empresa “The Great Western of Brazil Railway Company Limited” e das suas Relações com a Economia do Nordeste Brasileiro)*, 1949, título do autor, com subtítulo tão gilbertiano.²⁷ | O mesmo se diga de *Ingleses em Pernambuco* de José Antônio Gonsalves de Mello, subtintulado *História do Cemitério Britânico do Recife e da Participação de Ingleses e Outros Estrangeiros na Vida e na Cultura de Pernambuco, no Período de 1813 a 1909*, 1972.²⁸ | Ambos com extensas referências ao mestre dos dois e de tantos outros.

Mas as raízes ibéricas sempre terminavam falando alto, Gilberto Freyre preferia chamá-las de hispânicas, no sentido da Hispânia latino-árabe. É delas que se lembra ao ser convidado para falar no Oxford Spanish Club, “o dos hispanófilos de Oxford”: “Vejo-me, nesse clube, entre dois dos meus maiores amores: o amor à Inglaterra e o amor à Espanha”, Hispânia, Ibéria. Em Oxford lê “muito San Juan de la Cruz. Não me separo de Santa Teresa”, contra-pesos católicos ao anglicanismo em busca de equilíbrio no anglo-catolicismo. Vives,²⁹ o Erasmo espanhol, comparece então para suavizar os rigores de Teresa d’Ávila, Juan de la Cruz e do também santo John Henry Newman, uma canonização que já começa a tardar. Mas o iberismo gilbertiano melhor se poderia chamar de peninsularismo no sentido telúrico tradicionalista por

Antônio Sardinha de *A Aliança Peninsular*, quase um manifesto datado do Porto, 1924, anos de formação gilbertiana.

Começando enfim de fato o retorno ao Brasil, Gilberto volta a Paris para despedir-se da tentação perene, dele e dos ibero-americanos que a têm por sua capital intelectual no dizer de Carlos Fuentes. Mas “a Paris que me seduz é a menos grandiosa e menos ostensiva. Não simplificarei o assunto dizendo que é a Paris da *rive gauche*: a simplificação seria arbitrária como todas as simplificações”. “Está um pouco por toda a cidade: nuns lugares mais do que nos outros”.³⁰

Outra visita a Chatres “quase me persuade a ser católico-romano. Católico-romano de corpo inteiro e de alma inteira. Encontro na velha catedral um repouso – para o espírito? para o corpo? para os dois? – que deve ser ainda maior quando o indivíduo se torna todo, ou de todo, da Igreja. Não é o meu caso: sou ainda meio da Igreja, meio do Mundo. Talvez me conserve para sempre este híbrido: meio da Igreja e meio do mundo”.³¹ Dilema que Charles Péguy ali mesmo resolveu, ao voltar de vez à Igreja reencontrada após peregrinação, a pé, de Paris pelos trigais da planície de Beauce.

Também Paris dos brasileiros pernambucanos recifenses, os pintores Joaquim e Vicente do Rego Monteiro, tanto quanto dos Perettis, dos Aquinos Fonsecas, das Seixas, dos Cardosos Ayres, acrescento-lhes os meus Chacons maternos, não só dos Vianas da Bahia e Prados de São Paulo, famílias inteiras sempre do Recife a Paris e ao Recife, num amorável e interminável vai-e-vem. O ateliê dos Rego Monteiro é na Rua Gros, “numa mansarda... Ambos pintam em Paris servindo-se de memórias brasileiras de formas e de cores. Mas dentro dos modernos – dos moderníssimos, dos atualíssimos – estilos parisienses de pintura. Parisienses ou cosmopolitas”. O itinerário dos pernambucanos cruza-se com os de Tarsila do Amaral e Brecheret, vêm a conhecer-se, a conviver. Também lá estava Oswald de Andrade,³² mas não chegam a encontrar-se ali. Oswald, mais que Tarsila, vivia para cima e para baixo entre França e Brasil. Seu momento parisiense máximo o da época do ateliê na Place Clichy, presentes, entrando e saindo no redomoinho da década de 1920 definido por Hemingway como Paris é uma festa, principalmente Blaise Cendrars, também Jules Supervielle, Jean

Cocteau, Jules Romains e Valéry Larbaud; os pintores Léger, De-launay, Vollard, André Lhote; o escultor Brancusi; os compositores Erik Satie e Darius Milhaud. Milhaud trazendo do Rio de Janeiro a marchinha *Boi no Telhado*, transformada em *Boeuf sur le toit*, além dos ritmos de samba estilizados em *Souvenirs du Brésil*. Depois até Stravinsky freqüentaria o ateliê de Tarsila em Clichy. Eventualmente o próprio Picasso.³³

Brasileiros igualmente no circuito: Di Cavalcanti, Villa-Lobos, Sérgio Milliet, Paulo Prado, Brecheret, Vicente do Rego Monteiro e Ronald de Carvalho sobre quem Gilberto Freyre escreve em 1923 artigo saudando seu livro *O Espelho de Ariel*: “sensações de paisagem européia”, às quais “deixou que no seu espírito elas dormissem sono leve para agora as evocar uma volúpia mais ou menos saudosa”.³⁴ Cosmopolitismo, um tanto nefelibatas, de uma geração que não era propriamente perdida como a norte-americana da época, *lost generation* no dizer de Gertrude Stein, e sim uma geração dourada, *jeunesse dorée* até mesmo ibero-latino-americana, depois com Octavio Paz em Paris, quando Jorge Luís Borges estudava numa escola particular suíça ao mesmo tempo que Afonso Arinos de Melo Franco. Os jovens dos Estados Unidos tinham saído da Primeira Guerra Mundial, quando combateram inclusive na França, e rumavam para outra; os jovens brasileiros gozavam da disponibilidade de que Alceu Amoroso Lima, também em Paris antes, durante e depois, só se despediria para viver o absoluto na volta ao catolicismo.

Mas o Velho Freyre estava com os filhos Ulysses e Gilberto há dez anos nos Estados Unidos e Europa, Ulysses de 1913 a 1918 e Gilberto de 1918 a 1923. Em 6 de fevereiro de 1923, Ulysses Freyre escreve a Gilberto: “O que devo dar ênfase e pedir para lembrar-te é que não deverás adiar mais tua viagem de volta dado o fato de estarem todas as nossas verbas esgotadas e termos de encerrar sérios compromissos durante este ano”.³⁵

Gilberto Freyre decide-se. Toma na França um navio de volta pelo Atlântico, rota mais rápida por Lisboa, sem tocar em portos espanhóis. Portugal vai prepará-lo para o retorno ao Brasil.

Durante os meses em Lisboa e Coimbra, Gilberto não visita Guerra Junqueiro, apesar da proposta partir de Oliveira Lima. O poeta morrerá naquele mesmo ano, 1923. Gilberto Freyre sofisticava-

ra-se com iconoclastias mais sutis que *A Velhice do Padre Eterno...* Prefere concentrar-se nos historiadores João Lúcio de Azevedo – “talvez, hoje, o maior dos historiadores portugueses”, “uma elegância de espírito rara, raríssima em autodidata”; Joaquim de Carvalho – “filósofo e historiador da cultura”, “excelente”; e o Conde de Sabugosa do grupo “Vencidos da Vida” vindo de fins do século XIX pela mão de Ramalho Ortigão (Eça de Queirós tinha ido para a França), ao lado de Guerra Junqueiro, Conde de Ficalho e Marquês de Soveral. Cognome dado por Oliveira Martins, intelectual prático, socialista pré-social-democrata, ministro de Estado e empresário minerador na Espanha...

De todos o mais pessoalmente marcante, Sabugosa, “ainda que muito português, muito castiço, muito da sua terra, guarda alguma coisa de aristocrata inglês. Pálido. Mãos muito brancas, muito longas e finas. Voz baixa. Nenhuma exuberância. Nenhum exagero. Um pouco surdo”. Morando num “casarão tocado de mistério. Um tanto triste mas de uma tristeza sóbria, discreta, britânica”, “tristonho casarão de Santo Amaro, com muita madeira de Pernambuco e, esculpida nela, abacaxis e outras frutas pernambucanas. Um dos antepassados de Sabugosa foi capitão-general de Pernambuco na época colonial”. De Pernambuco também o Governador Maurício de Nassau, algo como vice-rei holandês do Nordeste do Brasil, levará madeiras e inspirações análogas para sua casa-palácio no centro de Haia, a Mauritshuis.

Gilberto Freyre é apresentado em Lisboa a Fidelino de Figueiredo, mais um historiador, porém da Literatura, perto de alguém com personalidade muito mais forte no tradicionalismo reinante, ao qual transmite paixão, mais que entusiasmo: Antônio Sardinha.³⁶ Corresponde-se Gilberto algo longamente com Fidelino e de Sardinha recebe carta de 18 de dezembro de 1927, datada da Quinta do Bispo em Elvas e guardada, com tantas outras, no Arquivo da Fundação Gilberto Freyre no Recife, na qual o jovem Gilberto é logo tratado como “meu prezado camarada”, com “a maior alegria”, “irmandade das idéias e do espírito”, “através do mar” pela ponte do “querido e comum amigo Dr. Oliveira Lima”. Convida Gilberto a Elvas, “sugestiva cidade fronteiriça” com a Espanha no Alentejo. Promete enviar-lhe o seu livro de ensaios *No Princípio era o Verbo*. Esperava que crescesse a instintiva afinida-

de eletiva, mas Sardinha morre muito jovem ainda no mesmo ano.

Oliveira Lima será também elo da amizade de Fidelino de Figueiredo com Gilberto Freyre, como se vê na carta de Fidelino a Gilberto, 25 de junho de 1926, precedida por várias outras comprovando o despertar do interesse gilbertiano pela cultura portuguesa. Oliveira Lima, filho de português e graduado pela nascente Faculdade de Letras de Lisboa, permanecerá sempre ligado à cultura ancestral, por mais que perambulasse como diplomata pela Europa, Japão, América Latina e Estados Unidos, onde veio a falecer e foi sepultado em Washington DC, como se lê nas suas póstumas *Memórias*, publicadas pela fiel mão de Gilberto Freyre.

Sardinha – “que portuguesíssimo nome” dele dirá Gilberto Freyre – era dos santos de devoção de Oliveira Lima, que o conhece de perto em Portugal exatamente naquele ano de 1923, pouco após a partida de Gilberto. Seu tradicionalismo monárquico, o integralismo lusitano, que pouco tem a ver com o brasileiro de Plínio Salgado, agradava ao Oliveira Lima monárquico e tradicionalista do fim da vida, desiludido com a república tanto do Brasil quanto de Portugal³⁷. Gilberto Freyre escreverá o necrológio de Antônio Sardinha em 1925, distinguindo que “não se empenhava Sardinha por um regresso dos portugueses a um passado impossível de ser recuperado. E sim para que à base de uma reintegração necessária se processasse um mais saudável, um mais sadio, um mais vigoroso desenvolvimento português³⁸.” Simpatias gilbertianas pelo tradicionalismo então como as do Jacinto de Tormes do Eça de Queirós de *A Cidade e as Serras*, Alto Douro telúrico, mais próximo do homem cultural local, que não muda por mais que em parte se perca pelas tentações cosmopolitas de Paris. Nova York e Oxford no caso gilbertiano...

Em meio às visões britânicas de Portugal – pelos olhos de Edgar Prestage e Aubrey Bell, “o inglês que depois de Beckford melhor tem sentido e compreendido a gente e a vida de Portugal”, à maneira do que faz também com testemunhos de viajantes ingleses no Brasil em *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos* – é ao Eça de *A Ilustre Casa de Ramires* que Gilberto Freyre recorre, na pessoa do patriarca Gonçalo Ramires, para tentar definir um arquétipo de português: contraditório entre devaneio e idéia fixa, imaginativo e prático, vaidoso e simples, melancólico e palra-

dor, “desconfiado de si mesmo, acovardado, encolhido até que um dia se decide e aparece um herói”...³⁹

Aquela ausência gilbertiana da Espanha, em 1923, não significará esquecimento, nem subestimação. Muito pelo contrário, em Oxford o entusiasmo hispanófilo de Gilberto Freyre foi tão grande que ele chega a ser identificado como espanhol. Ali Francisco de Arteaga é mais um dos mestres hispânicos de quem se aproxima, após Federico de Onís em Columbia.⁴⁰ Entusiasmo acompanhando-o a vida inteira, aos setenta e cinco anos de idade publica *O Brasileiro entre Outros Hispanos*, levando o mexicano Sílvia Zavala – autor de *El mundo americano en la época colonial*, outra obra irmã espiritual de *Casa-Grande & Senzala* – a concordar com Gilberto Freyre “que devemos ter a coragem de nossos próprios valores e de nossos próprios estilos de vida, a fidelidade a tradições válidas, assim como às visões de futuro que correspondam a predisposições de nossa própria vivência”.⁴¹

A do tempo, maior dentre todas como logo a entendeu o espanhol de Valladolid Julián Marías, “forma própria, originária e original, substância de sua vida quotidiana e simultaneamente condicionante de sua marcha pela História”, “evasiva esperança de eternidade” para Unamuno; “drama, puro acontecer” para Ortega y Gasset; “tempo cheio do que interessa por si mesmo” para Gilberto Freyre, também lazer no sentido francês de *loisir*, em inglês *leisure* (daí Gilberto gostar tanto do Thorstein Veblen da *Theory of the Leisure Class*), *holgura* no castelhano de Marías,⁴² direito mesmo à preguiça, neste sentido, segundo Paul Lafargue, genro de Marx, em livro clássico, injustamente meio esquecido porque muito polêmico...

A Lisboa de 1923 continuam chegando os ecos da Semana de Arte Moderna de São Paulo do ano anterior, Gilberto Freyre colhe-os no ar, depois de ter diante dos olhos o espetáculo do ateliê parisiense de Tarsila do Amaral, reunindo em Clichy os brasileiros “em fase de assimilarem vanguardismos europeus para os transferirem ao Brasil”,⁴³ do que Gilberto discordará, ao preferir o regionalismo mais fiel às raízes, influenciando José Lins do Rego, Jorge de Lima e muitos outros, inclusive Vicente do Rego Monteiro, apesar de algo inspirado por Fernand Léger, e Cícero Dias outro tanto por Marc Chagall.

Naquele momento Portugal preparava Gilberto Freyre para o que o esperava no Brasil.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 "A New Historical Review", *The Hispanic American Review*, Baltimore, v. I, n. 1, pp. 4-5, fev. 1918.
- 2 Idem, p. 6.
- 3 CHAPMAN, Charles E., "The Founding of the Review" in *ibidem*, p. 11.
- 4 *Ibidem*, p. 1.
- 5 Cf. Chapman, *ob. cit.*, p. 11.
- 6 "Carta de Paris a A.F." (a Aníbal Fernandes), *Retalhos de Jornais Velhos*, 2. ed. revista e muito aumentada de *Artigos de Jornal*, 1934, pp. 79 e 80.
- 7 *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade. 1915-1930)*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975, pp. 48 e 87.
- 8 Idem, p. 85
- 9 *Retalhos de Jornais Velhos*, *ob. cit.*, p. 79.
- 10 *Tempo Morto e Outros Tempos*, *ob. cit.*, p. 86.
- 11 Idem, p. 87. Até o tradicionalista português Antônio Sardinha admirava a crítica antiburguesa de Georges Sorel (*vide* "Ao Crepúsculo da Inteligência", *Ao Ritmo da Ampulheta*, Editorial Q P, 2. ed., 1978 [1ª em 1925], pp. 222, 224 e 225).
- 12 *Ibidem*, pp. 88 e 83.
- 13 *Ibidem*, p. 83.
- 14 Gilberto Freyre dá conta a Oliveira Lima em carta datada de Munique, 1º de outubro de 1992, *Cartas do próprio Punho sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro*; seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello; prefácio de Josué Montello; Conselho Federal de Cultura – Ministério da Educação e Cultura; sem ref. a local; 1978; pp. 202 e 203.
- 15 *Tempo Morto e Outros Tempos*, *ob. cit.*, pp. 90 e 91.
- 16 *Retalhos de Jornais Velhos*, *ob. cit.*, pp. 146 e 147.
- 17 Gilberto Freyre, in *idem*, é dos primeiros a distinguir no Brasil, "empatia" e "simpatia", pp. 32 e 133.

18 *Região e Tradição*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941, p. 40, 65, 38 e 39 (Coleção Documentos Brasileiros, v 29).

Hugo von Hofmannsthal, provindo de outros tradicionalismos literários, propôs o que chamou de “revolução conservadora” na Áustria conturbada, após a I Guerra Mundial. Vide *Das Schrifttum als geistiger Raum der Nation*, Bremer Verlag, Munique, 1927, passim.

19 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 104 e 105.

20 *Idem*, p. 107.

21 *Ibidem*, pp. 54, 110 e 99.

22 É o que demonstra Chistopher Hollis em *Newman and the Modern World*, na tradução portuguesa *Cardeal Newman (Ecumenismo e Fidelidade)*, Porto: Livraria Civilização Editora, 1969, pp. 5-7.

No Brasil o seu melhor eco é o *Cardeal Newman* do Padre M. Teixeira-Leite Penido, Petrópolis: Editora Vozes, 1946.

23 “Hardy tornou-se o seu principal modelo de romancista regional e universal, a um tempo. Leu-o e releu-o. Hardy e Lawrence, Joyce e Pérez Ayala”. (“Recordando José Lins do Rego”; *Vida, Forma e Cor*; Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962, p. 43).

24 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 90.

25 *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., pp. 14 e 15.

26 *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., pp. 43 e 44.

27 Vol. 61 da Coleção Documentos Brasileiros da Livr. J. Olympio Edit., Rio de Janeiro, 1949.

28 Edição do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife, 1972.

29 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 110 e 124.

30 *Idem*, p. 147.

31 *Ibidem*, p. 147.

32 *Ibidem*, pp. 120 e 125.

33 FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade (Biografia: 1890-1954)*, São Paulo: Art Editora, 1990, pp. 129-131 e 151.

34 *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., pp. 132-134.

35 Carta no Arquivo da Fundação Gilberto Freyre em Apipucos, Recife, Pernambuco.

36 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 125, 122, 124, 123 e 124.

37 *Memórias (Essas minhas Reminiscências...)*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937, p. 31 (Coleção Documentos Brasileiros, v. 2).

38 *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., p. 164.

39 *Casa-Grande & Senzala*, Editora Universidade de Brasília, 12ª ed. brasileira e 13ª em língua portuguesa, 1963, p. 72.

40 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 97, 108, 54 e 55.

41 ZAVALA, Sílvia, "Gilberto Freyre, Hispanista", in *Gilberto Freyre na UnB (Conferências e Comentários de um Simpósio Internacional realizado de 13 a 17 de Outubro de 1980)*, Editora Universidade de Brasília, 1981, p. 109.

42 MARÍAS, Julián, "O Tempo e o Hispânico em Gilberto Freyre", in *idem*, pp. 8-10.

43 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 125.

Difícil Retorno e Readaptação ao Brasil

Qual intelectual não teve a tentação de ficar para sempre nos Estados Unidos, principalmente na Europa, após ali estudar ou trabalhar?...

É, em parte, o que Vianna Moog classificou de mazombismo, “ausência de determinação e satisfação de ser brasileiro”, “quase total ausência de sentimento de pertencer o indivíduo ao lugar e à comunidade em que vivia”.¹

Reflexo mental do colonialismo econômico e político vindo até as vésperas do modernismo, no bacharel Paulo Maciel do *Canôa* de Graça Aranha: “O meu desejo é largar tudo isto, expatriar-me, abandonar o País, e com os meus ir viver tranqüilo num canto da Europa... A Europa... a Europa!”. Sentimento vindo ao Jorge Amado de *O País do Carnaval*, em Paulo Rigger, filho de “riquíssimo fazendeiro de cacau no sul do estado da Bahia”, de volta após sete anos mais de nefelibatismo que de estudos em Paris, para chocar-se com a miséria e retóricas delas se aproveitando: “Voltaria a Paris, para esquecer. Quem sabe se não ficaria novamente calmo?”

Dilema ainda mais radical na Buenos Aires de *Historia de una pasión argentina* de Eduardo Mallea: “Desterrados, os argentinos, somos todos. Desterrados do espírito, desterrados da civilização de que proviemos, daquele nó ancestral pelo qual, ao contrário de nós, os homens produziram Arte, Pensamento, Filosofia...” O que muito explica o auto-exílio tanto de Jorge Luís Borges, quanto de Júlio Cortázar e Ernesto Sábato, direita, esquerda e centro preferindo Genebra, Paris e Barcelona...

Já Oliveira Lima, experiente de longas vivências na Argentina e Venezuela, muito bem sintetizava o dilema daquele tipo de intelectuais: “Correm quase sem exceção atrás de um ideal que não é o da vida para a qual se preparam ou que as circunstâncias lhes

prescrevem, ideal também algumas vezes necessário, se bem que em certos casos irrealizável, que tanto pode ser a santa miragem de uma pátria independente e gloriosa, como a formosa quimera de um rejuvenescimento da alma nacional pela ação combinada do desenvolvimento intelectual e da cultura artística".²

Gilberto Freyre sofrerá idênticos dilemas, ao buscar a organicidade do Brasil, mesmo conflituosa, de que virá a ser, ao mesmo tempo, grande crítico e grande representante.

Seu discurso de retorno, 1924, pronunciado na capital da Paraíba nunca esquecida, a ponto de vir a casar com paraibana, Maria Madalena Guedes Pereira, cujo pai e tios haviam também estudado em Baylor, naquele discurso Gilberto Freyre faz ecoarem, do começo até o fim, a Action Françaises e os tradicionalistas a ela ligados, direta ou indiretamente, León Daudet, Maurice Barrès, Paul Bourget, Ernest Pshichari convertido neto de Renan, Charles Péguy e o Jacques Maritain de *L'Anti-Moderne*, sob o título tão newmaniano "Apologia pro generatione sua", pouco faltando para a *Apologia pro vita sua*. Uma geração que só aceitava modernidade com respeito às raízes. Entre seus "irmãos mais velhos", Gilberto Freyre alinha, entre outros, Jackson de Figueiredo, Tristão de Athayde, Andrade Muricy e Tasso da Silveira,³ o que demonstra como então estava próximo do catolicismo.

Mesmo assim, quando volta a Pernambuco, sua primeira sensação "é que sou repellido pelo Brasil a que acabo de regressar homem, depois de o ter deixado quase menino, como se tivesse me tornado um corpo estranho ao mesmo Brasil". Até mesmo artigos são publicados contra ele, por parte dos escandalizados em vê-lo de tweed andando de bicicleta e freqüentando os clubes ingleses de golfe e tênis: "a insistência de quase todos eles é neste ponto: a de ser eu um estranho, um exótico, um meteco, um desajustado, um estrangeirado. Sendo um estrangeiro - argumentam eles - é natural que não me sinta mais à vontade no Brasil". "A verdade é que eu é que me sinto identificado com o que o Brasil tem de mais brasileiro. Estes supostos defensores do Brasil contra um nacional que dizem degenerado ou deformado pelo muito contato com universidades estrangeiras, me parecem excrecências".

Gilberto procura diretamente o povo, o povão, no seu reduto então mais recôndito, os cultos religiosos afros, só muito depois

elegante valorizá-los. Uma filha-de-santo apresenta-o a um babalorixá: “Este é dos nossos. Branco que gosta mesmo de nós”. “Fiquei a noite inteira. Até de madrugada. Uma doce mulata se encarregou de mim: bonita mulatinha muito dengosa”.

Ali Gilberto Freyre entende um *revival* pentecostal do Kentucky, ao qual reagira negativamente: “Religiosidade, sem dúvida, num e noutra caso, a despeito de alguma histeria. Porém religiosidade autêntica. E bonitos os cantos. Bonitas as danças. Nenhuma canalhice. Mais doçura nas vozes e danças afro-brasileiras”. Não demorará para o pentecostalismo alastrar-se, na forma de carismáticos, pelas tradicionais denominações evangélicas e pelo próprio catolicismo.

Não só os passadistas locais são refratários a Gilberto, ele também o é aos modernistas, “que já não parecem ter o que dar a ninguém – nem mesmo aos adolescentes. A não ser ruído. Escândalo. Sensação”. Gilberto escreve já em 1923 contra “um modernismo tão postiço que suas vozes me soam sempre carnavalescas”. Virá a preferir o grupo mineiro – Emílio Moura, principalmente Carlos Drummond – e o carioca de Rodrigo de Melo Franco de Andrade, Prudente de Moraes, neto, Sérgio Buarque de Holanda, Drummond, todos então no Rio de Janeiro, “e sobretudo Bandeira. Manuel Bandeira, que vinha se correspondendo comigo desde 1924” (esta anotação é de 1926).

Mas volta o sentimento do mundo, saudades dos tempos de Columbia, Oxford e Paris...⁴

A Oliveira Lima, seu maior confidente, apesar deste insistir que não compensa voltar ao Brasil, daí optar por morrer e ser sepultado em Washington D.C., escreve em 14 de agosto de 1923: “Eu estou num estado de espírito que não é dos mais agradáveis. Tudo tão hostil”. Numa escapada ao Rio de Janeiro, verifica ser maior para ele o problema, nacional, não só regional: “Eu acho o Rio cada vez mais horrível para o meu temperamento; e Pernambuco cada vez me puxa mais à sua paisagem e à minha família” (carta de 25 de agosto de 1926). Até que enfim (28 de outubro de 1926) conclui do Recife: “Afinal, isto é uma doce terra, este nosso Pernambuco. Por mim, só sairei daqui expatriado, botado para fora”.⁵ Sem o saber, Gilberto estava prevendo seu próprio futuro, em breve a Revolução de 1930 e o golpe do Estado Novo e a dita-

dura varguista o obrigarão a retirar-se intermitentemente do Brasil, não só de Pernambuco.

Enquanto isto, redescobre e revaloriza o Brasil a começar pela terra natal: “Vejo agora o Capibaribe com olhos de homem e a impressão que me dá repito que é, ainda, a da mais tremenda realidade recifense. Também alguns dos velhos sobrados azuis, encarnados, verdes, amarelos, do Recife do meu tempo de menino, volto a contemplá-los, agora, com olhos de homem, sem que eles tenham perdido o prestígio que outrora tiveram para minha imaginação de criança de província. Continuam profundos, misteriosos”.

O Capibaribe – “papa-estrelas” das memórias de Gilberto Amado, “cão sem plumas” do poema de João Cabral de Melo Neto – coleante pelos bairros, íntimo da cidade, tema da reconciliação e final compreensão maior, social e existencial: “Que graça teria o Recife sem este seu rio entre lírico e trágico?... Que mistério de passado a projetar-se sobre o futuro de cada um de nós, que somos do Recife ou nos tornamos do Recife, em grande parte pelo batismo não só do corpo mas da alma nestas águas, que nunca se limitam a ser apenas presente ou somente atualidade? É incompleto o homem a quem falta um rio no qual ele pense até em desaparecer, quando a incompreensão dos outros homens for tão grande que ele precise de voltar ao ventre da água. É incompleta a cidade ou a província a que falte um rio que ligue todos os efêmeros presentes com o seu passado e com o seu futuro”(6).

Das margens do Capibaribe serpenteando pela cidade, Gilberto escreve em 14 de agosto de 1923, ainda e sempre ao também e tão bem brasileiro cosmopolita de Pernambuco Oliveira Lima, lá no seu final auto-exílio de Washington D.C.: “O que compensa o desconforto da prisão é que há uma janela escancarada sobre uma paisagem que eu muito amo. Que recantos lindos há ainda por perto do Recife. Agora mesmo passei a tarde a passear pelo Poço. Gosto de passear por lá e por Cruz das Almas, Dois Irmãos, Monteiro, Ubaias, Casa Forte e outros sítios perto aqui da nossa casa”.⁷ Áreas próximas ao Rio Capibaribe, entre arvoredos, outrora de famílias inglesas.

Passeios principalmente em companhia do paraibano, recifensizado como muitos, José Lins do Rego, estendidos à antiga, seiscentista Igarassu, ao norte de Pernambuco, vizinha da ilha de Ita-

maracá das gravuras de Barléus do Brasil nassoviano, entre canais e coqueirais. Zé Lins deixou o registro de uma “bela manhã com os cajueiros da estrada cheirando. As casas e as árvores, as igrejas, as velhas ruas esburacadas, as pobres freiras com os pés nos chinelos, o Convento de Santo Antônio com o seu tristonho claustro, tudo vinha para ele (Gilberto) como as coisas mais belas deste mundo” e “que para mim era como se fosse do vulgar cotidiano”.

Gilberto revela não só literatura inglesa a Zé Lins, a todos nós do seu círculo o Brasil das “casas velhas, os sobrados, os frontões humildes, as biquetras, os portões arruinados, tudo lhe parecia de uma humanidade que estremeçia com febre. Fui vendo que havia o Brasil, que havia uma grandeza brasileira, com raízes sólidas, plantadas pelo lusitano que tanto se desprezava”.⁸

Além de José Lins do Rego, o próprio Gilberto Freyre deixou registro daquele “grande dia em Igarassu”, 1924, “uma cidade onde o tempo parou. Um silêncio tal que parece postigo: para inglês, não digo ver, mas ouvir, não ouvindo. Um silêncio clínico. Quimicamente puro. Igrejas velhas, quase abandonadas... Um freirazi-nhas pobres, de chinelos sem meias, cuidam dos altares e dos santos. Parecem as criaturas mais felizes deste mundo. Vivem mais para seus santos e para os mais pobres do que elas...”

O Jovem Gilberto não perde, porém, o contato com o espírito do mundo, “venho relendo todo o Pater (Walter) – o Pater que li ou reli quase todo em Oxford, ambiente ideal para ler-se Pater”. Descobre Marcel Proust em 1926, época em que escreve pioneiramente no Brasil sobre Joyce. E o sentimento literário é, também para ele, ponte para a fé pelas mãos e coração de grandes escritores místicos: os espanhóis San Juan de la Cruz, Santa Teresa de Ávila, Diego de Estella, Fray Luís de León, “como é que alguém pode ignorá-los?” Horroriza-se com a voga de Blasco Ibañez, Vargas Vila e José Ingenieros, então tidos como grandes representantes do pensamento, na realidade superficiais e vulgares.

Gilberto Freyre vai ao ponto de perceber “o sentido mais puro do misticismo: ver no escuro”, além da “noche escura del alma” de San Juan. E chega a pendurar um retrato de Newman no quarto e a tornar-se amigo do circunspecto e hierático Arcebispo de Olanda e Recife, Dom Miguel de Lima Valverde, um príncipe da Igreja, além de ler e propagar Chesterton no Brasil, aqui conhecido de inf-

cio pelas mãos de Gilberto Amado. Interessa-se por Maritain, certamente mais pela sua Estética que Metafísica.

Quem conheceu de perto Dom Miguel Valverde pode imaginar o que significam estas revelações de Gilberto Freyre sobre o “homem de cara fechada”, que “nunca visita ninguém”, mas que incluía Dona Francisquinha, mãe de Gilberto, entre suas raras exceções: “A verdade, porém, é que comigo Dom Miguel, quando estamos juntos, se abre. Conta anedotas. Sorri. É outro Dom Miguel Valverde, diferente do que aparece ao público e do que os retratos nos jornais anunciam como homem sempre terrivelmente austero”.⁹

Calorosa receptividade aos amigos, característica gilbertiana, que se queixava de nunca receber tudo de volta, mesmo assim contribuindo para readaptá-lo ao Brasil e a Pernambuco, por José Lins do Rego, a quem inicia principalmente na literatura inglesa e ao qual convence a deixar de assinar-se Lins do Rego; por José Américo de Almeida, “muito mfope, feioso, um tanto desajeitado nos modos. Mas dominando esses traços negativos, uma força de personalidade que se faz sentir de maneira irresistível”. José Ar.érico e José Lins que deixarão por escrito o testemunho da sua amizade e do que lhe devem em inspirações.

Até mesmo os seus dois maiores amigos norte-americanos terminam procurando-o no Recife: Francis Butler Simkins em 1924 e Rüdiger Bilden com a esposa, dois anos após. Bilden hospedado por Gilberto numa mansarda do velho bairro de Santo Antônio, para quem estava acostumado com Greenwich Village; Simkins na casa do pai de Gilberto no Solar do Carrapicho, Estrada do Encanamento rumo a Casa Forte, nomes tão recifenses. Butler Simkins – “de uma família de fidalgos da Carolina do Sul”, “com uma barbicha de *scholar* do século passado que o faz parecer bem mais velho do que é: barbicha que sugere também um romântico desgarrado e entre anti-românticos”, adora e é adorado pelo Pernambuco de fins de patriarcalismo, casas-grandes já sem senzalas, vésperas de serem engolidas pela industrialização das usinas no trânsito bem retratado por José Lins do Rego.

Gilberto decide levar Simkins a Japaranduba do amigo Pedro Paranhos, ramo pernambucano da família baiana do Visconde e Barão do Rio Branco: “Os Paranhos têm estado magníficos. Pedri-

inho sempre de branco. Dona Laura, com um *pince-nez* que lhe dá um aspecto de começo do século, nela muito distinto”. Pedrinho para os íntimos, para outros o Coronel Pedro, Senhor de Japaranduba, tem incríveis baús cheios de papéis velhos. Gilberto passa “noites inteiras” remexendo-os e ouvindo histórias do sobrinho do Barão do Rio Branco, que com ele morou em Paris, histórias “que só um sobrinho como ele (sobrinho quase filho) poderia ter surpreendido”. Base de muita História Oral¹⁰, além de documental, de *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos, Ordem e Progresso*.

O entrelaçamento familiar da açucarocracia abrangia do vale do Ceará-Mirim no Rio Grande do Norte ao do Paraíba, várzeas de Pernambuco, Alagoas e Sergipe, até o Recôncavo da Bahia.

Amélia Augusta, filha do Visconde do Rio Branco, baiano, irmã do Barão, casou com Pedro Afonso Ferreira, Senhor de Japaranduba. Portanto, Pedro Paranhos, filho de Pedro Afonso, era neto do Visconde e sobrinho do Barão do Rio Branco. Foi senador estadual na República Velha. Japaranduba em Palmares, Mata Sul de Pernambuco, com mais de vinte mil hectares, chegou a ser o maior engenho do Nordeste, um dos maiores do Brasil.

O pintor Cícero Dias, depois em Paris por longas décadas, era primo em primeiro grau de Paulo dos Santos Dias, um dos Senhores de Jundiá, casado com a única neta de Amélia Augusta, de quem tinha o prenome. Todas as famílias açucarocratas de Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Sergipe são parentas entre si. Entre outros numerosos troncos familiares, os Wanderleys de Pernambuco foram também para a Bahia, onde seu ramo Wanderley Pinho instalou no Engenho Freguesia o Solar do Conde de Passé.

Os Chacons prosseguiram do Recife para Areia e o Pilar, brejo e várzea do Paraíba do Norte, onde são retratados por José Américo de Almeida em *A Bagaceira* e José Lins do Rego em *Fogo Morto*. E há Albuquerque senhores de engenho por todo o Nordeste, descendentes do cunhado do primeiro donatário da capitania de Pernambuco, começos do século XVI, 1536, Jerônimo de Albuquerque, cognominado o Adão Pernambucano, por sua numerosa prole: legítima a de Dona Filipa de Mello, dama de companhia da Rainha de Portugal, e bastarda a da filha do Cacique Ar-

coverde. Dessa última descende o primeiro Cardeal do Brasil e da América Latina, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Nem a amizade ainda maior dos dois Ulysses, Freyre, o irmão, e Ulysses Pernambucano de Mello, primo, psiquiatra pioneiro na divulgação de Freud e da psicanálise no Brasil, aos quais dedica seus *Artigos de Jornal*, os dois Ulysses explicados na segunda edição sob título *Retalhos de Jornais Velhos* – nem eles, nem os nostálgicos passeios de redescoberta telúrica do Recife, nem as leituras místicas ou sociológicas, conseguem aplacar de todo a inquietação do retorno gilbertiano. Ulysses Pernambucano teve de intervir, diante daquele “terrível baque do desajustamento”, testemunha-o Clarival do Prado Valadares, companheiro e discípulo de ambos. A Ulysses Pernambucano, mais do que a ninguém, ficou Gilberto Freyre devendo a gradativa retomada de ânimo, enfim a reintegração no Recife e no Brasil. Também a Ulysses a descoberta da Medicina Social, especialmente da Psicologia Social, revelações retribuídas ao transmitir-lhe muito de Antropologia Cultural, tão necessárias, ambas, mesmo as três, à revalorização dos negros e mulatos enfermos ou sadios em meio a todos os preconceitos também do Brasil.¹¹

Por tudo isto Ulysses Pernambucano sofrerá tanto ou mais que o próprio Gilberto, nas mãos dos discriminadores e preconceituosos contra tudo, ou quase tudo, que os dois primos faziam.

Mantém-se financeiramente Gilberto Freyre, naquele difícil começo de vida profissional, com artigos para o também antigo *Diário de Pernambuco*, para o qual prepara a magnífica edição do seu centenário, 1925, com colaborações inéditas e preciosas inclusive do recifense Manuel Bandeira, atraído de volta à terra natal por Gilberto, para nova fase de inspiração. Manutenção acrescentada de uma igualmente pequena gratificação das Docas do Recife, onde corrige o português dos relatórios do diretor. Não podia mais viver às custas do pai.

As conexões jornalísticas levam-no ao Rio de Janeiro, pela primeira vez em 1926: “Eu conhecia os Estados Unidos, o Canadá, a fronteira mexicana, a Inglaterra, a Alemanha, a Bélgica, a França, a Espanha, Portugal e ainda não conhecia o Rio”. Comportamento freqüente naquele Pernambuco ainda açucarocrático, eu

próprio, meus antepassados e meus filhos também estiveram na Europa muito antes de irem a outros lugares do Brasil, além do Recife natal. Sua situação de porto e aeroporto brasileiros mais próximos da Europa faziam disso uma rotina entre as classes socialmente superiores.

No Rio Gilberto Freyre convive com Barbosa Lima Sobrinho, Rodrigo de Melo Franco de Andrade, Prudente de Moraes, neto, Sérgio Buarque de Holanda e principalmente Manuel Bandeira, para Gilberto “o maior poeta da língua portuguesa”, mais do que antecessor do modernismo paulista de 1922: Bandeira, daí em diante *Flag* na correspondência, o Bandeira da fase do Morro de Santa Teresa dominando mais a cidade que o mar, rindo com a dentuça à mostra, “numa saudade constante do Recife. Perguntame por mil e uma coisas do Recife”, “ninguém mais pernambucano” apesar de safdo menino, da infância se recordando, por instigação gilbertiana, no poema evocativo publicado pela primeira vez na edição centenária do *Diário de Pernambuco*. Gilberto hospedase na casa de Manuel Bandeira, daí em diante “um irmão mais velho”.

Assis Chateaubriand – já começando a ser dono de jornais, os Diários Associados, outro paraibano recifensizado, professor por concurso da Faculdade de Direito do Recife, antes de virar rico – Francisco de Assis Chateaubriand, um Bandeira de Melo sertanejo de Umbuzeiro e futuro embaixador do Brasil em Londres, apresenta Gilberto Freyre à elite carioca, Afrânio Peixoto nela brilhando, “conversa encantadora. Mas quase todos os assuntos, superficiais”.

Almoça no Jockey Club com José Nabuco, pernambucano nascido em Londres, filho de Joaquim Nabuco, e seus amigos. Deixa-lhe funda impressão a ilustre matriarca Dona Laurinda Santos Lobo, “requintadamente cosmopolita”, de “admirável autenticidade não só brasileira mais provinciana”. Em sua casa é apresentado a Heitor Villa-Lobos, outra amizade duradoura. Também Jaime Adour da Câmara de *Oropa, França e Bahia*, interessante diário de viagem, muito citado e infelizmente pouco lido.

De volta aos oligarcas açucarocráticos, encontra o Conselheiro Rosa e Silva, um dos velhos senhores de Pernambuco de projeção nacional, não só local, jogando roleta no Copacabana Palace,

“concentrado a fazer caretas nervosas. Mas o diabo do velho nem assim perde a elegância”. “Suas maneiras ainda são as do Império. Não é sem significação que ao título de Conselheiro continua preso o seu nome de político republicano”. Rosa e Silva – senhor de muitos engenhos, dono do *Diário de Pernambuco* em longa fase, bacharel pela Faculdade de Direito do Recife dos tempos de Tobias Barreto e Sílvia Romero, preferindo, já naquele tempo, concluir em Oxford os estudos – o Conselheiro Rosa e Silva governou Pernambuco ao longo de décadas, enquanto vivia na Côte d’Azur, o mesmo quando foi vice-presidente da república, vindo ao Brasil uma vez por ano...

Vai Gilberto também pela primeira vez a São Paulo, conhece Paulo Prado e os Prados, outras amizades para toda a vida, não se interessa em procurar os modernistas no auge do barulho, o Brasil gilbertiano era muito diferente, o das raízes, daí a especial aproximação com Sérgio Buarque de Holanda já no Rio de Janeiro.

Um breve retorno a Nova York e Washington D.C. ainda em 1926, por conta do *Diário de Pernambuco* – cujo dono passara a ser Carlos Lyra, usineiro de Serra Grande, “senhor de engenho com muita coisa de industrial moderno”, “firmeza de ânimo e vigor de vontade” – para um Congresso Panamericano de Imprensa, quando reencontra Oliveira Lima, confirma-lhe a fundamentalidade da sua opção pelo retorno ao Brasil. Por mais fascinantes, os Estados Unidos não mais o abalam.¹² Nem por isso vem a ser aceito pelo provincianismo. O pasquim recifense *O Fiau* ataca-o em 7 de maio de 1923 com o artigo anônimo “Gilberto Freyre, Fruto Bichado da Literatura Brasílio-Ianque”. Outros ataques se sucederão, Gilberto também ia se tornar polêmico pelas suas idéias e por sua personalidade. Polêmico dentro e fora de Pernambuco, dentro e fora do Brasil.

Ao voltar ao Recife, encontra carta de 7 de maio de 1926 do pintor Vicente do Rego Monteiro do seu ateliê parisiense: Vicente retornara à Europa, mas não podia esquecer quem e o que lhe recordavam “o Brasil que não apodreceu ainda”, que “transpira um cheiro quase insolente de mata inacabada. De chão cascudo e áspero”. Lembranças mesmo ao longo da viagem marítima, olhando os picos de Las Palmas da Gran Canária emergindo do Atlântico,

“num chalé de bruma azul-cinza quase transparente”.¹³ Mais uma rota de auto-exilado.

Gilberto Freyre vai, porém preferir a reimersão no Brasil Profundo, pelos caminhos da sua região, do seu regionalismo. Acabara por reconciliar-se com o Brasil pelo Nordeste, por Pernambuco, pelo Recife, para sempre. Ia começar a construir sua obra.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 *Bandeirantes e Pioneiros (Paralelo entre duas Culturas)*, vol. VIII das *Obras* de Vianna Moog, 8. ed., Rio de Janeiro: Editora Delta, 1966, p. 146.

2 *Impressões da América Espanhola (1904-1906)*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, p. 126. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 65)

3 “Apologia pro vita sua”. In: *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941, pp. 55-77. (Coleção Documentos Brasileiros, n. 29)

4 *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade (1915-1930))*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975, pp. 128, 210, 132 e 185.

5 *Cartas do próprio Punho sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro*; seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello; prefácio de Josué Montello; Ministério da Educação e Cultura – Conselho Federal de Cultura; sem ref. a local; 1978, pp. 209, 217 e 219.

6 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 126 e 145.

7 *Cartas do próprio Punho*, ob. cit., p. 209.

8 “Gilberto Freyre”, *Gordos e Magros (Ensaio)*, Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942, pp. 118 e 119.

9 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 157, 135, 137, 145, 155, 154, 178, 179, 142, 153, 178 e 174.

10 Gilberto Freyre reconhece a importância da metodologia da História Oral, de que também foi pioneiro no Brasil, em sua entrevista nesse tipo de programa da Universidade de Baylor, quando insistiu tê-la iniciado no Brasil sem tratar propriamente do assunto quando conheceu, em Columbia, Allen Nevis, um dos primeiros, se não o primeiro, sistematizador da Historiografia Oral (*Vide Oral*

Memoirs, Instituto de História Oral da Universidade de Baylor, 16 de maio de 1985, pp. 36-40).

11 “Gilberto Freyre: sua Influência sobre a Formação de Médicos Brasileiros”, In: *Gilberto Freyre: sua Ciência, sua Filosofia, sua Arte*; Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962, pp. 520 e 519.

12 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 175, 138, 185, 184, 187, 186, 190, 192, 155 e 193-195.

13 Carta no arquivo da Fundação Gilberto Freyre em Apipucos, Recife, Pernambuco.

O Regionalismo

Para entender a força do protesto do regionalismo nordestino – *A Bagaceira* de José Américo de Almeida, 1928; *O Quinze* de Rachel de Queiroz, 1930; *São Bernardo* (1934) e *Caetés* (1933) de Graciliano Ramos, este último ano o mesmo dos *Corumbas* de Amando Fontes – é necessário compreender melhor a crise do federalismo brasileiro da década de 1920, com suas conseqüências na seguinte.

Gilberto Freyre em prefácio à edição de 1952 do *Manifesto Regionalista de 1926*, “Vinte e Cinco Anos Depois”, relembra que “perdeu-se quase de vista no Brasil a importância do federalismo”.¹

Na prática, o federalismo reduzira-se ao estadualismo da “política dos governadores”, ao auge na presidência Campos Sales, consagrando-se no célebre “café-com-leite”, alternância de presidentes oriundos de São Paulo e Minas Gerais, fazendo concessões ao Rio Grande do Sul e ao Nordeste quando dos impasses. Num destes, o pior – Washington Lufs, “paulista de Macaé” porque fluminense fazendo carreira em São Paulo e impondo outro paulista para seu sucessor, Júlio Prestes – então Minas Gerais pendeu em favor da revolta gaúcho-nordestina da Aliança Liberal Getúlio Vargas-João Pessoa, e a balança desequilibrou-se, permitindo o triunfo revolucionário da periferia contra o centro.

Pernambuco ficara imprensado entre dois fogos. Robert M. Levine foi quem melhor, até agora, definiu o seu quadro geral.

Ele mostra o fracasso dos republicanos históricos pernambucanos na tomada local do poder, ultrapassados pelos adesistas: “O resultado foi que, durante toda a Primeira República (1889-1930), nem um só republicano histórico foi eleito presidente (governador) de Pernambuco, o que contrastava, por exemplo, com São Paulo, onde nove dos onze primeiros presidentes (governadores, como

depois se passará a chamá-los) eram republicanos históricos”. Com a consequência de São Paulo e Minas Gerais ignorarem as lideranças nordestinas em geral, pernambucanas em especial, desorganizadas e divididas internamente. “Entre 1890 e 1930, Pernambuco conseguiu colocar apenas uns poucos representantes em postos federais”. “*Pernambuco não lucrou significativamente sob a federação*”. “A bancada, dividida, jamais conseguiu obter ajuda federal exceto em momentos de crise externa”.²

Não eram nem os liberais monárquicos que tinham predominado em Pernambuco, enfraquecidos nacionalmente pelo término da monarquia nas mãos de um primeiro-ministro daquele partido, o Visconde de Ouro Preto, e sim os conservadores propriamente ditos, vindo da liderança do Conselheiro João Alfredo, beneficiário da morte do chefe liberal Maciel Pinheiro, que procurara rearticular os despojos do radical liberalismo social pernambucano, desbaratado pela sua derrota na Rebelião Praieira de 1848.

João Alfredo afasta-se da política, é sucedido localmente pelo Visconde de Camaragibe, que passará o poder em Pernambuco a outro conselheiro imperial, Francisco de Assis Rosa e Silva, o Conselheiro Rosa e Silva, ministro da Justiça da monarquia em 1888, com apenas trinta e um anos de idade, fina flor da oligarquia açucarocrática nordestina, sob João Alfredo primeiro-ministro e da Abolição da Escravatura, à qual consumavam antes que o movimento escapasse do seu controle.

Rosa e Silva – filho de imigrante português enriquecido no comércio, bacharel pela tradicional Faculdade de Direito do Recife dos tempos de Tobias Barreto e Sílvio Romero, afeiçoado à própria Oxford por onde andou em viagem de recreio e estudos, unira-se à aristocracia rural por casamento com uma filha do Visconde do Livramento – o Conselheiro Rosa e Silva por tudo isso teve um momento de vacilação diante da Proclamação da República. Mas, com grande perspicácia, logo sentiu o interno divisionismo dos liberais e dos republicanos históricos.

O reconhecimento de Pernambuco à Proclamação do Rio de Janeiro fora muito tumultuada.

No primeiro momento, assumiu o governo o comandante da guarnição local do Exército, General José Simeão, pouco ligado à conspiração militar. Estranho, sem experiência política, foi ime-

diatamente envolvido pelos liberais de José Mariano, populares porque abolicionistas, duplamente detestados pelos positivistas republicanos históricos sob a chefia de Martins Júnior.

Em meio aos desentendimentos, o Generalíssimo Presidente Deodoro da Fonseca prefere nomear para o governo de Pernambuco o seu compadre Barão de Lucena, velho prócer conservador, também compadre do Imperador Pedro II, que por isso mesmo já o indicara para o mesmo posto tempos antes. Mas a dependência de Deodoro, em relação a Lucena, era tão grande, que logo o convocou para seu ministro no Rio.

Votada a Constituição estadual pernambucana em 1891, foi eleito governador (presidente do estado, como se dizia), um magistrado, o Desembargador Correia da Silva. Também chamado ao Rio por Deodoro, passou o governo ao vice, o Barão de Contendas, mais um conservador açucarocrata. Este não conseguiu mais controlar os acontecimentos, teve de renunciar, assumiu uma junta encabeçada por outro general, com dois políticos locais num triunvirato de aparência.

Enquanto tudo isso, Deodoro desistia da presidência da república, vinha o seu vice, também marechal, Floriano Peixoto. Imaginaram os republicanos históricos ter chegado, enfim, sua hora. Prepararam lista com nomes da sua grei para o governo local. Floriano ignorou-a, designou outro militar, num célebre telegrama sarcástico, dizendo que o Capitão Alexandre José Barbosa Lima aceitava e agradecia a indicação...

Barbosa Lima, tio (o sobrinho veio a ser o jornalista Barbosa Lima Sobrinho, longo tempo presidente da Associação Brasileira de Imprensa e também governador de Pernambuco) fez governo de grandes realizações, porém em meio às violentas agitações contra o florianismo, às quais teve de reprimir com inevitável mão de ferro. Numa reação em cadeia, da qual se aproveitavam as lideranças tradicionais locais. O positivismo republicano de Barbosa Lima de nada adiantava aos correligionários locais, Martins Júnior à frente, intelectuais sem vocação administrativa, nem apetite de poder.

O Conselheiro Rosa e Silva, solidamente apoiado pela oligarquia, apenas esperava que se desfizessem os adeptos do Barão de Lucena, amigo pessoal do Deodoro renunciado, e dos liberais de José Mariano envolvidos em **conluís** antiflorianistas, duramente re-

primidos. O poder tinha de voltar, até por força de gravidade, às mãos da açucarocracia à espreita que os confusos grupos urbanos terminassem seu processo de enfraquecimento interno.³

Concluído o mandato, sem criar base local bastante forte para gerar sucessor próprio, Barbosa Lima – daí em diante deputado federal por estados diversos, o que comprova sua projeção nacional – Barbosa Lima teve Rosa e Silva por inevitável sucessor. Veio a governar Pernambuco, diretamente ou através de prepostos, durante décadas, chegando à vice-presidência da república então presidindo o Senado. Poder de Rosa e Silva estendendo-se pelo Nordeste, mesmo ao Norte, em alianças com as oligarquias dos Maltas nas Alagoas, Reis na Bahia, Aciólis no Ceará e Chermonts no Pará. Podia assim pesar, e muito, perante outros coordenadores oligárquicos nacionais.

Coerente até a medula no seu conservadorismo, Rosa e Silva chegara até a defender tese contra o contrato social de Rousseau e a favor da origem divina do poder em plena Faculdade de Direito do Recife, minada por evolucionismos e republicanismos. Um dos seus melhores retratos é o de Levine: “Vestia-se impecavelmente, usava sempre chapéu, lenço de seda e água de colônia parisiense. Falava em voz medida, com palavras precisas e cuidadosamente articuladas – o que contrastava com o *tic* nervoso que tinha no rosto. Em suas raras visitas a Pernambuco, recebia as honras que se dão a pessoas de sangue real” (Rosa e Silva costumava passar a maior parte do tempo na Côte d’Azur e em estações d’águas na Áustria, quando não estava nos salões londrinos e principalmente parisienses). “Só uns poucos dos seus assistentes mais chegados o chamaram, jamais, de *você*. Mesmo homens que trabalhavam havia décadas com ele diziam, sempre, *o senhor*. Os adversários vilificavam-no como um egocêntrico autocrata, mas ele pouco se importava com aplausos e louvaminhas”.

Enquanto governou, ou mandou através de prepostos, “a prosperidade do estado (de Pernambuco) reviveu debaixo de férrea disciplina da máquina política de Rosa e Silva”.⁴

Até que apareceu um “salvacionismo” em 1911, dos muitos a fracassarem por falta de programa coerente. Foi o do General Emídio Dantas Barreto, um dos esmagadores da rebelião camponesa de Canudos, ministro da Guerra metido a intelectual, autor de peça

teatral, *A Condessa Hermínia*, caída no ridículo porque a heróina, ao acordar, descobria que estava morta, e no seu, por alguns louvado, livro sobre Canudos, promove-o à condição de infinito, ao escrever que lá se juntavam as forças marchando paralelamente. Dantas assumiu o governo, após eleição convenientemente preparada pelo seu colega comandante da guarnição de Pernambuco, General Carlos Pinto, sob os olhos complacentes do Marechal Hermes da Fonseca, presidente da república...

A incauta multidão dançava nas ruas do Recife, ao som do antigo frevo do clube carnavalesco Vassourinhas, mas com a letra trocada para:

Rosa e Silva há vinte anos
que nos traz acorrentado,
General Dantas Barreto
vem salvar o nosso estado.

Com o estribilho:

Salvai, salvai, querido general
o nosso estado das mãos de um traidor,
vem libertar um povo escravizado,
vem semear a paz, a luz e o amor.⁵

O brasilianista norte-americano Robert M. Levine conclui muito bem: "Dantas Barreto, que jurara expulsar a velha oligarquia dos bacharéis e dos fazendeiros, não resolveu um único dos problemas fundamentais do estado".⁶ Foi um governo de tais violências que o povão logo mudou a letra consagrada para a de protesto, "Sovai, sovai, querido general..."

O sucessor de Dantas, por ele feito, Manuel Borba, logo rompeu com ele, vindo a ser governador de Pernambuco um magistrado, Sérgio Loreto, enfim de volta o rosismo com Estácio Coimbra, em breve a Revolução da Aliança Liberal de 1930 e o fim da República Velha ou Primeira República. Também o fim do rosismo.

Claro que a crise pernambucana vinha de mais longe, ainda Levine registra suas principais etapas.

A economia açucareira pernambucana que, nas análises de Celso Furtado, tinha sido provavelmente a mais lucrativa empresa colonial⁷, começara a declinar “no incio do século XIX, quando a crescente competição dos cultivadores estrangeiros fez baixar o preço do açúcar no mercado internacional e cortou o valor das exportações do Nordeste pela metade”.⁸ Cafeicultores do vale do Paraíba do Sul de São Paulo ao Rio de Janeiro aproveitaram para comprar barato os escravos e, enquanto se capitalizavam mais depressa, elevavam os impostos nacionais esvaziando ainda mais a economia açucareira nordestina.⁹

A repulsa ao Centro-Sul, liderada mais uma vez por Pernambuco, irrompe ao ponto de proposta de separatismo do senhor de engenho de Palmares, Herculano Cavalcanti de Sá e Albuquerque, típico nome do patriciado açucarocrático pernambucano, que, no *Diário de Pernambuco* de 10 de julho de 1878, publicava um protesto concluindo por dizer que, “até aquela data eu era partidário da união brasileira... porém dali por diante as minhas idéias práticas são a separação do Norte, não para formar ele um Estado independente, mas sim para fazer parte da Confederação dos Estados Unidos da América”. Ecos da importante presença anglo-americana na burguesia mercantil portuária do Recife.

Mesma época do prefácio de Franklin Távora, cearense então secretário da antiga Faculdade de Direito do Recife, à sua novela *O Cabeleira*, estória baseada na história real de um grande cangaço, que pretendia proclamar “uma verdade irrecusável. Norte e Sul são irmãos, ~~mas~~ são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o do outro. Cada um tem suas aspirações, seus interesses, e há de ter, se já não tem, sua política”. Mesmo raciocínio de Euclides da Cunha, fluminense radicado no Rio de Janeiro e escrevendo *Os Sertões* sobre o Nordeste, mas no interior de São Paulo: “Duas sociedades (Norte e Sul) em formação, alheadas por destinos rivais – uma de todo indiferente ao modo de ser da outra, ambas, entretanto, evoluindo sob os influxos de uma administração única”.

O processo chegou ao ponto que, “lá pela década de 1920, o isolamento de Pernambuco era tão grande que seus presidentes (governadores) achavam necessário passar meses a fio, de cada vez, na capital federal, contando com sua ação pessoal para obter

favores e confiando a administração do estado aos seus substitutos constitucionais".¹⁰

O governo central exigia completa submissão, em troca de migalhas. Gilberto Freyre registrou, nas comemorações do vigésimo quinto aniversário da Semana Regionalista de 1926, como o evento "chegou a ser confundido por jornalistas desatentos do Rio, com separatismo, para alarme e inquietação do então presidente da república".¹¹ O artigo "Nordeste Separatista" de Gilberto Freyre no *Diário de Pernambuco* de 26 de março de 1926 relatava perguntas de "patriotas do Rio" a respeito da "idéia separatista no Nordeste". José Lins do Rego vê-se obrigado a explicar, no artigo "Contra o separatismo" no *Jornal de Alagoas* de Maceió, já em 18 de janeiro de 1931, que "a experiência nos diz, uma separação seria mais uma ruína, seria o calabrote estrangeiro como no Egito e na Índia".

Joaquim Inojosa, amigo e representante no Recife dos modernistas do São Paulo de 1922, passou o fim da vida repetindo que o *Manifesto Regionalista* de 1926 nunca existira¹², apesar de Gilberto Freyre sempre dizer que tinha sido divulgado "em parte por jornais da época".¹³ Na realidade, os artigos numerados de Gilberto Freyre sobre regionalismo, publicados no *Diário de Pernambuco* de 22 de abril de 1923 a 15 de abril de 1925, reproduzidos no livro gilbertiano em dois volumes, *Tempo de Aprendiz*, 1979, são tudo do *Manifesto* de 1926 e mais muitas coisas, além dos debates propriamente do Congresso-Semana.

Sílvia Romero, da Escola do Recife de Tobias Barreto, na *História da Literatura Brasileira* de 1888 coloca outra pedra no edifício regionalista, regiões ainda por ele divididas em *O Brasil Social*, 1908, ao demonstrar a inevitabilidade da consideração cultural regional também no Brasil: "Se não é possível confundir as populações do Norte com as do Sul em pequenos países europeus; se é exata a diferença entre o Algarve e o Minho, a Provença e a Normandia, a Suábia e o Meclemburgo, o Piemonte e Nápoles, a Escócia e a Inglaterra, as Astúrias e a Andaluzia, em pequenos Estados da Europa, por que se hão de confundir o Pará, Pernambuco ou o Ceará com São Paulo, Rio Grande ou Paraná!? A vida histórica nestas regiões, tão distantes uma das outras, não tem sido sempre a mesma".

Donde, “não sonhemos um Brasil uniforme, monótono, pesado, indistinto, nulificado, entregue à ditadura de um centro regulador das idéias”. “A grandeza futura do Brasil virá do desenvolvimento autônômico de suas províncias, hoje estados. Os bons impulsos originais que neles aparecerem devem ser secundados, aplaudidos”. “Não se chama isto dividir a literatura nacional em duas; é apenas afirmar a unidade na multiplicidade”.¹⁴

Que o ânimo nordestino estava maduro, vê-se no número especial da revista *Ilustração Brasileira* do Rio de Janeiro, dedicado ao primeiro centenário da Confederação do Equador, junho de 1924, nº 46, no artigo “Pernambuco e o Regionalismo Nordestino” de autoria de um certo Moraes Coutinho. Nele o autor distingue “federalismo centrífugo”, o dos ~~estadualismos~~ capitaniado pelos estados mais ricos, e “federalismo centrípeto” ou “federalismo regionalista”, a iniciar-se pelo Nordeste – por ele entendido em termos de cinco estados: Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará; o Nordeste Oriental, Nordeste da Confederação do Equador – ao ver ali maiores convergências culturais e históricas, embora reconhecendo faltar “clara consciência do fato”.

Gilberto Freyre – que vinha publicando no Recife e mesmo no Rio de Janeiro e São Paulo, artigos regionalistas sobre tipos, alimentos e paisagens locais, não só sobre novidades literárias estrangeiras – estava mais que predisposto (por cultura de origem, acrescentada pelas influências míticas irlandesas de Yeats) a inserir-se naquela linha regionalista vindo de Franklin Távora e Sílvio Romero. Ademais sentira fundo o sopro felibrigista provençal de Fédéric Mistral, acentuado politicamente como tradicionalismo por Charles Maurras e León Daudet, por mais que admirasse Sorel, tudo como se vê em *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade)* e em prefácios vários do tipo daquele a *Retalhos de Jornais Velhos*, 1964, segunda edição ampliada dos *Artigos de Jornal* coligidos pela primeira vez em 1934.

Monteiro Lobato – autor dos antológicos contos regionalistas *Urupês* – entendeu o regionalismo nordestino melhor que o poeta tardiamente parnasiano na forma e romântico no conteúdo, Guilherme de Almeida, a quem Gilberto replica no artigo “Ação Regionalista do Nordeste”, aparecido no dia da instalação do Con-

gresso-Semana, 7 de fevereiro de 1926. O vate patriota local – no sentido alemão de *Lokalpatriot*, tanto assim que atingiria os píncaros da sua glória paulista ao celebrar a Insurreição Constitucionalista de 1932 – pretendia ser o regionalismo um “caipirismo” de “Jeca Tatu”. Quando Gilberto Freyre afirmava-o “a seu modo também modernista, mas modernista e tradicionalista ao mesmo tempo”¹⁵, tentando marcá-lo na direção tanto felibrigista quanto de Yeats, enquanto se mantinha fiel às raízes de Franklin Távora e Sílvio Romero.

Fidelidade telúrica a estes e à aculturação brasileira do tradicionalismo pernambucanizado por Oliveira Lima, voltando às raízes nos seus retornos da Europa, do Japão, da América Espanhola, às casas-grandes de Cachoeirinha, “como em Gaipiód, cuja residência é um palácio”, e à de Matapiruma, “edificada em 1840 pelo Visconde de Utinga”, com a sua cozinha percorrida por um riacho, à maneira do Mosteiro de Alcobaça em Portugal, “em que os pratos e as panelas se lavam na água do regato”. “Vasto pomar com centenares de laranjeiras” em Cachoeirinha, de início Cachoeira do Rosário, com “a maior variedade da nossa flora de hortaliças e árvores frutíferas, inclusive os cacauzeiros e as castanheiras da zona equatorial”.¹⁶ Do tradicionalismo de Oliveira Lima – desiludido com as instituições políticas republicanas, não com a cultura brasileira – Gilberto Freyre nunca endossaria o retorno monárquico.

Daf José Lins do Rego testemunhar, amigo fraterno já na época, que a Gilberto “o rumor da Semana da Arte Moderna (paulista, de 1922) lhe parecia muito de movimento de comédia, sem importância real. O Brasil não precisava do dinamismo de Graça Aranha, e nem da gritaria dos rapazes do Sul; o Brasil precisava era de se olhar, de se apalpar, de ir às suas fontes de vida, às profundidades de sua consciência”.¹⁷ Haveria muito estrangeirismo parisiense no ateliê de Tarsila e Oswald, trazido da Place Clichy para vários dos modernismos paulistas. Por maior que fosse a inteligência dos modernistas de 1922, eram menos brasileiros do que se diziam, Oswald de Andrade apenas ameaçando engolir antropofagicamente os valores culturais das nossas origens também européias, à maneira da indiada com o primeiro bispo do Brasil, Dom Pero Sardinha, mera coincidência o nome...

Mário de Andrade, daí em diante empenhadíssimo em pesqui-

sar fontes culturais entre o povo até nos sertões, terminou reclamando, numa conferência na Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores então, 1942, no Rio de Janeiro, não ser lícito “esquecer todo o movimento regionalista aberto justamente em São Paulo e imediatamente antes, pela *Revista do Brasil*”, muito menos “esquecer todo o movimento editorial de Monteiro Lobato”.¹⁸ Na realidade, Gilberto Freyre também publicando naquela revista desde os tempos de estudante na Universidade de Columbia e Monteiro Lobato preferindo-o, com elogios, contrastando sua fúria contra os modernistas adeptos, a seu ver, de “Mistificação ou Paranóia?”

Um deles, de passagem pelo Recife, espalhara que ali tinha presenciado propostas de substituir os restaurantes por mucambos de palha, com “mucamas de xale encarnado e chinelo sem meia e que oferecessem aos fregueses água de coco no próprio coco, garapa de tamarindo, ao som não de *fox-trots*, mas de modinhas ao violão e cantigas de xangô...”

Prudente de Moraes, neto, modernista porém dissidente, com Sérgio Buarque de Holanda na revista *Estética*, a quem foi contada a estória, logo retransmitiu a Gilberto Freyre ter-se tomado “de simpatia pelo movimento que o outro caricaturara”. Simpatia de Prudente de Moraes, neto, passando à prática, ao colaborar com artigos sob o pseudônimo “Pedro Dantas”, no jornal recifense *A Província*, no qual Gilberto passara a reunir largo grupo local e nacional de simpatizantes.¹⁹

Aquele ataque de forasteiro apoiara-se em supostos argumentos de *O Jornal* em 14 de fevereiro de 1926, tachando os regionalistas nordestinos de “um grupo de lamentáveis reacionários mentais...”

No fundo existiam dois grupos no Recife: o do *Diário de Pernambuco*, em torno de Gilberto Freyre, propugnando “pela defesa regional, a nível político, cultural, artístico”, para isto querendo “desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste”, e o do *Jornal do Commercio*, agrupado por Joaquim Inojosa, com “palavra de ordem imitar São Paulo, especialmente naquele primeiro grito de urgência na destruição do passado”.²⁰

Muito boa esta colocação de Neroaldo Pontes de Azevedo em tese de doutoramento para a Universidade de São Paulo, premiada ecumenicamente no mesmo ano, 1983, pela Academia Pernambu-

cana de Letras. Merecedora de complementação quanto aos interesses também econômicos e políticos representados por aqueles dois jornais: o *Jornal do Commercio* de propriedade dos irmãos Pessoa de Queiroz, sobrinhos de Epitácio Pessoa, único nordestino eleito presidente da República Velha pela brecha de um quiproquó entre Minas Gerais e São Paulo (os alagoanos Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, primeiros presidentes, lá tinham chegado pelo golpe militar do 15 de novembro de 1889 derrubando a monarquia).

O *Diário de Pernambuco* vinha das mãos de Rosa e Silva às dos Lyras, amigos e correligionários de Estácio Coimbra. Rosa e Estácio que nunca passaram da vice-presidência, bloqueados que foram pela aliança “café-com-leite”, paulista-mineira, hostil ao monárquico Partido Conservador transmutado em republicano.

Racha interno da oligarquia até na Literatura...

Mas|houve um elo entre o regionalismo nordestino e o modernismo paulista, foi o poeta Ascenso Ferreira sob nítida influência de Vachel Lindsay nas suas onomatopéias, outro autor anglo-americano por Gilberto Freyre divulgado no Brasil. Também “quintessenciando o regionalismo até o máximo outra vez e caindo num particularismo exclusivista quase bárbaro”, dele pensava Mário de Andrade antes de ver o que Manuel Bandeira já vira: “O que Ascenso aproveitou do modernismo terá sido, com o verso livre, a versatilidade de tom, as surpresas do *humour*, a poesia profunda de certos momentos da vida e da linguagem cotidianas”.²¹

A revista regionalista do Recife, sintomaticamente intitulada *Frei Caneca*, homenagem ao prócer das Revoluções jacobinas de 1817 e 1824, tornadas separatistas mais pela cega reação do centralismo, não teve, nem podia ter, a equidistante compreensão de Manuel Bandeira, comparecendo ao *Livro do Nordeste* a pedido de Gilberto com o poema “Evocação do Recife”, porém com carreira literária anterior tanto ao regionalismo quanto ao modernismo, por ambos reverenciado como precursor. *Frei Caneca* atacou Ascenso em artigo de 17 de outubro de 1927, sob o título “Ascenso, Traidor”, pelo seu “remelexo com o Sul” e amizade com Mário de Andrade, além de ter dedicado o livro de poemas *Catimbó* a Joaquim Inojosa, “precursor da modernidade em Pernambuco”. Ascenso Ferreira declamara nas sessões de abertura e encerramento

do Congresso-Semana Regionalista do Recife de 1926 e, no ano seguinte, fora repetir a dose em salões modernistas do Rio de Janeiro e São Paulo...

E não só se alastrou pela Literatura o regionalismo em contrapeso ao modernismo: na crítica de Olívio Montenegro, nas biografias psicológicas por Sylvio Rabello, no desenho e poesia de Luís Jardim, e José Lins do Rego disso dando testemunho em prefácio a *Região e Tradição* de Gilberto Freyre, 1941, além de José Américo de Almeida em *A Bagaceira*, como se vê na dedicatória de próprio punho a Gilberto, hoje na Fundação Gilberto Freyre, onde confessa ter escrito o livro pensando nele.

O regionalismo, de marca gilbertiana, muito se estendeu à Pintura dos irmãos Rego Monteiro, Vicente e Joaquim, a Cícero Dias, Luís Jardim, Francisco Brennand, Aloísio Magalhães e aos também irmãos ~~Emílio~~ e Lula Cardoso Ayres.²² E à valorização do quotidiano em suas formas mais dionisíacas, no culto às mulatas de quem Gilberto faz constante apologia em *Tempo Morto e Outros Tempos*, culto apreendido pelo próprio Di Cavalcanti quando no Recife na década de 1930.

Também no culto à culinária aprendida ainda diretamente nas casas-grandes rurais e sobrados urbanos de remanescentes famílias tradicionais, o máximo de qualidade de vida daquela elite. A que não faltavam sobremesas requintadas – o próprio Gilberto reunirá em livro antigas receitas de bolos em *Açúcar*, *Etnografia e Sociologia do doce do Nordeste canavieiro* – e “chás servidos com o velho ritual dos chás aristocráticos do Recife – pratas, porcelanas finas, toalhas quase de Missa (tal a alvura do linho, tão lindos os seus bordados) – e, ao mesmo tempo, com uma simplicidade que a gente brasileira do sertão sabe sempre juntar aos requintes do trato”.²³ Exemplar na casa de Odilon Nestor, solteirão magnífico, professor de Faculdade de Direito e humanista literário, nordestiníssimo e cosmopolita frequentador de viagens ao Oriente, não só à Europa, um autêntico personagem de Eça...

Mais um mundo que passou, tragado pelo tempo. Gilberto Freyre dele faz um *requiem* até internacional, a propósito do término da culinária inglesa,²⁴ que ele chegou a conhecer antes da Segunda Guerra Mundial, quando de longa visita a Oxford, vindo de Nova York e de retorno ao Brasil. Até que a nutrição das mas-

sas, promovidas sócio-economicamente nos países ricos, fosse substituída pelo envenenamento por comidas rápidas, *fast food* de pizzas e hamburgers.

Gilberto Freyre ainda terá oportunidade de concluir *Casa-Grande & Senzala*, trazida quase pronta do seu magistério na Universidade de Stanford, no sobrado urbano recifense, Sítio do Carapicho, do seu pai, e *Nordeste* na casa-grande do Engenho Queimadas entre os canaviais da Mata Sul de Pernambuco.²⁵

Na sua circunstância açucarocrática nordestina, o regionalismo de 1926 tinha de ser ao mesmo tempo tradicionalista e modernista, fiel às raízes, porém sintonizado com os ventos do mundo sempre soprando no porto oceânico do Recife, quase Hansa Tropical.²⁶ O próprio Gilberto Freyre fez questão de esclarecer tempos depois, quando amainavam um pouco as paixões: “Não é exato ter eu, quando moço, iniciado um ‘movimento literário’ no Recife que tenha sido um movimento ‘tradicionalista’ ao mesmo tempo que antimoderno. Ao chegar, em ano já remoto, ao Recife, não dos Estados Unidos, mas da Europa, a orientação que procurei opor aos ‘ismos’ então em voga em nosso País, foi a de valorizar ao mesmo tempo estes aparentes contrários: região, tradição e modernidade”.²⁷

Já se conhecem as divergências, Gilberto relembra igualmente as convergências, “ou antes, coincidências” entre o 1922 paulista e o 1926 nordestino, “quanto à técnica experimental”, também “uma reação contra as convenções do classicismo, do academicismo e do purismo brasileiros”.

E explicava a peculiaridade do regionalismo nordestino – que não inventara o regionalismo brasileiro em si, tão forte no São Paulo de Valdomiro Silveira, no Rio Grande do Sul de Simões Lopes Neto e no Planalto Central de Hugo Carvalho Ramos e Bernardo Élis, por ali tocando o da Bahia desde Afrânio Peixoto a Jorge Amado e Herberto Salles – enquanto o regionalismo do Nordeste teve “seu bocado de naturalismo, de primitivismo, de romantismo, logo estendidos, sob o estímulo literário, à Pintura e à Música. Principalmente à Pintura, na qual se notam sinais daquele estímulo no primitivismo regionalista, mas de nenhum modo anedótico, e no naturalismo lírico, mas de modo nenhum etnográfico, e, ainda, no universalismo com raízes apenas poéticas nas terras do Nordes-

te”.²⁸ Discordâncias, em relação claramente a Oswald e até Mário de Andrade, aqui voltando à tona, sem desmerecimento de muitas outras convergências.

“Realismo romântico” é o termo que Gilberto Freyre recorre a Jorge Amado, “espécie de busca do ‘real mais que o real’, de que falava Cocteau”. “É que naqueles ‘renovadores’ o regional nunca esteve separado do humano”, daí as afinidades dos regionalistas nordestinos com “alguma coisa de parecido à daqueles intelectuais russos conhecidos por eslavófilos para se distinguirem dos inteiramente europeizados ou dos europeizantes a todo o pano”. “Quando o autor escreveu, em 1924, referindo-se ao Brasil – ‘a Rússia Americana que somos’”, falava dos dramas do que se chamava “alma russa” em Dostoievski, Gogol e Tolstoy.²⁹

Bem saudados já pela Escola do Recife de Tobias Barreto e Sílvio Romero, nas palavras de Arthur Orlando em 1891: “Gosto dos artistas russos, como os únicos, que têm tido bastante inspiração para celebrar a glória dos humilhados, dos ofendidos, dos infelizes, dos desesperados da vida, dos atormentados da sorte”. “Quem mais do que eles tem levado mais longe a avidez da verdade?”³⁰

No mesmo grupo, Clóvis Beviláqua foi o primeiro a escrever sobre Dostoievsky no Brasil, Beviláqua e Orlando levados por Tobias a descobrirem também a literatura russa, desde que este, ao fim da vida, passara a incluir o idioma da Rússia no centro das suas preocupações intelectuais, como se vê na presença da gramática de Língua russa de F. Booch-Árkossy do alemão *Methode Robertson für das Russische*, editado em Gotha por G. J. Windaus, na biblioteca privada de Tobias Barreto adquirida pela Faculdade de Direito do Recife.³¹ Daí Tobias ir ao ponto de adquirir as *Obras Completas* de Turgenev no próprio russo, *Sotchinieniia*, das quais Carolina von Koseritz, filha do líder teuto no Rio Grande do Sul, Karl, traduziu em 1874 ao português *As Relíquias Vivas*, com prefácio de Tobias Barreto.³²

Quando Gilberto Freyre contrapunha os regionalistas nordestinos aos modernistas cosmopolitas paulistas, como algo análogo, embora não idêntico, à contraposição “eslavófilos *versus* ocidentalistas” na cultura da Rússia, e chegava a apontar a própria esvalofilia da Escola do Recife por fim ao lado do seu germanismo³³,

poderia ter lembrado algo parecido na cultura espanhola: a oposição entre o europeísmo de Ortega y Gasset, para quem a Espanha era “uma possibilidade européia”, e o casticismo de Unamuno, aliás um basco que confessava ter aprendido o dinamarquês para ler Ibsen e Kierkegaard no original...³⁴ O que prova e comprova ser muito relativo esse tipo de antítese. Também em Gilberto Freyre o regionalista não o torna menos nacionalmente brasileiro, nem menos universal, o que ele preferia a cosmopolita.

Para Gilberto Freyre o autêntico Brasil deveria ser uma confederação de regiões, não um pseudo-federalismo de estadualismos sob hegemonias do tipo “café-com-leite” da República Velha e de outras auto-intituladas de novas, São Paulo e Minas Gerais com o Rio de Janeiro de contraponto, depois Brasília. Estados pequenos podem melhor se defender em regiões grandes, as grandes regiões melhor se equilibram entre si. Gilberto Freyre fez parte do Conselho da SUDENE, Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, em certa época uma espécie de ministério para assuntos nordestinos, e lá muito batalhou pela sua região.

No seu regionalismo, Gilberto Freyre entendia os dos outros.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 “Vinte e Cinco Anos Depois”, *Manifesto Regionalista de 1926*, Recife:, Edições Região, 1952, p. 9, Editora, de grande repercussão nordestina, criada por Maurítônio Meira e Edmir Régis.

2 *A Velha Usina (Pernambuco na Federação Brasileira 1889-1937)*, Rio de Janeiro: Stanford University Press – Paz e Terra, 1980, pp. 124, 125, 236 e 237.

3 COSTA PORTO, J., *Os Tempos de Rosa e Silva*, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970, pp. 18, 21 e 28-30.

4 LEVINE, ob. cit., pp. 127-129 e 123.

5 Apud BEI.LO, Ruy de Ayres, “Estácio Coimbra (O Senhor de Engenho, o Político, o Homem)”, In: *Estácio Coimbra (Homem Representativo do seu Meio e do seu Tempo)*, conferências por ocasião do centenário do seu nascimento, Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1973, p. 75.

6 LEVINE, ob. cit., p. 233.

7 *Formação Econômica do Brasil*, 2. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974, pp. 10-13.

8 LEVINE, ob. cit., p. 57.

BETHELL, Leslie, *The Abolition of Slave Trade*, Cambridge at the University Press, 1970, passim.

9 MELLO, Evaldo Cabral de, comprova-o em *O Norte Agrário e o Império (1871-1889)*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

10 LEVINE, ob. cit., pp. 200 e 201.

11 “Vinte e Cinco Anos Depois”, ob. cit., p. 17.

12 De Joaquim Inojosa vide principalmente *Um Movimento Imaginário*, Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1972. Em geral vide o *Movimento Modernista em Pernambuco*, mesma editora e local, três volumes de 1968 a 1969 do mesmo autor.

13 “Vinte e Cinco Anos Depois”, ob. cit., p. 17.

14 *História da Literatura Brasileira*, 7. ed., Brasília; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, José Olympio, 1980, pp. 151 e 152.

15 “Vinte e Cinco Anos Depois”, ob. cit., pp. 9 e 10.

16 *Memórias (Essas minhas Reminiscências...)*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937, pp. 120 e 121. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 2).

17 “Gilberto Freyre”, *Gordos e Magros (Ensaio)*, Rio de Janeiro: Edição da Casa do Estudante do Brasil, 1942, p. 120.

18 *O Movimento Modernista (Conferência lida no Salão de Conferência da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil)*, Rio de Janeiro: Edição da Casa do Estudante do Brasil, 1942, p. 26.

19 “Vinte e Cinco Anos Depois”, ob. cit., pp. 10 e 11.

20 AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo (Os Anos 20 em Pernambuco)*, tese de doutoramento na Universidade de São Paulo publicada pela Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, João Pessoa, 1984, pp. 173 e 174.

21 Apud idem, p. 185.

22 “A propósito de Pintores e das suas Relações com a Luz Regional”; *Vida, Forma e Cor*; Rio de Janeiro: J. Olympio; 1962; p. 215. Vide tb. af o depoimento de Lula Cardoso Ayres, “Abertura da Exposição de Pintores Regionalistas”, no qual diz que, resi-

dindo no Rio de Janeiro (onde era aluno de Portinari), “nunca perdi o contato com o Recife, vindo todos os anos passar a temporada do Natal até o Carnaval”. In *Anais de Cinquentário do Congresso Regionalista do Recife* (Reuniões realizadas de 06 a 16 de Dezembro de 1976, no Recife), Ed. Massangana – Fundação Joaquim Nabuco, 1980, p. 11.

23 “Odilon Nestor, Regionalista e Humanista”, *Perfil de Euclides e Outros Perfis*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944, p. 227. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 4).

24 Em *Insurgências e Ressurgências Atuais*, Rio de Janeiro: Editora Globo, 1983, pp. 166 e 209, Gilberto Freyre registra também uma ressurreição da culinária tradicional inglesa promovida por certos grupos de bom gosto, não apenas saudosistas.

25 Júlio Bello publicou, a instâncias de Gilberto Freyre e com prefácio dele e José Lins do Rego, *Memórias de um Senhor de Engenho*, Senhor de Queimadas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 11).

26 Foi o que defini um tanto poeticamente no meu discurso de posse na Academia Pernambucana de Letras, *Hansa Tropical*, Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1981, mais historiograficamente sobre os cosmopolitismos do porto do Recife em “Pernambuco Marítimo (O Recife e a Economia Mundial)”, *Ciência & Trópico*, revista da Fundação Joaquim Nabuco, ano 13, n. 1, janeiro-julho, 1985.

27 “A propósito de Pintores e das suas Relações com a Luz Regional”, ob. cit., p. 215.

28 Introdução a *Região e Tradição*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 29) reproduzido em *Vida, Forma e Cor*, ob. cit., pp. 187 e 188.

29 Idem, p. 191.

30 “A Alma da Mulher Russa”, *O Meu Album*, Recife: Tip. Apolo, 1891, p. 36.

31 Mostrei-o pelo primeiro levantamento da biblioteca alemã de Tobias Barreto existente na biblioteca da Faculdade de Direito do Recife, hoje da Universidade Federal de Pernambuco, no meu livro *Da Escola do Recife ao Código Civil (Arthur Orlando e sua Geração)*. Rio de Janeiro: Organização Simões, editora; 1969; pp. 349-356.

32 Sacramento Blake registra *As Relíquias Vivas* no verbete “Carolina von Koseritz” do seu *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, 2^o vol., p. 94.

33 *Um Engenheiro Francês no Brasil*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960, I vol., pp. 64 e 65.]

34 Vide “Ibsen y Kierkegaard”: *Mi Religión y otros ensayos breves in Ensayos*, Madrid, Aguilar, 1967, tomo II, p. 415.

Magistério, Jornalismo, Aventura do Exílio

Professor e jornalista: as duas previsíveis profissões do escritor brasileiro, também as do ainda Jovem Gilberto Freyre de volta à terra natal de raízes nunca perdidas.

O jornalismo vinha ele exercendo desde os tempos de estudante de mestrado em Columbia, quando passara a enviar constantes colaborações para os jornais recifenses, *O Jornal do Rio de Janeiro* e *Revista do Brasil* em São Paulo, reunidos em *Artigos de Jornal*, edição quase artesanal de 1934, melhorada em *Retalhos de Jornais Velhos*, 1964. Livros indispensáveis para melhor entendimento do Jovem Gilberto, ali tratando de H. L. Mencken e James Joyce, sem esquecer temas mais regionais que nacionais. O magistério Gilberto Freyre de início admitia “nos Estados Unidos, em assuntos sul-americanos”, “no caso de me ser impossível fazer *a decent living* no Brasil”, dizia ele na carta de 15 de dezembro de 1920 ainda de Waco a Oliveira Lima.¹

No retorno, aproxima-se do governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, através de ligações familiares. A esposa de Estácio, Dondon, Joana Castelo Branco de Albuquerque Coimbra, era prima do Velho Alfredo Freyre, então moço e dos quadros da República Velha, a Primeira República, durando da Proclamação de 1889 à Revolução da Aliança Liberal em 1930.¹

Já em 1926, Gilberto atinge, aos vinte e seis anos, sua idade a do século, a chefia de redação do tradicional *Diário de Pernambuco*, o jornal mais antigo em circulação em toda América Latina, desde 1825. Naquela fase de propriedade de outra das figuras ecianas, em Portugal se diz queirosianas, do Pernambuco daquele tempo, Carlos Lyra Filho, Carlito, filho do todo-poderoso Senhor de Serra Grande, das primeiras e maiores usinas de açúcar nordestinas: “Nada... de camaradagem de café, de rua, de esquina, de Jockey Club. Quase ninguém o vê. A pouquíssimas pessoas recebe no

terceiro andar do *Diário*, onde vive entre velhos jacarandás e velhas pratas. Uma vez por outra relê *Os Maias*". Para ele Gilberto prepara a edição especial do primeiro centenário do *Diário de Pernambuco*, intitulada *Livro do Nordeste*, brilhante, diversificada, nela Manuel Bandeira publicou, a pedido de Gilberto Freyre, o poema "Evocação do Recife", célebre daí em diante.²

Em 1928, Gilberto prefere dirigir *A Província* do próprio Governador Estácio, "modelo de um novo jornalismo cultural", com a efetiva colaboração de escritores locais – Aníbal Fernandes, José Maria Bello, Sylvio Rabello, Ovídio Montenegro – com repercussão nacional, em breve ainda ~~mais~~ José Lins do Rego se iniciando no Recife, ilustrador desenhista Cícero Dias logo transformado em pintor indo residir em Paris. Do Rio de Janeiro escrevem Barbosa Lima Sobrinho, Ribeiro Couto, Prudente de Moraes, neto; da Paraíba, José Lins do Rego, e das Alagoas, Jorge de Lima, a caminho do Rio e da fama também nacional.³ Mário de Andrade não era convidado – ao ver gilbertiano "um admirável renovador de artes e letras brasileiras, mas é artificial em muitas coisas. Artificial demais. Oswald de Andrade também, embora bem mais inteligente e autêntico que Mário".⁴ Resingas regionalistas antimodernistas que trariam muitas seqüelas contra Gilberto Freyre, mas que faziam parte importante, senão fundamental, da afirmação da identidade do Nordeste.

A Reforma Carneiro Leão, por Estácio Coimbra realizada na instrução pública de Pernambuco, criara em 1928 a cadeira de Sociologia, em seguida chamada de Sociologia Educacional, na Escola Normal do Recife. Carneiro Leão mesmo propôs o nome de Gilberto Freyre para ministrá-la. O curso começa em princípios de 1929, o primeiro no Brasil, só depois a cátedra de Sociologia na Universidade de São Paulo.⁵ Curso gilbertiano já acoplado à pesquisa, o *social survey*, a partir dos processos de sociação de Giddings, rumo a estudos de Sociologia Rural, não só Urbana, Sociologia Escolar, Sociologia da Miscigenação com o inevitável toque de Franz Boas, Sociologia do Crime (causas, efeitos, prevenção e defesa da sociedade), História da Sociologia e Sociologia no Brasil. O Professor Gilberto Freyre vai ao ponto de prever exibição de filmes "sobre assuntos e problemas sociais" e "troca de idéias uma vez por semana" com cada uma das alunas.

Ao longo do curso, ele vem dos fundadores da Sociologia – Comte e Spencer – até o fato social durkheimiano, passando pela Estatística, outra novidade em fins da década de 1920, com especial relevo para a Psicologia Social sob “duas importantes forças sociais, a imitação e a inovação”; no diário de adolescência e começo de mocidade, *Tempo Morto e Outros Tempos*, afirma especial admiração naquela fase por Gabriel Tarde.

Um toque diferente de evolucionismo surge na sua apresentação das transformações dos antropóides em horda rumo à sociabilidade, até comunicar-se em massa pela imprensa, rádio, cinema, telégrafo, telefone, não era ainda tempo da televisão, porém aí estão os meios, mais os meios de transporte também em massa: trem, automóvel, aviação. Com um resíduo spenceriano ao apresentar tudo isso sob o ângulo da Revolução Industrial, otimismo descontado pelas precoces tendências ecologistas gilbertianas. As “forças socioeconômicas” (Gilberto não as chamava de sócio-econômica) são um tanto ecológicas: “o clima, o solo, o surgimento d’água, flora e fauna”.⁶

Ao término de cada curso, as alunas de Sociologia de Gilberto Freyre na Escola Normal de Pernambuco apresentam trabalhos de pesquisa de campo sobre temas do programa “Efeitos em Pernambuco da Campanha contra o Porte de Armas” (com levantamentos estatísticos da criminalidade no Recife de 1922 a 1929 e em municípios do interior do Estado de 1928 a 1929), “O Problema do Cangaceirismo no Nordeste (Suas Causas e o que tem sido feito para resolvê-lo)”, “A Diretoria de Estatística do Estado de Pernambuco (Sua Organização e suas Atividades)”, “Estradas de Rodagem em Pernambuco (Suas Conseqüências Sociais)” também com estatísticas estaduais, municipais e particulares em 1929 (não havia então rodovias federais), “A Seção de Higiene Social do Departamento de Saúde e Assistência”, “O Problema Social da Lepre no Brasil”, “O Problema da Tuberculose no Brasil” e o “Instituto de Seleção e Orientação Profissional (Sua Organização e Atividades)”.⁷ Ressalta aí o início de preocupação gilbertiana com a Medicina Social, já por influência do primo, amigo e confidente Ulysses Pernambucano, a quem retribuiria com outras influências.

A criação da cátedra de Sociologia na Escola Normal inseria-se no amplo quadro da Reforma Carneiro Leão da instrução públi-

ca em Pernambuco no Governo Estácio Coimbra, a mais avançada no seu tempo, “incluindo a educação sexual de modo, para a época, escandaloso. Juntando trabalhos manuais aos intelectuais. Dando ênfase ao ensino técnico ao lado do humanístico. Valorizando a música no ensino normal como nunca se fizera até então no Brasil”.⁸ Surgia a Diretoria Técnica de Educação, imediata antecessora da Secretaria de Educação, depois constituída pelo Governador Barbosa Lima Sobrinho, com o gilbertiano Sylvio Rabello como titular. A reforma da instrução abrangia a saúde das crianças, a merenda escolar e os serviços médico-sanitários a cargo de Ulysses Pernambuco.⁹

Estácio Coimbra, governador, não ficava por aí.

Criou o Museu do Estado de Pernambuco, “sob um critério mais histórico-social ou cultural que apenas estético”; criou, ao mesmo tempo que o Governador Góes Calmon na Bahia, o primeiro serviço de defesa e restauração do patrimônio histórico e artístico, o de Pernambuco entregue à direção de Luís Cedro, dez anos antes de Getúlio Vargas, presidente, e Gustavo Capanema, ministro da Educação, fundarem o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, confiado a Rodrigo de Melo Franco de Andrade.

Ainda Estácio, governador, desenvolveu larga e intensamente o saneamento e o sanitário por seu Secretário de Saúde, Gouveia de Barros. Esquema articulado à urbanização e reurbanização pelas mãos de Alfred Agache, engenheiro mandado vir da França. Também da Europa trouxe os então famosos especialistas Ainstein, em agricultura e industrialização da cana-de-açúcar, e Atanasov em pecuária. Do Instituto de Manguinhos do Rio de Janeiro fez vir o fitopatologista Costa Lima. Samuel Hardman foi seu grande Secretário de Agricultura e Genaro Guimarães, filho e pai de cate-dráticos da tradicional Faculdade de Direito do Recife, outro tanto na Secretaria do Interior e Justiça.¹⁰

Obra materialmente maior da administração Estácio Coimbra foi o valado do Araripe, canal de oitenta e seis quilômetros de Tabocas a São Gonçalo no sertão pernambucano, irrigado nas duas margens, mais uma inovação na época.¹¹

Quem era pessoalmente esse Estácio de Albuquerque Coimbra, tão diferente da versão vulgarizada pelos triunfadores da Re-

volução de 1930 que o depuseram e exilaram, e, como vencedores, escrevem a História?...

O primeiro Coimbra, que viera a Pernambuco, “sem foral de fidalgo nem título nobiliárquico”, mais um bacharel coimbrão, logo se fizera amigo da açucarocracia do Sul de Pernambuco como tabelião, ao aproximar-se do Barão de Goicana, Barão de Araçagi e Barão de Una. Daí casar-se com uma Albuquerque Bello do grande engenho Tentugal em Barreiros,¹² ramo novo na estirpe antiga, melhor que ela não havia em Pernambuco, descendente em linha reta de Jerônimo de Albuquerque, o Adão Pernambucano, cunhado do primeiro donatário da capitania de Pernambuco, Duarte Coelho Pereira.

Simões Filho – o fundador do jornal *A Tarde* de Salvador da Bahia, ele próprio um aristocrata de colete, gravata plastron, cavanhaque, bengala e polainas – costumava dizer que o nome Estácio de Albuquerque Coimbra era nome de donatário, “filho e neto de senhores de engenho, abrindo os olhos para o mundo na casa-grande de Tentugal” e casado com filha de senhor de engenho, completa Renato Carneiro Campos o quadro.

Prefeito da sua cidade de Barreiros, deputado estadual, deputado federal e líder da maioria, presidente do Senado Federal, vice-presidente da república e duas vezes governador de Pernambuco, é o seu currículo político.¹³

Para os inimigos, “só um senhorzão de engenho, apenas entendido em cana, cavalos e mulheres de cor”. Mas “lia os seus livros”, Gilberto Freyre viu um manuscrito dele sobre a vice-presidência da república(14), lamentavelmente perdido ou queimado quando da sua deposição em 1930. E mais: “Não fumava, não bebia, senão uns poucos goles de vinho ao jantar, não jogava, não dançava. Era sóbrio quanto a perfumes. Vestia, é certo, fatos talhados no Rio pelo melhor alfaiate brasileiro da época e fazia vir de Paris seus linhos, suas camisas, seus lenços; e talvez tivesse mais gravatas que o Fradique de Eça”. “O frisar dos bigodes foi um dos seus requintes. Amanhecia, escovando os dentes e frisando os bigodes”. Só podia ter um fraco por belas mulheres, sedutor que era, mas profundo respeitador da família, sua viúva passando de livre e espontânea vontade o resto de vida na casa-grande querida do engenho Morim, predileto de Estácio, “homem apegado à terra”,

“senhor de engenho que a formação jurídica nunca destruiria de todo”, “fidalgo rústico” na linha dos *gentlemen farmers*¹⁵ do Sul Profundo, *Deep South* dos Estados Unidos, tão parecido com o Nordeste açucareiro do Brasil.

Mas “nunca se especializou em criar nem cavalos de corrida nem galos de briga. Nem galos nem canários”, ao contrário de muitos grandes proprietários rurais sulistas norte-americanos e nordestinos brasileiros. E sim oferecia famosos jantares no Rio de Janeiro, no Palácio do Governo de Pernambuco ou nas suas casas-grandes nos canaviais, preparados pelo seu fiel mestre-cuca Odi-lon, presididos por Estácio “quase sacerdotalmente de branco”, “como quem juntasse a uma quase mística de devoto das tradições da cozinha de Pernambuco uma sensualidade de paladar muito de homem da Renascença que nele sempre houve, que essa fina e superior sensualidade o levou a ser um dos maiores plantadores no Brasil de mangas e outras frutas como que de raça, que levava ao Rio e ao Sul para presentes aos amigos e com as quais, por vezes, encantou bonitas inglesas, suas companheiras de viagens em navios da mala Real”.¹⁶ Viveu em mansões no Rio de Janeiro, no Palácio do Governo no Recife, acima de tudo nas suas queridas casas-grandes, principalmente Morim de Barreiros, cercado por azulejos portugueses, mobílias de jacarandá e vinhático antigos, porcelanas de Sèvres e Saxe, candeeiros belgas, além de lustres e candelabros de Baccarat, ambiente da sua classe social até sua época.

Duas vezes o cavalheiro Estácio teria de deixar o governo de Pernambuco sob cerrado tiroteio, a primeira vez em 1911: o “salvacionismo” do General Dantas Barreto, acobertado pelo colega Marechal Hermes da Fonseca, presidente da república, usando até a guarnição local do Exército para ganhar eleição contra o rosismo e desbaratar a polícia estadual.

Quando a Revolução de 1930 alcançou o Recife, Estácio Coimbra, de novo governador, jantava debaixo do tiroteio como se fosse normal, só saiu de palácio por imposição dos militares que diziam defendê-lo, mas que já se entendiam com os revoltosos. Foi resignadamente para o exílio na Europa, sem uma queixa, às vezes passando necessidades pelas dificuldades de receber dinheiro do Brasil, apesar de prosseguir freqüentando os pares portugueses:

jantares em Lisboa com o Marquês de Belas, Condessa de Ficalho e o espanhol Duque de Medina Sidonia.

Gilberto Freyre, seu chefe de gabinete, acompanhou-o. Lá souberam do saque e incêndio das suas casas, Gilberto perdendo a parte da biblioteca que ali estava, salvando-se a outra em casa do seu irmão Ulysses. Ele e Estácio com um terno e duas camisas, cada um, morando numa quase água-furtada lisboeta, “lado da sombra – portanto fria e terrivelmente úmida no inverno – numa rua obscura”.¹⁷ Gilberto Freyre sabendo, pelo *Diário Oficial* de 17 de outubro de 1930, chegando atrasado pelo Correio, que fora exonerado, por abandono do trabalho, da cátedra de Sociologia na Escola Normal...¹⁸

De novo Simões Filho testemunha que “deste homem de uma altaneria feudal nem mesmo os mais cruéis adversários suspeitaram a probidade”.¹⁹ Quase candidato de conciliação à presidência da república antes da Revolução de 1930, firme contra João Pessoa, José Américo de Almeida reconhecia ter Estácio sempre agido limpamente, apesar dos dois serem seus ferrenhos adversário.²⁰ Um correligionário definiu-o muito bem como “fisicamente belo e imponente, elegante de maneiras, autoritário, era bem um aristocrata que, superiormente inteligente, se adaptara à sua época, assimilando, do ponto de vista político, os dogmas da democracia”.²¹

É antológica a mudança de atitude de José Lins do Rego diante de Estácio Coimbra, como se vê em duas crônicas publicadas em épocas diferentes.

Na primeira, o Jovem José Lins descreve a entrada de Estácio num bonde do Recife: “Toda aquela distinção, toda aquela arrogância de fidalgo me irritava. Eu era do povo, e queria um condutor, um chefe rústico, de palavra solta, de energia brava”. Tempos após, relembra “o Estácio que não queria desmanchar o nó da gravata no contato com as multidões”, indo ao exílio e voltando sem querer aderir aos vencedores, “fiel aos seus princípios e aos seus amigos”. Profético, morre na véspera do golpe do Estado Novo, baixa à sepultura no fatídico 10 de novembro de 1937, “e o povo que nunca o arrastou pelas ruas nas aclamações ruidosas, levou-o ao cemitério num caixão de ébano como se conduzisse um duque amado. O povo de Pernambuco quis assim fazer justiça ao homem que sempre o amou, amou-o mais do que revelavam as aparên-

cias”. “Atravessou pela última vez as ruas do Recife com honras de Chefe de Estado, com o povo e o governo pegados às alças do seu caixão”.²² Horas depois era deposto o Governador Carlos de Lima Cavalcanti, que o depusera na Revolução de 1930.

Com Estácio acabava todo um ciclo, “o último senhor de engenho, no velho estilo, a governar Pernambuco”.²³ São Paulo ultrapassara, naquele mesmo ano de 1930, a produção pernambucana de açúcar. O enterro de Estácio foi o enterro de uma época.

A retirada do Governo Estácio Coimbra tinha sido por etapas, com dignidade.

Diante do comunicado do comando do Exército no Recife que o Palácio do Governo ia ser transformado em área de combate, Estácio e secretários e assessores transferiram-se, debaixo de tiro-teio, para o prédio da administração das Docas no cais do porto. Com a aproximação dos revoltosos, vencendo as últimas resistências, inclusive destruindo os frágeis carros blindados adquiridos nos Estados Unidos,²⁴ e após a tomada do quartel depósito de munições na Soledade, o Governo Estácio decidiu-se a embarcar num rebocador rumo à zona da Mata Sul, a região mais rica de Pernambuco com seus maiores engenhos e usinas de açúcar, antigos e comprovados defensores da República Velha que morria sem saber. Já em 1911 Estácio retirara-se para seu Engenho Morim naquela região, acochado pelos adeptos do General Dantas Barreto empalmando o governo estadual; se não pôde retornar ao poder, pelo menos foi respeitado na sua casa-grande transformada em fortaleza, defendida por seus amigos e seus jagunços.

Instalado brevemente em São José da Coroa Grande, divisa com Alagoas, o Governo pernambucano logo entendeu o suicídio da continuação da resistência armada. Prosseguiu ainda de rebocador para Maceió, onde já reinava o pânico; de lá num navio *Ara* da Companhia de Navegação Costeira para Salvador, onde passara a reinar o desânimo. O *scout Rio Grande do Sul* interrompeu a passagem do *Ara* para avisar a comitiva, em nome agora da Marinha de Guerra, que esta força armada também estava recebendo ordens no sentido de cessar a luta.

Só restava o caminho do exílio.

O vapor francês *Belle Isle* levou Estácio Coimbra, que escolheu o secretário particular Gilberto Freyre para acompanhá-lo. Ao

escalar no Senegal, em Dacar, escreve Gilberto “que foi aí que mais se definiu em mim o desejo de escrever o livro que se tornaria *Casa-Grande & Senzala*. Mas isto no meio de angústia intensa: a de saber saqueada a casa dos meus pais. Saqueada e incendiada”.²⁵ Livro inspirado em Dacar e Lisboa, redigido nos Estados Unidos, passado a limpo no Recife.

A permanência em Lisboa, o que já se disse, pouco dinheiro e um terno e duas camisas para cada um, Estácio e Gilberto confinados numa mansarda úmida de inverno. O genro de Estácio acode a Estácio, Assis Chateaubriand a Gilberto com quarenta mil escudos, mais quarenta mil dentro de quinze dias, soma razoável para a época, pelo “enorme sucesso publicação primeira correspondência” (internacional) de Gilberto Freyre, entusiástico telegrama levantador de ânimo.²⁶

Eis que amigos dos Estados Unidos sabem da disponibilidade gilbertiana e apressam-se a convidá-lo para dar aulas na Universidade de Stanford. Gilberto embarca em Lisboa num transatlântico italiano de luxo, Estácio Coimbra levando-o ao cais do porto, um longo abraço, lágrimas do exílio e de amizade, despedida com o presente de um finíssimo relógio de platina de Estácio a Gilberto.²⁷

Pouco antes, Gilberto recebia do irmão, Ulysses Freyre, de novo em intensa correspondência com ele, carta datada de 20 de dezembro de 1930, com as últimas notícias da Revolução implantada, a que Ulysses trata como “Revolução” entre aspas mesmo, e dos seus ridículos adesismos. Nos Estados Unidos, na Califórnia de Palo Alto onde está Stanford, Gilberto passa a acolher correspondência de Estácio Coimbra já da França, “felizmente meus negócios em Pernambuco estão se arranjando” (16 de junho de 1931), podendo fazer estação d’águas na Savóia e morar em Paris (2 de agosto de 1931).²⁸

O rio da vida retomava seu leito, tinha parado de transbordar.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 *Cartas do próprio Punho sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro*; seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello; prefácio de Josué Montello; Ministério da Educação e Cultura – Conselho Federal de Cultura; sem ref. a local; 1978; p. 170.

2 *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade)*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975, pp. 175, 167, 149, 150, 176 e 177.

3 FREYRE, Gilberto, “Estácio Coimbra (Aspectos de uma Figura já Histórica e ainda Contemporânea)”, In: *Estácio Coimbra (Homem Representativo do seu Meio e do seu Tempo)*; conferências por Gilberto Freyre e outros no centenário do nascimento de Estácio Coimbra; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; 1973, p. 41.

4 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 233 e 234.

5 AZEVEDO, Fernando de, *História de Minha Vida*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1971, pp. 122 e 123.

6 Notas de aulas pela aluna Iracy Lopes, depois casada com o poeta Waldemar Lopes, nascida Iracy Ipirapoan de Ubaitá, guardadas no arquivo da Fundação Gilberto Freyre, Apipucos, Recife, Pernambuco.

7 Pesquisas em manuscritos na Fundação Gilberto Freyre.

8 FREYRE, G., “Estácio Coimbra (Aspectos de uma Figura já Histórica e ainda Contemporânea)”, ob. cit., pp. 39 e 40.

9 VALENTE, Waldemar, “Estácio Coimbra (A Reforma Carneiro Leão e a Sociologia na Escola Normal do Estado de Pernambuco)”, In: *Estácio Coimbra (Homem Representativo do seu Meio e do seu Tempo)*, ob. cit., pp. 51-53.

10 FREYRE, G., “Estácio Coimbra (Aspectos de uma Figura já Histórica e ainda Contemporânea)”, ob. cit., pp. 39-41.

11 “Estácio Coimbra, Governador de Pernambuco”, *Perfil de Euclides e Outros Perfis*, 1ª ed. em 1944, aqui ref. na 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 1987, p. 178.

12 BELLO, Ruy de Ayres, “Estácio Coimbra (O Senhor de Engenho, o Político, o Homem)”. In: *Estácio Coimbra (Homem*

Representativo do seu Meio e do seu Tempo), ob. cit., pp. 65 e 66.

13 CAMPOS, Renato Carneiro, “Estácio Coimbra (Um Tipo de Político Conservador)”, in *ibidem*, pp. 86, 85-87.

14 FREYRE, G., “Estácio Coimbra (Homem Representativo)”, in *ibidem*, p. 16.

15 FREYRE, G., “Estácio Coimbra (Aspectos de uma Figura já Histórica e ainda Contemporânea)”, ob. cit., pp. 31 e 30.

16 *Idem*, pp. 32 e 35.

17 FREYRE, G., “Estácio Coimbra (Homem Representativo)”, ob. cit., pp. 22 e 25.

18 VALENTE, W., “Estácio Coimbra (A Reforma Carneiro Leão e a Sociologia na Escola Normal do Estado de Pernambuco)”, ob. cit., p. 63.

19 Apud CHAVES, Antiógenes, “Um Aristocrata Democrático: Estácio Coimbra”. In: *Estácio Coimbra (Homem Representativo do seu meio e do seu Tempo, ob. cit., p. 108.*

20 Apud FREYRE, G., “Estácio Coimbra (Homem Representativo)”, ob. cit., p. 20.

21 Apud CHAVES, A., “Um Aristocrata Democrático: Estácio Coimbra”, ob. cit., p. 109.

22 Apud *idem*, p. 110.

23 CAMPOS, R.C., “Estácio Coimbra (Um Tipo de Político Conservador)”, ob. cit., p. 93

24 Vide MELLO, Frederico Pernambucano de. *A Tragédia dos Blindados (Um Episódio da Revolução de 30 no Recife)*, Recife: Governo do Estado de Pernambuco – Companhia Editora de Pernambuco, 1991, *passim*.

25 FREYRE, G., “Estácio Coimbra (Homem Representativo)”, ob. cit., p. 25.

26 Telegrama no arquivo da Fundação Gilberto Freyre no Recife.

27 FREYRE, G., “Estácio Coimbra (Um Homem Representativo)”, ob. cit., p. 26.

28 Cartas na Fundação Gilberto Freyre no Recife.

A Gênese de *Casa-Grande & Senzala* em Dacar, Lisboa, Stanford, Nova Orleans e Charleston

A Califórnia – após a fuga do Recife sob as balas revolucionárias, num rebocador e depois a bordo do navio francês *Belle Isle* rumo a Dacar e Lisboa – a Califórnia, em si já tão cheia de encantos pelo clima e um desenvolvimento de tipo novo, só podia ser alívio e inspiração para o exilado Gilberto Freyre, de novo professor e em Stanford.

A Universidade de Stanford não é das mais antigas dos Estados Unidos, fundada em 1885 pelo Senador e Governador da Califórnia Leland Stanford, em memória do seu filho único, morto de tifo em plena Florença de fins do século passado, aos dezessete anos de idade. Daí o seu nome oficial: Leland Stanford Jr. University.

Fica em Palo Alto, no vale de Santa Clara entre San Francisco e San José, nomes hispânicos evocativos das suas origens espanholas e mexicanas. Também a Califórnia, ao lado do Texas e quase metade do território do México, passara aos Estados Unidos por consequência da sua vitória na Guerra de 1848. Com o tempo, viria a surgir naquele vale a maior concentração pioneira da indústria eletrônica, de computação e informática, o *Silicon Valley*, produto de outra concentração, a dos cérebros altamente qualificados pelo Instituto de Tecnologia da Califórnia (o CALTECH), Universidade da Califórnia, *campus* de Berkeley, Universidade de Santa Clara propriamente dita e sobretudo Stanford.

Gilberto Freyre tinha um decisivo elo para ir a Stanford, então começando seus programas latino-americanos a partir do acervo e biblioteca de um dos seus primeiros reitores, o geólogo e brasileiro John Casper Branner. Branner estivera inclusive no Nordeste e em Pernambuco e era amigo pessoal de Oliveira Lima. Que dele dera vívido retrato de bonomia e sabedoria: “um excelente homem”, “grande geólogo e amigo do Brasil”, versado no idioma

e na história deste país, sobre o qual deixou apreciáveis estudos científicos, uma gramática e até um projeto de História do Brasil.¹

Gilberto, ainda estudante em Columbia, escrevera a Branner pedindo-lhe colaboração para a revista *El Estudiante Latino-Americano*, da qual ele, Gilberto, era *associated editor*. Branner atendeu prontamente, enviando o artigo “O que Eu faria se fosse Estudante Brasileiro nos Estados Unidos”, publicado em maio de 1921. Artigo concluindo com sábias recomendações, incentivando a construção de estradas, estabelecimento de pequenas propriedades rurais, instrução pública inclusive para mulheres, exportação de produtos brasileiros e valorização das comidas brasileiras – feijoada, mocotó, bacalhau ao molho de coco, camarões, mariscos, canja de galinha, cuscuzes e pirão, por Gilberto Freyre celebrado em artigo de 1924, nas pegadas do Mestre Branner, “O Pirão, Glória do Brasil”. Onde culmina acrescentando: “Nada mais inglês que o pudim de ameixas; nada mais português que a bacalhoadada; nada mais brasileiro que o pirão”.²

Questão de identidade cultural, pela alimentação, mais profunda que aparenta à primeira vista, que o diga o simbolismo do chucrute para a Alemanha, da macarronada para a Itália e da sopa *borscht* para a Rússia. Isto sem se falar dos vinhos simbólicos até regionais, ou a cerveja bávara ou de Pilsen na Tchecoslováquia. No caso dos Estados Unidos – invadido pela *pizza* italiana e *hamburgers* evidentemente de Hamburgo em meio a sanduíches ingleses; até a torta de maçã, *applepie*, descende de fora, é o *Apfelstrudel* alemão - sinais ostensivos do *melting-pot* generalizado. A derrota do Sul na Guerra Civil impediu a propagação da sua culinária muito mais sofisticada, desde os *grids* de milho até suas carnes temperadas. Em seu lugar vem correndo o impacto de uma terceira cozinha, a mexicana, com seus imigrantes trazendo tortilhas e chilis apimentados.

A preocupação de Gilberto Freyre com tudo isso – preocupação de gastrônomo, não só de Etnografia, levando-o a escrever livro de receita de bolos³ – tinha origem mais profunda: a consciência da fundamental importância da alimentação, que o levou a aproximar-se de médicos nutricionistas sociais, Josué de Castro nos primeiros tempos gilbertianos de professor nas suas bibliografias

para a Escola Normal de Pernambuco, Silva Mello no Rio de Janeiro e Nelson Chaves de novo no Recife, ao longo da vida inteira.

É que Gilberto, estudante em Columbia, chocara-se ao ver “marinheiros de guerra do Brasil caminhando pela neve de Brooklyn. Pareceram-me pequenos, franzinos, sem o vigor físico dos autênticos marinheiros. Mal de mestiçagem?”⁴ “Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafuzos e mulatos *doentes*”.⁵ A primeira lição viera-lhe de Branner, naquele artigo para *El Estudiante Latino-Americano*, ao descrever sua experiência pessoal no interior de Minas Gerais, numa ferrovia remota, na qual “o maquinista não inspirava nenhuma confiança: era um desses mestiçozinhos franzinos e desajeitados que no Brasil são chamados indistintamente caboclos. Ou amarelinhos, em português ainda mais brasileiro. Era, porém, uma maravilha de mecânico ou de técnico”. Donde o jovem Gilberto concluía em 1921: “O mestiço, o caboclo, o amarelinho – talvez fosse a melhor caracterização – o que muitos brasileiros chamam hoje o brasileiro Jeca, era um tipo inteligente e capaz, a despeito do seu aspecto por vezes desfavorável”.⁶ Por aquela época, Isaac Goldberg preparava seu livro *Brazilian Literature*, com análises do Jeca Tatu de Monteiro Lobato;⁷ muito provável que a revelação viesse do amigo Gilberto Freyre.

O inspirador primeiro tinha sido John Casper Branner, Gilberto reconhece-o. Dele, em sucessivos amadurecimentos e enriquecimentos, chegará até a “uma verdadeira estética da miscigenação; de toda uma série de novas combinações, entre os homens e nas coisas, nas plantas e nos alimentos, de forma e de cor, de gesto e de ritmo, de aroma e de paladar”.⁸ Inclusive a primeira grande valorização da mulata por Gilberto Freyre e Di Cavalcanti, este na pintura... Redescoberta dos trópicos, mas rumo a um **humanismo** universal.

Os caminhos levavam Gilberto Freyre ao paraíso climático e étnico da Califórnia. Oliveira Lima ali conhecia também Percy Alvin Martin, um dos brasilianistas decanos nos Estados Unidos, a ele se refere na carta a Gilberto em 14 de fevereiro de 1921.⁹ Martin, dos pioneiros colaboradores de *The Hispanic American*

Historical Review; logo no seu primeiro número, 1918, comparece com abalizado artigo, “The Influence of the United States on the Opening of the Amazon to the World’s Commerce”.

Outro grande reitor revolucionador do ensino norte-americano, também longevo na administração, era Ray Lyman Wilbur, reitor da Universidade de Stanford de 1916 a 1946, à maneira de Brooks em Baylor e Butler em Columbia. Mais um que Gilberto Freyre teve a sorte de encontrar, ao chegar a Stanford em começos de 1931, pela África e Portugal, fuga de exilado. Numa carta de 3 de março de 1931 ainda de Lisboa ao velho e bom A. J. Armstrong, comunica-lhe o convite de Martin, Percy Alvin, para trabalhar com ele em condição de “conjunto não muito confortável”, *not altogether a comfortable one*, devia estar se referindo à situação financeira de conferencista, *lecturer*, como professor visitante. Dá-lhe conta das pesquisas e investigações, de novo de Lisboa no dia 18, enfim Stanford, a 2 de abril, em papel timbrado do Departamento de História, descrevendo o impacto do *campus*: “O lugar aqui é realmente lindo. Os edifícios são adoráveis, tudo em estilo espanhol, e as palmeiras acrescentam cor e encanto tropical à academia”.¹⁰

O *40 th Annual Register (1930-31) Stanford University Bulletin* menciona-o como professor *lecturer in History* com os seguintes títulos: bacharel por Baylor, 1920; mestre por Columbia, 1921; trabalho de pós-graduação, Columbia, 1922; trabalho de pesquisa na Brasileira de Oliveira Lima e Biblioteca do Congresso, 1926, Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1927, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1930; professor de Sociologia e História Social do Brasil na Escola Normal do Estado em Pernambuco. Matérias que lhe são consignadas: História do Brasil, “Uma Análise do Desenvolvimento do Brasil com Especial Ênfase nos Fatores Sociais e Econômicos”, preleções, e o Seminário sobre Relações Diplomáticas Brasileiras.

O que levou Percy Alvin Martin a convidar Gilberto Freyre para lecionar, foi por conhecer o seu relacionamento com Oliveira Lima, do qual lhe falou em cartas, e com John Casper Branner ao ler, como bom brasilianista e de Stanford, o artigo do seu reitor em português, a pedido de Gilberto, em *El Estudiante Latino-Americano*. Ademais, o momento apresentava-se muito oportuno.

O *Annual Register* de 1930-31 comunica que “um esforço está sendo feito para fortalecer o material sobre História Sul-Americana; é agora suficiente para permitir trabalho avançado de pesquisa sobre História do Brasil, em cujo setor está disponível aos estudantes de pós-graduação através do Professor Martin uma extensa coleção de Brasiliana recentemente doada à Universidade pelo falecido Reitor Emérito Branner”.

Naquele *Annual Register* aparece Martin com preleções distinguindo História da América Latina e História da América do Sul desde 1823 – curiosamente a contar da Independência do Brasil e não das anteriores da Argentina e Grã-Colômbia – “um curso introdutório lidando com a história e instituições das nações liderantes (textualmente: *leading nations*) da América do Sul; inclui a discussão de tais tópicos como a Doutrina Monroe, Pan-americanismo e as relações entre os Estados Unidos e a América Latina”. O que também explicaria o seminário gilbertiano de relações diplomáticas.

Já veterano, Percy Alvin Martin, um dos primeiros latino-americanistas e brasilianistas dos Estados Unidos, aparece com o currículo de bacharelado e mestrado em Stanford (1902 e 1903), outro mestrado (1907) e doutorado (1912) em Harvard; estudos nas universidades de Paris, Berlim e Leipzig; professor de História e Francês no Whitier College, de História Latino-Americana em Harvard, conferencista em História e Instituições Sul-Americanas na Universidade de Washington, de História Diplomática Americana na Universidade de Johns Hopkins, de História em geral na Universidade do Havai; permanentemente em Stanford desde 1908. Pelas datas, com idade próxima à de Gilberto Freyre.¹¹

Martin publicará, sobre o Brasil seu relacionamento com os vizinhos, *The Evolution of Brazil compared with that of Spanish and Anglo-Saxon America*, 1914, *The Republics of Latin America (Their History Governments and Economic Conditions)*, 1923, e um *Quem é Quem (Who's who in Latin America: A Biographical Dictionary)*, 1935, tudo muito didático, portanto avesso à *Casa-Grande & Senzala*, de cujo sexualismo discordou, conforme o próprio Gilberto no prefácio à sua 3ª edição.

Não deve ter passado despercebido a Gilberto Freyre, no Departamento de História, o contíguo, de Sociologia, organizando-

se na mesma Escola de Ciências Sociais, nas linhas gerais habituais, porém com ênfase pioneira em Psicologia Social e suas aplicações, inclusive relações raciais, além de Estudo das Instituições: Família, Economia e Religião. Também Sociologia Urbana e Rural.¹² Os primeiros desses temas muito no espírito de *Casa-Grande & Senzala*, o último no de *Sobrados e Mucambos* e muitos livros mais de Gilberto Freyre.

Será concluído por ele em Stanford um esboço tão bem feito de *Casa-Grande & Senzala* – a partir dos seus planos de aulas e seminários, ademais obviamente de pesquisas no acervo e biblioteca brasileira de John Casper Branner – que Gilberto Freyre poderá muito bem dizer no seu depoimento autobiográfico no programa de História Oral da Universidade de Baylor em 1985: “foi lá, em Stanford, que realmente comecei a escrever meu livro *Casa-Grande & Senzala*”.¹³ Apesar de só datá-la de Lisboa, 1931, e Pernambuco, 1935.

Não podia ser de outra forma. A residência dos Freyres tinha sido incendiada pelos revolucionários da Aliança Liberal de 1930, entre outras de próceres da República Velha; Gilberto Freyre, assessor direto do deposto governador Estácio Coimbra, também teve casa queimada, com ela se fora parte da biblioteca acumulada desde os Estados Unidos e a Europa. E no exílio em Portugal não havia tempo nem dinheiro bastante para recomprar nada, nem tudo ali havia disponível. No exílio tem-se de sobreviver.

Mas em Stanford Gilberto Freyre estava não só a salvo. Além da brasileira de Branner e as facilidades universitárias, tinha a Califórnia diante de si, com novas revelações. Lá o antijesuitismo protestante gilbertiano deixava de transformar-se em anticatolicismo, ainda mais incentivável por leituras de Max Weber sobre o anglo-germânico progressismo capitalista calvinista, porque se abria, pela primeira vez perante seus olhos, a visão da herança hispânica franciscana. Mais forte ali que no próprio Texas.

Basta percorrer o Camino Real de San Francisco a San José, passando pela porta de Stanford, nomes espanhóis ressoam: San Bruno, San Mateo, San Carlos, Palo Alto e Santa Clara, entremeados pelas novas povoações de Redwood City e Mountain View. Adiante, Los Angeles, Nuestra Señora Reina de los Angeles. Mais adiante, Pasadena e San Diego. Muitas povoações outrora hispano-

mexicanas. Não era como no Texas aberto, descampado para a implantação de Houston, Austin, Dallas e Fort Worth, com San Antonio, El Paso, San Angelo e Amarillo num largo e distante arco. Com muito mais missões franciscanas, inclusive do grande porte da Misión Dolores, Frei Junípero Serra o seu lendário missionário, herói da história californiana.

A simpatia pelos franciscanos salva *Casa-Grande & Senzala* de ser obra anticatólica, por menos que ali houvesse neocalvinismo capitalista, e sim porque tenderia a entrar numa linha afim de Bartolomé de las Casas limitando-se a denunciar a escravização e extermínio dos povos submetidos na América Espanhola. Completava-se em Stanford a descoberta gilbertiana dos franciscanos, intuída no nominalismo de Occam, desde quando Gilberto passava profundamente por Oxford após Baylor e Columbia, influência depois confessada em *Vida, Forma e Cor*, 1962.

Também a grandeza da herança e a força da resistência culturais hispânicas na Califórnia acabaram por impulsionar Gilberto Freyre na direção do seu hispanismo, ou iberismo, de que sentira prenúncios quando da sua ida de Waco a San Antonio em 1919, ou dos seus diálogos pan-ibéricos em 1921 com Federico de Onís professor de Columbia.¹⁴ Também Stanford foi decisiva na vida intelectual de Gilberto Freyre.

Quando de novo o Brasil recomeçou a abrir-se, após mais um fechamento nos seus ciclos políticos, Gilberto fez as malas de volta ao Brasil e a Pernambuco, mas por um extenso caminho preparatório.

De novo inevitáveis as citações textuais gilbertianas, além de meramente documentais, cheias de amor tanto pelo Nordeste brasileiro quanto pelo Sul dos Estados Unidos. Note-se que, durante sua longa vida, Gilberto Freyre nunca se interessou pelo amplo e rico Meio-Oeste, também não pela Nova Inglaterra, só um pouco por Boston, principalmente por Nova York uma das capitais do mundo, enquanto ficavam para sempre no seu espírito as marcas do Texas, da Califórnia e do Sul dos Estados Unidos.

Repitamos com Gilberto Freyre sua declaração de amor nordestino brasileiro a estas regiões, em meio ao seu poder de síntese: "Realizados os cursos que por iniciativa do Professor Percy Alvin Martin me foram confiados na Universidade de Stanford... regres-

sei da Califórnia a Nova York por um caminho novo para mim: através do Novo México, do Arizona, do Texas; de toda uma região que ao brasileiro do Norte recorda, nos seus trechos mais acres, os nossos sertões ouriçados de mandacarus e xique-xiques”¹⁵.

“Mas regressando pela fronteira mexicana, visava menos esta sensação de paisagem sertaneja que a do Velho Sul escravocrata”.¹⁶ O *Nordeste* úmido, açucareiro de Gilberto Freyre, será complementado, por iniciativa dele próprio, então dirigindo a Coleção Documentos Brasileiros da Livraria José Olympio Editora, pela publicação de *O Outro Nordeste* sertanejo das secas de autoria de Djacir Menezes.

“Este (o Velho Sul) se alcança ao chegar o transcontinental aos canais e alagadiços da Luisiana. Luisiana, Alabama, Mississippi, as Carolinas, Virgínia – o chamado *Deep South*. Região onde o regime patriarcal de economia criou quase o mesmo tipo de aristocrata e de casa-grande, quase o mesmo tipo de escravo e de senzala que no Norte do Brasil e em certos trechos do Sul; o mesmo gosto pelo sofá, pela cadeira de balanço, pela boa cozinha, pela mulher, pelo cavalo, pelo jogo; que sofreu e guarda as cicatrizes, quando não as feridas abertas, ainda sangrando, do mesmo regime devastador de exploração agrária – o fogo, a derrubada, a coivara...”¹⁷ Também, poderia ter acrescentado, cicatrizes ou feridas abertas da derrota do Sul dos Estados Unidos na Guerra Civil de 1861-1865, similares às do Nordeste do Brasil esmagado em outras lutas de secessão, as de 1817 e 1824, esta a Confederação do Equador custando a Pernambuco, como punição, a perda de mais de 2/3 do seu território, a Comarca do São Francisco estendendo-se pela Bahia até às divisas de Minas Gerais e Goiás.

Gilberto Freyre era um *Wasp* brasileiro – tropical, luso e católico – que gostava do *Wasp* estadunidense, anglo-saxão e protestante (*White, anglo-saxon, protestant*) principalmente do Sul Profundo tão parecido com o Nordeste açucareiro do Brasil...

Por aqueles motivos, “a todo estudioso da formação patriarcal e da economia escravocrata do Brasil impõe-se o conhecimento do chamado *Deep South*. As mesmas influências de técnica de produção e de trabalho – a monocultura e a escravidão – uniram-se naquela parte inglesa da América como nas Antilhas e em Jamaica,

para produzir resultados sociais semelhantes aos que se verificam entre nós. Às vezes tão semelhantes que só varia o acessório: as diferenças de língua, de raça e de forma de religião".¹⁸ | Nem sempre tão acessório assim: a dionisíaca extroversão católica latina de José Lins do Rego permitiu-lhe uma análise mais objetiva do Nordeste açucareiro, em suas novelas, que a apolínea introversão calvinista anglo-saxônica de William Faulkner muito mais tragicamente subjetivista quanto ao seu Sul, se quisermos adotar aqui a terminologia de Ruth Benedict, em *Patterns of Culture*, também tão querida de Gilberto Freyre, na realidade remontando ao Nietzsche de *A Origem da Tragédia*.

Seus companheiros neste périplo, reencontrados colegas de Columbia: Rüdiger Bilden e Francis Butler Simkins, "o primeiro vem se especializando com o rigor e a fleuma de sua cultura germânica no estudo da escravidão na América, em geral, e no Brasil, em particular; o segundo, no estudo dos efeitos da abolição nas Carolinas". Foi nos arredores de Charleston, na casa da mãe deste último, a Viúva Simkins, que Gilberto reencontrou "verdadeira casa de engenho do Norte do Brasil, cheia de molecas, de moleques, negros velhos..."¹⁹

Bilden está mais frequentemente referido em *Casa-Grande & Senzala*, que Simkins. O talento de Rüdiger Bilden – bacharelado em Columbia, 1922, provavelmente um pouco mais moço que Gilberto Freyre com mestrado naquele ano – o talento de Bilden logo despertara a atenção de Oliveira Lima, que o distinguiu em perfil nas *Memórias (Essas minhas Reminiscências...)*: "O Sr. Bilden é dotado da faculdade alemã de observação das realidades, mas a mentalidade germânica está sabidamente longe de desprezar as feições idealistas. A pátria de Bismarck é também a pátria de Kant". "Se a minha biblioteca, onde o Sr. Bilden tem estado por meses trabalhando, não tivesse outro préstimo – que certamente os virá a ter – eu já me dava por satisfeito de a ter formado".

Rüdiger Bilden viera para os Estados Unidos pouco antes da Primeira Guerra Mundial, estudava sob a orientação também de Shepherd, tanto quanto Gilberto Freyre, daí se terem aproximado. Preparava monografia a respeito da "influência econômica, política, social, doméstica, intelectual da instituição servil sobre a nacionalidade brasileira", plano bem parecido com o de *Casa-Gran-*

de & Senzala, mas “para depois comparar-lhe os efeitos com os produzidos pela escravidão nos Estados Unidos”. Conseguiu bolsa de estudo e pesquisa de três anos da Fundação Rockefeller e “está preparando sua viagem de estudos ao Brasil com um trabalho extenso e meditado de leitura sistemática de obras brasileiras e estrangeiras sobre o Brasil, da qual resultará a mais volumosa, profunda e interessante bibliografia crítica”.²⁰

Bilden virá ao Brasil, com a esposa americana, e são hospedados por Gilberto Freyre num 3º andar da Camboa do Carmo, na parte antiga do Recife, “ambiente boêmio, eu lhes explico: mas eles tendo vivido em Greenwich Village, onde os conheci, não estranharam de todo”. “R. (Rüdiger) está com grandes planos de viagens pelo Brasil para colher material histórico-social sobre o que foi o regime de trabalho escravo; assunto meu, pelo qual se apaixonou e de que vem se informando em livros e documentos da época com sua imensa capacidade germânica de acumular erudição”. Inspirado pela tese gilbertiana de mestrado, *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, quando foram colegas em Columbia.²¹

Pouco depois, Gilberto escreve do Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1926, a Oliveira Lima: “Fui procurar o Bilden: está em São Paulo”.²² Então desce a cortina sobre o personagem; nem dele nem da sua posterior obra dão notícia as melhores bibliotecas universitárias dos Estados Unidos e Alemanha, exceto artigos setoriais citados em *Casa-Grande & Senzala* e, ainda ali, a referência gilbertiana a “livro, prestes a sair, sobre o desenvolvimento econômico e social do Brasil, cujo primeiro ms. nos foi franqueado à leitura”. Trata-se aparentemente do manuscrito da conferência no Institut of Public Affairs da Universidade de Virgínia, 1931, “Race Relations in Latin America with Special References to the Development of Indigenous Culture”.²³

As interpretações do passado patriarcal escravocrata brasileiro, por Bilden, endossadas em grande parte por Gilberto Freyre, encontraram também aprovação de Oliveira Lima a propósito da necessária lentidão na abolição da escravatura no Brasil, “porquanto a escravidão negra difere inteiramente no seu caráter da escravidão índia e africana nos países hispano-americanos, com exceção talvez da Venezuela. Uma abolição radical, instantânea, di-

tada pelos princípios humanitários... haveria... paralisado senão arruinado o País, quer econômica quer socialmente, e a primeira consequência teria sido o asfatamento da solução monárquica, centralizadora, conservadora e ordeira, que veio a prevalecer, e o advento imediato da solução republicana, federativa, revolucionária e caótica".²⁴ Tese de Bilden-Oliveira Lima também muito na linha de *Sobrados e Mucambos*.

A carreira intelectual de Francis Butler Simkins veio a ser, porém, mais nítida.

Com mestrado, 1920, pouco antes de Gilberto Freyre, fez o doutoramento em 1926 também em Columbia. Começou com a co-autoria de Robert Hilliard Woody, publicando *South Carolina during Reconstruction*, 1932, seguida por *A History of South*, 1947, nas ampliadas edições seguintes com Clinton Tompkins Graydon em co-autoria, e *The Everlasting South*, 1963.

Era um apaixonado pela sua terra natal, Carolina do Sul, simplesmente a adorava com fidelidade análoga à de Gilberto Freyre a Pernambuco, um no contexto do Sul dos Estados Unidos, o outro no do Nordeste do Brasil. Em *Pitchfork Ben Tillman*, 1944, Simkins vai ao ponto de escrever simpática e cândida biografia de um demagogo da Carolina do Sul, extremos a que Gilberto não chegava.

Apesar de bolsista da Fundação Guggenheim e premiado pela Associação Histórica Americana, e professor visitante das universidades da Carolina do Norte, Texas e Princeton, acabou preferindo o *college* de Farmville no interior da Virgínia, mais perto das raízes sulistas. Farmville de certa importância, como a constatara Anísio Teixeira na sua tese de mestrado em Columbia.

Sua obra maior prossegue *A History of South*, publicada pela primeira vez em 1947, repita-se, pois tem muito do espírito de *Casa-Grande & Senzala*: terra e tradição, trabalho e vida coloniais, sistema escravocrata, divertimentos, sofisticação, comidas e bebidas, o Velho Sul salvando seu passado apesar da Guerra Civil, "duas nações" convergentes, o Sul e o Norte, porém duas nações.

Começa pelo clima sulista subtropical, miscigenação étnica não obstante os preconceitos, monocultura do fumo e do algodão, tensão permanente entre o campo das *plantations* dos *gentlemen farmers* em casas georgianas neoclássicas e os maiores centros ur-

banos de Natchez, Richmond, Alexandria, Mobile, Memphis, principalmente Charleston e Nova Orleans.²⁵

Charleston – com sua sociedade mais escolhida, *the choicest society of the Old South* – fora fundada em 1680, Charles Town, assim melhor chamada que Charles City and Port, apenas dez anos após a criação da Colônia da Carolina do Sul. Logo cheia de comerciantes das Antilhas, pelo comércio do seu porto, mais imigrantes puritanos da Nova Inglaterra e da Europa de idioma inglês e alemão, escravos negros a partir do século XVIII, quando Charleston chegou a ter a maior comunidade judaica da América do Norte. Com jornais, bibliotecas públicas, ópera, concertos, corridas de cavalos, teatros, danças, clubes e o mais antigo museu do continente. As modas e os livros vinham de Paris e Londres para a sofisticada elite local. A agricultura predominante era o latifúndio do algodão.²⁶ Savannah, porto da vizinha Geórgia, sua rival mais próxima.

Competindo com Charleston estava Nova Orleans,²⁷ fundada por franceses na sua colônia da Luisiana, com estes nomes em homenagem ao Infante Luís XV e seu preceptor Duque d'Orléans, começos do século XVIII. Terras de índios primeiro evangelizadas pelos jesuítas, em Nova Orleans virá a instalar-se, muito depois, uma Universidade Loyola. A cana-de-açúcar cedo será sua principal agricultura, gerações e gerações de filhos de usineiros pernambucanos, e muitos nordestinos, irão estudar Agronomia na Universidade Estadual na capital, com o típico nome francês de Baton Rouge.

O Carnaval de Nova Orleans, a maior festa pública dos Estados Unidos – ao auge na Terça-Feira Gorda, *Mardi Gras* – terá seu primeiro desfile organizado em 1827 por foliões vindos diretamente da França, apesar da região ser vendida por Napoleão Bonaparte aos Estados Unidos em 1803 na presidência Thomas Jefferson. Que assim assegurou o controle do Mississipi das nascentes à foz, além de penetrar no Golfo do México, outra etapa da marcha estadunidense rumo ao Sul e ao Oeste.

A Luisiana guardará, porém, o Código Civil francês, Código Napoleão, único Direito Civil escrito num país predominantemente anglo-saxônico, seguidor do Direito Consuetudinário, o *Common Law*. O *Vieux Carré*, velho centro francês, manterá a fisionomia

original desta sociedade de início crioula franco-negra, berço do jazz. Tanto Nova Orleans quanto Charleston, por trás as *plantations* da Luisiana e Carolina do Sul, importaram numerosos escravos, a ponto de terminar negra a maioria das suas populações. De Charleston se espalhou mundo afora, na década de 1920 quando Gilberto Freyre por lá passava, uma música jazz de dança de sucesso também no Brasil.

Gilberto Freyre já sonhava com Nova Orleans numa férias no Canadá Francês, 1921, e iria conhecê-la dez anos após: “Só Nova Orleans, nos Estados Unidos, receberia um estrangeiro com tantos restaurantes bons, superiores aos estandardizados, da maioria das cidades anglo-americanas. Cada um com seu pitoresco, suas especialidades, seus vinhos. Seus jardins é que são deliciosamente ingleses como anglo-saxônia, em seu modo de ser universidade, é a sua Universidade”²⁸ (de Tulaine, com este nome em homenagem ao seu grande benfeitor Paul Tulaine, comerciante em Nova Orleans).

Na Louisiana, “a fartura da cana favoreceu o desenvolvimento de toda uma série de bons bocados de origem francesa ou espanhola. Aí o *pecan*, combinado com o açúcar, tornou famosa uma castanha confeitada com a qual rivaliza a castanha confeitada do Nordeste brasileiro...” Lafcadio Hearn – o escritor de Nova Orleans que trocou os Estados Unidos pelo Extremo Oriente, ao modo do português Wenceslau de Moraes no Japão – Lafcadio escreveu “o delicioso livro sobre a cozinha da Louisiana que é o *La Cuisine Créole*”. “E um sociólogo anglo-americano, Howard W. Odum, admite, em estudo de Sociologia Regional, a importância do que denomina, em seu *Southern Regions, prandial conviviality*, tornada possível por bons quitutes e por doces saborosos”²⁹.

Naquele périplo de 1931-32 da Califórnia ao Sudoeste e Sul dos Estados Unidos, para pegar no Atlântico o navio de volta ao Recife, Gilberto Freyre deslumbra-se tanto com Charleston quanto com Nova Orleans, supremas glórias da grande e tradicional cozinha sulista e dos seus costumes tão afins dos brasileiros – *plantations* de algodão ou açúcar, com varanda, cadeira de balanço, sofá, o tempo parecendo nunca passar, mesmo em meio às tragédias dos brancos e negros de Faulkner – “também em Nova Orleans saboreamos doces e quitutes nos quais se sente o gosto bom da África e

que lembram os da Bahia e de Pernambuco. Principalmente as comidas de galinha cozida com arroz e quiabo”.³⁰ Estados Unidos tão diferentes dos Estados Unidos com arranha-céus, industrialismo, ciência e tecnologia, os outros Estados Unidos...

Francis Butler Simkins será muito mais nitidamente atraído ao Brasil por Gilberto Freyre, a quem visitará no Recife de 1923, um chegando logo após o outro. Visita para valer, não só acadêmica à Faculdade de Direito e às já maltratadas bibliotecas públicas locais, apesar de algumas tão ricas em bibliografias, pois visita estendendo-se à “velha cidade de Igarapé, que muito o encantou”, com sua marca colonial em torno dos conventos barrocos e da igreja de São Cosme e São Damião, a mais antiga do Brasil; indo mesmo às nossas *plantations* de açúcar, ao Engenho Japaranduba do Coronel Pedro Paranhos, coronel da Guarda Nacional e Paranhos do ramo pernambucano da família de origem baiana dos Visconde e Barão do Rio Branco.

Olinda, a impressão maior, “deu ao viajante norte-americano preciosas sensações, que ele registra em páginas quase líricas, destacando a vista da velha cidade e do mar, a reluzir ao sol tropical; e a do casario distante do Recife contemplado do Alto da Misericórdia”. Dois dos vários mundos de Pernambuco, não só do Nordeste: a cidade de origem lusa, naturalmente entre colinas, diante do Recife confirmando a fonte flamenga, destino quase hanseático do seu porto, estendendo-se plana em foz de rio.

Simkins vinha dos Estados Unidos pelo Pará e Ceará; continuou a Salvador e ao Rio de Janeiro.³¹

Depois, o silêncio.³²

As posteriores obras de Francis Butler Simkins – tão afins em *A History of the South* com *Casa-Grande & Senzala* e em *The Everlasting South* com o provincialismo regionalista brasileiro – são provas evidentes da mão-dupla de influências entre esses dois grandes momentos de conscientização cultural do Sul dos Estados Unidos e Nordeste do Brasil. Outro grande estadunidense dos primeiros leitores entusiastas dos primórdios de *Casa-Grande & Senzala*, na sua inicial versão de tese de mestrado publicada excepcionalmente em *The Hispanic American Review*, foi H. L. Mencken que a solicita a Gilberto em carta de 7 de maio de 1923, tese recebida e comentada por Mencken na carta seguinte, 18 de agosto do

mesmo ano, com a imediata sugestão de sua transformação em livro: "Deve haver um bocado de material restante e creio que um tal volume teria uma excelente oportunidade".

O editor Alfred A. Knopf aparece ali referido pela primeira vez na vida de Gilberto; ele não esquecerá. Knopf virá a publicar *Casa-Grande & Senzala* em inglês muito tempo depois. Mencken chega a convidar Gilberto para escrever numa revista, *The American Mercury*, dirigida por ele, H. L. Mencken. Sarcástico, retomando em 19 de março de 1931 a correspondência, alegra-se não ter Gilberto entrado num mosteiro ("into a monastery", sic!), por conta das preocupações religiosas gilbertianas... Em 20 de abril ainda daquele ano Mencken acompanha de longe a transformação da tese *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century* em *Casa-Grande & Senzala*.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 *Memórias (Essas minhas Reminiscências...)*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1937, p. 165. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 2)

A respeito da obra intelectual de Branner vide *John Casper Branner*, tese de doutoramento de Frank Robert Jackle na Universidade de Stanford em 1966.

2 *Retalhos de Jornais Velhos*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964, pp. 10 e 11.

3 *Açúcar (Em torno da Etnografia, da História e da Sociologia do Doce no Nordeste canavieiro do Brasil)*; 2. ed., aum. Instituto do Açúcar e do Alcool, Ministério da Indústria e Comércio, 1969 (1ª em 1937).

4 *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade. 1915-1930)*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975, p. 68.

5 *Casa-Grande & Senzala*, Editora Universidade de Brasília, 12ª ed. brasileira e 13ª em português, 1963, p. 5.

6 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 68.

7 *Brazilian Literature*, Nova York: Alfred A. Knopf, 1922, p. 284.

8 "Uma Estética da Miscigenação". In: *Vida, Forma e Cor*,

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962, pp. 304-312.

9 Carta na Fundação Gilberto Freyre, Apipucos, Recife.

10 Carta em The Armstrong Browning Library, Universidade de Baylor, Waco, Texas.

11 14 th *Annual*¹ *Register 1930-31 (Stanford University Bulletin)*, Stanford University, pp. 38, 440, 446, 447, 57, 441, 447 e 57.

12 *Idem* (1931-32), pp. 471 e 472.

13 *Oral Memoirs of Gilberto Freyre*, Baylor University Instituto for Oral History, 1987, p. 31. Textualmente: "And it was there at Stanford that I really began to write my book, *The Masters and the Slaves*".

14 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 54 e 55.

15 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit., p. 4.

16 *Idem*, p. 4.

17 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit., p. 4.

Vide de Richard Graham "Escravidão e Desenvolvimento Econômico: Brasil e Sul dos Estados Unidos", *Estudos Econômicos*, São Paulo, janeiro-abril, 1983, pp. 223-257.

18 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit., p. 4.

Especial entusiasmo Gilberto Freyre teve ao ver, em 1918, a caminho de Nova York, as Antilhas em Barbados: "Lindas paisagens as de Barbados e espetáculo novo para um brasileiro a de uma população negra que fala inglês e cujas senhoras usam chapéus como as inglesas brancas" (*Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., pp. 22 e 23). Volta ao assunto no prefácio à 1ª ed. de *Nordeste*, aqui ref. na 5ª, 1985, Rio de Janeiro: J. Olympio, "Brasileiros e ingleses vindo do Brasil fizeram com que Barbados fosse quase um rebento de Pernambuco". "Barbados, apesar da religião e da raça tão diferentes dos seus colonos, ficou, por muito tempo, sociologicamente, quase um pedaço do Nordeste do Brasil. A vida, a paisagem e o caráter da gente, marcados pelas mesmas influências econômicas e sociais, cuja ação se estendeu às várias Antilhas" (pp. XII e XIII). Pode-se acrescentar, em especial, Curaçao, cujo nome de clara origem portuguesa, advém de holandeses e judeus expulsos de Pernambuco, alguns a caminho de Nova York. Oliveira Lima esteve nas Antilhas, a caminho da Venezuela em missão diplomática, antes de Gilberto, em tempo de ver conse-

quências da abolição britânica da escravatura ali (Barbados, São Vicente, Granada, Tobago, etc): *Memórias (Essas minhas Reminiscências...)*, ob. cit., p. 67.

19 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit., p. 488.

20 *Memórias (Essas minhas Reminiscências...)*, ob. cit., pp. 65 e 64.

21 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 178.

22 *Cartas do próprio Punho sobre Pessoas e Coisas do Brasil e do Estrangeiro*; seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello; prefácio de Josué Montello; Conselho Federal de Cultura; Ministério da Educação e Cultura; sem ref. a local; 1978; p. 217. Conforme carta de Gilberto Freyre a Oliveira Lima um mês depois, 26 de setembro de 1926, Rüdiger Bilden ainda estava em São Paulo: “um dia desses com os Bilden e o ministro alemão e os secretários alemão e americano” (ob. cit., p. 218).

23 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit., pp. 83, 128 e 515.

24 *Memórias (Essas minhas Reminiscências...)*, ob. cit., pp. 65 e 66.

25 *A History of the South*, originalmente publicada como *The South Old and New: 1820-1947*, 1947, com o outro nome a partir da edição de 1953 por Alfred A. Knopf, Nova York, pp. 3-5, 60, 66, 68-71 e 122.

26 *Idem*, pp. 149 e 150.

27 *Ibidem*, p. 150.

Vide tb. Germán Arciniegas, *Biografía del Caribe*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1945: os fundadores franceses de Nova Orleans queriam-na como ponto de apoio para enfrentarem os portos de Boston e Nova York; ao mudar de mão, Nova Orleans transformou-se na “chave da América do Norte no Caribe”, com piratas do porte do também lendário Jean Lafitte de permeio por conta própria... (pp. 314, 315, 414 e 415).

28 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 61.

29 *Açúcar*, ob. cit., pp. 14 e 15.

30 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit., p. 488.

31 “Um Scholar Anglo-Americano no Brasil”, *Retalhos de Jornais Velhos*, ob. cit., pp. 126-218.

32 Carta de Gilberto Freyre a Oliveira Lima, 4 de dezembro de 1926, In: *Cartas do próprio Punho*, ob. cit., p. 220.

O CLÁSSICO TROPICAL

Significados de *Casa-Grande & Senzala*

Muito se escreveu e continuará sendo escrito sobre as sucessivas edições de *Casa-Grande & Senzala*, o ensaio brasileiro mais republicado no Brasil e mais traduzido mundo afora. Isso não acontece por acaso. *Casa-Grande & Senzala* é obra digna de figurar na galeria internacional de *A Cidade Antiga* de Fustel de Coulanges, *Paidéia* de Werner Jäger e *O Ramo de Ouro* de Sir James George Frazer, píncaros mas de cordilheiras diferentes. Cada qual no seu mundo.

Casa-Grande & Senzala melhor se entende no conjunto com *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*, antíteses dialéticas de casa-grande, sobrado e ordem opostos, ora em conflito, ora em interpenetração com a senzala, o mucambo e o progresso. Gilberto Freyre mesmo explica, no prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*, como não conseguiu condensar num só volume todas as pesquisas por ele feitas. “Fica para um segundo (livro) o estudo de outros aspectos do assunto – que aliás admite um desenvolvimento ainda maior”.¹ Eram as sementes de *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*.

Sob os subtítulos sucessivos, desdobramentos do mesmo grande tema quase musical como numa sinfonia, seqüência de glosas ao mesmo mote: *Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal* e *Processo de Desintegração das Sociedades Patriarcal e Semipatriarcal no Brasil sob o Regime do Trabalho Livre*.

Não é, portanto, verdade que Gilberto Freyre negasse a fundamentalidade do fator econômico, muito menos a importância da luta de classes, acusações estereotipadas de marxistas de cátedra, desconhecedores do povo de carne e osso, suor e sexo, explodindo na obra gilbertiana, sem dogmas e sim com força e esperança.

Logo no início de *Casa-Grande & Senzala*, ele reconhece

a influência econômica como “uma influência sujeita à reação de outras; porém, poderosa como nenhuma na capacidade de aristocratizar ou democratizar sociedades; de desenvolver tendências para a poligamia ou a monogamia; para a estratificação ou a mobilidade”. E, sobre a luta de classes, ainda ali fica ao lado do artigo de Astrojildo Pereira, “Sociologia ou Apologética?”, aparecido no jornal comunista do Rio de Janeiro *A Classe Operária*, 1º de maio de 1929, contra Oliveira Viana: “Refutando a teoria de Oliveira Viana – a inexistência da luta de classes na formação social do Brasil – lembra Astrojildo Pereira as guerras, os conflitos dos ‘senhores’ com os indígenas e com os negros fugidos (quilombolas) e da própria burguesia nascente com a aristocracia rural já estratificada. Também os conflitos dos representantes da Coroa, quando fortalecidos pela descoberta de minas com os caudilhos rurais. Estes, embora atravessando crises e sofrendo depressões de poderio, foram a força preponderante”.

Não se trata de concordância eventual, Gilberto Freyre acrescenta, a partir da quarta edição (1943) de *Casa-Grande & Senzala*, a *Formação do Brasil Contemporâneo* de Caio Prado Júnior e a *Formação da Sociedade Brasileira* de Nelson Werneck Sodré aos seus pontos de cruzamento com a interpretação marxista.²

O próprio Astrojildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista no Brasil e seu primeiro secretário, reconheceu em *Casa-Grande & Senzala* “um livro de ciências escrito numa linguagem literária de timbre inusitado, numa linguagem atrevidamente nova mas muito nossa; um livro que dava categoria a muita palavra vulgar; e sobretudo um livro que tomava por protagonista central não os heróis oficiais, mas a massa anônima”.³ Linha de Capistrano de Abreu, um dos autores mais citados desde a tese de mestrado na Universidade de Columbia, *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*.

Reconhecimento de marxista não só brasileiro, também do marxista norte-americano Eugene D. Genovese, ao ver em Gilberto “o grande intérprete do patriarcalismo brasileiro”: “O regime nordestino, que amadureceu no século XVII, encontrou quase todas as pré-condições necessárias a apoiar a tese de Freyre acerca do patriarcalismo”. “Caio Prado Júnior está menos certo de que o patriarcalismo brasileiro veio de Portugal e foge deliberadamente da

questão, pois, insiste ele, 'o que realmente determinou seu esplêndido florescimento no Brasil foi o fundo local do qual emergiu'..."⁴

Quando Gilberto Freyre ouvia em Oxford, o seu mestre de Columbia, Sir Alfred Zimmern, sobre a escravidão na Grécia antiga,⁵ certamente se preparou para entender Engels, quando este mostrava como "foi a escravidão que tornou possível a divisão do trabalho, em larga escala, entre a agricultura e a indústria, e foi graças a ela que pôde florescer o Mundo Antigo, o helenismo". "E sem as bases do helenismo e do império romano não se teria chegado a formar a moderna Europa". Engels afirma, em conclusão: "Neste terreno, por mais paradoxal e herético que possa parecer, não temos outro remédio senão dizer que a implantação da escravidão representou, nas circunstâncias em que ocorreu, um grande progresso"⁶.¹ Até mesmo porque os prisioneiros de guerra, recusando-se a tornarem-se escravos, eram mortos, ou, pior, perdiam os olhos ou tinham um pé cortado. A escravização foi mesmo um passo adiante na humanização, embora só alguns terminassem recebendo a liberdade dos senhores, por serviços a eles prestados.

Daf Friedrich Engels denunciar, no *Anti-Dühring*, as "quantas frases melodramáticas contra a escravidão e contra tudo o que se lhe assemelha, derramando uma corrente de indignação moral contra semelhante ignomínia. Desgraçadamente, nada se consegue com isso, a não ser proclamar o que todo o mundo sabe: que essas instituições dos tempos antigos já não se ajustam à nossa época..."⁷

Gilberto Freyre nunca teve uma visão *soft*, macia, emoliente da sociedade brasileira e do mundo. Quem andou espalhando o suposto conceito do brasileiro "cordial" foi Sérgio Buarque de Holanda, que a recolheu de uma amabilidade do escritor mexicano Alfonso Reyes, então diplomata no Rio de Janeiro, como se lê na polêmica de Buarque de Holanda com Cassiano Ricardo em posfácios a *Rafzes do Brasil*.

Gilberto viu a realidade escravista, em páginas como estas de *Casa-Grande & Senzala*: "Não era o negro, portanto, o libertino; mas o escravo a serviço do interesse econômico e da ociosidade voluptuosa dos senhores".⁸ Confirmando assim Alberto Torres, o qual, já em 1914, na dedicatória do seu livro *A Organização Na-*

cional, oferece-o “à memória dos escravos mortos”, “que me deram, no convívio íntimo da infância, lições de bondade e de pureza de costumes e exemplos de amor ao trabalho e veneração”. Gilberto Freyre sempre preferiu Alberto Torres, pioneiro discípulo de Boas; Gilberto sempre atacou o racismo de Oliveira Viana.

Na mesma linha de Joaquim Nabuco, quando testemunhava, na campanha abolicionista, que “diz-se que entre nós a escravidão é suave, os senhores são bons. A verdade, porém, é que toda escravidão é a mesma, e quanto à bondade dos senhores esta não passa da resignação dos escravos. O limite da crueldade do senhor está, pois, na passividade do escravo”. A escravidão “só pode existir pelo terror absoluto infundido na alma do ‘homem’”.⁹ “Bestialidade” e “sadismo” transmitidos do senhor de engenho ao filho bacharel, é o que mostra Gilberto Freyre. A própria miscigenação inseria-se nas “relações de vencedores com vencidos – sempre perigosas para a moralidade sexual”.¹⁰

Transcendendo o seu tempo, a partir dele é que *Casa-Grande & Senzala* deve ser considerado, na intelectualmente grande década de 1930, iniciada por *O Brasil na História* (1931) de Manuel Bonfim, passando por *Casa-Grande & Senzala* (1932-1933), vindo a Caio Prado Júnior (*Evolução Política do Brasil*, 1933) e Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*, 1936), tentativas de síntese do Brasil, sucessoras, às vezes antagônicas, das de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Oliveira Viana nas três décadas anteriores.

Cada qual na sua circunstância, a de Gilberto Freyre quando, antes do exílio em Lisboa e Stanford, com a tese de mestrado trazida de Nova York-Columbia, quis rever “o engenho da minha meninice”, São Severino dos Ramos ou do Ramo, “engenho onde brinquei menino”, “de gente da minha mãe, que também o conheceu menina”.¹¹

Gilberto Freyre sempre se disse, e era, acima de tudo escritor, para ele a Arte nunca deixou de vir antes da Ciência, a recordação que lhe ficou foi “uma aventura quase de menino de romance de Robert Louis Stevenson... Não faltavam a São Severino nem rio, nem mata, nem cavalos, nem negros velhos dos quais fomos logo aprendendo toadas que ainda hoje sabemos de cor”. “A casa-grande está ainda de pé”. “Desapareceram os homens da família que

conhecemos então, quase todos de dólmas brancos sempre muito engomados, todos bigodudos como uns ciganos, tabicas na mão, um deles sempre de botas de montar a cavalo”.

O menino Gilberto e um tio perdem-se, cavalgando à noite, “tudo escuro. Chuva grossa. Trovão. O rio já roncando de cheio. O vento gemendo nos pés de cana: gemidos de almas penadas”. “Dessa ‘noite sinistra’ guardo uma recordação de aventura e de perigo, de que noite nenhuma, das minhas experiências de grande, sequer se aproxima. Nem da noite meio acre em que acompanhei Estácio Coimbra na sua saída do Palácio do Governo de Pernambuco debaixo de balas”, nem nas noites a bordo do navio britânico, na Segunda Guerra Mundial, “a ziguezaguear há dias, todo no escuro, pelos mares da costa da África”.¹²

Um poeta, Mauro Mota, viu, nas recordações gilbertianas do Engenho de São Severino dos Ramos, a mais antiga predisposição de Gilberto Freyre a escrever *Casa-Grande & Senzala*,¹³ ele próprio evocará, no prefácio à primeira edição, “o primeiro engenho que conheci e que sempre hei de rever com emoção particular”.¹⁴ Inclusive o africanismo, o qual Gilberto unirá à lusofilia, vem de lembranças dos ex-escravos da família, não só de influências da Escola Baiana de Antropologia de Nina Rodrigues de infício *L’animisme fétichiste des nègres de Bahia*, 1900, e *Os Africanos no Brasil*, 1933, usado nas seguintes edições de *Casa-Grande & Senzala*, principalmente Manuel Querino com “A Raça Africana e seus Costumes na Bahia”, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, nº 70, e *A Arte Culinária na Bahia*, 1928, entre outros ensaios reunidos em *Costumes Africanos no Brasil*.

Influências da primeira geração da Escola Baiana de Antropologia devolvidas enriquecidas por Gilberto Freyre à segunda, com especial destaque a Thales de Azevedo.¹⁵

Também o antijesuitismo de *Casa-Grande & Senzala* – os inacianos descritos como “donzelões intransigentes”, empenhados em ensinar os índios a ler, escrever e contar, em vez de algo mais útil e mais próximo às suas culturas¹⁶ – antes de debitar-se na conta da juvenil fase protestante batista de Gilberto, deve-se ao anticlericalismo maçônico do seu pai, o Velho Alfredo, por mais conservadoramente moderado que fosse, e amigo do humanismo latino dos padres eruditos.¹⁷ Discordâncias dos jesuítas dando

margem a graves malentendidos até políticos durante o Estado Novo ditatorial de Getúlio Vargas, repercutindo inclusive no relacionamento gilbertiano com intelectuais da Companhia de Jesus, do porte do historiador da Ordem no Brasil, Padre Serafim Leite, que se recusava a comparecer a um simpósio em Portugal, se Gilberto Freyre estivesse presente.¹⁸ Malentendidos só dissipados a partir do artigo do Padre André Rétif SJ, crítico porém equilibrado, na revista intelectual jesuíta francesa *Études* em setembro de 1953, sobre a primeira edição de *Casa-Grande & Senzala* em tradução francesa.

Discordâncias, mesmo desavenças, com os jesuítas, nunca ocorridas com os franciscanos, melhor apresentados, em seus métodos de evangelização dos índios, como mais práticos e mais respeitadores das culturas indígenas, apesar de todo missionarismo religioso, também o protestante, acarretar transformações e deformações culturais.

O franciscanismo gilbertiano – inserido no projeto de *Casa-Grande & Senzala* desde a direta visão da secular importância dos franciscanos na aculturação da Califórnia, quando Gilberto professor visitante na Universidade de Stanford – o franciscanismo de Gilberto Freyre tem uma origem também muito inglesa, no quadro geral dos seus anglicismos. Remonta ao nominalismo dos franciscanos de Oxford, de Guilherme Occam a Duns Scotus.

Para Occam, “os universais não tendo ‘existência própria’ eram objeto de um conhecimento apenas abstrato. De modo que para filosofia assim plástica e como que já regional e até situacional em seu conceito das substâncias, distintas das formas, em que Scotus via projetar-se Deus, era possível o que, na filosofia aristotélica rigidamente compreendida e hieraticamente aplicada a problemas de espaços e tempos em relação com o homem, se apresentava como quimera...”

Teria derivado “em parte do nominalismo – filosofia desenvolvida pelos franciscanos e que opôs, desde Occam, o particular ao universal, o concreto ao abstrato e ousou até dizer, o especificamente regional ao abstratamente geral – uma concepção de Arte, entre europeus, que tornaria possível o reconhecimento, pelos europeus, nos Trópicos, de artes regionalmente diversas em seus es-

tilos, em suas substâncias e em seus modos de ser artes, das artes convencionalmente européias”.¹⁹

Cultura inglesa nominalista na Idade Média, empiricista na modernidade também das Ciências Sociais, nas quais Gilberto Freyre preferia o funcionalismo de Malinowski aos estruturalismos, ele o diz insistentemente em *Sociologia (Introdução ao Estudo dos seus Princípios)*. As estruturas gilbertianas são abertas, não deterministas.

Assim, desde os fundamentos, Gilberto não podia ser historicista, por não aceitar o evolucionismo materialista mesmo em ziguezague dialético, nem o evolucionismo metafísico dos idealistas principalmente alemães, Schelling, Fichte ou Hegel. Partindo dos pressupostos do nominalismo e do funcionalismo, Gilberto Freyre só podia ser um culturalista à maneira de Kroeber, no ponto de cruzamento do culturalismo etnológico anglo-americano com o culturalismo neokantista alemão de Hans Freyer, “Sociologia engajada”,²⁰ e do Georg Simmel existencial de Sociologia do Dinheiro, da Moda, enfim Sociologia da Vida Social, como se vê extensamente na gilbertiana *Sociologia (Introdução ao Estudo dos seus Princípios)*. Onde Dilthey e até Scheler são preferidos a Max Weber e Husserl, o culturalismo gilbertiano é vitalista e sua fenomenologia a dos sentimentos, não das idéias.

Dá o vitalismo gilbertiano, diferente do raciovitalismo de Ortega y Gasset, porque existencialmente não intelectualista. Gilberto Freyre optou, mais de uma vez, pelo dionisismo de Nietzsche através da aplicação etnológica de Ruth Benedict²¹, da antropologia filosófica à antropologia cultural. Fichte dizia que a filosofia, de cada um, corresponde ao seu temperamento. Isto se aplica como uma luva a Gilberto Freyre: ele pensava o que vivia e, daí, vivia o que pensava. Não conseguiu entender-se com Jean-Paul Sartre, na sua passagem pelo Recife em 1960, Sartre dizendo-se heideggeriano, mas em lua-de-mel com o marxismo até na versão leninista.

Vitalismo existencial carnal de Gilberto Freyre, espiritual no sentido da sublimada grande sensualidade dos místicos. Impulso, *drive*, gilbertiano, incompreendido pelos escandalizados diante da “obscenidade” de *Casa-Grande & Senzala*, apontado até à polfícia como “livro imundo”, “infame” porque difamador dos valores cristãos, seu autor denunciado publicamente por um dos oradores

do III Congresso Eucarístico Nacional de 1939 em pleno Estado Novo, tempo de ascensão dos fascismos, inclusive em sua versão clerical de Salazar, às portas da Segunda Guerra Mundial, pelo professor universitário integrista integralista José Cavalcanti de Sá Barreto, que ali apontava à execração pública “aquele vasto arsenal de pornografia, salpicado cá e lá de blasfêmias próprias e alheias, de blasfêmias religiosas e científicas que se chamam *Casa-Grande & Senzala* do ‘sociólogo’ bolchevista Gilberto Freyre”.²² Quando da publicação do livro, não faltara um auto-de-fé local, com a queima pública de exemplares pelos mais exaltados opositores. Acusação, naquela fase estadonovista, levando inevitavelmente ao cárcere, como logo aconteceu com o autor maldito, apesar dos seus protestos de ser aquele livro “em essência pró-brasileiro e até pró-católico”.²³

Provindo do nominalismo e do funcionalismo, Gilberto transforma-os numa fenomenologia existencial a partir de *Casa-Grande & Senzala*, conforme entendeu muito bem Jean Duvignaud, uma fenomenologia da vida cotidiana, à qual se soma o imaginário até da novelística²⁴ permeando Gilberto Freyre desde as leituras de Hardy, Joyce e Proust, desconhecidos ou quase no Brasil da década de 1920, sem esquecer os irmãos Goncourt também de tantas observações parassociológicas em suas descrições da intimidade social. Gilberto indo ao ponto de tentar escrever até romances e poemas.

Daf foi que “Gilberto Freyre estruturou e revelou alguns mitos básicos do Brasil. Perdurará, por isto mesmo, mais do que outras obras, mais científicas, mas menos relevantes. E sobre a discussão sobre se Freyre é mais um escritor do que um cientista: sua força está em que, sendo um verdadeiro criador, os resultados que alcança estão além do instrumental metodológico de que dispõe”,²⁵ aguda constatação nada menos que de Fernando Henrique Cardoso, tão distante politicamente de Gilberto em tantos pontos. Em meio a outros de convergência, tidos como firme crença nos valores brasileiros e na sua capacidade de auto-superação, explícita em oposição ao racismo das *Populações Meridionais do Brasil* e *Raça e Assimilação*, de Oliveira Vianna, implícita contra *Retrato do Brasil (Estudo da Tristeza Brasileira)* de Paulo Prado, muito influentes na época.

Na sua cosmovisão existencial, vitalista, dionisíaca, com metodologia nominalista, empírica, fenomenologia da vida cotidiana sem heróis ou com heróis do cotidiano sem estátuas nem nomes de ruas ou praças, Gilberto Freyre interpreta o Brasil a partir do seu passado documental, sempre remetido à vivencialidade, tentando síntese que seja *Aufhebung*, superação das contradições por cima. Prevendo e participando da preparação do resultado histórico, étnico e cultural, da miscigenação geradora da nova identidade brasileira de bases inicialmente afro-lusas, trazendo elementos semitas, árabes e judeus do Portugal medieval, somando depois as adventícias migrações européias, levantinas e asiáticas vindo ao Brasil.

O complexo casa-grande e sobrado, senzala e mucambo, foi pensado por Gilberto Freyre numa espécie de tipos-ideais weberianos, arquétipos obtidos por investigações indutivas, de validade brasileira – onde houver os quatro elementos: latifúndio, monocultura, escravidão e patriarcalismo – não só de validade nordestina e de um determinado Nordeste, o açucareiro. No seu prefácio ao sertanejo *O Outro Nordeste* de Djacir Menezes, ele o inclui, e no prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto lembra como, na sua elaboração, percorreu a “antiga zona escravocrata que se estende do Estado do Rio a São Paulo”, pelo vale do Paraíba do Sul, de retorno “parando nos velhos portos coloniais”: da Ilha Bela da Princesa a São Sebastião, Ubatuba, Parati, até a Angra dos Reis.²⁶

Mas Wilson Martins, em *Um Brasil Diferente*, nega a validade do que, em seguida, chamou de modelo gilbertiano, inaplicável, a seu ver, ao Rio Grande do Sul, Santa Catarina, especificamente ao Parana.²⁷ Recebendo a resposta da historiadora Cecília Maria Westphalen, formadora de gerações de pesquisadores universitários paranaenses: “as grandes linhas, sociedade patriarcal, latifundiária, monocultora, escravocrata, também existiram no Paraná e isto é inquestionável. Podemos não ter tido a unidade do complexo cana-de-açúcar, mas tivemos a unidade da fazenda de gado, uma quase autarquia, podemos dizer, vivendo com todas essas características econômico-sociais da sociedade tradicional”. Depois foi que vieram as ondas migratórias européias e orientais.²⁸

Não passam de “mitos” a “remota branquidade dos para-

naenses” e a “inexistência do regime escravocrata no Paraná”. “Mitos estes retomados e relacionados com a imigração e colonização estrangeiras recentes”, inclusive como “persistência residual da propaganda nazista ariana”.²⁹ Contra quem Gilberto Freyre debatera no auge do Estado Novo, durante as vitórias nazifascistas na Segunda Guerra Mundial, em resposta ao geógrafo alemão Reinhard Maack que, então, clamava em revistas estrangeiras contra a miscigenação, nas suas palavras “este horror do comunismo brasileiro”, que “todas as nacionalidades, para viverem no Brasil, devem misturar-se etnicamente”. Gilberto retrucando, dura e ironicamente: “Se fôssemos transigir com tão modesta exigência da parte dos teóricos e dos agentes da teoria nazista de colonização, nós é que renunciaríamos à nossa individualidade nacional ...”³⁰ Firmeza gilbertiana logo contabilizada por seus adversários, declarada mais uma prova do seu “comunismo”, como se verá, logo após, quando das suas prisões e espancamentos pela polícia política estadonovista. Enquanto Maack terminava proposto para nome de ruas em Curitiba e em outras cidades, no contexto da desmemória local.

A morenidade não significa, portanto, nem embranquecimento, nem negrificação, o que desencadeou contra Gilberto Freyre ataques tanto por parte dos arianistas, quanto pelos adeptos da negritude. Apesar de morenização já ocorrida, num grande exemplo, pela fusão de dravídicos e ários na Índia, não obstante todos os obstáculos de casta. E desenrolando-se nos Estados Unidos,³¹ também enfrentando todos os preconceitos, mais difíceis de exercerem-se à noite, contra a prática da miscigenação, que de dia, a irônica observação vem de Faulkner...

Morenização ainda mais difícil em culturas tornadas homogêneas como as europeias, embora nunca de todo castiças, mesmo assim reagindo contra imigrantes árabes e turcos. Outro tanto na antiga União Soviética, onde fracassou o esquema stalinista de uma sociedade nacional na forma, socialista no conteúdo, pelo seu estatismo totalitário, pior que autoritário.

A morenização brasileira, mestiçagem tropical, significa em Gilberto Freyre algo como um tipo-ideal weberiano e uma espécie de mito soreliano: arquétipo e idéia-força.

Gilberto Freyre vai além da constatação do novo mundo bra-

sileiro, apostou no seu futuro, foi saudado pelo poético instinto divinatório de Manuel Bandeira e João Cabral de Mello Neto. E o povo o entendeu, como se viu na homenagem do desfile do sambanredo de *Casa-Grande & Senzala* da Escola de Samba Mangueira no carnaval carioca de 1962: "Pretos, brancos, escravos e senhores.../louvor a este povo varonil/que ajudou a construir/a riqueza do nosso Brasil".³² Instintivas rimas populares, superiores, gilbertianamente, a muita digressão erudita.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 *Casa-Grande & Senzala*, Editora Universidade de Brasília, 12ª ed. brasileira e 13ª em língua portuguesa, 1963, p. 27.

2 Idem, pp. 6 e 7.

3 Apud RIBEIRO, Darcy, "Gilberto Freyre. Uma Introdução a *Casa-Grande & Senzala*". In: *Sobre o Óbvio*, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, p. 111.

4 *O Mundo dos Senhores de Escravos* (do inglês *The World the Slaveholders made*, 1959), Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1965, pp. 85 e 84.

5 *Tempo Morto e Outros Tempos (Trechos de um Diário de Adolescência e Primeira Mocidade. 1915-1930)*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975, pp. 49 e 50.

6 Vide, por exemplo, a tradução do *Anti-Dühring*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 158.

7 Idem, p. 158.

8 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit., p. 364.

9 *O Abolicionismo*, Londres: Typographia de Abraham Kingdon & Ca., 1883, pp. 14 e 10.

10 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit. pp. 113 e 461.

11 *Tempo Morto e Outros Tempos*, ob. cit., p. 126.

12 "São Severino do Ramo", *Autores & Livros*, Suplemento Literário de *A Manhã*, Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1942, artigo inserido em *Pessoas, Coisas & Animais (Ensaios, Conferências e Artigos reunidos e apresentados por Edson Nery da Fonseca)*, 2. ed., 1ª série, Rio de Janeiro: Editora Globo, Porto Alegre, 1981, pp. 18 e 19.

13 “Gênese de Casa-Grande & Senzala”, *Ciência & Trópi-co*, revista da Fundação Joaquim Nabuco, Recife, v. 15, n. 2, p. 205-211, julho-dezembro, 1983.

14 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit., p. 29.

15 AZEVEDO, Thales de, aborda criticamente a democracia racial desde seu livro *Povoamento da Cidade do Salvador*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1949, a *Democracia Racial (Ideologia e Realidade)*, Petrópolis: Edições Vozes, 1975, passando por diversos artigos e ensaios.

16 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit., p. 201.

17 “Introdução do Anotador” (Gilberto Freyre) a Alfredo Freyre, *Dos 8 aos 80 e Tantos*, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970, pp. 12 e 13.

18 Informação do historiador Richard Graham ao autor em entrevista na Universidade do Texas, *campus* de Austin, em 5 de agosto de 1991, recolhida do testemunho de Lewis Hanke.

19 “O Reflexo do Nominalismo nas Artes Hispano-Tropicais”, *Vida, Forma e Cor*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962, pp. 272 e 271.

20 De A. L. Kroeber vide principalmente os ensaios “Historical Reconstruction of Culture Growths and Organic Evolution” (1931), “History and Evolution” (1946) e “Values as a Subject of Natural Science Inquiry” (1949), entre outros reunidos em *The Nature of Culture*, The University of Chicago Press, 1ª ed. em 1952. Sobre a análise gilbertiana do neokantismo vide Evaristo de Moraes Filho, “Ciência Cultural ou Natural?” “A propósito de uma afirmação do Sr. Gilberto Freyre”, *Revista Branca*, Rio de Janeiro, outubro-novembro, 1948, pp. 11, 24, 28 e 30. Gilberto Freyre em *Sociologia* relaciona a visão racional neokantiana com a neofichteana. Para Fichte a opção originária era produto do temperamento. Associe-se a isto o decisionismo existencial de Schmitt e a fenomenologia dos sentimentos por Scheler (também ali referidos) assim Gilberto safa do nominalismo.

21 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit., p. 335. Oposição nietzscheana, entre apolíneos e dionísacos, transposta para a Etnologia por Ruth Benedict em *Patterns of Culture* sobre tribos do Noroeste da América do Norte.

22 Discurso do Professor José Cavalcanti de Sá Barreto nos *Anais do III Congresso Eucarístico Nacional*, Recife, 1940, p. 312.

23 “Serei um Escritor obsceno?”, *Alhos & Bugalhos (Ensaios sobre Temas Contraditórios: de Joyce à Cachaça; de José Lins do Rego ao Cartão-Postal)*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978, p. 178.

24 DUVIGNAUD, Jean, “Gilberto Freyre, Sociólogo Humanista”, e CHACON, Vamireh, “Comentários”. In: *Gilberto Freyre na Universidade de Brasília (Conferências e Comentários de um Simpósio Internacional realizado de 13 a 17 de Outubro de 1980)*, Editora Universidade de Brasília, 1981, pp. 73, 83, 72 e 70.

25 “Gilberto Freyre, um Verdadeiro Criador”, *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1987.

26 *Casa-Grande & Senzala*, ob. cit. p. 29. Muitas análises são ali feitas também sobre São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e mesmo o Rio Grande do Sul.

27 *Um Brasil Diferente*, São Paulo: Anhembi, 1955, p. 6 e passim.

28) “Um Modelo de História Social: o de Gilberto Freyre”, In: *Anais do Seminário de Tropicologia*, comemorativos do octogésimo aniversário de Gilberto Freyre, organizados e prefaciados por Roberto Motta, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1983, pp. 279, 280 e 247.

29 Idem, p. 235.

30 *Uma Cultura Ameaçada: a Luso-Brasileira, 1940*, acrescentada como apêndice a *O Mundo que o Português criou*, Edições “Livros do Brasil”, Lisboa, publicado no mesmo ano com prefácio de Antônio Sérgio, aqui ref. na 2ª ed., mesmo local e editora, pp. 216 e 217.

31 Vide William A. Henry III, “Beyond the Melting-Pot (In the 21st century – and that’s not far off – racial and ethnic groups in the U.S. will outnumber whites for the first time. The ‘browning’ of America will alter everything in society, from politics and education to industry, values and culture)”, *Time*, Nova York, 9 de abril de 1990. Assim também os norte-americanos vão passando a aceitar o conceito e a própria palavra “morenização”, *browning*.

32 Vide artigos do próprio Gilberto Freyre, “Obrigado, Irmãos Sambistas”, *Jornal do Commercio*, Recife, 13 de maio de 1962, e, antes, “Casa-Grande & Senzala em Música e Letra de Samba”, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 5 de maio de 1962.

A Recepção Crítica Francesa

A primeira tradução de *Casa-Grande & Senzala*, e de um livro de Gilberto Freyre em geral, foi, ao inglês, 1946, com o título *The Masters and the Slaves*, e o subtítulo *A Study in the development of Brazilian civilization*, por Samuel Putnam para a editora novaiorquina Alfred A. Knopf, também publicando outros grandes autores latino-americanos.

Os Knopfs, Alfred e Blanche sua esposa e animadora, deliciaram-se com o livro, por eles considerado “extraordinariamente bom”, é o que o tradutor comunicava a Gilberto assim que terminara o trabalho, em carta datada de Nova York, 6 de agosto de 1945.¹ Numa interessante coincidência, Samuel Putnam tem o mesmo nome de um dos primeiros benfeitores da Universidade de Columbia, dois séculos antes, numa placa no principal salão da reitoria, hoje Low Memorial Library. Mas a maior repercussão inicial de tradução de *Casa-Grande & Senzala* ocorreu em francês.

Para seu melhor entendimento, cabe a análise do movimento *Annales*, na revista parisiense com este nome, ao lado das obras dos seus iniciadores e representantes.

Estrasburgo tinha de acompanhar os percalços da Alsácia passando de mão em mão, da Alemanha para a França e da França para a Alemanha, sua universidade desgermanizada após a Primeira Guerra Mundial, passando a um modelo novo, mais flexível, “facilitando o intercâmbio de idéias através das fronteiras disciplinares”. Foi lá que se deu o encontro dos então jovens historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch, entre os recém-recrutados professores.

Febvre logo pensou numa revista internacional de História Econômica à maneira da *Economic History Review* inglesa, chamou-a *Annales d'histoire économique*, tendo por modelo não só os *Annales* do precursor francês da Geografia Humana, Vidal de la

Blache, também um claro eco dos clássicos *Anais* romanos de Tácito.

Lucien Febvre foi para Paris em 1933, ao Colégio de França, Marc Bloch em 1936 para a Sorbonne, ambos levando *Annales* consigo, transformado em tribuna de autêntica escola de historiadores. Só a ocupação nazista da França obrigaria a saída de Bloch da co-direção, judeu fuzilado em 1944. Após a Segunda Guerra Mundial, a revista passou a intitular-se *Annales (Économies, Sociétés, Civilisations)*, título que é todo um programa. Longevo, Febvre teve muito mais tempo a dedicar à sua obra. À revista *Annales* e à reorganização da École Pratique des Hautes Études fundada em 1884, de cuja VI Seção, Ciências Sociais, se tornou presidente, além de diretor, ali, do Centro de Pesquisas Históricas. Seu discípulo e amigo, Fernand Braudel, sucedeu-o nos *Annales* e reuniu a VI Seção e o Centro na Maison des Sciences de l'Homme instalados em novo prédio, de número 54 no Boulevard Raspail em Paris.²

Eixo das inovadoras preocupações da Escola dos *Annales* – para muitos uma autêntica “Revolução Francesa da Historiografia”, tão importante que, depois dela, “a Historiografia jamais será a mesma” – eixo das suas inovações é a globalização, âmbito o maior possível de abrangência.

Febvre começou pela Geografia Histórica, nasceu clássico o seu estudo sobre o Reno. Depois veio a fase da Lingüística (subjacente a *O Problema da Descrença no Século XVI: a Religião de Rabelais*), em seguida somou a Psicologia Social associada à Sociologia da Memória de Maurice Halbwachs (momento da biografia *Martinho Lutero, um Destino*) e à Antropologia Cultural de Frazer e Lévy-Bruhl também tão influentes em *Os Reis Taumaturgos* de Marc Bloch.

Fernand Braudel – experiente inclusive de Terceiro Mundo, professor que foi, de 1923 a 1932, num liceu na outrora Argélia francesa, posteriormente, 1935-1937, na Universidade de São Paulo, a seu ver a fase mais feliz da sua vida – Braudel continuou a busca de globalização de Lucien Febvre e dos *Annales*: “Globalidade não é querer escrever uma História completa do mundo... é simplesmente o desejo... de ir sistematicamente além de seus limites”. Propósito já da História Integral do inglês R.H. Tawney e da

Antropologia Total de Marcel Mauss. E Braudel convivera com Claude Lévi-Strauss na Universidade de São Paulo, passando a reencontrar o amigo na Maison des Sciences de l'Homme em seminários e debates, pondo "os historiadores dos *Annales* em contato com as novas idéias e desenvolvimentos das ciências vizinhas".

O que não significa ter Braudel se tornado culturalista, para ele "economia, política, sociedade, cultura e civilização, cada uma delas tem sua parte. Assim como a História, que frequentemente decide, em última análise, quem vencerá a prova de força". História, imprevisível fluxo da liberdade, encruzilhada de vontades, interrelacionismos alternados e alternantes.³

Um historiador da Escola dos *Annales*, Peter Burke, mostrou como foi Gilberto Freyre quem influenciou Fernand Braudel naquelas direções, não Braudel a Gilberto Freyre, aliás Braudel prefaciou a tradução italiana de *Casa-Grande & Senzala (Padroni e schiavi)*, e Lucien Febvre a francesa, *Maîtres et esclaves*, tendo ambos visitado Gilberto no Recife, um desde os tempos de professor em São Paulo, o outro após a Segunda Guerra Mundial.

Mostra Burke como "a famosa trilogia (*Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos e Ordem e Progresso*) sobre a História Social do Brasil do historiador e sociólogo Gilberto Freyre (que conheceu Braudel nessa época), trabalha com tópicos como família, sexualidade, infância e cultura material, antecipando a Nova História dos anos 70 e 80. A representação de Freyre da casa-grande como um microcosmo e como metáfora da sociedade híbrida, agrária e escravocrata impressionou Braudel, que o citou em sua obra".⁴

A historiadora brasileira Cecília Maria Westphalen articulou a visão gilbertiana, principalmente de *Casa-Grande & Senzala e Sobrados e Mucambos*, com os conceitos braudelianos de modelo e de ciclo de longa duração, interrelacionistas e aventureiros, não "hipóteses, sistemas de explicação solidamente ligados segundo formas de equação ou de função: isto é igual a aquilo, ou isto determina aquilo", mas como "barcos. Devem flutuar e descer nas águas do tempo", "realidades que o tempo... transporta muito lentamente".⁵

A estas análises de terceiros correspondem as opiniões dos próprios Lucien Febvre, co-fundador dos *Annales* com Marc Blo-

ch, e Fernand Braudel, ambos em longas críticas à obra gilbertiana e em outros tantos diálogos com Gilberto Freyre no Recife, não só em São Paulo e na França.

Lucien Febvre, um dos iniciadores do movimento-revista *Annales*, muito se interessou pela obra gilbertiana. Foi Febvre quem prefaciou a primeira tradução francesa de *Casa-Grande & Senzala, Mafres et esclaves*, feita por Roger Bastide para a editora Gallimard, Paris, 1952.

Prefácio, “Brésil, terre d’Histoire”, com a sensibilidade de quem tinha estado, conhecido e amado pessoalmente o Brasil não só do Rio de Janeiro e São Paulo, também do “velho mundo de Minas”, Sabará e Ouro Preto, além do moderno de Belo Horizonte; antigo Brasil presente ainda na Bahia, os grandes veleiros de três mastros saindo do Recôncavo, “negras ou mulatas com porte de realeza”, melhor celebradas por Gilberto Freyre que por ninguém. Recife e Olinda cercados pelos canaviais dos senhores de engenho, “les Lords du Sucre”; Goiana com suas igrejas barrocas e freiras francesas ensinando as alunas a cantar a Marselhesa; o folclórico Cavalo Marinho, “Cheval Marin”, entoando seus cantos populares em meio à criançada deslumbrada...

“Tantos Brasis neste Brasil...”

“Mas o livro de Gilberto Freyre não é simples. Ao mesmo tempo uma História e uma Sociologia. Um memorial e uma introspecção. Um enorme painel de passado, nascido de uma meditação sobre o futuro”, “feito de lucidez e sensualidade”.

“Então se compreende porque, no corajoso livro de Gilberto Freyre, a questão sexual tem um lugar tão grande. É porque está no próprio cerne do tema... o estudo das relações, tão complexas, de três grandes massas humanas”. Não justapostas, “mas em fusão progressiva”, a miscigenação. O livro de Gilberto Freyre não é apenas “cheio de talento”, “é nobre de inspiração e corajoso em tudo que concerne ao racismo, à sexualidade, à escravidão”. “Eis porque ele coloca, à sua maneira na sua área, o mais duro dos problemas se erguendo... diante dos portadores da velha civilização européia” e dos seus descendentes.

“É possível uma única civilização em que todos possam encontrar sua pátria cultural?”

Gilberto Freyre não se propõe a dar respostas prontas; “ele

nos convida, do modo mais premente, a refletir”, a meditar, participando ativamente dos novos caminhos.⁶

Outro grande representante dos *Annales*, Fernand Braudel, também prefaciou *Casa-Grande & Senzala*, mas no italiano *Padroni e schiavi*, com o subtítulo *La formazione della famiglia brasiliana in regime di economia patriarcale*, tradução por Alberto Pascetto para a editora de Turim, Giulio Einaudi, 1965.

No seu prefácio-introdução, Braudel começa logo dizendo que declarar *Casa-Grande & Senzala* a obra-prima de Gilberto Freyre, é afirmar pouco. Na realidade, houve outras, seguintes, entre elas *Sobrados e Mucambos*, que completa *Casa-Grande & Senzala*. Esta foi “uma revolução”, “mais que uma obra-prima”, que não se poderia comparar a *A Cidade Antiga* de Fustel de Coulanges, intelectualista, bem-pensante, enquanto o livro gilbertiano “dá um prazer concreto, físico, como viajar em sonho nas paisagens tropicais e luxuriantes do *douannier* Rousseau”,⁷ o pintor Henri Rousseau, *naïf* mas em relação às sofisticações de impressionistas e expressionistas.

O choque contra Gilberto Freyre partiu dos inconformados tanto com seu tema básico, a miscigenação, quanto com sua linguagem feita de “música ‘corpórea’, fascinante, irresistível”, quase um canto de nova e renovadora sereia tropical, pode-se acrescentar à crítica do seu estilo quente, sensual. Seu “milagre decisivo consiste em ter mesclado uma exata narração histórica, atenta, com uma sociologia de uma fineza sem defeitos, o álcacre tempo dos acontecimentos com o semi-adormecido tempo das realidades sociais”, ninguém melhor que um expoente dos *Annales* para reconhecer-lo, e logo quem, Fernand Braudel.⁸

A outra saudação à tradução francesa de *Casa-Grande & Senzala* veio nada menos que de Roland Barthes, tão festejado pelos adeptos da crítica literária tecnicista, mas que retornou, pouco antes da sua breve e fecunda vida, ao prazer do texto, ao bom gosto.

Barthes, na revista parisiense: *Les Lettres Nouvelles*, março de 1953, retomava as afinidades gilbertianas com a Escola dos *Annales*, para concluir que “*Casa-Grande & Senzala* conquista a admiração porque é um livro excepcional em muitos pontos de vista. Também largamente inteligente como Marc Bloch ou Lucien Feb-

vre, dispõe, a mais, desta involuntária qualidade... que é a de ter sistematizado uma matéria histórica há pouco desentranhada: o corpo humano, a saúde, a alimentação, os fenômenos de mistura de sangues e humores; é a quadratura do círculo dos historiadores, quase realizada aqui, o ponto último da pesquisa histórica..."

"Há, aliás, em Freyre, um obsessivo sentido da substância, da matéria palpável, do objeto, como se queira, que está no fundo da específica qualidade de todos os grandes historiadores. Enfim, Freyre é um inovador; introduziu na História do homem brasileiro uma sexologia pensada em escala histórica..."

Roland Barthes conclui pelo "interesse prodigioso que seria, para nós franceses, uma análise submetida aos mais recentes métodos da Antropologia, da Culinária ou da Psicanálise, aplicada aos fatos étnicos", ao modo de *Casa-Grande & Senzala*, que cusa enfrentar a "terrível mistificação", "mentiras" e "crimes" do conceito de "raça", "livro de ciência e inteligência", "livro de coragem e combate".⁹

Naquele mesmo ano de 1953, serão os jesuítas franceses, pela palavra de André Rétif, que concelebrarão a internacional consagração de *Casa-Grande & Senzala* a partir da França, por mais que houvesse repercutido em inglês nos Estados Unidos desde 1946, certamente pelo fato dos historiadores norte-americanos "até agora pouco interesse demonstrarem pelo paradigma dos *Annales*", apesar das suas afinidades com *The United States (1830-1850)* de Frederick Jackson Turner.¹⁰

Após o início da revalorização católica de Gilberto Freyre pela *Catholic Sociological Review* dos Estados Unidos, o Padre Rétif foi muito mais conciso e abrangente. Ele mostra como Gilberto "não é terno para os missionários, sobretudo jesuítas, cuja severidade moral nada estima, a seu ver pouco feita para o Brasil, os quais ele opõe de modo demasiado simples aos franciscanos". Mas concluindo com grande isenção: "Contudo, este ensaio sobre a formação histórica do homem do Brasil é de uma penetração de vista, de uma amplidão de erudição e de uma segurança de método que fazem dele uma grande obra".¹¹

Faltou, porém, a observador tão perspicaz quanto o Padre Rétif, a compreensão da origem mais profunda das discordâncias entre Gilberto Freyre e o método dos jesuítas.

Gilberto provinha, ademais da breve embora importante influência protestante na sua vida, porque em plena adolescência, de formação funcionalista antropológica culturalista (Boas e Malinowski), suas leituras remontavam ao pragmatismo de William James desde seu interesse juvenil pelas *Variedades de Experiências Religiosas*, tudo se enraizando, em espiral, no nominalismo franciscano medieval, vasto círculo empiricista anglo-americano. Esta a chave última da metodologia científico-social gilbertiana, inserida existencial-ibericamente na vida histórica e individual do brasileiro, concreto ponto de referência da sua cosmovisão humanista, sem científicimos. Gilberto Freyre admirava Santo Inácio de Loyola pelos seus *Exercícios Espirituais* em si, não pelo uso e até abuso deles pela Contra-Reforma. Fascínio pela existencialidade dos *Exercícios Espirituais*, várias vezes repetido e insistido por Gilberto Freyre à sua maneira, no contexto da admiração pelos místicos espanhóis contemporâneos de Santo Inácio, tão existenciais.

Mesmo sem especial influência de Max Weber, a Sociologia, Antropologia Cultural e História Social gilbertianas dão importância à religiosidade em grau maior que qualquer outro intérprete do Brasil. Euclides da Cunha só não chegou lá, diante do messianismo do levante de Canudos, por causa do científicismo que o limitou e prendeu muito da sua mais ampla visão do mundo, transparecendo em *Contrastes e Confrontos* a propósito do socialismo e mesmo da Filosofia da História.

O debate gilbertiano sobre catolicismo e protestantismo, jesuitismo e franciscanismo, existencialidades do nominalismo ao neokantismo engajado de Simmel e Freyer, daí à fenomenologia dos sentimentos de Max Scheler como se vê em *Sociologia (Introdução ao Estudo dos seus Princípios)*, tudo isso projeta Gilberto Freyre numa tentativa de Filosofia existencial da História, como ela aparece em *Além do Apenas Moderno (Sugestões em torno de possíveis Futuros do Homem em geral)* e *Insurgências e Ressurgências (Atuais Cruzamentos de Sins e Nãos num Mundo em Transição)*.

Nesse contexto Gilberto Freyre considerava erudito e livresco o humanismo literário, renascentista do *ratio studiorum*, imposto na catequese dos índios, apesar das qualidades do *ratio* explicadas por Leonel Franca¹², o próprio fundador da grande experiência da

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, modelo de tantas outras. Para isso os jesuítas precisavam conviver com a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, cujas simpatias nazifascistas, até a pressão estadunidense obrigá-lo a entrar em guerra contra o Eixo Alemanha-Itália-Japão, eram um choque frontal com o anti-racismo gilbertiano, na prática também contra as origens pessoais e familiares de Gilberto na Primeira República, República Velha. O debate – discordâncias e reconciliação – dos jesuítas e Gilberto Freyre, serve de ensejo a mais um importante enfoque na compreensão do Brasil.

A França – da Escola dos *Annales* e dos jesuítas de *Études*, a melhor recepção crítica internacional da obra gilbertiana – deu-lhe exemplar acolhida num dos encontros de Cérisy-la-Salle em 1956.

Os encontros eram promovidos pelo Foyer Culturel International de Cérisy, no antigo castelo de Cérisy-la-Salle na Normandia, coordenados pela comissão integrada por Raymond Aron, François Mauriac, André Malraux, Henri Gouhier, Gabriel Marcel, Jean Wahl e Maurice de Gandillac, entre outros. O do estudo da obra de Gilberto Freyre tinha sido precedido por outros, o primeiro sobre “Teoria e História”, com a presença de Aron, Jean Daniélou e Henri Marrou; o segundo com “Política e Espiritualidade” por tema, com Jean-Marie Domenach, Gabriel Marcel, Alban Vistel e Jacques Madaule; o terceiro, a respeito de “Arte e Arquitetura”, com Paul Fierens, Francis Ponge e René de Solier. Cada qual ao longo de uma semana.

O encontro sobre Gilberto Freyre teve a presença dos franceses Jean Duvignaud, Henri Gouhier, Léon Bourdon, Roger Bastide, Clara Malraux então esposa de André Malraux e o alemão Nicolas Sombart, filho de Werner Sombart e autor de autobiografia acerca do pai e contemporâneos, *Uma Juventude em Berlim*. Também presente Mário Pinto de Andrade, um dos ideólogos do MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola, naquela fase em plena guerrilha. Michel Simon declamou versos de Manuel Bandeira, Aimé Césaire, Juan Liscano e *Essa Negra Fulô* de Jorge de Lima.¹³

Várias outras importantes críticas francesas foram feitas a Gilberto Freyre em *Le Figaro*, *Combat*, *Les Temps Modernes*, *Mercure de France*, *France Illustration* e *Observateur*, todos de

Paris, além de *Le Soir* de Bruxelas.¹⁴ Tantas só tinham aparecido, até então, nos Estados Unidos. O mundo de língua inglesa também participaria do debate, da mesma forma que os de língua alemã e castelhana, bem como a Itália e diversas culturas que também traduziram *Casa-Grande & Senzala*.

Não se trata de mera consagração e sim de discussão, convergências e divergências. Foi Gilberto Freyre dos primeiros escritores latino-americanos de prestígio mundial, ao lado de Jorge Amado, muito antes de Gabriel García Márquez, Alejo Carpentier, Juan Rulfo, Manuel Scorza, Mário Vargas Llosa, Carlos Fuentes, Juan Carlos Onetti e Jorge Luís Borges. Octavio Paz é quem viria, após Gilberto Freyre, em repercussão internacional no ensaísmo.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Carta no arquivo da Fundação Gilberto Freyre em Apipicós, Recife, Pernambuco.

2 Vide Peter Burke, *A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales (1929-1969)*, São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1991, pp. 27, 32, 33, 37-39, 42, 43 e 57.

3 Idem, pp. 127, 31, 41, 84, 27, 28, 94, 29, 45, 46, 55, 130, 131, 120, 57 e 63.

4 Ibidem, p. 116.

5 "Um Modelo de História Social: o de Gilberto Fryre", in: *Anais do Seminário de Tropicologia*, comemorativos do octogésimo aniversário de Gilberto Freyre, organizados e prefaciados por Roberto Motta, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1983, pp. 236 e 237.

6 "Préface. Brésil, terre d'histoire", *Maîtres et esclaves*, Paris: Gallimard, 1952, pp. 10, 11, 9, 14, 15, 17, 18 e 20.

7 "Introduzione", *Padroni e schiavi*, Giulio Einaudi, Turim, 1965, pp. IX-XI

8 Idem, p. XI.

9 Recensão em *Les Lettres Nouvelles*, Paris, março, 1953, pp. 107 e 108.

10 Burke, ob. cit., p. 116.

11 Recensão em *Études*, Paris, setembro, 1953.

12 *O Método Pedagógico dos Jesuítas (O "Ratio Studiorum")*, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952, passim.

13 "No Castelo de Cérisy-la-Salle, a Obra de Gilberto Freyre e os Costumes Brasileiros foram revividos", *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1956.

14 "O Julgamento de Casa-Grande & Senzala pela Crítica Francesa", *Jornal do Commercio*, Recife, 26 de outubro de 1958.

Primeira Semana Afro-Brasileira e Nova Travessia Política

Em 1934 Gilberto Freyre, no seu momento de maior colaboração com o primo e amigo Ulysses Pernambucano, psiquiatra social, lançou no Recife o Primeiro Congresso Afro-Brasileiro. Era uma iniciativa corajosa, porque inédita, pela primeira vez se valorizava em público, por analistas capacitados, a contribuição africana à cultura brasileira, de certo modo uma continuação de *Casa Grande & Senzala* e das pesquisas baianas de Nina Rodrigues.

Reuniam-se em Pernambuco o antropólogo cultural Melville J. Herskovits, contemporâneo de Gilberto em Columbia nos tempos de Franz Boas; também os antropólogos brasileiros Arthur Ramos e Édison Carneiro, este mais etnógrafo como Lufs Câmara Cascudo igualmente presente; Renato Mendonça outro tanto, além de folcloristas ele e Cascudo; o decano historiador Rodolfo Garcia; e os escritores Jorge Amado e Mário de Andrade, ao lado de vários outros.

Herskovits começava didaticamente pela "Procedência dos Negros do Novo Mundo", desde os do Brasil, aos da Guiana Inglesa, Cuba, Trinidad e dos Estados Unidos. Naquela fase estavam ainda incipientes os estudos a respeito. Daí Arthur Ramos tratar de "Os Mitos de Xangô e sua Degradação no Brasil". Tema religioso extensivo a Édison Carneiro ("Xangô") e Câmara Cascudo ("Catingá"). Rodolfo Garcia, mais historiador que linguísta, mesmo assim enfrentou o "Vocabulário Nagô", enquanto Mário de Andrade enveredava pela Musicologia etnográfica, então sua preocupação, com "A Calunga dos Maracatus". A presença de "O Negro no Folclore e na Literatura" ficou a cargo de Renato Mendonça. Jorge Amado preferiu arrolar as publicações de cordel da "Biblioteca do Povo" e "Coleção Moderna" da Bahia.

Os médicos - Ulysses Pernambucano à frente com "As Doenças Mentais entre os Negros em Pernambuco" e, já naquele

tempo, “A Maconha em Pernambuco” – tiveram a coragem de analisar “O Problema da Tuberculose no Preto e no Branco e Relações de Resistência Social” (Ruy Coutinho) e sua “Longevidade” (J. Robalinho Cavalcanti). Era a escola de Medicina Social de Ulysses Pernambucano, paralela à de Ciências Sociais, Literatura e Artes de Gilberto Freyre.¹

Comprovava-se a constatação de *Casa-Grande & Senzala*, depois tão mal interpretada, que piorara a situação social, até alimentar, do negro após a abolição da escravatura, apesar de Joaquim Nabuco revoltar-se com isto desde 1º de janeiro de 1893 em carta a André Rebouças: “É certo que os negros estão morrendo e pelo alcoolismo se degradando ainda mais do que quando escravos, porque hoje são livres, isto é, responsáveis, e antes eram puras máquinas, cuja sorte Deus tinha posto em outras mãos (se Deus consentiu na escravidão); mas onde estariam os propagandistas da nova cruzada? Desta vez nenhum seria sequer acreditado”.² Não se fizera a reforma agrária, nem nenhuma das medidas conclamadas por Nabuco e Rebouças para consumir a abolição inconclusa. Lançados nas ruas, os ex-escravos passavam a vagar desempregados e famintos pelas cidade.³

Isto seria mais que suficiente para imediata reação das classes dirigentes. Indo adiante, surgiram três comunicações de cunho nitidamente marxista ao Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, embora nele não predominassem: as de Édison Carneiro, uma segunda sobre “A Situação do Negro no Brasil”, e a de um certo Jovelino M. de Camargo Jr. (“A Inglaterra e o Tráfico”). Esse último mais doutrinário, tentando aplicar Marx, Engels e Lênin a uma interpretação da Historiografia, projetada no presente: “Não existem raças inferiores ou raças superiores. A miséria, a opressão, a ignorância, a exploração geram os crimes”.⁴ Denúncia ainda mais atualizada por Édison Carneiro: “A Abolição da Escravatura veio resolver o problema do branco, não o do negro”. “Nada fizemos, de verdadeiramente útil, pela incorporação do negro à comunidade brasileira”. Conclusão, para supremo escândalo das classes dominantes e dirigentes: “Somente a sociedade comunista, que reconhece às raças oprimidas até mesmo o direito de se organizarem em Estado independente, conseguirá realizá-la, abolindo a propriedade privada

e acabando de uma vez por todas, com a exploração do homem pelo homem”.⁵

Nada à revelia de Gilberto Freyre, organizador do congresso, solidário com a liberdade e profundidade dos debates: “quando se encerrou o Congresso, no mesmo velho teatro – o Santa Isabel – do qual disse Joaquim Nabuco – ‘aqui vencemos a batalha da Abolição’ – sentiu-se que se definira um movimento da maior importância para a vida e para a cultura do Brasil”. “Não recebeu nenhum favor do governo. Não se associou a nenhum movimento político, a nenhuma doutrina religiosa, a nenhum partido... Qualquer insinuação contra a pureza intelectual das suas intenções, contra o profundo sentido brasileiro das suas tendências, peca por leviana. Ou então revela um excesso de faro político, talvez desenvolvido em detrimento de qualidades intelectuais mais nobres”.⁶

Tudo isso ali além da conta do que a oligarquia julgava os limites. O brasilianista norte-americano Robert M. Levine resumiu muito bem a feroz reação, desencadeada daí em diante num crescendo até a longa e repressiva ditadura estado-novista: “Gilberto Freyre e seus colaboradores foram rotulados oficialmente como subversivos; muitos foram demitidos dos seus empregos, alguns foram presos, outros expulsos do Estado. Grupos, que tinham apoiado o Congresso, foram perseguidos ou desmantelados. Em novembro de 1937, às vésperas da implantação por Vargas do autoritário Estado Novo, o *Diário do Nordeste* do Recife associava o Congresso aos esforços do Komintern para instalar nos pretos o ódio aos brancos, e atacava o interesse dos intelectuais pela vida afro-brasileira como um produto de poltrões, judeus, bolchevistas e outros grupos dedicados à ‘destruição da cultura cristã’”.⁷

Conseqüência prática da mobilização intelectual popular, não populista, porque documentada e sem interesses eleitorais, em 6 de maio de 1935 o recifense *Jornal Pequeno* divulgou protesto assinado por Ulysses Pernambucano, Olfvio Montenegro, Gilberto Freyre e Sylvio Rabello: “Tendo o Sindicato dos Usineiros, em nota publicada nos jornais de domingo, afirmado que em Pernambuco as condições de vida, de habitação e de assistência médica e hospitalar dos trabalhadores da usina, ao contrário do que têm dito e escrito certas críticas precipitadas, são condições quase idílicas, não faltando a esse nosso proletariado rural nem ‘habitação\higiê-

nica', como 'área para plantação e criação', nem 'outras vantagens e garantias', inclusive 'fornecimento de remédios' e até de uniformes aos filhos dos operários, os abaixo assinados vêm respeitosa-mente, opor dúvidas a algumas dessas afirmações, oferecendo-se para, em comissão, realizarem um inquérito que esclareça a verdadeira situação de vida e de trabalho em nossas fábricas de açúcar ... acompanhados por outros especialistas em assuntos de Medicina Pública, de Sociologia e de Educação, da escolha do Sindicato dos Usineiros”.

O Sindicato patronal replicou pelo mesmo jornal no dia 9 seguinte, declarando “agressiva e intempestiva” a nota, desde que o Brasil estaria vivendo sob uma Constituição promulgada em nome de Deus, “assim não reconhecemos ainda a autoridade de qualquer *soviète*” (*sic*).⁸

Forte grupo católico integrista – encabeçado pela revista *Fronteras* de Manuel Lubambo – partiu na ofensiva antigilbertiana, logo ecoada por Alceu Amoroso Lima-Tristão de Athayde, então na fase chamada de *Literatura Reacionária* por Jackson de Figueiredo, tão influente na sua conversão; Alceu-Tristão desfechou frontal ataque em artigo intitulado “Gente do Norte” (*O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1936): “Foi no Recife que a última revolução de novembro (de 1935) explodiu de modo mais violento, como já sucedera em 30 e 31. Lá é que a A. N. L. (Aliança Nacional Libertadora) instalara um dos seus mais fortes P. C. E no ano passado aquele famoso Congresso Afro-Brasileiro, chefiado pela turma extremo-esquerdista de Gilberto Freyre, Ulysses Pernambucano, Aderbal Jurema, Olívio Montenegro, etc, mostrou a preparação ideológica que se fazia para o movimento armado prestes a explodir”.

Acusação grave, muito grave, ao ignorar a escalada ocorrida, desde a fase das análises acadêmicas de *Casa-Grande & Senzala* e do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, debates abertos a todos, inclusive portanto a marxistas, até o progressivo engajamento dos descontentes diante da excessiva reação das imobilistas, mais que conservadoras classes dominantes e dirigentes. Daí o fichamento de Gilberto Freyre pelo DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social) de Pernambuco em 1935, como “agitador, organizador da Frente Única Sindical, orientadora das greves preparatórias do mo-

vimento comunista de 1935”, em companhia dos pintores Emiliano di Cavalcanti, então no Recife, e Cícero Dias, antes de rumar a Paris em parte por isso; do jornalista Eugênio Coimbra Júnior; do arquiteto Heitor Maia Filho e dos operários Amaro Veloso da Silva, panificador, e João Bezerra da Silva, gráfico.

O ultra-zeloso DOPS catalogava, naquela ficha, os “objetivos” da Frente Única Sindical, integrante da Aliança Nacional Libertadora: “agitação em protesto à Lei de Segurança Nacional”. E seus “meios”: “paredes (greves), telegramas, boletins, etc”.⁹

Ia se fechando o círculo de ferro da repressão.

Em 21 de março de 1937, preparativos do golpe militar para implantar o Estado Novo, fora decretado e prolongado o “estado de guerra”, pretexto de generalizada repressão. O Comandante em exercício da Sexta Região Militar, sediada em Salvador, telegrafava, um dia antes do golpe do 10 de novembro, ao Ministro da Guerra, General Eurico Dutra, depois Presidente da República em mais uma redemocratização brasileira, a oligarquia sempre permanecendo no poder: “foi deliberada prisão imediata vinte e nove comunistas constantes relação polícia Estado”, “inclusive Anísio Teixeira. Informa Governo que um, Édison Carneiro, acha-se foragido e demais interior Estado polícia recebeu ordens prender”.

Era no que tinha dado a pregação de Anísio Teixeira em favor da escola pública, mesmo pluralista ao lado da escola privada confessional, na linha dos Estados Unidos segundo John Dewey lhe ensinara na Universidade de Columbia, pouco após Gilberto Freyre também por ali passar. Édison Carneiro – ele, sim, membro do Partido Comunista, mas intelectual capaz de colaborar com as pesquisas dos norte-americanos Donald Pierson e Ruth Landes das universidades de Chicago e Columbia – estava escondido não no sertão, mas na própria Salvador, abrigado por gratos pais-de-santo e mães-de-santo nos seus perseguidos terreiros...¹⁰

Contra eles desabava a pior repressão, como se vê, por exemplo, nas páginas policiais do *Diário de Pernambuco*: “A Delegacia de Investigações prosseguindo na campanha contra a exploração do baixo espiritismo, efetuou ontem diligência no Formigão, distrito policial de Afogados, conseguindo surpreender em ‘trabalho’ as catimbozeiras Felismina Maria da Conceição, vulgo ‘Filó’, e Isabel de Santana, vulgo ‘Maria Galo’. Essas viciadas foram conduzidas

para o ‘Brasil Novo’, tendo a polícia apreendido grande cópia do material empregado no culto” (15 de setembro de 1938). Com humor macabro, a ditadura estado-novista chamava de “Brasil Novo” os seus cárceres políticos...

Em apenas mais um exemplo, ainda o *Diário de Pernambuco*, em 8 de outubro de 1938, voltava a noticiar textualmente: “Cerca da uma ‘sessão’ de catimbó nos Remédios – à disposição do Comissário de Costumes, o investigador nº 161 prendeu ontem, a catimbozeira Joana Francisca dos Santos... O policial apreendeu todo o material empregado na bruxaria”.

Gilberto Freyre tentará, a partir de 1935, ano das agitações e insurreição da Aliança Nacional Libertadora, afastar-se, aos poucos, do foco recifense.

Começara dando um curso de Introdução ao Estudo da Sociologia Regional, em 1935, na tradicional Faculdade de Direito do Recife, onde seu pai ensinava. Faculdade, gêmea da do Largo de São Francisco de São Paulo, com idêntico prestígio no Nordeste. Sua bibliografia, a mais objetiva e menos ideológica possível, denotava como Gilberto alargara sua visão internacionalmente e passava a concentrar-se cada vez mais no Brasil. Partia de homenagem ao pioneirismo também paulista do ensino e pesquisa da Sociologia no Brasil, ao incluir Fernando de Azevedo, *Princípios de Sociologia*, ao lado dos *Elements of Sociology* do seu mestre de Columbia, Franklin Giddings. Ainda mais de espantar: a Ecologia pela primeira vez universitariamente no Brasil (em livro, *Nordeste*, 1937, ela será aplicada extensivamente), “Ecologia não é coisa feia”(!), segundo o manual da Universidade de Nebraska, *Research Methods in Ecology* e a *Regional Sociology* de Radhakamal Mukerjee, outra grande influência da Índia que já o marcara com Rabindranath Tagore e Sarojni Naidu, desde os tempos de Baylor e Columbia.

Ecologismo também da Escola de Chicago tão presente em seguida em *Sociologia* de Gilberto Freyre, 1945, ademais das técnicas empíricas de pesquisa de Chicago, e as de W. I. Thomas e Florian Znaniecki, entre as marcantes influências de juventude confessadas já em *Tempo Morto e Outros Tempos*, bases metodológicas das investigações de campo com alunas da Escola Normal de Pernambuco, fins da década de 1920, e alunos da Universidade do Distrito Federal, meados da década de 1930.

Preocupação ecológica prosseguindo no seu também pioneiro curso de Sociologia na Universidade do Distrito Federal do Rio de Janeiro, fundada por Anísio Teixeira primeiro reitor, Castro Rabello dirigindo a Faculdade de Filosofia e Letras, Hermes Lima a de Economia e Direito, Lourenço Filho a de Educação, entre outras, nas quais a cadeira de Sociologia era regida por Gilberto Freyre, a de Antropologia por Arthur Ramos, a de História Social por Pedro Calmon e a de Geografia por Delgado de Carvalho, ao lado de muitos grandes nomes, do reformador educacional A. Carneiro Leão aos estrangeiros do nível de Bréhier, Defontaines, Lambert, Garric e T. Lynn Smith, só para referir alguns. Sérgio Buarque de Holanda, recém-chegado da Alemanha, ali começou a sua carreira de professor universitário, assistente que foi do historiador francês Henri Hauser.

As primeiras aulas de Gilberto Freyre são logo dedicadas à então grande novidade, a Ecologia. Em 18 de setembro de 1935, define a Ecologia Humana: “é o homem ou antes o social, nas suas relações com os animais e com as plantas que cresçam junto com ele e com o respectivo meio”. O “equilíbrio ecológico”, com o qual Gilberto Freyre se preocupava de novo pioneiramente, seria o “equilíbrio de vida (e das suas relações)”: “Várias vezes de um domínio incompleto ou de uma adaptação artificial ao meio exótico, tem como resultado a devastação dos recursos regionais de vida, como no caso de certas colonizações baseadas na exploração de minerais ou de matas. Não só de devastação, mas mesmo da agricultura podem resultar distúrbios consideráveis na vida de uma região”.

Em 30 do mesmo mês, Gilberto Freyre se pronuncia diretamente contra “a desintegração de culturas regionais por influências causadas pelo imperialismo europeu, a partir do século 16, pelo imperialismo e nacionalismo político, antes mesmo desse século”.¹¹

A Ecologia gilbertiana era, portanto, Social e até Política, como se vê na sua observação-denúncia: “O que desvaloriza a casa de palha, tornando-a indesejável, é a exploração exercida pelos proprietários de terrenos que, de 10 em 10, de 20 em 20 anos, empurram para a lama habitantes pobres, cujas casas de palha desempenham o papel de saneadoras e valorizadoras de terrenos a princí-

pio maus ou inabitáveis para a população burguesa".¹² Casas de palha estudadas, naquela época em Pernambuco, por Alufzio Bezerra Coutinho e pelo fitopatologista alemão Konrad Günther no livro *O Rosto do Brasil (Natureza e Cultura de uma Terra de Sol, sua Vida Animal e Vegetal)*, 1927, por quem Gilberto Freyre tinha especial apreço.¹³

Mesmo após a insurreição da Aliança Nacional Libertadora de 1935 e às vésperas do golpe militar de 1937, em 27 de abril deste ano Gilberto Freyre evocava "minhas primeiras pesquisas na paupérrima ilha recifense do Joaneiro", "uma povoação típica de mucambos". Depois, "entre os barcaceiros, principalmente os estabelecidos no Sul de Pernambuco e Norte de Alagoas, zona onde vivi por algum tempo, procurando conquistar, o que não é fácil, a confiança de homens desconfiadíssimos. O barcaceiro, o jangadeiro ou o pescador é aí grande fumador de maconha (hoje tão perseguida pela polícia) e por esse motivo, em atitude constante de defesa e emulação".

Desde sua aula inaugural de Sociologia, na Faculdade de Direito do Recife, Gilberto referia a pesquisa "A Maconha em Pernambuco" de José Lucena, publicada no *Arquivo da Assistência a Psicopatas*, fundado e dirigido pelo mestre de Lucena e companheiro de Freyre, Ulysses Pernambucano. Outro tema então inédito e chocante. Daí a naturalidade da confissão de Gilberto Freyre, à revista *Playboy*, março, 1980, que tinha experimentado fumar maconha. Um costume antigo de intelectuais em busca de novas e desafiantes sensações inspiradoras, desde a louvação dos "paraísos artificiais" por Charles Baudelaire e *As Confissões de um Tomador de Ópio* por Thomas De Quincey no século XIX. O uso de narcodrogas e de estupefacientes era muito comum nos círculos do modernismo paulista. Em seguida, antropólogos passando oniricamente à dimensão literária, à maneira de Carlos Castañeda, utilizaram mescalina indígena e derivados, na busca para compreensão, mais por dentro, do mundo mágico das culturas estudadas.

Tanto quanto nos seus cursos de Sociologia na Escola Normal de Pernambuco e na Faculdade de Direito do Recife, no do Distrito Federal Gilberto Freyre orienta os alunos às pesquisas empíricas "A Cidade do Rio de Janeiro como Área Ecológica", "História Social do Rio de Janeiro" e "História Econômica do Rio

de Janeiro”, introdução seguida por pesquisas especiais acerca das favelas: “Os Morros e suas Alternativas na História do Rio de Janeiro”, “Características Gerais do Morro Atual do Rio de Janeiro”, “O Morro no Linguajar Carioca”, “O Morro nas Estatísticas de Crimes da População do Rio de Janeiro”, “As Sobrevivências Africanas no Rio em geral e no Morro em particular”, “O Samba como Expressão Social do Morro” e “O Morro na Literatura Brasileira: no Romance Social, na Crônica, na Poesia, etc”.¹⁴

Eram os tempos das agitações da Aliança Nacional Libertadora, vésperas da insurreição de 1935; quando até o depois tão psicológico Lúcio Cardoso escrevia um romance realista, *Salgueiro*, sobre o morro-favela do mesmo nome, e o próprio Pedro Calmon, em seguida concentrado na historiografia monárquica, publicava uma *História Social do Brasil*. Tempo da extraordinária floração dos grandes ensaios interpretativos da cultura brasileira de *Casa-Grande & Senzala* (1932-33) de Gilberto Freyre, *A Evolução Política do Brasil* (1933) de Caio Prado Júnior e *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda. O tempo, entre o levante da Aliança Nacional Libertadora e o golpe estado-novista, foi de intensa agitação também intelectual.

Noutra inovação, procurando integrar ensino e pesquisa, Gilberto Freyre cria, com seus alunos-discípulos, o “Club de Sociologia” registrado em cartório, o 3º Ofício de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro. Outro passo na direção do que viria a ser o Instituto, depois Fundação Joaquim Nabuco de pesquisas sociais.

O “Club” “tem por objetivo principal animar o estudo da Sociologia e das matérias correlacionadas, constituindo uma biblioteca, organizando serviços de informações e trabalhos de pesquisa, promovendo conferências e divulgando, por meio de publicações e rádio-transmissões, os resultados das suas atividades”. Com sete “seções técnicas”: Geografia (Humana), História (Econômica e Social), Economia, Antropologia, Psicologia (Social), Sociologia e Estatística. Previa também a publicação de duas revistas, *Arquivos*: e o *Boletim*.

Gilberto Freyre era o presidente, a antropóloga Heloísa Alberto Torres (filha do homônimo cientista social), vice-presidente; secretário o futuro Ministro de Estado Hélio Beltrão, diretor da nascente biblioteca José Bonifácio Martins Rodrigues, Roquette

Pinto o diretor da seção de Antropologia, Arthur Ramos o de Psicologia, ainda Gilberto Freyre o de Sociologia.¹⁵

O golpe de Estado de 1937 logo interveio na Universidade do Distrito Federal para dissolvê-la, o “Club de Sociologia” preferiu desaparecer. O reitor-interventor foi nada menos que Alceu Amoroso Lima, que, no ano anterior, 1936, publicara suas *Indicações Políticas* recomendando a entrada da juventude na Ação Integralista Brasileira.

Desde pelo menos 16 de junho de 1935, Alceu, então porta-voz do setor mais conservador dominante no clero, reclamava, ao Ministro da Educação, Gustavo Capanema, contra “a recente fundação de uma universidade municipal, com a nomeação de certos diretores de Faculdades, que não escondem suas idéias e pregações comunistas e foi a gota d’água que fez transbordar a grande inquietação dos católicos”. É que o jesuíta Padre Leonel Franca começava a preparar planos para a criação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em meio aos intensos debates sobre escola pública e privada.

Ataque de Alceu Amoroso Lima a Anísio Teixeira extensivo a Fernando de Azevedo, então reformando o ensino no Distrito Federal: “Nada tenho contra a pessoa do Dr. Azevedo, cuja inteligência e cujas qualidades técnicas muito admiro. Ele é hoje, porém, uma *bandeira*. Suas idéias são conhecidas, seu programa de educação é público e notório. Sua nomeação seria, por parte do Governo, uma opção e uma confusão”.¹⁶ Nas *Indicações Políticas*, 1936, Alceu Amoroso Lima fora ao ponto de denunciar publicamente o que lhe parecia “a pedagogia pré-soviética dos Srs. Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo”.¹⁷

Fechada a Universidade do Distrito Federal do Rio de Janeiro e auto-dissolvido o “Club de Sociologia”, Gilberto Freyre refluí para a terra natal, nos altos de Apipucos, à solarenga casa-grande. Mas não era nenhum oásis, lá lhe esperava a tempestade.

Estava no auge a Guerra Civil espanhola. Jacques Maritain vinha de publicar a *Lettre sur l’indépendance* contra os fanatismos em choque, na linha de Georges Bernanos, *Les grands cimetières sous la lune*; Bernanos que viria a exilar-se no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, em protesto contra o colaboracionismo na-

zifascista do governo de Vichy, do qual fazia parte tanta gente da "Action Française".

A revista católica integrista *Fronteiras*, com Manuel Lubambo apresentado como "o sociólogo da Contra-Revolução", imediatamente desfechou um ataque contra Bernanos. No seu número 24, maio de 1937, coube ao jesuíta de Goa, residente no Recife, Padre Antônio Ciríaco Fernandes, ampliar a ofensiva, ao atacar também Maritain, em "Jacques Maritain. As Sombras de sua Obra".

No Rio de Janeiro, o Centro Dom Vital imediatamente tomou sua defesa, contra "verdadeira conspiração que neste momento se move contra Maritain". No mesmo dia, 12 de setembro de 1937, o jornal católico *A União* relembrou os bispos, clero e fiéis mortos na Guerra Civil espanhola, então se desenrolando, os protestos dos episcopados e da Santa Sé, concluindo: "Que a lição lhe aproveite (a Maritain) e que, futuramente, não saia jamais do terreno do pensamento".

O Padre Fernandes foi adiante, veio a negar autoridade intelectual em temas teológicos a Jacques Maritain, a propósito da questão "De Auxilis", o problema da conciliação entre livre-arbítrio e onisciência divina, problema da providência e da liberdade, resolvido diferentemente há séculos pelo jesuíta Molina e o dominicano Bañez. Os dominicanos entraram na briga, o seu superior no Brasil, Frei Sebastião Tauzin, à frente, defendendo Maritain em conferência no Centro Dom Vital, 17 de setembro de 1937, publicada pela revista do Rio, *Vida*, em outubro seguinte.

A polêmica alastrou-se pela Argentina e Portugal, onde também houve muita réplica e muita tréplica.

Foi neste polêmico clima intelectual e político que Gilberto Freyre se viu apontado ao público como "bolchevista" e "infecto", em pleno III Congresso Eucarístico Nacional.¹⁸

Os jesuítas tinham sido expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal em 1759, prelúdio da sua supressão pelo Papa Clemente XIV, 1773, relegalizados por Pio VII em 1814, caso único na História da Igreja. O ano de 1866 presenciou a volta da Companhia de Jesus a Pernambuco, em seguida com o Colégio São Francisco Xavier, fechado oficialmente em 1874, quando expulsos de novo os jesuítas na onda anticlerical da Questão Religiosa dos Bispos de

Olinda, Dom Vital, e de Belém do Pará, Dom Macedo Costa.¹⁹

Perseverante como nenhuma outra Ordem religiosa perseguida, a Companhia de Jesus remeteu ao Brasil os seus membros expulsos pela proclamação da república portuguesa em 1910. De início na Bahia, onde fundaram o Colégio Antônio Vieira, muito importante na vocação do escritor Jorge Amado, como ele mesmo confessa em *O Menino Grapiúna*, de lá se estendendo ao Recife com o Colégio Manoel da Nóbrega em 1917,²⁰ elo na corrente que ia até o Colégio Anchieta de Nova Friburgo, Santo Inácio do Rio de Janeiro, São Luís de São Paulo e outro Anchieta em Porto Alegre.

Os jesuítas portugueses só podiam ser ainda mais aguerridos, que seus confrades italianos e alemães do Centro e Sul do Brasil. O Padre Antônio Ciríaco Fernandes, católico indiano de Goa, exilado de Portugal à Holanda, Inglaterra e Espanha, um guerreiro ainda maior.²¹

Em Pernambuco passara a mandar o Interventor Agamenon Magalhães, como se chamavam os governadores discricionários ao tempo do Estado Novo parafascista. Sua tese de concurso à cátedra de Direito Público e Constitucional da Faculdade de Direito do Recife apresentava-se bem clara em 1933, ano da ascensão do nazismo ao poder na Alemanha, em explícita admiração por Mussolini, Hitler, Salazar, Kemal Atatürk na Turquia e Pilsudski na Polónia: “Os estadistas da escola liberal desorientam-se”, sob pressão das “greves, os sem-trabalho, a pressão das massas e as competições da política interna”. “É a hora do assalto flamejante das ditaduras...”²²

De médicos a militares peregrinavam à Alemanha, voltando com pregações nazistófilas: o médico Jayme Regallo Pereira, numa comitiva de colegas, deslumbrado com a proteção estatal “em última análise, à pureza da raça”;²³ o Tenente-Coronel da ativa do Exército, Afonso de Carvalho, declarando que “trata-se de disciplinar o caos. É esta, em suma, a missão do III Reich”. “Ainda há generais em Berlim”.²⁴

O Coronel Azambuja Villa Nova no exercício do comando da Sétima Região Militar do Nordeste no Recife, às vésperas do golpe estado novista de 1937 quando os generais se reuniam no Rio de Janeiro, o Coronel Azambuja antecipava-se e comunicava ao Gene-

ral Eurico Dutra, ministro da Guerra, que tinha fechado “todas as Lojas Maçônicas de Pernambuco”, conforme dizia em entrevista publicada pelo *Diário da Manhã*, Recife, 23 de outubro daquele ano: “Tenho consciência de haver prestado um grande serviço ao Brasil e aos próprios maçons brasileiros de boa fé, em haver concorrido com todas as minhas forças para o fechamento desses antros...” “A Maçonaria é, como o comunismo, uma arma do sionismo... a Maçonaria não passa de uma organização destinada exclusivamente a batalhar pelo supremo interesse do judaísmo: a dominação do mundo”. O coronel não foi punido por suas declarações anti-semitas e sim promovido a general. Era o espírito da época.

Civis e militares, políticos e intelectuais e empresários, também as classes dominantes e dirigentes do Brasil tentavam conciliar o inconciliável, simultâneo namoro com o nazifascismo ítalo-alemão e a democracia liberal anglo-americana. O próprio chefe do Estado-Maior do Exército, condestável do Estado Novo, General Góes Monteiro, pendulava entre o adido militar da Embaixada dos Estados Unidos, General Miller, e o adido militar da Embaixada da Alemanha, General Niefenfuhr.²⁵ Após a entrada de Washington na Segunda Guerra Mundial, não haveria mais alternativa também para o Brasil.

Sentindo a pressão – “Havia sucessivos ‘tiras’ junto ao portão”, em Apipucos. “Nos muros, em letras enormes, insultos aos moradores”²⁶ – Gilberto procura sair de Pernambuco e do Brasil. Em carta de 21 de agosto de 1941, propõe ao Ministro da Educação e Cultura Gustavo Capanema, que tinha nada menos que Carlos Drummond de Andrade na chefia do seu gabinete, substituir o convite a uma cátedra por “uma viagem de seis meses” em pesquisas “pela Argentina, Uruguai, Paraguai, e terminando nos Estados Unidos”.²⁷ Gilberto acabava de casar com Maria Madalena Guedes Pereira, paraibana, filha e sobrinha de antigos alunos da Universidade de Baylor.

Em vez de permanecer no preventivo auto-exílio, Gilberto Freyre cometeu a temeridade de voltar, imaginando maiores as repercussões das iniciais vitórias aliadas na Segunda Guerra Mundial.

No dia 11 de junho de 1942 aparece no *Diário de Pernambuco* o seu artigo “O Exemplo de Ibiapina”, louvando o brasileiro-

simo apostolado do Padre Ibiapina pelos sertões do Nordeste, fundando escolas, orfanatos, hospitais, recolhimentos, “um Dom Bosco a quem só faltou maior espírito de cooperação da parte dos católicos e da parte dos brasileiros do seu tempo para a obra perpetuar-se numa organização semelhante à dos salesianos voltada com especial ternura para a educação industrial”. Em seguida, contrasta Ibiapina a um beneditino alemão do Mosteiro de Olinda, racista e filonazista, em companhia de “indivíduos fantasiados de ‘jesuítas’, ‘beneditinos’, ‘franciscanos’ de ‘professores de alenação’, de ‘mestres’ disso ou daquilo, mas devotos, quando não agentes, de doutrinas violentamente antibrasileiras e antidemocráticas”.

A resposta veio imediata e violenta, na noite de 13 de junho, mal quarenta e oito horas depois.

Onze policiais armados invadiram a casa-grande de Apipucos, para subjugar Gilberto Freyre e reprimir à força a resistência do seu pai, o bravo Velho Alfredo, espancados longamente (naquele tempo não se dizia torturados), literalmente arrastados para as celas solitárias da Casa da Detenção.²⁸ Diante da repercussão – até em Montevideú o jornal *La Razón* de 14 de setembro de 1942 publica editorial com a manchete “Gilberto Freyre es valiente” e o antropólogo norte-americano Melville J. Herskovits procura-o no Recife²⁹ – Gilberto Freyre é solto após depoimento. Os repressores depois dirão que agiram por “excesso de zelo”...³⁰ Gilberto republica o artigo sobre Ibiapina no Rio de Janeiro, *A Manhã*, em 6 de novembro do mesmo ano de 1942.³¹

Mais uma vez Gilberto retorna ao anglo-americanismo como inspiração. Dedicar seu livro *Inglese* (1942) a Sir Stafford Cripps, figura-chave nas ligações entre os conservadores de Winston Churchill e os trabalhistas de Clement Atlee na coalização anti-fascista, “para quem se voltam hoje as melhores simpatias dos que separam a causa anglo-americana dos interesses plutocráticos de Londres e Nova York”. É que Gustavo Barroso e outros, integralistas e adjacências, atacavam a Grã-Bretanha e os Estados Unidos por terem submetido o *Brasil, Colônia de Banqueiros*, que devia esperar a redenção pela vitória nipo-nazifascista.

Em Salvador, 1943, Gilberto Freyre volta ao assunto, diante de uma platéia de adversários do Estado Novo: “não estou só na confiança com que acompanho a revolução social na Comunidade

Britânica realizada pelos seus socialistas no sentido de um mundo – e não apenas uma Inglaterra mais cristã e mais democrática”. A Bahia vibrava de entusiasmo, Gilberto é homenageado com jantar na Associação Atlética de Salvador, saudado por Luiz Viana Filho, em breve companheiro de Gilberto Freyre na deputação federal pela União Democrática Nacional, logo em seguida à derrubada do Estado Novo em 1945.³²

Na etapa final da redemocratização, Gilberto Freyre reincorpora muito de Maritain, ao saudar seu fiel Odilon Nestor, “regionalista e humanista” desde os tempos de 1926. O ensejo, o lançamento de *Atenas, Roma e Jesus* de autoria do amigo mais velho, livro ao qual Gilberto declara “um manifesto de ‘humanismo integral’, como o do mestre Jacques Maritain”³³, há pouco traduzido ao português no Brasil por Afrânio Coutinho também no meio da polêmica em favor de Maritain.³⁴

Quando da libertação de Paris pelos Aliados, 1944 – descreve a cena um testemunho ocular, o então estudante, depois geógrafo social e historiador político Manuel Correia de Andrade – o Diretor Acadêmico da tradicional Faculdade de Direito do Recife organizara solenidade comemorativa, quando “Gilberto Freyre chegou acompanhado de alguns líderes estudantis. Os grupos ligados ao Estado Novo, aos gritos de ‘Fora Gilberto Freyre’, tentaram expulsá-lo do recinto, mas o grupo democrático reagiu gritando ‘Fala Gilberto Freyre’, formando um cordão de isolamento em torno do mesmo”.

Era um início de caminhada de massas.

Em 3 de março de 1945, a polícia política do Estado Novo – nos estertores do regime, plena derrota do Eixo nazifascista na Segunda Guerra Mundial, ditadura varguista também desmoronando – a polícia política varre à bala um comício democrático desenrolando-se da sacada do *Diário de Pernambuco*. Na praça, lá em baixo, tomba morto o carvoeiro Manuel Elias dos Santos, lá em cima o estudante Demócrito de Souza Filho, perto de Gilberto Freyre que discursava.

O Estado Novo – com o Interventor elevado a Ministro da Justiça, Agamenon Magalhães, e o Secretário de Segurança, Etevíno Lins, no seu lugar – o Estado Novo prosseguiu a escalada, enquadrando alguns dos principais manifestantes, Gilberto Freyre

entre eles, numa lista de indiciados ao Tribunal de Segurança Nacional, a situação de Gilberto agravada por ter sido, em nota distribuída à imprensa já em 20 de fevereiro de 1935, ano da insurreição da Aliança Nacional Libertadora, um dos signatários de manifesto contra a Lei de Segurança Nacional. Sobreveio, porém, uma das cíclicas anistias brasileiras, quando Getúlio Vargas, em vésperas de cair, tentava amenizar a situação, suspendendo assim o processo contra Gilberto Freyre e outros.

Nas comemorações do trigésimo dia do falecimento do estudante Demócrito, acorreram ao Recife líderes nacionais da resistência democrática do nível de Waldemar Ferreira, professor da também tradicional Faculdade de Direito de São Paulo, José Augusto e o jornalista Carlos Lacerda. A estudantada entusiástica consagrou Gilberto Freyre deputado federal ao calor da redemocratização de 1945 e eleições à Assembléia Nacional Constituinte.³⁵

Da breve passagem, um mandato, de Gilberto Freyre pelo Congresso Nacional, deputado federal pela Esquerda Democrática na União Democrática Nacional de 1946 a 1950, sua maior realização será a criação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais em 1949. Concretização, enfim, do sonho com Ulysses Pernambucano lembrado, logo após sua morte, por *O Jornal* do Rio de Janeiro, 28 de junho de 1944, para nome de uma fundação no gênero, com ênfase em “alimentação, condições de trabalho, orientação profissional, problemas da criança e do adolescente e do homem do Nordeste em geral”.

Nos discursos gilbertianos na Câmara dos Deputados destacam-se aqueles de fidelidade à democracia anglo-americana (elogio a Franklin Delano Roosevelt e a Lorde Jewitt); contra a pena de morte política e o racismo; em favor da pernambucanidade universalista dos Guararapes, da Rebelião Praieira e do primeiro cardeal da América Latina, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, sem esquecer o grande abolicionista José Mariano e o ainda maior Joaquim Nabuco.³⁶

O Instituto, depois Fundação Joaquim Nabuco, viria a ser, com *Casa-Grande & Senzala*, a outra obra máxima de Gilberto Freyre, uma teórica, outra prática.

A Constituição de 1934 tinha sido a primeira, brasileira, no

seu artigo 113, 1, a declarar fora da lei o preconceito de raça, entre outros, mas caberá à de 1946 ser mais clara e enfática no parágrafo 5º do art. 141: “Não será, porém, tolerada propaganda de ... preconceitos de raça...” Prescrição e proscricção que muito devem ao clima ainda mais liberal da redemocratização contra o Estado Novo, a que não faltaram inclusive a presença da Esquerda Democrática, de infcio ala da União Democrática Nacional à qual Gilberto Freyre pertencia, e do Partido Comunista outro tanto com Jorge Amado, dois declarados adeptos da democracia racial, cada qual a seu modo.

Para se ter uma idéia deste clima veja-se o discurso de Gilberto Freyre na Câmara dos Deputados, 17 de julho de 1950, em protesto contra a recusa de um hotel paulistano receber a artista Katherine Dunham vinda há pouco dos Estados Unidos. Gilberto diz literalmente: “No dia em que o Brasil para se mascarar de branco de neve como nas histórias da carochinha, para se fantasiar de nórdico, para se cair de ariano, renegasse suas origens mestiças ou a composição mestiça do grosso, do forte, do substancial de sua população e de sua cultura, o Brasil deixaria de ser nação Nação para amesquinhar-se em subnação”.³⁷

A partir daí é que Afonso Arinos de Melo Franco mais que regulamentará a Constituição de 1946, com sua específica Lei Afonso Arinos cominando penas contra a discriminação racial.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 *Estudos Afro-Brasileiros (Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934)*, dois tomos, prefácio de Roquette Pinto, ao primeiro e de Arthur Ramos ao segundo, Ariel Editora, 1935, e Civilização Brasileira Editora, 1937, ambas do Rio de Janeiro.

2 NABUCO, Joaquim, *Cartas a Amigos*, São Paulo: Instituto Progresso Editorial (IPÉ), 1949, 1º vol., p. 219.

3 Em carta a Nabuco, Rebouças escrevia: “Cumprе demonstrar que o *landlordismo* é crime maior do que a escravidão. Nós dizíamos nas conferências: a escravidão é um crime. Agora vamos pregar: o latifúndio é uma atrocidade”. E NABUCO – em *O Abolicionismo*, Londres: Typographia de Abraham Ingdon E Ca., 1883, depois, 1885, nos debates da Lei dos Sexagenários na Câmara dos

Deputados – define o abolicionismo como “uma reforma social” e “econômica” mediante “liberdade pessoal” e “trabalho livre” com “pequena propriedade”, “é assim uma reforma agrária” (*Discursos Parlamentares*, Perfis Parlamentares nº 28, Câmara dos Deputados, Brasília, 1983, p. 367). Pela sua ausência, concluiu Rui Barbosa, “a carcaça do cativo morto ontem está em decomposição no meio de nós, a nos envenenar do ~~miasma~~ cadavérico almas, idéias, instituições” (artigo em *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1899, vol. XXVI, tomo IV das Obras Completas, Casa de Rui Barbosa, 1949, p. 217).

4 *Estudos Afro-Brasileiros*, ob. cit., 2º tomo, p. 184.

5 Idem, 1º tomo, p. 237.

6 “O que foi o 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife”, in *ibidem*, p. 349.

7 *A Velha Usina (Pernambuco na Federação Brasileira. 1889-1937)*, do inglês *Pernambuco in the Brazilian Federation. 1889-1937* pela Stanford University Press, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 115.

8 MELLO, José Antônio Gonsalves de, em “Gilberto Freyre: Recordações Pessoais”. In: MIRANDA, Maria do Carmo T. de. *À Memória de Gilberto Freyre*, Recife: Editora Massangana, 1988, pp. 70 e 71.

9 A ficha da Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco foi publicada em 9 de março de 1980 no suplemento especial dedicado pelo *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro comemorando o 80º aniversário de Gilberto Freyre.

10 *Cartas de Édison Carneiro a Arthur Ramos (De 4 de Janeiro de 1936 a 6 de Dezembro de 1938)*, coligidas e anotadas por Waldir Freitas Oliveira e Vivaldo da Costa Lima. São Paulo: Editora Corrupio, 1987, pp. 92, 93 e 136.

11 Planos de aulas no arquivo da Fundação Gilberto Freyre, Apipucos, Recife, Pernambuco.

12 Idem.

13 No original alemão *Das Antlitz Brasiliens (Natur und Kultur eines Sonnealandes. Sein Tier- und Pflanzenleben)*, R. Voigtlaenders Verlag in Leipzig, 1927. O seu livro foi dedicado aos abades dos mosteiros beneditinos de Olinda, Rio de Janeiro e São Paulo, que o acolheram durante suas pesquisas.

14 Planos de aulas na Fundação Gilberto Freyre.

15 *Certidão do Registro dos Estatutos do "Club de Sociologia" no 3º Ofício de Registro de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro*, Fundação Gilberto Freyre.

16 In *Tempos de Caçanema*; correspondência passiva de Gustavo Capanema coligida por Simon Schwartzmann, Helena Maria Bousquet Bonneny e Vanda Maria Ribeiro Costa; Rio de Janeiro: Paz e Terra, e Editora da Universidade de São Paulo, 1984, pp. 298 e 299.

17 *Indicações Políticas (Da Revolução à Constituição)*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 60.

18 Vide nota 22 do capítulo "Significados de *Casa-Grande & Senzala*."

19 Vide do Padre Ferdinand Azevedo SJ, *Ensaio, Jornalismo e Lutas Jesuíticas em Pernambuco (1866-1874)*, 2. ed., Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches (FASA), 1983, pp. 11, 113, 124, 127, 131, 136 e 137.

20 Vide de Azevedo SJ tb. *A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste (1911-1936)*, Recife: FASA, 1986, pp. 3, 30 e 116.

21 Há uma biografia do Padre Fernandes por seu irmão, frade franciscano: *An Indian Apostle in Brazil*, by the Very Reverend Father Damian Fernandes M. S. F. S. with a foreword by the Rt. Reverend Dr. L. Raymond D. D. D. printed at the Saint Francis de Salles Press, publicado na Índia, Nagpur, 1952. Há deste livro uma tradução de autoria do Padre A. M. Simas SJ.

22 *O Estado e a Realidade Contemporânea*, Oficinas Gráficas do Diário da Manhã, sem ref. a data, porém apresentado como tese ao concurso de 1933 conforme prefácio, pp. 33-35.

23 *Unter den Lindern (Impressões de Viagem na Alemanha)*, São Paulo: Oficinas Gráficas da Revista dos Tribunais, 1956, pp. 100-102. O autor chegou a catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e membro honorário da Academia Nacional de Medicina que por três vezes o laureou.

24 *Teu filho não voltará mais! (Impressões de uma Viagem à Europa)*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1941, pp. 125 e 127.

25 Carta-offício de 26 de agosto de 1940 e offício nº 268 da 1ª Divisão do Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército ao

Ministro da Guerra em 28 de agosto de 1941, Centro de Documentação do Exército, Brasília.

26 “Meus Caros Jovens da Década 40”, *Diário de Pernambuco*, 15 de abril de 1984.

27 Carta de 31 de agosto de 1941, in *Tempos de Capanema*, ob. cit., pp. 316 e 317.

28 “Meus Caros Jovens da Década 40”, ob. cit.

29 Vide MENEZES, Diogo de Mello. *Gilberto Freyre (Notas Biográficas com Ilustrações, inclusive Desenhos e Caricaturas)*, prefácio de Monteiro Lobato, Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944, pp. 194 e 118.

30 É a versão de Etelvino Lins em *Um Depoimento Político (Episódios e Observações)*, Rio de Janeiro: Livr. J. Olympio Edit., 1977, p. 28.

31 O artigo está reproduzido no livro de Gilberto Freyre, *Pessoas, Coisas & Animais (Ensaio, Conferências e Artigos reunidos e apresentados por Edson Nery da Fonseca)*. 2. ed., Porto Alegre; Rio de Janeiro: Editora Globo, 1ª série, 1981, pp. 30-33. O artigo começava versando sobre livro de Celso Mariz intitulado *Ibiapina (Um Apóstolo do Nordeste)*, A União Editora, João, Pessoa, 1942.

32 “Discurso na Associação Atlética”, *Na Bahia em 1943*, Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1944, pp. 68 e 69.

33 “Odilon Nestor, Regionalista e Humanista”, *Perfil de Euclides e Outros Perfis*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944, pp. 230 e 229. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 41)

34 Vide “A Questão Maritain” no meu livro *O Humanismo Brasileiro*, São Paulo, Summus, 1980, pp. 257-272.

35 “Gilberto Freyre e a Geração de 45”, *Ciência & Trópico*, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, v. 15, n. 2, p. 151-154, julho-dezembro, 1987.

36 Discursos e pronunciamentos, de início publicados em *Quase Política*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1950, mais outros por mim coligidos e comentados no Perfil Parlamentar nº 39 da Câmara dos Deputados, Brasília, 1992.

37 “Contra o Preconceito de Raça no Brasil” in idem, p. 191.

A Nova Escola do Recife

Da Escola do Recife de Tobias Barreto e Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, um dos seus maiores e melhores discípulos, disse muito bem que “não foi uma escola fechada”, “tinha largueza e tolerância”. Ela “não se formaria, se um pensamento superior os não reunisse”.¹

Aos que negam a existência da Escola *do Recife* – muito provavelmente porque não veio de outro grande centro hegemônico político-econômico, haja vista a insistência dos conterrâneos dos árcades *mineiros* e da *paulista* Semana de Arte Moderna – a resposta foi dada pelo pernambucano Barbosa Lima Sobrinho, longo tempo decano da imprensa carioca, acadêmico federal e grande defensor dos direitos civis e humanos na presidência da Associação Brasileira de Imprensa: “A ‘Escola do Recife’ tem sido alvo de exaltação e de crítica, de louvores e de restrições. Há quem lhe negue qualquer significação como movimento literário ou filosófico, no conjunto da cultura brasileira...”²

Mas, demonstra-o muito bem Barbosa Lima Sobrinho, “pouco importa o número ou a importância dos caudatários, quando o poder agressivo das afirmações levanta multidões de desafetos e opositores e semeia controvérsias apaixonadas”. “Até mesmo as contestações não podem deixar de incluir-se no poder criador das escolas, em que tudo, teses e antíteses, vai desaguar afinal nas sínteses resultantes”. “Tudo se prende à centelha inicial, para a exaltação e a glória dos pioneiros”.³

Quanto à exigência de homogeneidade nas “escolas”, isso nunca existiu: a “Escola Clássica”, ou a “Romântica”, mais conhecidas, passaram por muitas fases, tão contraditórias entre si que chegam a se tornar irreconhecíveis. Com muito mais coerência houve, por exemplo, a Escola Baiana de Antropologia – de Nina Rodrigues e Manoel Querino a Édison Carneiro, Arthur Ramos,

Estácio de Lima, até Waldir Freitas Oliveira, Vivaldo Costa Lima e Thales de Azevedo o seu mais longo e fecundo representante. O mesmo se diga da Escola também baiana de Educação vindo de João Barbosa, autor de relatórios sobre instrução pública na Bahia em 1858 e 1861 e pai de Rui Barbosa, ao Barão de Macaúbas (Abílio César Borges nobilitado como educador, apesar dos sarcasmos de Raul Pompéia em *O Ateneu*), Isafas Alves, Anísio Teixeira e Edivaldo M. Boaventura, entre outros.

Grandes e antigos centros nordestinos de cultura, por onde começou o próprio Brasil – daí Salvador com sua Faculdade de Medicina, a primeira, Olinda outro tanto com a Faculdade de Direito, gêmea da de São Paulo, transferida ao Recife – e Fortaleza na Filosofia com Rocha Lima, declarado por Alceu Amoroso Lima um Álvares de Azevedo filósofo, pela prematura morte cortando um itinerário fulgurante, premonição do brilho de Araripe Júnior, Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua oriundos do mesmo clima intelectual da “Padaria Espiritual”. Beviláqua, elo de Fortaleza com o Recife, tanto quanto Thales de Azevedo entre a tradição de Nina Rodrigues na Bahia e a de Gilberto Freyre em Pernambuco.

Lembra Gilberto que “Roquette Pinto foi a primeira grande voz brasileira a proclamar, a ‘Nova Escola do Recife’ representada, entre outras manifestações de caráter cultural pelo chamado regionalismo tradicionalista e, a seu modo, modernista”.⁴ Designação dada durante o Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, o do Recife, 1934, anais publicados no ano seguinte, que poderia se aplicar já à Semana Regionalista de 1926, contrapartida nordestina à paulista de Arte Moderna de 1922.

Em linha idêntica à de Beviláqua, a respeito da Primeira Escola do Recife iniciada por Tobias Barreto e Sílvio Romero, da Segunda, a de Gilberto Freyre, disse muito bem Luís Jardim, escritor e artista plástico, no seu prefácio à primeira edição dos *Artigos de Jornal* de Freyre: “Sua ‘Escola’, se ele (Gilberto), sem querer, criou uma, consiste num processo e num gosto novo de análise e interpretação da vida brasileira, mais do que um esforço de síntese e menos ainda de doutrina ou sistema. Nada de rígido nem de filosoficamente formal nesse método que, sendo objetivo e científico quanto possível ... é também plástico e artístico, introspectivo

na maneira de procurar interpretar o sentido de certos fatos e tendências que escapam à análise científica".⁵

De Gilberto Freyre provieram inspirações inglesas para o criticismo literário de Olívio Monetenegro, hispânicas ao de Eduardo Portella, outro tanto para a poesia de João Cabral de Mello Neto, além do imagismo regionalista no Manuel Bandeira da "Evocação do Recife" e do Jorge de Lima de "Essa Negra Fulô", e em Mauro Mota, inspirações telúricas recriadas por Ariano Suassuna em armoriais. Muito adiante do regionalismo no sentido de José Lins do Rego, descobrindo Thomas Hardy e Thomas Mann pelas mãos também gilbertianas. Regionalismo imagístico ao qual Vicente do Rego Monteiro acrescentará as formas arredondadas de Fernand Léger, Cícero Dias o onírico de Marc Chagall e Francisco Brennand as cores dos trópicos às de Ingres. Nas novas gerações de poetas: Félix de Athayde, Audálio Alves, César Leal, Paulo Gustavo e Marcus Accioly. Na confluência do regionalismo gilbertiano com o movimento armorial de Ariano Suassuna: Ângelo Monteiro e Janice Japiassu.¹

Hispanismo de Gilberto Freyre confessadamente afim do de Ortega y Gasset, embora não idêntico porque mais vitalista que racionalista, vindo a Eduardo Portella, Gilberto de Mello Kujawski, Nelson Saldanha e a mim próprio em determinada fase das nossas juventudes, superadas por maturidades diversas. Culturalismo filosófico gilbertiano de início antropológico cultural anglo-americano cruzando, porém, com o neokantista no ponto idiográfico, antinomotético, no qual Windelband insistia secundado por Rickert, daí em diante mais importante para mim. E a fenomenologia gilbertiana, mais próxima da dos sentimentos de Max Scheler, estimula Maria do Carmo Tavares de Miranda encaminhar-se para as de Husserl e Heidegger.

Na Historiografia, esta visão social-cultural, antecipadora paralelamente com a dos *Annales* de Lucien Febvre e Fernand Braudel, inspirará de José Antônio Gonsalves de Mello Neto a Célia Freire, Cecília Maria Westphalen, Altiva Pilatti Balhana, Maria Thetis Nunes. Na geração seguinte, Evaldo Cabral de Mello, Frederico Pernambucano e Luiz Antônio Barreto. Nas anteriores, Nilo Pereira, Amaro Quintas, Armando Souto Maior, Samuel Benchimol e Sanderson Negreiros. Sem esquecimento da Antropologia tam-

bém Social-Cultural de Waldemar Valente e René Ribeiro, médicos, pertencentes à paralela Escola Pernambucana de Psiquiatria de Ulysses Pernambucano de Mello, um dos pioneiros introdutores de Freud no Brasil, por isso e por outras inovações tão perseguido.

Diversificadoras influências gilbertianas atingindo economistas como Roberto Cavalcanti de Albuquerque e Clóvis Cavalcanti, geógrafos como Gilberto Osório de Andrade, Rachel Caldas Linç e Manuel Correia de Andrade, por isso de formação tão humanista, interdisciplinar, historicizante, cada qual a seu modo. Outro tanto a sociólogos com a sensibilidade literária de Renato Carneiro Campos, Roberto Motta e Sebastião Vila Nova.

A Medicina Tropical não podia ser esquecida por Gilberto Freyre, ele dedicou grande atenção ao Instituto de Medicina Tropical dirigido na Universidade Federal de Pernambuco por Ruy João Marques de tradicional família pernambucana de médicos, os Marqueses, secundado por Geraldo Pereira, além dos psiquiatras sociais da Escola de Ulysses Pernambucano, José Lucena e René Ribeiro à frente, Orlando Parahym, Waldemir Miranda, Leduar de Assis Rocha e Gilberto Osório de Andrade na História da Medicina.

No jornalismo só podia ser muito forte a influência gilbertiana, desde os seus companheiros de geração, um pouco mais velhos, um pouco mais jovens – Aníbal Fernandes, Luiz Jardim, Aderbal Jurema, Nilo Pereira – até os das gerações seguintes: Altamiro Cunha, este sim, um sucessor da crônica mundana, nem por isso menos social de João do Rio, ao retratar as classes dominantes, prosseguidos recifensemente por José de Souza Alencar e João Alberto. Jornalismo, um gênero literário como Alceu Amoroso Lima gostava de insistir, tão bem praticado pelos irmãos Moura (Abdias, Adonias, Isnar), inclusive como historiadores por Arnaldo Jambo, Fernando da Cruz Gouvêa, Napoleão Barroso Braga, literariamente por José Adalberto Ribeiro, Waldemir Maia Leite, Gladstone Bello, Antônio Camelo, Marco Aurélio de Alcântara, Zenaide Barbosa, Lúcio Costa, Ivanildo Sampaio,IVALDO Sampaio, Marco Polo, Maurítônio Meira; os irmãos Ernani, Edson, Edmir Régis; Fernando Monteiro, Paulo Fernando Craveiro, José Gonçalves de Oliveira, Roberto Pereira, Potiguar Matos e Leda Rivas. Chegando ao romance de Ariano Suassuna – ficcionista de *A Pedra do Reino* e *História d'o Rei Degolado*, não só teatrólogo de *O Auto da*

Compadecida —, Osman Lins, Gilvan Lemos, Gastão de Holanda, José Condé, Permínio Asfora, Maximiano Campos, Aguinaldo Silva, Amilcar Dória Matos, Raimundo Carrero, gênero de ficção afim do conto de Edilberto Coutinho, Cyl Gallindo e Olfmpio Bonald Neto; José Carlos Cavalcanti Borges levando *Casa-Grande & Senzala* ao teatro, Hermilo Borba Filho outro tanto *Sobrados e Mucambos*. Odilon Ribeiro Coutinho, Edson Nery da Fonseca, Zito Souza Leão, Nilzardo Carneiro Leão, Paulo Maciel e Paulo Rangel Moreira, dos mais amigos.

Pelos estados vizinhos de Pernambuco, Glauce Burity estuda na Paraíba o papel da mulher na sociedade patriarcal, Neroaldo Pontes de Azevedo o regionalismo nordestino e Tarcísio Burity sua auto-consciência de brasilidade; em Alagoas surge o grupo de Théo Brandão, Manuel Diégues Júnior, Graciliano Ramos, Raul Lima, Arnon de Mello, Aurélio Buarque de Holanda, enquanto José Lins do Rego e Raquel de Queiroz lá residem por uma temporada, em estreito contato com o jornal *A Província* então dirigido por Gilberto Freyre⁶; no Rio Grande do Norte, Verfssimo de Melo faz o elo com Câmara Cascudo, ali fecundando intelectualmente outras novas gerações. Reunidas bibliograficamente pelos levantamentos de Edson Nery da Fonseca, bibliólogo equivalente na Nova Escola do Recife a Rubens Borba de Moraes no modernismo paulista.

A lista é longa, perigosas as omissões ... Eu próprio a apresentei no meu livro *A Luz do Norte (O Nordeste na História das Idéias)*, 1989. Outras investigações se sucederão. A Nova Escola do Recife veio para ficar, ainda mais após a criação do Instituto depois Fundação Joaquim Nabuco, e da Fundação Gilberto Freyre, daí em diante com vidas autônomas, como autônomas se tornaram as leituras de *Casa-Grande & Senzala* e outras obras teóricas gilbertianas, *Habent sua fata libelli*, os livros têm o seu destino... As instituições também.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1) *História da Faculdade de Direito do Recife (1827-1927)*, Rio de Janeiro - São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1927, II vol., pp. 127 e 128.

2 Prefácio a *Da Escola do Recife ao Código Civil* de Vami-reh Chacon; Rio de Janeiro: Organizações Simões, editora; 1969; p. 11.

3 Idem, p. 11.

Nelson Saldanha usa contra a existência de uma Nova Escola do Recife os mesmos argumentos de outros contra a Primeira: “inúmeras sugestões fecundas” e, “em menor escala um grupo mais identificado com seu trabalho, justamente (...) pelos que formaram com ele” – Gilberto Freyre – “o Instituto (depois Fundação) Joaquim Nabuco”. Quanto às preferências gilbertianas não incluem Tobias Barreto, elas incluem Sílvio Romero. E a “chefatura intelectual” de Gilberto Freyre, o termo foi aplicado antes a Croce e Ortega, ela termina implicando em chefia de escola (recensão de Nelson Saldanha a *A Luz do Norte* in *Revista Brasileira de Filosofia*, Instituto Brasileiro de Filosofia, São Paulo, vol. XXXIX, fasc. 159, julho-agosto-setembro, 1990, pp. 294 e 295).

4 Prefácio a Nilo Pereira, *A Faculdade de Direito do Recife (1827-1977)*, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1977, 1º vol., p. 28.

5 *Artigos de Jornal*, Edições Mozart, s. d., ampliado, com outros artigos de juventude, nos *Retalhos de Jornais Velhos*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

6 “Théo Brandão, por ele mesmo”, gravado em 10 de outubro de 1979, publicado em *Théo Brandão (Mestre do Folclore Brasileiro)*, organizado por José Maria Tenório Rocha, Editora da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1988, pp. 28 e 27.

Vide tb. Tarcísio Burity, “Gilberto Freyre e a Auto-Consciência do Brasil”, *Tempo e Pensamento (Discursos Escolhidos)*, CODAR, João Pessoa, 1989, passim. De Glauce Maria Navarro Burity vide *A Mulher na Obra de Gilberto Freyre*, João Pessoa: Fundação Espaço Cultural da Paraíba, 1988.

Entardecer em Apipucos

O fim de vida de Gilberto Freyre é um momento de reencontros com grandes fidelidades.

Após a fase de *Quase Poesia* e semi-novelas – *Dona Sinhá e seu Filho Padre* e *O Outro Amor do Doutor Paulo* – como antes fizera *Quase Política*, Gilberto retoma antiga temática de Spencer, mesmo sem citar o nome, em *Homens, Engenharias e Rumos Sociais*, engenharia física, social e humana. Projetadas na sua visão de pós-modernidade em *Além do apenas Moderno* com suas *Insurgências e Ressurgências Atuais* (*Cruzamentos de Sins e Não em um Mundo em Transição*). Muitas vezes entrevedo, em meio aos maneirismos barrocos, de conteúdo romântico, tão do seu agrado.

Dos altos de Apipucos o sol declinava na verde várzea do Capibaribe, deixando para trás a casa-grande campestre transformada em sobrado urbano, outro sinal das mudanças do Brasil. Época de senectude, embora lúcida, de grandes silêncios mais significativos que palavras. Gilberto Freyre só íntimo para os antigos companheiros, os mais moços já maduros, outros passando a vê-lo como o monstro sagrado que ele nunca quis ser, sempre repelindo os convencionalismos e argumentos de autoridade em nome de “mestre”, “professor”, “doutor”.

Vinham as últimas honras, também os derradeiros ataques, no centro dos debates de mais uma grande agitação intelectual que ele sabia ter trazido ao Brasil. Tanto quanto Joaquim Nabuco se declarara agitador social, Gilberto Freyre podia dizer-se agitador de idéias. Ambos sacudindo a modorra nacional brasileira, enfrentando preconceitos, contra os comodismos dos lugares comuns e frases feitas. Assim são naturalmente inevitáveis os exageros das reações. Gilberto contava com elas e com elas nunca se importou além da irritação do momento. Ele gostava de distinguir, com Chesterton, outra das suas admirações anglo-católicas de juventude, o orgulho, pecado mortal, e a vaidade, pecado venial...

Últimas honras, antecipadas pelo doutoramento *honoris causa* na Universidade de Columbia, 1954, para o fiel filho da *Alma Mater*. Depois Coimbra, 1962; Paris, 1965, mesmo ano de Sussex; Münster, 1968, este assisti pessoalmente em companhia de Celso Furtado, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, ao término de um simpósio de latino-americanistas; Lisboa, 1985. Permeados pela “Order of the British Empire”, recebida das mãos da Rainha Elizabeth II, que dá o direito, quando se trata de súdito britânico, de ostentar o título de “Sir”, pequena vaidade entre os muitos motivos gilbertianos às vezes até meio ingênuos... E pelos Prêmios La Madoninna da Itália e Aspen do Colorado juntamente com o compositor Benjamin Britten, a dançarina Martha Graham e o urbanista Constantino Doxiadis. Na Alemanha Universitária o empenho de Helmut Schelsky, Hanns-Albert Steger e Achim Schrader em divulgar sua obra.

Os maiores ataques vindo quando se supunha estar Gilberto Freyre ingressando na espécie de limbo de meio esquecimento comum entre artistas e cientistas, logo após a morte. Mas não, eis que querem transformá-la em purgatório...

O tiroteio tem procedência política.

Ainda Gilberto vivo, declinando no horizonte, Assis Claudino sai do seu sofrido canto de reprimido pelo regime militar de 1964, para publicar livro chamado *O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista*, título até um tanto gilbertiano, 1985. Ali articula os argumentos dos setores revolucionários ditos de esquerda, o próprio Gilberto Freyre distinguia-os dos diletantes “esquerdosos” ou “esquerdóides”. Dom Helder Câmara sim, teria sido o herói maior de Pernambuco nesta resistência democrática, da qual Gilberto não participara como na anterior, contra o Estado Novo. Muito pelo contrário, desta vez Gilberto fora um colaboracionista, a ponto de contaminar seu trabalho intelectual, enfim visível aos marxistas-leninistas que não o percebiam, nos tempos quando Astrojildo Pereira, primeiro secretário-geral do Partido Comunista, elogiava *Casa-Grande & Senzala*...¹

Ardor neo-stalinista tropical, finalmente em crise, senão desmoronando após a queda do Muro de Berlim, por magnífica coincidência no bicentenário da Revolução Francesa, 1989, tida e havida por “burguesa” a ser sucedida por “proletária”, não mais

vista por Gilberto Freyre, falecido dois anos antes, mas que já dizia sentir o barulho do rachamento no ar...

Interessante como os tempos mudam.

Acontece que, em meio à desmemória nacional contra uns e em favor de outros, ainda há quem pesquise o passado, de lá trazendo documentos. São os casos de João Alfredo de Sousa Montenegro e Josênio C. Parente, ambos da Universidade Federal do Ceará.

É que foi em Fortaleza um dos lugares onde o integralismo mais vicejou no Brasil e com motivos. Ali tinha surgido a Legião Cearense do Trabalho, fundada pelos tenentistas Severino Sombra e Jeovah Mota, na época de grande força local da Liga Eleitoral Católica, a LEC², que tardaria a sumir do mapa político, o que só veio a ocorrer quando da candidatura Café Filho à vice-presidente, por ela condenada, mas com ela obrigada a conviver pela vitória do anatemizado, em seguida até presidente da república.

Muito antes disso acontecer – também anteriormente à ilegalização da Ação Integralista pelo Estado Novo varguista, contra o que protestaria em vão, atacando em 1938 o Palácio das Laranjeiras sem conseguir matar Getúlio – muito antes disso e da domesticação do integralismo em pacato Partido de Representação Popular após a redemocratização de 1945, porque no Brasil vez por outra há uma, muito antes os integralistas marchavam de camisas verdes, calças compridas ou saias pretas, sigma no braço direito estendido no anauê, tudo típico do espetáculo nazifascista. Em doutrina, o corporativismo *mais* segundo o figurino totalitário de Mussolini, que autoritário de Salazar. Embora o integralismo não fosse racista, disso recebendo o reconhecimento de Gilberto Freyre em *Uma Cultura Ameaçada: a Luso-Brasileira*, no terrível ano de 1940, auge das vitórias do Eixo Alemanha-Itália. Anti-racismo integralista irritando os nazistas do Sul do Brasil e da própria Alemanha, que lhe responderam asperamente.³

No Ceará, o então Padre Helder/ Câmara levava adiante a tentativa de conciliar integralismo e catolicismo, empreendida por Alceu Amoroso Lima no capítulo sob esse título no seu livro de 1936 *Indicações Políticas*.⁴ O Padre Helder, sempre arguto, procurava afastar do integralismo a básica pecha de hegeliano, portanto contra a linha imprimida por Giovanni Gentile ao fascismo na sua

fonte italiana. Refutados por João Alfredo de Sousa Montenegro, ao mostrar como o integralismo pretende existir uma “marcha do processo histórico presidido pelo espírito (a razão), não obstante as pressões da matéria”. “O Estado forte que proclama está em permanente luta contra o determinismo, contra a imposição da matéria, acabando na síntese por vencê-la, mas incorporando a si a experiência dos erros”.⁵

Evolucionismo idealista, este e qualquer outro, radicalmente opostos à visão gilbertiana, culturalista funcionalista, baseada no nominalismo da sua formação anglo-americana. Impossível o acordo desde os pressupostos. Ademais, o líder católico, mesmo liberal conservador, Josafá Linhares, tinha conseguido provar no Ceará de 1933 o que Alceu Amoroso Lima só alcançaria no Rio de Janeiro ao saber da opção de Jacques Maritain pela democracia nos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. A saber: *maritainismo* neotomista e integralismo neo-hegeliano eram simplesmente incompatíveis. Demonstrando, com significativo exemplo, “o espírito anti-cristão do integralismo”, recorda o próprio Plínio Salgado, quando dizia que um operário “se não se converter pela razão ou pela força, ficará fora da comunidade”.⁶

Gilberto Freyre entendia sociologicamente porque tantos grandes intelectuais brasileiros jovens tinham aderido ao integralismo: de Gustavo Barroso, Miguel Reale e San Thiago Dantas a Guerreiro Ramos, Álvaro Vieira Pinto, Roland Corbisier, Álvaro Lins, Mauro Mota, Hélio Viana, Câmara Cascudo, Gerardo Mello Mourão, Paulo Cavalcanti e muitos outros, a alguns dos quais admirava também como pessoas. Só não conseguia compreender, nem aceitar, era que determinados deles, passando ao extremo oposto, transformavam-se em seus detratores por escrito, pior à socapa. É bem verdade que Dom Helder foi dos que nunca participaram de campanhas antigilbertianas, os seus desentendimentos não passando de enorme mal-entendido, superado pela grandeza evangélica de Dom Helder no máximo momento da morte de Gilberto, a quem visitou logo depois na casa-grande de Apipucos e dele disse justas palavras. Comportou-se como um sacerdote, um homem de Deus, que sempre soube ser em meio às turbulências e compromissos do século.

Ao tiroteio verbal de alguns ex-integralistas convertidos em

neo-socialistas e neocomunistas, somou-se o de marxistas de cátedra e liberais vários, aos quais Gilberto Freyre alcunhava de “liberalões”, e “liberalóides”, de um deles descrevendo sarcasticamente ter recebido telefonema libertário, ao qual replicara dizendo estar seu telefone censurado pela polícia política, concluindo por receber do ardoroso interlocutor, logo de fogo baixo, a resposta em voz quase sumida: “Ainda bem que é para o bem do Brasil...”

O mal-entendido entre Gilberto Freyre e Dom Helder Câmara estendeu-se a outro, paralelo, entre Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima, levando Gilberto a preferir Gustavo Corção⁷ na polémica deste com Alceu no Centro Dom Vital, ao considerar Corção muito mais cristão velho pré-conciliar, que um integrista aliás nunca antes integralista, em luta contra arrivismos de cristãos novos. Mas a maior parte da crítica a Gilberto Freyre é de origem académica, universitária, logo a quem, a ele, que sempre se mostrou avesso a fixar-se como professor numa universidade só, preferindo ir de uma para outra, cigano de beca que era e fazia questão de proclamar-se.

Mostra Carlos Guilherme Mota com razão, que “o gosto pelo popular (...) compõe um traço peculiar à visão aristocrática do mundo”. É verdade, já Alfred Weber a entendera.⁸ O endossamento da posição de “revolucionário conservador” por Gilberto Freyre⁹ significa, em última instância, a conclusão política daquela premissa, que o aristocrata é um democrata a partir dos seus próprios gostos populares, antiburgueses. O estético insere-se no ideológico e vice-versa.

A repulsa gilbertiana ao universitarismo faz parte disso. Para ele, no fundo a universidade perdeu o sentido universal, transformou-se em corporativa. Seus intelectuais revolucionários não passam de pequenos burgueses tentando se compensar radicalmente. É um tanto a idéia orteguiana de universidade e rebelião vertical dos bárbaros.

O que se poderia e deveria discutir, no âmago dessa questão, consiste em verificar se a visão aristocrática do mundo se apresenta, ou não, mais abrangente que a burguesa, e em quais circunstâncias cambiantes. E se as massas não tendem a formar novas aristocracias, intelectuais e políticas, gerando novas antagônicas burguesias burocráticas, recomençando ciclicamente, no final das contas

mais uma teoria de circulação das elites. E se, ao fim e ao cabo, tende a existir uma marcha rumo à tal sociedade sem classes...

Quanto ao “quase” gilbertiano, ele vem da sua raiz nominalista, relativismo mais que funcionalismo. Também a contradição ali se situa, nunca se sabendo até que ponto a dialética afirmação anterior é que termina vencendo, pelo menos em relação àquela específica tentativa negadora. Gilberto Freyre já se recusava ao evolucionismo linear: escravismo/feudalismo/capitalismo/socialismo/comunismo, desde antes de ruir o Muro de Berlim e aqueles países da Europa do Leste “regredirem” (?...) ao capitalismo, ou com ele fazerem uma síntese declarada também impossível até à véspera. É das premissas da historiografia marxista-leninista de Caio Prado Júnior que se pretende deduzir a inserção do Brasil na tal linearidade: chegará nossa vez de sermos a exceção que vai obedecer àquele “determinismo”?...

Da conclusão de Carlos Guilherme Mota – “O resultado global, de um ponto de vista político, traz um conteúdo aparentemente neutro, a verdade poliédrica em perspectiva universal-a-partir-do-regional”¹⁰ – Gilberto Freyre só discordaria do “neutro”: com o Hans Freyer da Sociologia engajada, por ele tão louvado em *Sociologia (Introdução ao Estudo dos seus Princípios)*, Gilberto sempre negou a neutralidade axiológica de Max Weber. E para Gilberto a própria distinção de Durkheim, entre juízos de realidade e juízos de valor, é importante, porém menos que a necessidade do engajamento, plena introjeção. Percebendo as conseqüências metafísicas deste procedimento, Gilberto Freyre só podia sublimá-las conscientemente na Arte. Itinerário discutível, como tudo na vida. Gilberto Freyre sempre negou verdades eternas nas Ciências Sociais, quem quiser que tente refutá-lo definitivamente e a próxima rodada da História terá sempre algo **mais** a dizer...

O que se tem mais profundamente a discutir em Gilberto Freyre, além da sua base metodológica e implicações políticas, é o seu itinerário da Antropologia Cultural à Antropologia Filosófica, condicionada teluricamente-tropicalmente, sublimada por raízes dionisíacas também **místicas**.

Gilberto Freyre gostava de controverter e ser controvertido, não pelo gosto da polêmica pela polêmica, e sim pela ardorosa *disputatio* dialética medieval, aprendida no seu querido debate dos

particulares contra os universais, mais do que na mansa maiêutica socrática. Daí que seu legado de cerne mais compacto embora em formas mais plásticas, tende a permanecer num dos centros de debate da cultura brasileira. Outros despertarão aceitação ou repulsa, diante de Gilberto Freyre as duas reações costumam misturar-se, até confundir-se.

Luiz Costa Lima, egresso do círculo gilbertiano de que fez a catarse, procura enfrentar a questão do mito, tão importante na obra gilbertiana.

Para Fernando Henrique Cardoso, "Gilberto Freyre estruturou e revelou alguns mitos básicos do Brasil". "E não só com *Casa-Grande & Senzala*: todo o seu tropicalismo faz parte da estrutura do mito (...), tudo isto compõe a visão mítica – e necessária – de um Brasil que em parte é assim, que gostaria de ser assim": "são os quitutes, é o sexo obsessivo, é o popularesco, é o povo próximo de nós. Mas também neste caso é mito".¹¹ Já para Luiz Costa Lima, "conquanto forjadora de um mito, a interpretação gilbertiana continua válida, pelo menos enquanto continuarmos uma sociedade conservadora. Pois, e esta seria a correção que nos pareceria básica, a plasticidade presente em nossa formação não corrige a assimetria do poder..."¹²

Mas ora, meu Deus, qual sociedade não se mantém no precário equilíbrio, vez por outra tendendo à anomia, entre controle social e mudança social? Até que ponto pode existir o novo? Ou será que também na História e na cultura tudo apenas se transforma, tanto quanto a matéria?... O "novo soviético" acabou deixando irromper costumes até turbulentos de lutas étnicas, declaradas extintas por dogmáticos decretos ideológicos há décadas...

Melhor faz Luiz Costa Lima quando insere a obra gilbertiana na vertente historicista anti-iluminista alemã, lembre-se quanto Gilberto Freyre louvava Yeats e Herder, nas suas próprias palavras: "de Yeats recebi a sugestão de que a Arte... era de sagas e até de superstições de gente do povo que precisava nutrir-se; de infância; de memória; de tradição; de tempo indiferenciado em seus aspectos de passado, presente, futuro. Quase a mesma sugestão de Herder aos jovens alemães que receberam sua influência de criador de criadores – um dos quais o próprio Goethe".¹³ Friedrich Meinecke, no seu clássico *O Historicismo e sua Gênese*, mostrou

muito bem como o vitalismo goetheano se contrapunha ao iluminista racionalismo kantiano; ao contrário da tentativa de síntese por Schiller procurando uma transposição ético-estética do imperativo categórico.

Gilberto Freyre afasta-se; esta sim uma ótima descoberta de Luiz Costa Lima, da linha neo-iluminista brasileira de Tobias Barreto e Sílvio Romero, ambos abandonando o cientificismo, um em proveito final do neokantismo de que se fez precursor no Brasil do qual apenas se começava a tratar na própria Alemanha, o outro beijando o evolucionismo mais inglês que o do positivismo francês.

Nas palavras de Luiz Costa Lima, aqui com maior pertinência, "a obra de Gilberto Freyre nos levava a cortar com a messe estreita do que entre nós se originara do racionalismo iluminista e nos lançava no seio da problemática que se mantivera ignorada: a do historicismo alemão".¹⁴

Este historicismo, quando procura reconciliar Hegel e Marx, infiltrando inconfessadamente romantismo no racionalismo — mas tenta explicar, com cientificismos do século XIX, o que lhe parecia o final-apocalipse da luta de classes, com a messiânica vitória do proletariado tido como operariado industrial enquanto última classe oprimida e em revolta — este historicismo determinista, linear em meio ao ziguezague dialético, este historicismo não é aceito por Gilberto Freyre, que preferiu sua vertente culturalista declaradamente romântica. Gilberto o diz claramente em *Região e Tradição*: "a verdade é que um bocado romântico o autor sempre foi; e continua a sê-lo". "Cada nação, cada geração, cada indivíduo", "não se cria de modo absoluto"; tem "como que de recriar sua própria cultura", numa "espécie de romantização dos valores clássicos".¹⁵ O nominalismo inglês deu-lhe mais base filosófica, outro tanto em Ciências Sociais o funcionalismo de Franz Boas e Bronislaw Malinowski; não esqueçamos a preferência gilbertiana por Malinowski, não pelos estruturalismos de Frazer e Lévi-Strauss; apesar do romantismo daquele e das considerações lingüísticas deste.

Por trás das formas maneiristas barrocas do estilo de Gilberto Freyre, há muito mais implicações que conseqüências políticas imediatas, as quais também revelam muito da sua visão do mundo e do Brasil: a lenta mudança dos séculos, sem os rápidos e quase

sempre desastrados saltos para a frente dos intelectuais revolucionários, anti-reformistas porque antigradualistas, típicos do século XVIII ao XX, inimigos das cabeças coroadas e dos empresários, a quem querem substituir nos tronos estatais e à frente da economia. Com os resultados deste fim de século, fim de modernidade, fim de época, ao qual Gilberto Freyre fazia concessões em *Homens, Engenharias e Rumos Sociais*, derradeiros ecos do seu spencerismo juvenil, mas para tentar superá-los em *Além do apenas Moderno e Insurgências e Ressurgências Atuais...*

Esta grande complexidade gilbertiana, natural e culturalmente contraditória, contradições assumidas gostosamente, esta complexidade só pode confundir, senão irritar, os acostumados a tentar sincretismos cientificistas salvíficos em hipóstases à sua eventual objetividade metodológica. É o caso da crítica antigilbertiana vindo do paulistano, mais que paulista, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), embora pontos de vista pessoais em meio a um grupo diversificado.

O CEBRAP significa inegável grande passo à frente do ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros do Rio de Janeiro de fins da década de 1950 a começos de 1960.

O industrialismo paulista, a vizinhança da Universidade de São Paulo, da Universidade de Campinas e de outras, o maior mercado produtor e consumidor de livros e idéias, tudo isto contribui para maior longevidade e melhor produtividade do CEBRAP. O que não impede — ninguém é perfeito, nem o CEBRAP, nem Gilberto Freyre... — de também entre eles surgirem mal-entendidos, até recíprocas injustiças. Implícitos quando Gilberto atacava certo tipo de intelectuais e explícitos em determinadas réplicas frontais de alguns cebrapianos. O mais audível deles, Luiz Antônio de Castro Santos, num interessante, senão sintomático itinerário.

Sua crítica principia pelo *paper Visão do Passado Senhorial Brasileiro: a Sociologia e a História Social de Gilberto Freyre*, apresentado em 1978 ao Departamento de Sociologia da Universidade de Harvard. Nele Castro Santos opera já com ácido sulfúrico, porém dentro das normas anglo-americanas, com uma certa *fairness...*

Parte do pressuposto da coexistência de um Gilberto Freyre analista do Brasil senhorial e escravocrata, ao lado de outro Gil-

berto Freyre sobrepondo “uma visão mítica à realidade histórica”, num estilo “que denota a alternância constante entre o uso da precisão ou rigor científico e o recurso à livre fantasia”. Ao ver de Castro Santos, com “a resultante final” de “uma caricatura das relações sociais do Brasil antigo”.¹⁶ Ele radicaliza a crítica mais objetiva de Carlos Guilherme Mota, para quem essa posição “serve apenas para indefinir, mais do que para definir suas reais coordenadas”, “a busca real do sentido da colonização e da história das relações de dominação no Brasil – que, pela mesma época, e com um certo controle de variáveis teóricas *definidas* vinha sendo realizada por Caio Prado Júnior”.¹⁷

Engraçado, nas matrizes a benignidade para com Gilberto Freyre apresenta-se bem maior.

Na Hungria, em 1985, um dos *sinais* do início de rachadura no pretense monolitismo do sistema foi a tradução de vários autores ditos ocidentais, isto é, não-comunistas, com rasgados elogios do tipo feito pela Academia Húngara de Ciências, superlativos extremados, no prefácio à tradução magiar de *Casa-Grande & Senzala*: “a obra-prima monumental de Gilberto Freyre representa um trabalho máximo das Ciências Sociais e *Humanas* no século XX. O autor nela descreve a sociedade patriarcal brasileira através da correlação dos habitantes da casa-grande dos senhores e da senzala dos escravos. Não tem características de uma dissertação seca e abstrata: é cheia de descrições literárias sobre o espírito e a natureza humana. Fazendo lembrar as criações *mais* famosas da Literatura mundial, nesta obra Freyre atingiu tais conhecimentos sobre o homem e construiu tal sistema de interpretação humana, que podem ter vigência durante séculos, ao nível de Tolstoy, Dostoievsky, Joyce ou Proust”.¹⁸

No próprio Brasil o pensamento radical social teve, para com o “sentido profundamente dialético na sua teima (dele, Gilberto Freyre) considerar-se escritor”, a melhor compreensão, como se vê em Antônio Cândido, ao nele apontar “um caso raro de pensador e sociólogo aristocrático, abrindo não obstante horizontes de marcada radicalidade, apesar de implicações opostas que também já se percebiam e eram apontadas no tecido compósito do seu pensamento”.

O depoimento geracional de Antônio Cândido, mesmo cir-

cunscrito à época do irrompimento de *Casa-Grande & Senzala*, tem grande importância, por isso merece longa reprodução textual: “De fato, para a minha geração, ele (Gilberto) funcionou nos anos de 1930 e 1940 como um mestre de radicalidade. O que nos fascinava era a maneira extremamente liberta com que desmontou a concepção solene da História Social, falando com saboroso desafogo de sexo, relações de família, alimentação, roupas. Era o discernimento iluminado com que sugeria a importância dos traços menores, dos fatos humildes: o cumprimento, a receita de doce, a festa do padroeiro, o bigode, o anúncio de jornal, a anedota. Era sobretudo a franqueza com que mostrou a presença do negro no cerne da nossa vida, chamando a atenção de todos para a necessidade de estudá-lo, revolver a sua contribuição cultural e social, marcar o seu papel na formação do Brasil. O 1º Congresso Afro-Brasileiro foi planejado e orientado por ele em Recife no ano de 1934, logo depois de *Casa-Grande & Senzala* ter revolucionado a visão do brasileiro sobre a sua própria realidade”.¹⁹

Quanto às “extrapolações” e “arbitrios” gilbertianos, quem não as tem? A não ser que as duas tendências ainda hoje retardatariamente hegemônicas nas universidades terceiro-mundistas, o marxismo-leninismo de cátedra e a sociografia, não Sociologia anglo-americana, misturados de modo extravagante, se pretendam definitivas, irrevogáveis nas suas descobertas para as gerações seguintes, a deverem-lhes gratidão eterna e sem criticismo, o que fará rir nossos netos...

O marxista estadunidense Eugene D. Genovese chegou a conclusões com a *fairness* que faz falta aos tropicais adversários exaltados contra Gilberto Freyre: “o regime nordestino, que amadureceu no século XVII, encontrou quase todas as pré-condições necessárias a apoiar a tese de Freyre acerca do patriarcalismo”. “Caio Prado Júnior está menos certo de que o patriarcalismo brasileiro veio de Portugal e foge deliberadamente da questão, pois, insiste ele, ‘o que realmente determinou seu esplêndido florescimento no Brasil foi o fundo social do qual ele emergiu... Brotou do sistema econômico, do sistema de *plantation*’...” “Uma vez que a tese de Freyre, como reconhecem (C.R.) Boxer e (Caio) Prado, se fixa no modelo gerado na casa-grande, é ou pode se tornar bastante flexível para incluir a essência das críticas desses dois auto-

res”.²⁰ Também José Antônio Portuondo, durante certo tempo embaixador da Cuba de Fidel Castro, chegava a idênticas conclusões. Mas as periferias têm de ser mais realistas que os seus reis...

Melhor a conclusão de Antônio Cândido, esta sim, dialética e histórica: *Casa-Grande & Senzala, Nordeste e Sobrados e Mucambos*, “tudo por meio de uma escrita surpreendentemente nova, de uma beleza que não se tinha visto até então nem se veria depois nos estudos sociais, tomando pálidos os estilos à sua volta”. “Formando um maciço que seria contestado, mas que dificilmente poderá ser rejeitado...”²¹ Os epígonos – pensando em insustentável mistura, não síntese, de marxismo-leninismo de cátedra mais empiricismo anglo-americano, e escrevendo em chato, sensaborão sociologuês – têm de se perder pelo caminho.

Francisco Clementino San Thiago Dantas – o grande liberal social San Thiago, a quem os epígonos da política, que também os há, impediram de chegar ao poder – San Thiago costumava dividir os intelectuais entre herbívoros e carnívoros, aqueles apenas destinados a alimentos destes. A herança de Gilberto Freyre continuará devoradora... É que, mostrou-o muito bem José Guilherme Merquior, iconoclasta e renovador, um jequitibá nasceu no fundo de nosso quintal, e isso não se perdoa, nem se aceita facilmente ... “Na prosa gilbertiana, saber e sabor ~~jamais~~ se separariam”. “Gilberto destilou todos esses aportes numa prosa feiticeira. Seus ritmos breves, sua síntese sensual e elástica, multiplicaram descrições tão gráficas e evocativas quanto os melhores momentos da moderna arte narrativa”.²² Até mundial, como a reconheceram Roland Barthes e os húngaros da Academia de Ciências, entre tantos outros, inclusive e principalmente brasileiros, porque não se trata de buscar confirmações lá fora, que o digam Antônio Cândido, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e João Cabral de Mello Neto. Além de gente do ramo nas Ciências Sociais: Lucien Febvre, Fernand Braudel, muito acima dos epígonos brasileiros e dos epígonos estrangeiros ainda piores, porque periféricos nas suas próprias culturas de origem, alguns brasilianistas de segunda mão.

De Bandeira:

Que importa? É lá desgraça?

Essa história de raça,
raças más, raças boas,
– diz o Boas –

É coisa que passou
com o franciú Gobineau
pois o mal do mestiço
não está nisso.

Está em causas sociais
de higiene e que tais:
assim pensa, assim fala
Casa-Grande & Senzala.

Livro que a ciência alia
à profunda poesia
que o passado revoca
e nos toca.

De Drummond:

A casa-grande; a senzala
inda os remorsos mais vivos
– tudo ressurge e me fala
grande Gilberto em teu livro.

De João Cabral:

Ninguém escreveu em português
no brasileiro de sua língua:
esse à vontade que é o da rede,
dos alpendres, da alma mestiça,
medindo sua prosa de sesta,
ou prosa de quem espreguiça.

Ainda é João Cabral de Mello Neto quem o testemunha, Gilberto Freyre é “o mestre que obrigou diversas gerações de brasileiros a pensar e a criar. Foi uma figura admirável e não vejo seu par na história da cultura brasileira”.²³

Quem lê isso, e não nos conhece, a nós do círculo gilbertiano

– chegou o momento de falar explicitamente na primeira pessoa nesta biografia, já tão carregada de indiretos depoimentos pessoais, não só documentais – quem não nos conhece de perto, não pode compreender aquele relacionamento misto de insolência e carinho, como o definiu tão bem o poeta olindense, não só jornalista federal, Félix de Athayde.²⁴ Nunca tivemos nenhum tipo de temor reverencial por Gilberto, mestre entre companheiros quaisquer que fossem as idades, cada qual passando a seguir caminhos próprios.

Admirávamos bombons de elogios a Gilberto – de que ele gostava tanto quanto Darcy Ribeiro, como este mesmo reconhece, por essas e outras entendendo Gilberto – ao mesmo tempo que não escondíamos nossas discordâncias,²⁵ menores ou maiores. Quem é de fora do círculo, não entende facilmente o que eles têm *pour épater le bourgeois*, choques antiburgueses que Salvador Dali também sabia tão bem fazer.

Registra ainda Félix de Athayde que há jovens, isto é, os que vieram depois de nós, jovens envelhecidos “sem conseguir se libertar das peias do sectarismo”, que “torcem-lhe o nariz”, a ele, Gilberto Freyre.²⁶ Quando não têm mais o que alegar contra, insistem na suposta contradição entre o escritor e o analista social nele, enquanto aplaudem a combinação noutros mais de acordo com seus preconceitos. A eles já respondeu mais uma vez dionisiacamente Darcy Ribeiro, mostrando e demonstrando como o encanto gilbertiano se alia ao rigor: Gilberto “está sempre documentadíssimo naquilo que diz”.²⁷

Com o que concorda isentamente o historiador José Roberto do Amaral Lapa, da Universidade de Campinas, quando reconhece que também à sua geração *Casa-Grande & Senzala* “marcou profundamente pela utilização inovadora de fontes primárias até então insuspeitadas na sua importância para a compreensão e interpretação da formação social brasileira”.²⁸

É que por mais que esteja associada à Arte, a intuição gilbertiana não se transforma em impressionismo literário, nem em intuitivismo bergsoniano, por mais sofisticados que sejam. A intuição de Gilberto Freyre está muito mais perto da fenomenologia dos sentimentos de Max Scheler, perpassada de vitalismo, embora fenomenologia acrescida pelo culturalismo compreensível mais pelo engajamento de Hans Freyer que pela compreensão de Max Weber,

é por métodos antropológicos, históricos e sociológicos. Na busca do equilíbrio entre objetividade e subjetividade, Husserl advertia que nas Ciências Sociais o homem é objeto e sujeito de si mesmo.

Originalidade gilbertiana também de metodologia confundindo a periferia dos que “sempre estiveram em posição de aduladores dos brasilialistas” norte-americanos e europeus, Darcy Ribeiro denunciou-os muito bem, por mais que a disfarcem com radicalismos políticos. Enquanto “o que me entusiasma é ver um homem como Gilberto Freyre, que andou toda a vida por universidades européias e voltou com cabeça própria. Ele fez um livro tão importante que o mundo inteiro lê. Por que ninguém traduz os livros brasileiros? Porque não têm novidade nenhuma, são um eco do pensamento lá de fora”.²⁹ Descontada a paixão de Darcy Ribeiro, ele toca numa ferida: a do escasso interesse internacional pela cultura brasileira, cujo prestígio não corresponde ao relativo peso econômico mundial do País. Várias são as traduções de ficcionistas brasileiros, raras as dos ensaístas; Gilberto Freyre em diversas edições em muitas línguas.

Enquanto os tradutores ignoram os sectarismos periféricos, pró ou contra as matrizes, quem irrompe, latino-americanamente ao lado de Gilberto Freyre, em aproximada, não propriamente idêntica linha, é Octávio Paz. Seu *O Labirinto da Solidão* não esquece os dionisismos dos xingamentos, em castelhano “chingar”, e das tremendas e violentas farras nos cemitérios no Dia de Finados no México, o que não prejudica as sofisticções mais neo-européias do autor. Paz viveu o vanguardismo de Paris, após Gilberto Freyre lá e em Oxford e no Greenwich Village. Paz e sua revista *Vuelta* também enfrentam tiroteios ideológicos dos xenófobos contra o melhor e xenófilos do pior.

Como se tudo isso não bastasse, os disparos antigilbertianos resolveram pegar de raspão toda a nordestinidade, vista pelo lado do regionalismo mais recifense que só pernambucano, o da Semana de 1926, dele e dela participaram tantas províncias irmãs. Aos quais se tenta opor a modernidade da Semana paulista de 1922, em parte pelo abespinhamento dos epígonos picados pela reação de Gilberto Freyre àquele movimento, ao dizer, na época, que o Brasil não precisava de “gritaria”, “o Brasil precisava era de se olhar, de se apalpar, de ir às suas fontes de vida, às profundidades de sua

consciência”, conforme ele chamava a atenção de José Lins do Rego.³⁰

Mas não falta quem queira parar o Brasil em 1922, como se este ano se tornasse um marco zero para a cultura brasileira, inexistente antes, irrelevante depois, e como se não começasse a haver, em seguida, até um pós-modernismo brasileiro, senão pós-modernidade na nova união “entre culturalismo, universalismo e memorialismo”, assinalados por Alceu Amoroso Lima.³¹

Mesmo com suas hipérboles, Oswald de Andrade reconhecia generosamente a importância da repulsa gilbertiana ao estado-novismo: “Gilberto Freyre tornou-se assim o líder da Resistência nacional”. “Ontem foi a vez de situar Gilberto à era convulsa que se seguiu ao marxismo de combate. Eu não acredito que seja preciso abandonar Marx para com isso concordar”.³² As piruetas ideológicas oswald-andradianas são vistas com a maior benevolência pelos epígonos modernistas, os mesmos que reservam mal humor para Gilberto Freyre, quando também este diz *boutades pour épater le bourgeois*, escandalizando pequenos-burgueses.

O que Gilberto Freyre nunca radicalizou. Ele tinha particular gosto por Ribeiro Couto, simples sem ser simplista nem simplório, “menino de sobrado brasileiro antigo, patriarcal”, descendente de portugueses, santista, praieiro e cosmopolita sem perder as raízes, intocado pelas “lonjuras balcânicas” de diplomata.³³ Ribeiro Couto autor de dois ensaios de grande sensibilidade – *Sentimento Lusitano* e *O Espírito de São Paulo* – pouco estudados pelos partidários não só ideológicos, até esteticistas, em proveito de outros mais do agrado das teorias da moda. Idêntico relegamento imposto a Sérgio Milliet, um humanista cosmopolita nos trópicos.

No tiroteio extensivo à nordestinidade, Gilberto Freyre vê-se atacado até pelo provincianismo ao qual ele tanto repelia, pois praticava a distinção entre “provinciano” e “provincial”³⁴, em vez de aceitar um suposto “Pernambuco falando para o mundo”, embora a obra gilbertiana esteja traduzida em várias línguas e seja citada em diversos lugares.

Mas Luiz Antônio de Castro Santos volta à carga a respeito. Para ele, “o espírito de aldeia (recifense), com efeito, precipitou os problemas apontados – mas não os causou”.³⁵ O que, logo de saída, faz lembrar Gunnar Myrdal quando diz que as divisões interna-

cionais entre matrizes e periferias tendem a repetir-se dentro dos países... “Feliz”, entre aspas mesmo, quem tem colônias dentro das suas próprias fronteiras... Pelo raciocínio subimperialista de Castro Santos e consortes, são relegados não só o Recife, também Salvador apesar da Escola de Nina Rodrigues, e Fortaleza não obstante o Movimento de Rocha Lima e Araripe Júnior, para não se falar em Belém do Pará captando há muito a cultura amazônica, Porto Alegre outro tanto em relação ao mundo gaúcho, universos dentro do universo brasileiro. O regionalismo descentralizador de Gilberto Freyre preferia ficar com o de Sílvia Romero, do qual descende.

Quando se quiser discriminar os nordestinos, lá no próprio Nordeste e onde eles estiverem migrados pela necessidade econômica, convém sempre lembrar serem eles a mão-de-obra barata que carrega nas costas o luxo das classes dominantes inclusive do Centro-Sul do Brasil. Do Nordeste desde a Primeira Escola do Recife de Tobias Barreto é que partiram as iniciais denúncias contra aqueles abusos, seguidas e prosseguidas não só pela Segunda Escola do Recife, a de Gilberto Freyre e Ulysses Pernambucano e discípulos-companheiros, também por Josué de Castro em *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*, Celso Furtado e muitos outros nordestinos de projeção nacional e internacional.

Não vamos fazer defesa incondicional gilbertiana e sim mostrar e demonstrar o sectarismo ideológico e o provincianismo dentro da geral periferia brasileira. Claude Lévi-Strauss reconhecia que sua própria obra se transformara em parte do mito. O mesmo se diga da de Gilberto Freyre em nossa circunstância brasileira. Quem quiser desmitificá-lo, desmitifique também Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e quem vier antes ou depois. Ou será que só se quer desmitificar o mito alheio?...

A revista do CEBRAP, *Novos Estudos*, setembro de 1987, apresenta um cáustico artigo de Luiz Antônio de Castro Santos, “E Pernambuco falou para o Mundo”, paralelo a dois outros (“As raízes de *Raízes do Brasil*” de George Avelino Filho e “O Economicismo de Caio Prado Júnior” de Jayro Gonçalves Melo), que sintomaticamente têm a maior benignidade para tudo de Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

Começemos pelo “homem cordial” brasileiro, que não é invenção nem de Pedro Calmon, apesar de toda cordialidade dele,

muito menos do mefistofélico Gilberto Freyre. O tal “cordial” vem de uma carta de Ribeiro Couto ao escritor mexicano Alfonso Reyes, então diplomata no Rio de Janeiro, conceito retomado por Sérgio Buarque de Holanda por isso envolvido em polêmica com Cassiano Ricardo, terminando, Sérgio Buarque, concedendo “que a própria *cordialidade* não me parece virtude definitiva e cabal”. “Associo-a antes a condições particulares de nossa vida rural e colonial que vamos rapidamente perdendo”, pela “progressiva urbanização”.³⁶

Portanto, para Sérgio Buarque de Holanda, a vida na senzala, antes de virar mucambo ou favela, era “cordial”. Não existe nenhuma linha em toda obra buarquiiana do tipo destas de Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala*: “Nesse período é que sobre o filho de família escravocrata no Brasil agiam influências sociais – a sua condição de senhor cercado de escravos e animais dóceis – induzindo-o à bestialidade e ao sadismo”.³⁷ Muitas outras afirmações de Gilberto Freyre vão na mesma direção, sinais de contradição segundo seus detratores, só que declaram linda a coerência buarquiiana do homem “cordial” do Brasil³⁸, vitória da limitação provinciana destes críticos sobre sua pretensa visão dialética.

E mais: Sérgio Buarque de Holanda busca uma fonte metodológica muito estranha para ele, no caso do “homem cordial”: distinção, entre inimizade pública e hostilidade privada, oriunda confessadamente de Carl Schmitt,³⁹ nada menos que o jurista de Adolf Hitler na fase de implantação do nazismo, 1933-1936.⁴⁰ Não por acaso. Já em 18 de junho de 1933, atente-se bem para a data, no artigo “O Estado Totalitário” para a *Folha da Manhã* de São Paulo, Sérgio Buarque de Holanda era o primeiro a divulgar seu pensamento no Brasil, chamando-o ali, duas vezes, “o sábio professor da Universidade de Bonn”.⁴¹

Claro que seria um simplismo, do gênero com freqüência assacado contra Gilberto Freyre, propor qualquer tipo de reducionismo contra o complexo e ainda mais contraditório Schmitt, muito menos contra Sérgio Buarque, cuja obra, inclusive a *Visão do Paraiso* que é em 1959 a primeira historiografia do imaginário no Brasil, está e permanecerá entre os pontos mais altos da nossa cultura nacional. Aqui não cabe render-lhe toda a merecida justiça, diversamente do saldo negativo pretendido pelos detratores de Gil-

berto Freyre. Não se deve retribuir injustiça com injustiça, até mesmo porque Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda sabiam se respeitar e admirar por cima de toda eventual discordância.

E quando os marxistas-leninistas de cátedra, misturados à sociografia anglo-americana, aproximam-se de Caio Prado Júnior, então seu temor reverencial é ainda maior: “Jamais se veja nisto algum demérito”, em qualquer crítica.⁴² Podem a isto se dar o luxo. Afinal de contas não enfrentaram por dentro, como Caio Prado o fez, os ataques do Partido Comunista em pior fase stalinista e neo-stalinista.

Pena que Caio Prado Júnior não percebesse, quando esteve deslumbrado na União Soviética em 1934, estar Bukharin com razão quando escrevia, na *Teoria do Materialismo Histórico* citada por Caio Prado no seu livro *A U.R.S.S. (Um Novo Mundo)*, publicado logo após, que “o resultado da luta (entre a ‘degeneração’, isto é, ‘segregação duma camada dirigente’, e a repulsa popular educada para o socialismo), depende unicamente de saber quais destas tendências se mostrarão mais fortes”.⁴³ Rosa Luxemburgo já sabia em 1918 e já denunciara a Lenin.

É que, naquela fase, 1934-1936, Bukharin travava uma desesperada luta de vida e de morte, à qual perderia em breve para Stalin, contra a extinção precipitada, pior que prematura, do Novo Plano Econômico de Lenin, e as decorrentes coletivização e industrialização na marra, a qualquer custo humano, resultando em totalitarismo e não só estatismo. Ao que Bukharin opunha o humanismo socialista não apenas teórico e sim contra o terrorismo político, e reivindicava “maiores investimentos na agricultura, em bens de consumo e em bem-estar; o florescimento cultural prometido no congresso de escritores; a legalidade e a democratização instituídas pela nova Constituição”. Socialismo humanista muito depois reivindicado pelos arrependidos tardios, mas em 1937 Bukharin era fuzilado em meio a sangrentos expurgos stalinistas.⁴⁴

Claro que Caio Prado Júnior, em plena luta contra o parafascista Estado Novo brasileiro, não podia ensejar mais dissensões internas no já tão acochado Partido Comunista na ilegalidade, porém Caio Prado estava passando dois anos na Europa, principalmente fora da União Soviética, e, mesmo em Paris não escreveu uma linha de discordância, por menor que fosse. Muito pelo con-

trário, o que ele dizia, quando a União Soviética estava a mergulhar nos banhos de sangue stalinistas, depois condenados pelas próprias lideranças moscovitas, era que “se, até certo ponto, existe no regime soviético atual o risco de uma nova diferenciação social, ele é largamente compensado por tendências contrárias que fatalmente acabarão vencendo”.⁴⁵ Otimismo oposto às advertências de Rosa Luxemburgo nos tempos de Lenin, ignoradas por Caio Prado Júnior no seu stalinismo, repudiado por Kruchov no XX Congresso do Partido Comunista da URSS em 1956, de novo para indiferença de Caio Prado, antes de Gorbachov e Ieltsin voltarem-se contra o próprio Partido Comunista em si e ser dissolvida a própria União Soviética.

Mas não se trata de opor Gilberto Freyre a Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior – homens da mesma geração, autores de obras clássicas e de grande formação universalista, Caio Prado fazendo o curso secundário na Inglaterra, formando-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco a cuja livre-docência veio a concorrer, e Sérgio Buarque também tradicionalmente graduado em Direito, mas no Rio de Janeiro, em seguida na Alemanha da República de Weimar, de volta ao Brasil assistente de Henri Hauser da Missão Universitária francesa – e sim de mostrar como a posterior crítica marxista-leninista de cátedra misturada de sociografia, não Sociologia, anglo-americana, decorada em manuais ou em bolsas de estudo nos Estados Unidos, onde pouco aprende de democracia pluralista política e também econômica de propriedade mista dos meios de produção (democracia sempre denunciada como burguesa e mera etapa para o comunismo), esse tipo de crítica sempre opera com dois pesos e duas medidas: pente grosso para Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda, pente fino para Gilberto Freyre.

Como se este provincianismo escapasse às matrizes, ao contrário do que se vê no longo artigo de Alistair Henessy no *Times Literary Supplement* semanal de 14-20 de julho de 1989, sobre mais uma edição em inglês da trilogia *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*: “Não foi casual que os mais incisivos críticos das opiniões de Freyre tivessem surgido na então recentemente fundada Universidade de São Paulo”, “destinada a graduar burocratas de classe média e especialistas em admi-

nistração de um Estado que se moderniza”. Faltando, porém, ao analista inglês, concluir que, para isso, se tinham de concentrar os subsídios estatais e colonizar internamente a periferia inclusive do ponto de vista intelectual, para diminuir as reações, como se vê na necessidade de negar o regionalismo nordestino, atacando em especial Gilberto Freyre.

Empenho antigilbertiano já apontado por Fernand Braudel no seu prefácio à tradução italiana de *Casa-Grande & Senzala*, 1963: “Tenho sob os olhos uma recensão bastante acre, publicada naquele mesmo ano em São Paulo...”⁴⁶ E nem Braudel, nem Febvre também autor de prefácio a uma tradução de *Casa-Grande & Senzala*, no seu caso em francês, nunca pretenderam o afirmado por Luiz Antônio de Castro Santos: “pelos mãos de Braudel e Gurvitch, Gilberto abriu as portas da história e sociologia francesas à sua obra”.⁴⁷ O que visa, em seguida, apontar como Gilberto Freyre é anticientífico, além de reacionário...

Acontece que Gilberto Freyre se distingue dos *Annales* no ângulo da cosmovisão – Febvre, no prefácio a *Maitres et esclaves*, *Casa-Grande & Senzala* em francês, e Roland Barthes em recensão, reconhecem a prioridade gilbertiana na defesa da miscigenação até mundial⁴⁸ – e também se distingue no ponto de vista metodológico: Gilberto Freyre integra organicamente em culturalismo o seu nominalismo, como já foi mostrado e demonstrado páginas atrás, enquanto a Escola dos *Annales* separa a cultura como uma das unidades sociais ao lado da política, da economia, da religião, etc, etc. Mas o que resta, então, para a cultura?... Darcy Ribeiro tinha razão em mostrar a independência de Gilberto Freyre perante os estrangeiros, tanto quanto para com os seus concidadãos de País ou conterrâneos de região.

Dáí nunca ter havido dele nada em especial contra São Paulo ou a Universidade de São Paulo, destinada, no início, a recriar e aumentar o que há de melhor nas elites paulistas, não só preparar quadros após a derrota da Insurreição Constitucionalista de 1932, como proclamava o Governador Armando de Salles Oliveira ao fundar a USP.⁴⁹ Na sua concepção do Brasil como regiões, Gilberto Freyre ia ao ponto de considerar São Paulo uma própria região, além de estado, que o digam seus textos, bem como os gilbertianos paulistas do nível, entre outros, de Gilberto de Mello

Kujawski.⁵⁰ Tanto quanto foi Gilberto Freyre quem iniciou a formulação do conceito de mineiridade em sua conferência de 1946 em Belo Horizonte “Ordem, Liberdade e Mineiridade”, republicada em *Seis Conferências em Busca de um Reitor* 1965. Ainda em 1946 Alceu Amoroso Lima lançava *Voz de Minas* também sobre a mineiridade, livro reeditado em 1983.

Já que a dialética existe, seja ela aplicada tanto a Gilberto Freyre quanto às análises sobre Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, como o sabe fazer, este sim, magistralmente, Antônio Cândido, por quem Gilberto sempre teve especial admiração, além e acima de todas as discordâncias, *sine ira ac studio*, sem irritação, porém com meditação. Foi este espírito, demonstrado por Gilberto Freyre em relação ao advento das idéias socialistas entre nós, através de Vauthier em *Um Engenheiro Francês no Brasil*, que muito incentivou Amaro Quintas a prosseguir os estudos sobre a Insurreição Praieira e a mim sobre aquelas idéias no Brasil em geral.

Mesmo ao pôr do sol de Apipucos, Gilberto Freyre continuava polêmico, embora não polemista. Eu próprio resolvi comemorar, da minha parte, muito gilbertianamente o seu octagésimo aniversário, entrevistando-o sobre temas explosivos da época: o *apartheid* sul-africano, o homossexualismo, o feminismo, o ecologismo e o apoio dele, Gilberto, ao regime militar de 1964. Mais uma vez Gilberto não se recusou a terçar armas e lá fomos de nós de provocação em provocação, ecologismo já respondido por ele desde 1937 na sua defesa também nisto pioneira em *Nordeste*.

Quanto a machismo e feminismo, Gilberto reivindicava uma mulher para presidência da república já na sucessão do General João Batista Figueiredo; em relação ao homossexualismo, “creio que o preconceito contra o homossexual é um dos preconceitos mais injustos” diz ele; sobre o *apartheid* existe um relatório contrário de Gilberto Freyre, a pedido da Organização das Nações Unidas, e de publicação até então vetada pelo governo da África do Sul.⁵¹

A respeito da colaboração gilbertiana com o regime militar, acrescento que Gilberto sabia das dificuldades até de alguém como Luiz Viana Filho, governador da Bahia após ter sido chefe da Casa Civil do próprio Marechal Presidente Castelo Branco, o que não o impediu de ver ameaçada uma edição das obras completas de um

poeta do parte de Gregório de Matos, por seus sarcasmos mas dos séculos XVI e XVII...⁵² Além da ficha de Gilberto no SNI, Serviço Nacional de Informações, começar pela do DOPS, Delegacia de Ordem Política e Social dos tempos da Aliança Nacional Libertadora de que faz parte na época do levante de 1935, pelo que tivera mais uma vez de sair de Pernambuco. O Instituto, depois Fundação Joaquim Nabuco, poderia facilmente sofrer uma intervenção.

Quanto à lusotropicologia, increpada de concessões ao salazarismo, ela começa em 1940 pelo livro gilbertiano *O Mundo que o Português criou*, mas com prefácio de Antônio Sérgio, um dos ideólogos da oposição anti-salazarista. O próprio primeiro-ministro e presidente do Portugal democrático, Mário Soares, encarregou-se de reabilitar o lusotropicismo: “Essa teoria foi mal aproveitada no tempo do antigo regime, mas, justamente eu quis demonstrar que a obra de Gilberto Freyre era admirada em Portugal, não só por aqueles que eram partidários do colonialismo, como pelo Portugal livre, democrático e moderno que eu represento”.⁵³

De um modo ou de outro, conseguia Apipucos pairar sobre as águas como montanha mágica para alguns, colina de Canossa para outros vindo adorar o que queimaram e queimar o que adoraram... A Apipucos subiram, entre tantos políticos, não só intelectuais, Luís Carlos Prestes para confraternizar com o resistente antiestadonovista e candidato a deputado federal pela Esquerda Democrática da União Democrática Nacional; Juscelino Kubitschek para oferecer-lhe a logo recusada Embaixada do Brasil em Portugal; Castelo Branco outro tanto com o Ministério da Educação; Tancredo Neves rumo à presidência após também um rumoroso seminário no Instituto-Fundação Joaquim Nabuco. Tudo publicado em jornais da época.

Na Academia Brasileira de Letras – ao contrário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ambos do Rio de Janeiro, as mais vetustas instituições culturais do Brasil – na Academia Brasileira sempre houve desencontros quanto à entrada de Gilberto Freyre, sob o agumento do muitas vezes confessado antiacademicismo no sentido de anticonvencionalismo por parte de Gilberto. O que não o impediu de aceitar, muito jovem nos Estados Unidos, o convite para ser sócio correspondente da Academia Pernambucana de Letras, onde consumou sua presença como sócio efetivo, menos de

um ano antes de morrer, 1986, tendo pronunciado o discurso de posse, saudado por Waldemar Lopes, outro dos repatriados pelo destino, depois de longos itinerários pelos Estados Unidos, Rio de Janeiro e Brasília.⁵⁴

À Academia Pernambucana até Joaquim Nabuco e Oliveira Lima, os dois mais ilustres recifenses da época, fizeram questão de pertencer, mesmo residindo em postos diplomáticos no estrangeiro.

Oliveira Lima escrevia, a propósito, 11 de janeiro de 1904, a Arthur Orlando, discípulo amado de Tobias Barreto e Sílvio Romero na Escola do Recife: “Não creio que haja incompatibilidade entre essa Academia e a Brasileira, pois desejaria muito ter o gosto de recebê-lo na de cá e de fazer parte da de lá...” E Nabuco, sintetizando o espírito de todos: “Creio que fui eu quem primeiro lhe falou da Academia (Brasileira). Desejo vê-lo lá por seu talento e superioridade e também *por ser Pernambucano*, mais um Pernambucano. Sabe que sempre fomos muito *clannish*” (15 de março de 1907). “Não sabia da existência da Academia Pernambucana de Letras, e quisera saber se os seus Estatutos vedam apresentar a ela a minha candidatura. Esse é o torrão sagrado, e agora tudo que se refere à sua História é objeto do meu culto filial” (17 de julho de 1904).⁵⁵

Quem considerar isso provincianice, saiba que Sérgio Buarque de Holanda – que também nunca quis se candidatar à Brasileira – aceitou entrar na Academia Paulista de Letras, Cadeira 36, com Euclides da Cunha por patrono e Raul Soares e Afonso de Taunay por antecessores. O mesmo se diga de Monteiro Lobato, Cadeira 39, patrono Gabriel dos Santos, antecessor Pedro de Toledo e sucessor José Geraldo Vieira. Sérgio Milliet – tão injustamente relegado no próprio São Paulo, muito provavelmente por falta de interesse dos críticos engajados politicamente – Milliet ocupou a Cadeira 25, com Varnhagen por patrono e Péricles Eugênio da Silva Ramos como sucessor.⁵⁶

As academias são o gremialismo dos escritores, longa tradição latina da Itália barroca à Espanha e Portugal, de lá a toda a América Meridional, não só tradição francesa ou francófila. E não há nenhum desfile carnavalesco do Rio de Janeiro, notoriamente o maior do Brasil, que não tenha mais de um carro alegórico dedicado a acadêmicos de fardão e espada e chapéu de plumas... Que

também celebraram *Casa-Grande & Senzala* em 1962 no sambanredo da Escola de Samba Mangueira.

Um dos grandes dilemas gilbertianos foi exatamente o trânsito de intelectual contestatário a intelectual orgânico no sentido mesmo de Gramsci: ninguém, sucessivamente, mais uma coisa e outra no Brasil do seu tempo, quanto Gilberto Freyre. Do que tinha plena consciência, inclusive no que se refere à importância dos meios de comunicação, como se vê nas suas amizades com editores de livraria no Brasil, José Olympio destacando-se entre eles, nos Estados Unidos Alfred A. Knopf e esposa Blanche, nos jornais Assis Chateaubriand, os Mesquitas e os Frias, Aníbal Fernandes e Mauro Mota no *Diário de Pernambuco*, Paulo Cabral no *Correio Braziliense*, o pernambucano Conde Pereira Carneiro no *Jornal do Brasil* e Djalma Cavalcanti em *O Estado de S. Paulo*, a quem tratava como primo Cavalcanti de Albuquerque.

De início Gilberto Freyre planejava escrever uma tetralogia – *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos*, *Ordem e Progresso* e *Jazigos e Covas Rasas*, a sociedade patriarcal do berço ao túmulo – mas este último livro permaneceu nas sombras, em parte por estranhas premonições.

Gilberto Freyre queria permanecer lúcido até o fim da sua longa vida, ao modo de Joaquim Nabuco que escreveu no seu diário íntimo: “minha esperança, minha oração fervorosa, é que quando eu seja afetado pela doença da velhice não o seja na parte de mim que Deus criou à sua imagem. O corpo pode ser demolido, não o seja nunca o espírito...”⁵⁷ Também a prece de Gilberto foi atendida. Ele morreu lúcido aos oitenta e sete anos, escrevendo artigos e com a derradeira oportunidade para soltar uma risada, quando lhe apresentaram jornais com uma foto dele com discípulos-companheiros tomando banho nus numa pequena cachoeira pernambucana, última tentativa em vão de feri-lo. Ele se transformara em personagem de si mesmo, melhor que dos outros...

A Universidade Católica de Pernambuco dos jesuítas uniu-se às homenagens a Gilberto Freyre no ocaso da vida, novos tempos pós-conciliares, superando de vez mal-entendidos, já começando a ser ultrapassados desde os tempos da favorável recensão da revista inaciana francesa *Études* à tradução de *Casa-Grande & Senzala*.

O Abade do Mosteiro de São Bento de Olinda, Dom Basílio

Penido, médico antes de tornar-se monge, ouviu-o em confissão e administrou-lhe os finais sacramentos.⁵⁸ Gilberto Freyre morreu na fé católica apostólica romana dos seus antepassados das casas-grandes dos canaviais e das suas raízes ibéricas⁵⁹, reforçado em convicção pelos grandes místicos espanhóis e o não menor Cardeal Newman convertido do anglicanismo. O nominalismo franciscano medieval bifurca-se no empirismo remontando a Rogério Bacon e na mística revigorada por São Boaventura. Duas tendências também muito presentes nas fontes do pensamento gilbertiano. A mística, não propriamente misticismo, temperada pelo toque mais mediterrâneo que apenas ibérico de Raimundo Lúlio, santo porém com tentações heterodoxas...

Estava assim confirmada na prática, em filosofia pessoal de vida, a sociologia humanista do prefácio de *Sobrados e Mucambos*, quando reconhece que “o humano só pode ser compreendido pelo humano – até onde pode ser compreendido; e compreensão importa em maior ou menor sacrifício da objetividade à subjetividade. Pois tratando-se de passado humano, há que deixar-se espaço para a dúvida e até para o mistério”.

Jornais quase do mundo inteiro noticiaram com destaque seu falecimento, *The New York Times* insistindo no mesmo argumento de vários esquerdistas brasileiros: que não existia satisfatória miscigenação no Brasil e que a lusa mistura de mouros e cristãos novos para isso não nos predispuha, sintomáticos ataques convergentes de certas direitas e determinadas esquerdas, não todas, nem de umas nem de outras, contra a formação da identidade nacional brasileira. Cujo tempo histórico terá de ser repensado em novas autocríticas coletivas.⁶⁰

Gilberto de Mello Freyre deixou dois filhos – Fernando Alfredo casado com Maria Cristina Suassuna e Sônia Maria com Antônio Pimentel Filho – netos e bisnetos. Seus primos o pioneiro psiquiatra Ulysses Pernambucano e os historiadores José Antônio Gonsalves de Mello, Frederico Pernambucano de Mello e Evaldo Cabral de Mello, também o poeta João Cabral de Mello Neto e o arqueólogo Ulysses Pernambucano Neto. Gilberto Freyre faleceu em 18 de julho de 1987, dia do aniversário da sua esposa Maria Madalena.

Superar Gilberto Freyre?

Não se trata apenas de analisar a transferência da população do campo à cidade e mesmo escrever sua nova síntese. A visão gilbertiana não se esgota na casa-grande e na senzala; contempla também o sobrado e o mucambo, projetados ainda em dicotomia no arranha-céu e na favela. E quando estas contradições econômicas se atenuarem ou forem ultrapassadas, a democracia étnica para realizar-se terá de miscigenar-se, tornando-se mais brasileira, portanto mais tropical, ecológica e telúrica, mais lúdica e dionisíaca, características que Gilberto Freyre entreviu e proclamou. Pioneira contribuição humanista do Brasil ao mundo organizacional, a que também influenciará.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1 De Assis Claudino vide *O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista (Gilberto Freyre, Dom Hélder e a Revolução de 64)*, Recife-Rio de Janeiro: Editora e Distribuição Opção, 1985.

Darcy Ribeiro reproduz o artigo de Astrojildo Pereira in "Gilberto Freyre. Uma Introdução a *Casa-Grande & Senzala*". In: *Sobre o Óbvio*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, p. 111.

2 PARENTE, Josênio C., *Anauê (Os Camisas Verdes no Poder)*, Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1986, pp. 97 e 105.

3 Vide a reação nazista de Karl-Heinrich Hunsche na própria Alemanha: *Der brasilianische Integralismus (Geschichte und Wesen der faschistischen Bewegung in Brasilien)*, Stuttgart: Verlag A. W. Kohlhammer, 1938.

4 "Catolicismo e Integralismo", *Indicações Políticas*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, pp. 187-220.

5 Vide MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Integralismo no Ceará (Variações Ideológicas)*, Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986, pp. 148 e 149.

6 Idem, pp. 175 e 150.

O livro de Josafá Linhares chama-se *O Integralismo à luz da Doutrina Social Católica*, Fortaleza: Tipografia Gadelha, 1933.

7 Daí Gilberto Freyre aliar-se a Corção, o inimigo do meu inimigo é meu amigo, como se vê no discurso gilbertiano de sauda-

ção *Gustavo Corção*, Recife, 1978, quando da visita deste a Pernambuco.

8 *Ideologia da Cultura Brasileira (Pontos de Partida para uma Revisão Histórica)*, São Paulo: Editora Ática, 1977, pp. 63, 64.

É a mesma conclusão a que chega Maria Alice de Aguiar Medeiros em *O Elogio da Dominação (Relendo Casa-Grande & Senzala)*, Rio de Janeiro: Achiamé, 1984: “Numa última análise, pode-se perceber no texto um espírito aristocrático bastante nítido a sublinhar a argumentação desenvolvida, além da presença de uma visão indiscutivelmente elitista do mundo” (p. 85).

9 Gilberto Freyre trata do tema desde seu discurso de centenário de nascimento de Joaquim Nabuco, pronunciado quando deputado federal (vide “Revolucionário-Conservador” *In: Quase Política*, 2. ed., aum. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1950, p. 82 e segs).

10 MOTA, ob. cit., p. 67.

11 “Gilberto Freyre, um Verdadeiro Criador”, *O Globo*, Rio de Janeiro: 26 de julho de 1987.

12 “Versão Solar do Patriarcalismo: Casa-Grande & Senzala”. *In: Aguarrás do Tempo (Estudos sobre a Narrativa)*, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989, p. 236.

13 “Prefácio do Autor”; *Vida, Forma e Cor*; Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962; p. XXVII.

14 COSTA LIMA, ob. cit., pp. 190, 191 e 194.

15 *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1941, pp. 40, 65, 38-39. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 29).

16 *Visão do Passado Senhorial Brasileiro (A Sociologia e a História Social de Gilberto Freyre)*, do inglês *Visions of Brazil's seigneurial past: the Sociology of Gilberto Freyre, theoretical paper*, Departamento de Sociologia, Universidade de Harvard, 1978, pp. VI e 15.

17 MOTA, ob. cit., p. 64.

18 Introdução, “*Udvarház és Szolgazállás című muvéhez*”, à tradução húngara de *Casa-Grande & Senzala (Udvarház és Szolgazállás)*, Budapeste: Gondolat, 1985, p. 5), vertida ao português pela Embaixada da Hungria em Brasília.

19 “Aquele Gilberto”, *Folha de S. Paulo*, 19 de julho de 1987.

20 *O Mundo dos Senhores de Escravos* (do inglês *The World the Slaveholders made*, 1969), Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979, pp. 85, 84 e 83.

21 “Aquele Gilberto”, *ob. cit.*

22 “Um Jequitibá no nosso Quintal”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1987.

23 *Declarações à Folha de S. Paulo*, 19 de julho de 1987.

24 “Ao Mestre Gilberto Freyre, com Insolência e Carinho”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 de março de 1980.

25 Fui bastante ácido no meu ensaio “Revisão Crítica de Gilberto Freyre”, *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 1, janeiro-fevereiro, 1965, revista dirigida por Afrânio Coutinho e Vicente Barreto. Nela também colaborava Nélida Piñon.

26 “Ao Mestre Gilberto Freyre, com Insolência e Carinho”, *ob. cit.*,

27 “Um Bombom para Gilberto Freyre”, *Folha de S. Paulo*, 19 de julho de 1987.

28 *Declarações à Folha de S. Paulo*, a *O Globo*, Rio de Janeiro 21 de julho de 1987.

29 “Os Cavalos de Santo”, *Veja*, São Paulo, 10 de abril de 1991, p. 7.

30 “Gilberto Freyre, *Gordos e Magros (Ensaio)*, Rio de Janeiro: Edição da Casa do Estudante do Brasil, 1942, p. 120.

31 Vide Alceu Amoroso Lima no prefácio “Pelo Humanismo Brasileiro” In: *O Poço do Passado (Testemunho do meu Tempo I)* de minha autoria, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984, pp. 13 e 14.

32 “Saudação de Oswald de Andrade a Gilberto Freyre no banquete a este oferecido por escritores paulistas no Automóvel Club de São Paulo em 23 de Junho de 1946”, anexa a *Seis Conferências em Busca de um Leitor*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965, pp. 179 e 180. Estava superada a fase em que Oswald de Andrade, ao saber da morte do cangaceiro Lampião liquidado a tiros pela polícia, exclamou: “Não adianta. Mataram Lampião mas Gilberto Freyre continua vivo...” (o próprio Freyre recordou-o bem humoradamente em “Menos Especialista que Generalista”, In: *Gilberto*

Freyre na UnB. Conferências e Comentários de um Seminário Simpósio Internacional realizado de 13 a 17 de Outubro de 1980, Editora Universidade de Brasília, 1981, p. 149).

33 “O Romântico Ribeiro Couto”, *Jornal do Commercio*, Recife, 10 de fevereiro de 1963, artigo incluído por Edson Nery da Fonseca em *Pessoas, Coisas & Animais*, Porto Alegre-Rio de Janeiro: Editora Globo, 1981, p. 69.

34 Defini pela primeira vez a diferença no meu livro *Faria Neves Sobrinho ou a Consciência de Província*, Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1986, pp. 26-28.

35 “O Espírito de Aldeia”, *Novos Estudos*, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), São Paulo, n. 27, p. 57. julho, 1990.

36 *Raízes do Brasil*, 4 ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Universidade de Brasília, 1963, pp. 136, 213 e passim.

37 *Casa-Grande & Senzala*, Editora Universidade de Brasília, 12ª ed. brasileira e 13ª em língua portuguesa, 1963, p. 113.

38 AVELINO FILHO, George, “As raízes de Raízes do Brasil”, *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n. 18, setembro, 1987: “Seus pares de tipo, longe de compor um tipo homogêneo, formam uma espécie de mosaico cuja disposição seria dada pelos fragmentos iluminados do presente, semelhante à concepção de W. Benjamin, sendo estes fragmentos apenas sugeridos, e nunca fechados em grandes esquemas explicativos”. Nada tendo a ver com o “caráter nacional” abstrato e unitário “de algo que é essencialmente diverso e irreduzível – as coisas do coração” (p. 41).

39 *Raízes do Brasil*, ob. cit., p. 137.

40 Além de obviamente grande bibliografia alemã, vide Joseph Bendersky, *Carl Schmitt*, Princeton University Press.

41 “O Estado Totalitário” foi reunido a outros artigos em *Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda* por Francisco de Assis Barbosa, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988, pp. 299 e 300.

42 MELO, Jayro Gonçalves de, “O Economicismo em Caio Prado Júnior”, *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n. 18, setembro, 1987: “Jamais se veja nisto algum demérito” (p. 48).

43 *A U.R.S.S. (Um Novo Mundo)*, 2 ed. São Paulo: Compa-

nhia Editora Nacional, 1935, pp. 116 e 117.

44 Vide Stephen Cohen, *Bukharin (Uma Biografia Polêmica. 1888-1938)*, do inglês *Bukharin and the Bolshevik Revolution*, (1971), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, pp. 404, 408, 409 e 421.

45 *A U.R.S.S. (Um Novo Mundo)*, ob. cit., pp. 116 e 117.

46 "Introduzione", *Padroni e schiavi*, Giulio Einaudi, Turim, 1965, p. IX.

47 "E Pernambuco falou para o Mundo", *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n. 18, setembro, 1987, p. 32.

48 Lucien Febvre em "Préface", *Maitres et esclaves*, Paris: Gallimard, 1952, pp. 17 e 18. Roland Barthes em crítica a este livro em *les Lettres Nouvelles*, Paris, março, 1953, pp. 107 e 108.

49 "Discurso pronunciado na Universidade de São Paulo em 26 de Dezembro de 1936", *Jornada Democrática (Discursos Políticos)*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937: "Dispomos agora do instrumento por meio do qual se prepararão as nossas 'elites' dirigentes" (p. 38).

50 De FREYRE, Gilberto. vide "São Paulo e a Unidade Brasileira", In: PIMENTEL, Osmar (org.) (*Espírito, Povo, Instituições*), São Paulo: Livraria Pioneira, 1968, pp. 3-10, e de Gilberto de Melo Kujawski, "Sociologia do Tempo Vivo", *O Estado de S. Paulo*, 1º de agosto de 1987.

51 "Gilberto Freyre, aos 80: 'Contenho multidões em mim'. Entrevista a Vamireh Chacon", *Correio Braziliense*, 16 de março de 1990.

52 Vide o depoimento de AMADO, James. "O Regresso de Gregório de Mattos à Bahia". In: BOAVENTURA, Edivaldo M. (org.) *Homenagem a Luiz Viana Filho*, Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981, p. 84.

53 Discurso de Mário Soares na inauguração da Sala Calouste Gulbenkian na Fundação Joaquim Nabuco no Recife em 29 de março de 1987 (Arquivos da Fundação Joaquim Nabuco).

54 FREYRE, Gilberto, & LOPES, Waldemar. *Pernambucanidade Consagrada*. Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1987.

55 Vide anexos ao meu livro *Da Escola do Recife ao Código Civil*; Rio de Janeiro: Organização Simões, 1969, pp. 260, 251 e 248.

56 Qualquer número da *Revista da Academia Paulista de Letras* tem a lista de todos os seus acadêmicos patronos, fundadores e sucessores.

57 Apud NABUCO, Carolina. *A Vida de Joaquim Nabuco*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958, p. 461 (Coleção Documentos Brasileiros, v. 92).

58 Entrevista de Dom Basílio Penido OSB ao autor em Brasília, 31 de dezembro de 1991. A ligação de Gilberto Freyre com os beneditinos remonta ao seu casamento celebrado em 1941 no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro por Dom Clemente da Silva Negra OSB, futuro primeiro diretor do Museu de Arte Sacra de Salvador da Bahia.

59 Gilberto Freyre foi batizado na Capela de Nossa Senhora dos Aflitos no bairro recifense deste nome (entrevista de Fernando Freyre em 7 de janeiro de 1992), próxima à casa dos seus pais, esquina da Rua Amélia com a Avenida Rosa e Silva, hoje com placa de registro.

60 Mostrou-o muito bem Gláucia Villas Boas em *O Tempo de Casa-Grande* trabalho apresentado ao IX Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Paulo, outubro, 1985, p. 4.



Da esquerda para a direita: Vamireh Chacon, Celso Furtado, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes no doutoramento *honoris causa* de Gilberto pela Universidade de Münster na República Federal da Alemanha em 1967.



A. J. Armstrong

Primeiro grande mestre literário de Gilberto Freyre na Universidade de Baylor e especialista em literatura inglesa.



Franz Boas

Renovador da Antropologia Cultural de grande impacto nas gerações de Ruth Benedict, Margaret Mead, Melville J. Herskovits e Gilberto Freyre na Universidade de Columbia.



Gilberto Freyre, Anísio Teixeira e Jorge Amado: amigos de décadas



Da direita para a esquerda: Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Paulo Prado, Octavio Tarquínio de Souza e José Lins do Rego em São Paulo, 1938.